

Nunca te vi,
mas posso sentir-te ...



Mónica Pinto da Silva



Mónica Daniela Pinto da Silva nasceu a três de Novembro de 1974 na Vila de Ribeirão, concelho de Vila Nova de Famalicão.

Frequentou a Escola Primária de Santa Ana nº1 na Vila de Ribeirão e fez o 9º ano na Escola EB 2.3 da Vila de Ribeirão.

Desde muito cedo descobriu o gosto pela leitura e pela escrita, inventava histórias de aventuras baseadas no seu herói televisivo da adolescência. Foi nesta altura que despertou também o gosto pelas línguas, especialmente pela língua inglesa.

Estudou Inglês no Instituto Britânico do Porto e completou o secundário na Escola Secundária da Trofa – distrito do Porto.

Licenciou-se em Assessoria e Tradução no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (I.S.C.A.P.) .

Deu aulas de Inglês a crianças, jovens e adultos.

Como trabalho de projecto do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (I.S.C.A.P.) fez a tradução para Inglês desta obra que escreveu.

INDICE

INDICE	4
PREFÁCIO	9
I CAPITULO	11
Maria Helena & Isabel	11
II CAPITULO	13
Ricardo	13
III CAPITULO	17
A foto	17
IV CAPITULO	25
Pedro	25
V CAPITULO	44
A primeira conversa telefónica	44
VI CAPITULO	65
A Festa	65
VII CAPITULO	88
A Despedida	88
VIII CAPITULO	95
Rosas brancas	95
IX CAPITULO	109
As férias	109
X CAPITULO	149
XI CAPITULO	170
Amnésia	170
XII CAPITULO	178
Os planos de Sofia	178
XIII CAPITULO	185
Finalmente... a descoberta do amor	185
XIV CAPITULO	195
Toda a verdade	195
XV CAPITULO	202

Prova de amor	202
XVI CAPITULO.....	209
O milagre da vida	209
XVII CAPITULO.....	219
Manos para sempre	219

“A distância é como os ventos: apaga as velas e acende as grandes fogueiras.”

[Machado de Assis]

Ao Gualter pelo seu companheirismo e apoio e pela pintura da capa.

Aos meus pais

À Fátima, à Julieta, à Sofia, ao Hélder

A todos os restantes amigos distantes ou próximos

PREFÁCIO

2007. Numa era onde tudo parece limitado e dominado pela Globalização, pela mediatização, pelo estandardizado, pela publicidade, pelo estado amorfo do pensamento, pelo vazio de novas ideias com real valor, eis que surge uma nova forma de pensar, de escrever e de interpretar o ambiente que nos rodeia e qual interpreto como uma notável “faísca no escuro” em que tudo nessa escrita se revela novo e fresco.

Vivemos num mundo onde o mediatismo, o impessoal, as formulas empacotadas imperam, sendo condição suficiente para a publicação constante de histórias em nome próprio, e onde muitas das vezes o verdadeiro pensamento e estado de espírito do autor apenas se encontra verdadeiramente vestido no nome do autor e na fotografia de capa do livro.

É um mundo algo surreal o que hoje vivemos; a condição profissional; os escândalos pessoais; a ambição política; o mediatismo que daí resulta é condição suficiente para a publicação contínua de romances, biografias, novelas, fotobiografias cuja essência da obra na maior parte dos casos nasce do vazio de ideias e do pseudo-plágio, do relato de relações entre presidentes de futebol e as suas amantes, ou tão simplesmente o facto de se ser o melhor goleador das ultimas cinco jornadas do campeonato de futebol. Estas são por norma realidades fabricadas, eufemistas, desprovidas de realismo ao serviço de interesses específicos do lucro fácil ou de ideologias políticas e que em muito têm contribuído ao longo do tempo para a falta de espírito critico, para o Sebastianismo, para o laxismo, para a falta de auto-estima dos portugueses.

Neste contexto surge uma nova esperança, uma nova forma de olhar Portugal e o seu povo e com uma escrita quente mas suave, objetiva mas envolvente, desprovida de eufemismos ou dramatização, relatando as vivências e as relações interpessoais no Portugal Contemporâneo. Sentimentos inconformistas mas realistas como o amor, a paixão, a vingança, o orgulho, a inveja, a intriga, são expostos nesta obra com o mesmo realismo com que acontecem na vida real, nas relações entre os seres humanos.

Os holofotes que inúmeras vezes apenas se acendem para iluminar os lançamentos de obras literárias *take away* empacotadas à medida, estão de momento desligados.

Mónica Pinto da Silva autora desta obra optou por escrever este livro ao longo de quase três anos à “luz das velas” e conciliando em simultâneo com a escrita desta obra a sua vida profissional com a sua vida académica.

Um exemplo de força de vontade, de espírito de sacrifício, de dedicação e devoção a uma obra literária tão raro nos dias de hoje. A luz de vela que esteve sempre presente ao longo da dedicada escrita desta obra, converteu-se numa ofuscante e espectacular faísca no escuro com a conclusão e materialização desta obra. Acredito pois, que a humildade e o trabalho árduo são dois dos melhores valores que devemos possuir durante toda a vida. Assim estou certo que a humildade da luz das velas, com que esta primeira obra foi escrita e publicada se converterá num futuro próximo na energia que acenderá inúmeros holofotes no intelecto dos seus leitores. Estes na devida altura iluminarão então uma promissora e dedicada carreira à escrita que antevejo bem iluminada e brilhante recheada de grandes obras e grandes histórias.

Gualter Costa

I CAPITULO

Maria Helena & Isabel

Maria Helena tinha uma beleza discreta, os seus olhos verdes escondiam algo de misterioso e magnético, os seus cabelos eram longos e negros.

Era alta mas não muito magra, como dizia ela: ‘sou bem constituída’!

Não passava despercebida na rua, era alvo de piropos por parte de novos e velhos, nunca teve muitos namorados, pois a educação rígida que o pai lhe deu nunca a permitiu conhecer muitos rapazes na sua adolescência, sair à noite nem pensar! Talvez por essa razão a sua irmã mais nova do que ela três anos tivesse tomado a decisão de ser Missionária e aos 23 anos partiu para Moçambique.

Isabel e Maria Helena sempre se deram bem, talvez pelo facto do pai não admitir guerras entre irmãos. As duas cresceram numa família humilde, os pais é que nunca se deram bem, a razão de todos os problemas era sempre a mesma, a falta de dinheiro! Maldito dinheiro! Pensava muitas vezes Maria Helena. Desde muito cedo as duas cresceram num ambiente não muito acolhedor, as zangas dos pais entristeciam-nas e todos os problemas que aconteciam em casa eram vividas pelas duas intensamente.

Isabel era mais baixa do que Maria Helena, os seus grandes olhos cor de mel eram expressivos mas tristes, pareciam pedir por socorro. Os seus cabelos castanhos eram compridos como os da sua irmã mas era muito magra. O oposto de Maria Helena!

Nunca se sentiu uma mulher bonita e talvez por isso não se vestisse bem, sentia complexos em ser demasiado magra e tentava esconder a magreza com roupas largas, que tapavam toda a sua elegância.

Quando era estudante refugiava-se nos livros, talvez para esconder a sua timidez, era uma aluna excelente e a sua única amiga era a sua irmã mais velha, Maria Helena.

À medida que ia crescendo o desejo de se tornar Missionária foi aparecendo, queria fugir daquele ambiente de casa, queria sentir-se liberta das discussões dos pais. Não gostava muito do pai que tratava mal a mãe, que tinha o vício do jogo e que gastava o dinheiro mal gasto. O único senão de se tornar Missionária era o de ter de abandonar a casa e a terra que a viu nascer e deixar a mãe que adorava e a irmã que era a sua melhor amiga.

Aos vinte anos com a ajuda de uma Bolsa de Estudos entrou para a Faculdade de Enfermagem. No início a adaptação a uma nova escola e a um novo grupo de amigos foi um

pouco complicado devido à sua timidez, felizmente conheceu Cláudia, uma miúda tímida como ela e cedo se tornaram as melhores amigas de sempre.

Já Maria Helena era o seu oposto, apesar de não terem um bom ambiente familiar, ela era mais extrovertida do que Isabel. Sempre adorou participar em todas as festas da escola, mas nunca foi um aluna brilhante, não por não ser inteligente, mas porque a vontade de se divertir com as amigas era mais forte. Não tinha muitas amigas, mas as poucas que tinha, eram suficientes para passarem um bom bocado. Faltavam às aulas de Matemática para ir jogar futebol com os miúdos do 5ºano, adoravam ouvir música nos intervalos e comentar os filmes que passavam na TV.

Maria Helena sempre teve o desejo secreto de ser detective, mas quem é que naquela idade pensava ser uma coisa dessas? Especialmente num país como Portugal?

Adorava ler livros de *suspense* e por vezes antes de chegar ao fim do livro já tinha adivinhado quem era o culpado ou o assassino da história.

Mas a vida dá muitas voltas e aos 16 anos arranjou o seu primeiro emprego como recepcionista, o seu bom aspecto e simpatia cativava as pessoas, especialmente os rapazes. Mas ao fim de pouco tempo acabou por ficar sem emprego e decidiu que queria tirar um curso de secretariado.

Os anos foram passando e Maria Helena foi-se tornando numa mulher cada vez mais bonita e atraente. As amigas da sua idade já namoravam, mas ela sempre teve receio de enfrentar o pai e arranjar um namorado, até que um dia conheceu Ricardo ... num *chat*¹ da Internet.

¹ Chat Lugar na Internet aonde as pessoas se encontram para conversar

II CAPITULO

Ricardo

Aos 23 anos, Maria Helena foi trabalhar para uma empresa de exportação. Começou como recepcionista, mas passados 3 anos foi promovida a secretária do director executivo. Os primeiros tempos foram um pouco complicados, mas devido à sua dedicação e inteligência o seu trabalho como secretária depressa agradou a todos.

Numa tarde, estando o seu chefe para fora do país a negócios e o trabalho não sendo muito, decidiu ir *navegar* na Internet, afinal não era a única na empresa a ir para a Internet. Curiosa como sempre foi, entrou num *chat*, mas que *nickname*² iria usar? Existiam os *nicknames* mais bizarros e ordinários que alguma vez tinha visto na vida. Após ter pensado e repensado achou que “Mulher” seria o mais apropriado. Logo se colocaram à conversa com ela, eram rapazes de todos os pontos do país, das mais diversas idades, que diziam ter as mais diversas profissões, mas Maria Helena não era ingénua ao ponto de acreditar em tudo o que lhe escreviam, pois na Internet existia de tudo.

Após conversa com vários, encontrou um *nickname* simples como o seu, "Homem", e resolveu meter conversa.

- Olá.

Após uns segundos, Maria Helena viu uma cor diferente a piscar no monitor do seu computador, tinham-lhe respondido.

- Olá

- Tudo bem?

- Sim, ddtc ? - perguntaram-lhe.

- ddtc ? ! - mas o que era aquilo ? Pensava ela.

- Não percebi.

- Ddtc , significa de onde teclas ?

- Ah... Braga e tu?

- Lisboa.

- Idade?

² Nickname - Nome escolhido pelo utilizador quando se regista num chat. Este nome, geralmente, dá algumas indicações sobre os interesses da pessoa

- 26 e tu?

- 26.

Maria Helena sorriu, era da sua idade.

- Quando é que fazes 27? – perguntou Maria Helena.

- Em Maio.

- Eu também. Em que dia? – perguntou ela sorrindo ainda mais.

- 7 e tu?

- 7! – Maria Helena nem quis acreditar no que lhe tinham respondido, será que a resposta dela foi vista primeiro do que a pessoa que estava do outro lado e que a estavam a gozar?

- A sério? Estás a gozar! – perguntou-lhe ela.

- É verdade, faço anos no dia 7 de Maio.

Maria Helena continuava incrédula, como era possível ter conhecido alguém na Internet que fizesse anos no mesmo dia e fosse da mesma idade que ela? Com certeza de que lhe estariam a mentir, pensava ela no seu íntimo. Já tinha ouvido as histórias mais mirabolantes de raparigas que se fizeram passar por rapazes e vice-versa, de encontros que não acabaram bem, ná... não iria acreditar numa coincidência destas!

- Como te chamas? – perguntaram-lhe.

Maria Helena pensou e não sabia se lhe haveria de dizer o seu nome verdadeiro, então resolveu responder:

- Maria.

- Muito prazer Maria, eu sou o Filipe. – ele respondeu.

- Prazer Filipe!

A conversa foi continuando, perguntaram-se as profissões, Filipe disse que era Biólogo e que trabalhava num laboratório, mas seria verdade o que ele lhe dizia? Ela optou por dizer sempre a verdade, afinal de contas, o que lhe adiantaria mentir? Não fazia muito o género dela. Passaram a tarde toda na conversa, Filipe também tinha um irmão mais novo três anos do que ele. Mais uma coincidência! Será que ele falava a verdade?

Já passava da hora de sair do escritório e já todos os seus colegas tinham saído, Maria Helena estava a ficar viciada naquilo. Filipe parecia-lhe ser um rapaz que lhe falava a verdade e parecia-lhe ser também uma pessoa muito interessante e inteligente.

Já passava das sete da tarde quando decidiram por fim à conversa. Ao despedirem-se Filipe perguntou-lhe se conhecia um programa na Internet em que era possível conversar mais em privado e em directo.

- Não, não percebo nada disso. Não percebo nada de inovações da Internet!

- Não te preocupes, amanhã envio-te um e-mail e explico-te como se faz... mas tens que me dar o teu e-mail, sabes o que é um e-mail? ☺

- Sei!! Também não sou assim tão ignorante!

Maria Helena deu-lhe um e-mail que não o do trabalho e despediram-se.

Quando saiu do escritório pensava em tudo o que disseram um ao outro, seria possível que tinha conhecido um rapaz da sua idade, que fazia anos no mesmo dia e que morava a cerca de 300 quilómetros de si? Realmente a vida tem destas coisas! Sentia-se diferente e não sabia porquê, pôs o rádio do carro mais alto e cantarolava.

Naquela noite Isabel reparou que Maria Helena estava diferente, mais liberta e mais distraída, ao fazer o jantar quase queimava tudo. Quando se foram deitar estavam as duas deitadas e Maria Helena disse:

- Sabes, Isabel? Hoje no trabalho estive na Internet.

- Na Internet? E o teu chefe?

- Não está cá, só volta para a semana.

- E? ... O que aconteceu? Será que aconteceu algo que foi a causa de quase teres queimado o jantar hoje?

Maria Helena riu-se e sentou-se na cama.

- Conheci um rapaz...e estivemos na conversa, acreditas que ele faz anos no mesmo dia que eu, e é da minha idade?

- A sério? Tem cuidado, olha que na Internet são só mentiras!

- E julgas que eu não sei? Não sou nenhuma parvinha! Mas de verdade que ele me pareceu um rapaz sincero... não sei.

- Hm... e que mais? Soubeste mais coisas dele?

Maria Helena mostrou-se toda empolgada e começou a contar.

- É biólogo e trabalha num laboratório.

- E mora onde?

- Em Lisboa.

- Lisboaeta! Não acredites muito no que ele te diz! Esses fulaninhos da capital... sabem é muito! - disse Isabel.

- Ah! - disse Maria Helena encolhendo os ombros. - Não são apenas os da capital que sabem muito, todos os homens em geral têm muita conversa.

- Pois, mas os da capital quando se trata de miúdas do norte, parece que ficam meios doidos. Sei de uma colega da Cláudia que conheceu um lisboeta também na Internet e após algum tempo de conversas decidiram encontrar-se, ele veio cá cima ao Porto e foram jantar. No fim

de jantar foram até uma discoteca, o fulano pôs-se logo a abusar dela, aos beijos e etc... Quando ele a levou ao carro dela, queria algo mais e foi mesmo um estúpido, por sorte o fulano lá se convenceu e saiu do carro. Eles são todos uns atrevidos! Julgam que lá por morarmos no norte que somos mais parvinhas... dizem que moramos na província! Parvinhos são eles! Põe-te com o pé atrás e não acredites em tudo o que ele te diz! Estou a avisar-te!

- Ok, ok mana, vou seguir os teus conselhos. - respondeu Maria Helena mostrando-se pouco interessada nas histórias da colega da Cláudia. Se fosse com ela, ficava tudo resolvido com um bom par de estalos ou um pontapé num sítio que ela lá sabia!

- Mas vá... já agora conta, o que mais conversaram? - perguntou Isabel curiosa.

Maria Helena contou a Isabel tudo do que tinham conversado e quando deram conta já eram altas horas da madrugada.

III CAPITULO

A foto

Na manhã seguinte Maria Helena estava ainda meia ensonada e decidiu abrir a Internet e verificar o seu e-mail, ao ver um e-mail de Filipe sorriu, no e-mail dizia:

- Olá Maria, sou eu, o Filipe ... O teu irmão gémeo lisboeta! ☺ Por favor vê abaixo o *link*³ onde que tens de *clicar*⁴ para fazeres o *download*⁵ do programa que nos permite ter uma conversa em directo e mais privada... é só aceites todas as opções e ... não te preocupes porque não se paga nada.

Fica bem e beijinhos.

Maria Helena estava curiosa e depressa fez o *download* do tal programa, após alguns minutos já o programa estava instalado e do outro lado, já estava Filipe que começou logo a conversa:

- Oláaaa ... estás boa?

- Olá , sim e tu ?

- Foste rápida.

- Sim.

- És sempre assim?

- Assim como? - respondeu Maria Helena fingindo-se despercebida.

- Rápida a fazer as coisas?

- Depende do tipo de coisas. - respondeu Maria Helena provocando-o.

- Beemm . Boa resposta, gosto disso.:-) – escreveu ele.

- Ainda bem.

- Podes falar à vontade?

- Sim, o meu chefe está para fora, só volta para a semana.

- Boa! Assim podemos conversar melhor e conhecermo-nos melhor.

- E tu? Não tens que fazer?

- Tenho, mas não há pressas.

- Ok, tu lá sabes.

- Olha, por acaso não tens foto?

³ É uma palavra, texto, expressão ou imagem que permite o acesso imediato à outra parte de um mesmo, ou outro documento ou site, bastando ser acionado pelo ponteiro do rato. Num hipertexto, um link, na forma de palavra ou expressão, vem sublinhado ou grafado em cor distinta da utilizada para o resto do texto. Ao se clicar no link, o usuário é levado a uma outra página ou parte da mesma página.

⁴ Indica o ato de seleccionar ou indicar ao computador a intenção de executar algo no computador. Esta ação é originada pelo pressionamento do botão do rato podendo ser qualquer um deles.

⁵ Significa *sacar* ou baixar, em português, é a transferência de dados de um computador remoto para um computador local.

- Foto? Tenho várias! - respondeu Maria Helena cinicamente.
 - O que quero dizer é... se tens uma foto digitalizada.
 - Não! - respondeu ela secamente.
 - E não o podes fazer?
 - Onde queres que vá buscar a foto agora? As fotos estão em casa.
 - Está bem, mas não podes fazer isso depois?
 - Depois vê-se. - Maria Helena não estava muito disposta a enviar uma foto sua a uma pessoa que mal conhecia. Além do que, não percebia nada de novas tecnologias, sempre que era necessário digitalizar qualquer documento era o seu chefe que o fazia, ela nem sabia usar o *scanner*⁶.
 - Enquanto isso não acontece, podes descrever-te? Como és fisicamente?
- Maria Helena sorriu e escreveu:
- Sou baixa, gorda, ruiva, uso óculos, tenho sardas e uso aparelho nos dentes.
 - A mim parece-me bem! - respondeu ele
- Ela desatou uma gargalhada, ele tinha sentido de humor. Mas quando se apercebeu, os seus colegas olhavam-na e tentou disfarçar.
- Vá... deixa-te de brincadeiras Maria, eu sei que não és assim.
 - Sabes? E como tens tanta certeza?
 - Porque és minha irmã gémea e só podes ser linda.
 - Ahahha... tens-te muito em conta, não? - escreveu Maria Helena.
 - Há quem diga que não sou de deitar fora! - respondeu ele.
- Maria Helena ficou curiosa, como seria ele? E resolveu perguntar-lhe:
- E tu? Como és fisicamente?
 - Não queres uma foto? Ficará mais fácil!:)
 - Ok, se não te importas.
 - Claro que não, desde que a guardes e não a andes a mostrar a qualquer um.
 - Podes ficar descansado, não costumo fazê-lo.
 - Vou enviar-te a foto para o teu e-mail, mas com uma promessa da tua parte.
 - Diz.
 - Que quando puderes, me pagas com a mesma moeda. Também quero conhecer-te, ou seja, também quero que me envies uma foto tua.

⁶ É um aparelho de leitura ótica que permite converter imagens, fotos, ilustrações e textos em papel, num formato digital que pode ser manipulado em computador.

- Ok. - Maria Helena apenas lhe deu uma resposta afirmativa porque estava cheia de curiosidade em ver como ele era, depois se veria a questão da foto dela.

- Já estou a enviar, daqui a pouco estará contigo. Mas conta ... diz-me como és, satisfaz um pouco da minha curiosidade.

- Está bem, vou falar a sério agora.

- Não espero outra coisa de ti! ☺

Maria Helena sorriu e escreveu.

- Meço 1.70m, tenho olhos verdes, cabelos negros.

- Compridos? - perguntou ele.

- Sim.

- Hm interessante, o contraste, cabelos negros e olhos verdes ... és alta. E mais?

- Que mais queres saber?

- Quanto pesas? Eu sei que isso não se pergunta, mas desculpa, estou curioso.

- Não sou magra.

- Vá lá...

- Ok ok , à volta de 70kg.

- Hmm ... 1.70m e 70 kg ... uma mulheraça!

- É mais ou menos isso.

- Gosto!

- Gostas do quê? - perguntou Maria Helena.

- De mulheres assim... com substância! Deves ter muito ao que agarrar.

- Beem... cuidadinho com a linguagem.

- Desculpa... saiu-me.

Nisto, Maria Helena apercebeu-se de que tinha recebido um e-mail dele.

- Chegou agora o teu e-mail.

- Óptimo, vai ver .

- Só um minuto, Maria Helena tinha as mãos a tremer, sentia-se nervosa.

‘Que parva! Porquê me sinto assim? É só uma foto e quem me garante que seja mesmo ele?’

Viu o e-mail e abriu o anexo, estava tudo um pouco lento, a foto parecia ser grande. Ela sentia-se muito nervosa. A foto começou a abrir lentamente e começou a ver o cabelo, aos poucos a foto foi abrindo e por fim apareceu um rosto. Maria Helena olhava com os seus olhos verdes bem abertos. Ela observava cada pormenor minuciosamente. Ele tinha um sorriso lindíssimo, que a encantou de imediato.

- Então? - escreveu ele .

Maria Helena nem sabia o que lhe responder, ela apenas observava a foto com muita atenção. Realmente, ele era um rapaz bonito e tinha um sorriso que resplandecia algo que ela não sabia explicar. Sentiu-se de imediato atraída por aquela foto. Mas será que era mesmo ele?

- Então? - insistia ele.

- És mesmo tu?

- Já sabia que me ias perguntar isso.

- Desculpa... é que na Internet aparecem muitos malucos.

- Eu sei, mas confia, esse, sou eu.

- Tens um sorriso muito bonito. Ela disse finalmente.

- Obrigado. Agora só falta enviases a tua.

‘Pois! Não sei se terás essa sorte!’ Pensou Maria Helena. ‘Ainda vais ter que me provar que és uma pessoa confiável.’

- Diz-me uma coisa? O que significam as letras mh que estão como tuas iniciais?

Ela engoliu em seco, pensou duas vezes se lhe havia de dizer a verdade, mas por fim escreveu:

- mh , Maria Helena!

- Maria Helena?... Lindo nome.

- Oh... não brinques.

- A sério... gostei ... será que és tão bonita como o nome, Maria Helena?

Maria Helena não respondeu, simplesmente não sabia o que lhe dizer.

- Então?... Tás aí?

- Sim...

- Ficaste envergonhada.

- Um pouco...

- Não fiques ... sou sempre muito directo.

- Eu também.

- Claro... somos irmãos gémeos! - Filipe respondeu.

- Tens muitos amigos que conheceste na Internet? Perguntou Maria Helena.

- Não, apenas uma, que afinal era aqui de perto. E tu?

- Não, tu és o primeiro.

- Hmm, sinto-me um privilegiado.

Maria Helena sorriu.

- Tenho aqui uma amiga do trabalho que vai falar um pouco contigo.

‘O quê?’ Pensou Maria Helena. ‘Ele contou aos amigos de trabalho acerca dela?’ Ficou muito desapontada.

- E que amiga é essa? - Mas ele nem viu a resposta, logo começou a *teclar*⁷ uma outra pessoa.

- Olá! Sou amiga do Ricardo, tudo bem? Boa sorte! E desligou o programa.

‘Mas quem era aquela? Ricardo? Não era Filipe? Ele mentiu-lhe? Só podia... raios partam a Internet! Bem que Isabel a tinha avisado. Boa sorte? Mas boa sorte porquê? Sentia-se enganada e revoltada! Como poderia ela estar a acreditar naquela treta toda?? Era mesmo uma ingénua!... Mesmo da província! E ainda por cima desligaram. Que cena Maria Helena! Volta é para o trabalho e deixa-te de Internet!’

Tinha os olhos cheios de lágrimas e não entendia porquê. ‘Estaria parvinha? Como poderia estar a chorar por alguém que não conhecia? Deveria estar maluca!’

Mas por mais que limpasse as lágrimas estas caíam-lhe pelo rosto, sem explicação. ‘Ricardo? Filipe? Mas afinal, quem era o da foto? O Ricardo ou o Filipe?’

Nisto viu-o novamente a entrar.

- Desculpa ... ela desligou sem querer, é minha colega de trabalho, não há problema, ela também fala neste programa com outros amigos.

- Olha... andas a brincar comigo, é? - escreveu Maria Helena.

- Porquê dizes isso?

- Afinal em que ficamos? És Ricardo? Ou Filipe? Se calhar até és uma mulher e andas a gozar com a minha cara, não? - escrevia Maria Helena com força no teclado.

- Nada disso! Não gosto de gozar com ninguém! Desculpa quanto ao nome, mas dei-te o meu segundo nome, chamo-me Ricardo Filipe, não é mentira, juro-te que é verdade.

- Quem muito jura muito mente!

- Mas é verdade, a sério Maria Helena, chamo-me Ricardo Filipe, dei-te o segundo nome apenas porque é o nome que costumo dar quando venho para os *chats*.

- Será? Deves ser também casado e cheio de filhos! E andas aqui a gozar com pessoas como eu!

- Não! Acredita em mim! Sou solteiro, não tenho filhos, juro!

- Não jures!

- Ok, ok , mas estou perdoado? Acreditas em mim? Acredita, esse na foto sou eu, podes confiar, não sou de mentir!

⁷ bater em teclas; bater nas teclas de

Maria Helena fez silêncio, respirou fundo e limpou mais uma vez as lágrimas, olhava fixamente para o monitor do computador.

- Vou trabalhar, tenho muitas coisas para fazer.

- Espera... não saias assim.

- Tenho que ir, desculpa.

- Porra! Tens mau génio. - respondeu ele.

- É a vida ... apenas não gosto que me façam de parva!

- Mas eu já te expliquei... que mais queres que te faça, para que acredites em mim?

- Nada, não precisas de fazer nada! Nem sei porque estás a perder tempo comigo aqui na Internet.

- Pára!... Por favor... não digas isso.

- Tenho que ir, a sério. Tchau.

- Ok... tu é que sabes...

- Adeus!

- Amanhã apareces?

- Não sei.

- Vá...

- Adeus. - Maria Helena desligou o programa e as lágrimas mais uma vez caíam pelo seu rosto, sentia-se traída.

‘Mas como era possível?’ Devia estar a ficar sem juízo. Levantou-se e foi à casa de banho lavar o rosto, olhava-se ao espelho e dizia baixinho.

- Estúpida! Para que choras? Maria Helena, deves ter ficado doida, não? Aquele parvalhão gozou com a tua cara. Lisboaetas de uma figa! Deixa-te disso! Vá... limpa essas lágrimas... vai trabalhar e esquece a Internet.

Nessa noite Maria Helena tinha uma festa de anos de uma amiga. Isabel foi com ela no carro e Maria Helena mal abriu a boca durante a viagem até à casa da amiga. Isabel olhava-a e por fim perguntou:

- O que se passa contigo?

- Nada, porquê?

- Estás tão calada... o que se passa?

- Nada.

- Aconteceu alguma coisa no trabalho?

- Não. Estou apenas um pouco cansada.

- Hmm, ok.- respondeu Isabel pouco convincente.

Já na festa de anos, Maria Helena pouco falou e parecia estar ausente daquilo tudo, o seu corpo estava ali, mas a sua mente, estava longe, muito longe, a cerca de 300 quilómetros de distância. O que estaria ele a fazer aquela hora? E porquê ele não lhe saia da cabeça? Parecia feitiço!

‘Tenho de mudar esta cara, porque senão a Isabel pergunta-me outra vez o que se passa comigo!’

A 300 quilómetros de distância estava Ricardo, sentado numa mesa de café, em Cascais, e tinha o olhar ausente, o seu telemóvel tocou:

- Tou?

Do outro lado ouviu-se:

- Olá querido!

- Olá Margarida.

- Estou a chegar, já ligaste com o Alfredo e com a Luísa?

- Não... escuta, não me apetece muito sair hoje com eles. Estou cansado, pode ficar para outra vez?

- Ok... então até já.

- Até já... - Ricardo desligou o telemóvel e pousou-o em cima da mesa com ar aborrecido. Passados uns minutos entrou uma miúda no café, era bonita e vestia-se elegantemente. Tinha cabelos aloirados pelos ombros e olhos azuis, era Margarida de Sá Oliveira, a namorada de Ricardo.

Chegou perto de Ricardo:

- Olá querido!

Ricardo virou-se e respondeu:

- Olá.

Deram um beijo na boca e ela sentou-se. Chegou o empregado do café perto deles:

- Boa noite, vai desejar alguma coisa?

- Sim, um café e uma água por favor.

- Sim, senhora.

Ela olhou Ricardo e perguntou:

- Está tudo bem? Estás com cara de aborrecido.

- Estou um pouco cansado.

- Vamos sair a algum lado?

- Desculpa Margarida, não me apetece, quero ir para casa se não te importas.

- Hum... pensava que querias ficar sozinho comigo, podíamos ir até ao teu apartamento.

- Desculpa... não seria uma boa companhia hoje.

- Ohh ...que pena! Mas... podíamos ficar apenas a conversar.

- A sério, não estou mesmo com vontade.

- Bom... estás mesmo mal... ok tudo bem. - Margarida ficou um pouco aborrecida com a situação. Ricardo estava com o olhar vago, nisto entrou uma rapariga alta de cabelos negros e compridos, Ricardo observou-a de cima a baixo. O empregado chegou com o café e a água.

- Obrigado. - Margarida respondeu.

Ricardo estava calado e observava a rapariga de cabelos negros, mas quando se apercebeu de que estava a dar muito nas vistas, disfarçou e olhou Margarida que bebia o café e sorriu-lhe.

- Sabes, hoje estive a falar com os meus pais em relação à possibilidade de morarmos juntos... e eles até nem se opuseram muito. Fiquei contente, isto significa que não vai haver problema se isso acontecer. Ricardo olhava-a e deu um sorriso amarelo. - Não achas querido?

- Ah?... sim ,sim claro , ainda bem.

- Ai... tu hoje estás tão distante, o que se passa?

- Nada! Já te disse, estou apenas cansado.

- Tiveste muito trabalho?

- Sim, algum.

- Está uma noite muito agradável, podíamos dar uma volta a pé, o que achas?

- Ok... Vamos pagar então.

Levantaram-se e Ricardo dirigiu-se ao balcão para pagar, ao voltar à mesa olhou mais uma vez a rapariga de cabelos negros e compridos, ela era morena e tinha olhos castanhos, tinha um aspecto agradável. Pensou consigo mesmo: ‘Tenho a certeza de que a minha mana nortenha é bem mais bonita’ e deu um ar de riso.

Saíram os dois do café.

IV CAPITULO

Pedro

Na manhã seguinte Maria Helena saiu de casa com uma convicção, não iria mais falar com Ricardo. Chegou ao escritório, sentou-se na secretária e ligou o computador, mas azar, o programa iniciou ao mesmo tempo e quando se apercebeu ele estava a meter conversa com ela.

- Bom dia!

Ela queria desligar mas estava um pouco atrapalhada, por fim acabou por desligar.

- Raios!

Naquele dia Maria Helena trabalhou concentradamente para tentar esquecer a Internet, tratou da correspondência, marcou reuniões, arquivou documentos, fez telefonemas, foi ao banco tratar de umas transferências bancárias.

Ao fim da tarde como já tinha o seu trabalho organizado decidiu ver o seu e-mail da Internet e lá estava a foto que ele lhe tinha enviado. Respirou fundo e abriu-a. Mais uma vez sentiu um frio na barriga ao ver aquele sorriso que a enfeitiçava. Observava cada pormenor do rosto, os olhos, o cabelo, o nariz, os lábios, tudo lhe parecia perfeito.

- Que se lixe! - ligou o programa e lá estava ele *on line*.

- Psiiuuu... ó desaparecida... ainda estás chateada comigo? - escreveu ele

Maria Helena sorriu e decidiu responder-lhe:

- Mais ou menos.

- Bom, acho que já fiz progressos, ontem desligaste logo, ficaste mesmo chateada, fogo! Que mau génio!

- Eu sou assim, não gosto de brincadeiras, muito menos aqui na Internet onde não faltam parvos.

- Estás a chamar-me parvo?

- Não te achei parvo, nem acho, mas posso estar enganada. Se me andas a fazer de parva aí sim serás um parvo, parvo não, parvalhão!

- Já te expliquei ontem que apenas te ocultei o meu primeiro nome pelo qual sou mais conhecido. Não te menti em nada, existe uma grande diferença em ocultar e em mentir.

‘Sim, realmente ele tinha razão - pensou Maria Helena, ele não lhe tinha mentido, apenas ocultou.

- Olha, Ricardo, vamos ser sinceros, então?

- Claro, sempre. Vamos esclarecer tudo de uma vez por todas ok? Então...diz-me, tens namorado?

Maria Helena ficou calada mas por fim escreveu:

- Não. Tu?

- Sim, tenho namorada, namoro há 2 anos. Não te menti, continuo solteiro, não tenho filhos, apenas te ocultei que namorava até porque nunca me perguntaste.

Maria Helena sentiu-se muito triste quando ele lhe disse que namorava. Todos os seus desejos de o conhecer melhor tinham ido por água abaixo, mas não podia recriminá-lo afinal, ela nunca lhe tinha perguntado se ele namorava, talvez por receio de saber a resposta. Claro que aquele rapaz com um sorriso extraordinário teria uma namorada! Seria um desperdício! Mais uma vez as lágrimas vieram-lhe aos olhos, mas porquê? Só sabia que se sentia muito triste e desapontada.

- Mas não namoras mesmo? - perguntou Ricardo.

- Não.

- Nunca namoraste?

- Uma relação a sério, não. Apenas umas saídas, mas nada de especial.

- Com 26 anos?

- Sim, porquê? Há algo de errado?

- Pois ... não sei ... só vendo mesmo a tua foto.

Lá vinha ele com a história da foto, Maria Helena sentia-se sempre um pouco incomodada quando ele lhe falava desse assunto.

- Pois é, sou feia, essa é a razão! Essa é a razão de eu não ter namorado, essa é a razão de não te enviar uma foto!

- Não acredito!

- Então porque disseste que há algo de errado comigo e que queres ver a foto para comprovar?

- Estava a brincar ... vá ... envia uma foto tua!

- Já te disse que não tenho nenhuma foto digitalizada e nem sei como se faz.

- Mas isso é fácil, é só seguir as instruções.

- O *scanner* é do meu chefe, só ele é que mexe nele.

- Então... envia por correio.

- Por correio?

- Sim, vou-te dar o meu endereço e envias.

- Mas... e a tua namorada?

- Não te preocupes, ela não saberá de nada, confia em mim, só eu tenho acesso ao correio.

Este é um apartamento antigo meu. Pode ser?

Maria Helena respondeu sem pensar.

- Ok.

Ricardo escreveu o seu endereço e Maria Helena escreveu-o num papel.

- No nome escreve Ricardo Mendes apenas.

- Ok.

- Mas vais enviar?

- Talvez.

- Quando enviares diz, que é para eu me pôr à alerta.

- Combinado. - Maria Helena não sabia o que estava a fazer, estava a deixar-se levar. “Será que ela iria enviar uma foto dela por correio? Estaria doida a esse ponto? E se a namorada dele a apanhasse?” Claro que não iria colocar o seu nome no remetente.

- Bom, estou ansioso por te ver.

Maria Helena sorriu e escreveu:

- Está na hora de sair.

- Não, não vás já, hoje falamos tão pouco, estiveste chateada comigo nem apareceste de manhã. Podias dar-me o teu número de telemóvel.

- Ah? Estás doido?

- Estou doido porquê?

- Não, isso não.

- Mas porquê?

- Porque não.

- Isso não é resposta.

- Não deverias estar a pedir-me isso, tu tens namorada.

- E???

-E ... não debes falar com outras raparigas!

- Aahahahha - escreveu Ricardo.

- De que te ris?

- Não sejas tonta Maria Helena! Posso falar com quem quiser, apesar de namorar sou uma pessoa livre e posso fazer tudo o que me apeteça.

- Diz-me uma coisa.

- Sim, diz.

- Imagina que um dia nos conhecemos e encontramos e acontece algo de muito forte entre nós. O que irias fazer?

- Não iria recusar o que fosse que acontecesse entre nós. Se valesse a pena lutar, lutava! O pior da vida Maria Helena, não é arrependermo-nos pelo que fizemos, mas sim ficarmos toda a vida, arrependidos por algo que NÃO fizemos!

Maria Helena ficou a pensar naquela frase, fazia todo o sentido.

- Linda frase, gostei!

- Não é só uma frase, é mesmo verdade. - respondeu Ricardo.

- Está na hora, tenho de ir buscar a minha mana ao hospital

- Hospital? Ela está doente?

Maria Helena sorriu e escreveu:

- Hehe não, ela é enfermeira.

- Ah, ótimo! Dá sempre jeito ter uma enfermeira na família.

- Sim, lá isso é verdade. Mas tenho mesmo que ir, ela já deve estar à minha espera.

- Olha...

- Diz?

- Tens Internet em casa?

- Não. Tenho computador, mas não tenho Internet.

- Pena ☹ Podíamos falar em casa.

- Pois ... paciência!

- Ai! Que rapariga complicada!

- Não sou nada complicada.

- És complicada e medrosa!

- Medrosa?!

- Sim, tens medo de me enviar a tua foto, tens medo de me dar o teu número de telemóvel.

- Não é medo.

- Então é o quê?

- Não tens namorada? Devias dar-te ao respeito!

- Ahahah... Não sejas tonta! Não tem nada a haver!

- Não?! Ela ainda me assassina!

- Não sejas parva, ela nunca saberá!

O telemóvel de Maria Helena começou a tocar era Isabel.

- Tou?

- Maria Helena? - ouviu-se do outro lado.

- Sim Isabel.
- Então? Vens buscar-me? Já estou aqui à espera há meia hora!
- Sim, sim, desculpa, estou aqui meia atrapalhada com o trabalho.
- É mesmo? Pois sim...- Isabel perguntou um pouco cinicamente.
- Já vou, está bem? Só mais um pouco.
- Ok, até já.
- Ate já.

Maria Helena desligou o telemóvel e escreveu:

- Era a minha mana ao telemóvel, já está à minha espera há meia hora, tenho de ir.
- Ok , amanhã apareces?
- Não... amanhã é sábado. - Maria Helena sorriu.
- Eh ... pá... pois é. Seca!
- Seca? Os fins-de-semana são óptimos.
- Sim são, mas não é isso... vamos estar sem falar.
- Pois é... mas passa rápido. Tenho que ir, tem um bom fim-de-semana.
- Tu também e não te esqueças de me enviar a foto!
- Tchau! Beijinhos
- Beijinhos.

Naquele fim-de-semana Maria Helena procurou fotos suas, não sabia o que fazer, iria enviar a foto ou não? Pensava que era perigoso se a namorada dele visse a foto, e se chegasse mais cedo na segunda-feira e tentasse digitalizar uma foto e enviar por e-mail? Mas a questão era ... que foto seria a escolhida?

Isabel entrou no quarto:

- O que estás a fazer? Que confusão é esta?
- Nada.
- Nada? Estás a ver fotos?
- Sim, estou a ver fotos minhas.
- E para quê que estás a ver fotos tuas? Posso saber?
- Não!
- Não? Ok... já imagino para o que seja.
- Ai sim? És bruxa agora? Adivinhas as coisas?
- Não é preciso ser bruxa Maria Isabel... é tudo por causa do lisboeta, certo?

Maria Helena olhou Isabel e ficou calada.

- Então? Ficaste calada?... Esse gajo está a dar-te a volta à cabeça, não? Tu vê lá nas que te metes mana!

Isabel saiu do quarto e Maria Helena encolheu os ombros e disse:

- Azar!... Seja o que Deus quiser!

Finalmente chegou a segunda-feira, o fim-de-semana parecia não ter mais fim. Eram 8.30 da manhã quando Maria Helena chegou ao escritório. A primeira coisa que fez foi ligar o computador do seu chefe e o *scanner*. Foi ao seu saco e tirou uma foto, colocou-a sobre o *scanner* e foi para o computador, entrou no programa do *scanner* e seguia as instruções. Afinal era mais fácil do que aquilo que pensava. Passados uns minutos já tinha a sua foto passada para o computador e sorriu, enviou-a para o seu e-mail pessoal e apagou-a do computador do seu chefe. Foi para a sua secretária, olhou o relógio, eram 9 horas em ponto e ouvia os seus colegas do trabalho a chegarem e passados uns minutos chegou o chefe.

- Bom dia Maria Helena.

- Bom dia Senhor Doutor. Tudo bem consigo?

- Sim, tudo bem obrigado. É bom estar de volta ao escritório, já estava com saudades suas.

- Ah?

- Heheheh. Não se assuste Maria Helena, estou a brincar! Teve um bom fim-de-semana? - perguntou-lhe, tirando o casaco.

- Sim, obrigado. E o senhor teve boa viagem?

- Sim, não se pode dizer que fosse má, a pena foi ter ido sozinho, se tivesse tido uma companhia poderia ter sido muito melhor.

Maria Helena sorriu e passou pela frente da secretária dele para colocar uma pasta de arquivo no armário, ele observava os seus cabelos negros lisos e compridos sobre uma t-shirt vermelha justa que lhe salientava as curvas.

- Maria Helena, desculpe fazer-lhe esta pergunta, não me leve a mal, mas diga-me uma coisa.

- Sim, senhor doutor?

- A Maria Helena namora?

Ela ficou embaraçada e corou.

- Desculpe a minha pergunta Maria Helena, mas é apenas curiosidade. Se não quiser responder não responda.

- Não, não há problema nenhum. Não, não namoro.

- Não? A sério?

- Sim, a sério.

- Bem... desculpe que lhe diga ... mas os homens devem andar cegos! A Maria Helena com esses cabelos negros e esses olhos verdes! Desculpe, mas os homens andam completamente cegos! Desculpe a minha intromissão na sua vida privada, mas realmente ...

- Não tem problema senhor doutor! O problema não são os homens andarem cegos, o problema se calhar é meu. Eu se calhar é que não os vejo!

- Ahahhaah ... você agora fez-me rir, posso-lhe pedir outra coisa?

- Sim diga.

- Deixe de chamar-me senhor doutor... faz-me sentir um velho, sou pouco mais velho do que a Maria Helena, bolas! Trate-me pelo meu nome. Maria Helena olhava-o meia aparvalhada com o que tinha ouvido.- Sabe o meu nome, não sabe? Aqui neste país é que existe a mania dos doutores! Não nasci doutor!

Maria Helena sorriu.

- Sim senhor dou... quer dizer Senhor Vilas Boas.

- Pedro! Ok? Pedro!

- Sim, senhor Pedro.

- Ah! Muito melhor assim!

Pedro Vilas Boas era um jovem licenciado em Economia, tinha 30 anos e desde cedo se tornou num competente director executivo. Era alto, moreno, olhos azuis expressivos que se destacavam de uns cabelos castanhos-escuros. Era muito atraente, com corpo atlético e de uma beleza que encantava qualquer mulher. Quando Maria Helena foi trabalhar para aquela empresa sentiu-se de início muito atraída por ele, embora soubesse que ele estava prestes a casar e era um homem proibido. Mas por circunstâncias da vida, a sua futura esposa fora morta a tiro num assalto o que fez com que ele perdesse o gosto de ter uma relação mais a sério. Eram várias as mulheres que andavam com ele e lhe ligavam para o escritório ou para o seu telemóvel. Adorava carros de corrida, era sócio duma filial duma conhecida marca de carros de topo de gama, adorava também praticar esqui e passava férias sempre que possível na neve. Apesar de ter a fama de mulherengo sempre respeitou Maria Helena, embora esta notasse que de vez em quando ele a olhava de um modo mais intenso e profundo.

- E como correram as coisas na minha ausência?

- Tudo bem! Nenhum problema de maior, todos os recados estão escritos nos seus pendentos e as reuniões estão todas marcadas na sua agenda.

- Muito bem obrigado, deixe-me ver o que tem para aqui...

Pedro começou a ler a sua agenda e disse:

- Que festa é esta aqui na sexta-feira?

- Sim, é a apresentação do protótipo do novo modelo de carro na sua empresa.

- Ihh , que grande seca!! Desculpe Maria Helena... mas não estou mesmo com vontade de ir... mas como sócio ... terei que ir! E tenho que levar companhia e vou ser-lhe sincero, não estou com a mínima vontade de levar nenhuma das minhas amigas ... são todas umas malucas ou interesseiras. Vou-lhe confessar Maria Helena, as mulheres de hoje em dia são todas umas taradas! Acredite! Não digo que são todas, mas a maioria ... é raro encontrar-se alguém em condições!

Maria Helena escutava-o com atenção, ele nunca lhe tinha falado das mulheres com quem andava e não fazia ideia do que ele pensava, estava até a achar estranho ele estar a falar-lhe aquelas coisas.

- Diga-me uma coisa Maria Helena.

- Sim, Senhor Dou... desculpe... Senhor Pedro.

- Se eu a convidasse para me fazer companhia, você aceitaria?

- Desculpe? - Maria Helena nem quis acreditar no que os seus ouvidos tinham escutado.

- Sim! Aceita ir comigo a essa festa?

- Eu?! ... Mas... porquê eu?

- Oras! É ou não a minha secretária?

- Sim, sou.

- Então? Não vejo mal nenhum nisso. Vá ... pense, não se preocupe com o que vai vestir, é só usar o cartão de crédito.

- Senhor Pedro, apanhou-me de surpresa...

- É ... eu sou assim... , ele sorriu-lhe . – Pense e diga-me qualquer coisa, mas não deixe para muito tarde... Bom... vou tomar um café, a máquina já funciona?

- Sim, o técnico já a veio arranjar.

-Ótimo! - Pedro saiu do gabinete e Maria Helena sentou-se na sua secretária ainda estupefacta com o que o seu chefe lhe havia proposto.

- O que é que lhe deu? Convidou-me para ir com ele à festa?! Será que ele está bom da cabeça? - abanou a cabeça e apetecia-lhe ligar o programa para falar com Ricardo, mas tinha receio que o seu chefe aparecesse de repente. Olhou para o telefone e marcou um número.

- Olá Isabel, tudo bem? Dá-te jeito vires almoçar comigo hoje?... É que preciso de te contar umas coisas... Pode ser?... À uma, então? No lugar do costume?... Ok, até logo, beijinho.

Era quase meio-dia e meia da tarde quando Pedro Vilas Boas saiu do gabinete.

- Maria Helena, já vou sair para almoçar, volto ao meio da tarde... e não se esqueça do meu convite, está bem? - ele sorriu-lhe e vestia o casaco e ajustava a gravata.

- Sim, Senhor Pedro.

- Ok ... então até logo.

- Até logo, Sr Pedro.

Ele sorriu-lhe mais uma vez e saiu do gabinete. Mal ele tinha saído Maria Helena ligou imediatamente o programa e lá estava Ricardo *on line*.⁸

- Eiiii , maninha nortenha! Julgava que já não vinhas hoje. - ele escreveu.

Maria Helena respondeu:

- Desculpa, o meu chefe chegou hoje, não dava muito jeito.

- O.k. compreendo. E tu como estás? Que tal o fim-de-semana?

- Estou bem, obrigada, o fim-de-semana foi bom e o teu?

- O costume... então? ... já arranjaste o que falamos na sexta feira?

- O quê? – Maria Helena sorria ironicamente.

- Ai! ... Tu não me digas que esqueceste. A minha foto? ... ou ... a foto que me prometeste enviar ?

- Ehehhehe - Maria Helena escreveu.

- Vá... estou em pulgas para te ver. Arranjaste ou não?

- Sim.

- Boa! E foi por correio ou por e-mail?

- Tenho-a aqui.

- Conseguiu digitalizar?

- Sim.

-Ótimo! Envia! Estou desejoso por conhecer a minha mana linda.

- Como sabes que sou linda? Tu não te iludas!

- Deixa-te de coisas e envia a foto.

Maria Helena sorriu, foi ao seu e-mail e reencaminhou a foto para o e-mail de Ricardo.

- Então? Já está? - perguntou Ricardo curioso.

- Vai a caminho. Prepara-te...

- Eu estou sempre preparado.

- Promete por favor que vais guardar a foto.

- Bolas, Maria Helena! Confia em mim, ok ?

- É que se me lixares, eu também te lixo!

⁸ Conectado

- Achas mesmo?! Não te preocupes, podes confiar em mim e não digas mais essas coisas, ouviste?

- Está bem. Ninguém lixa ninguém!

- Combinado!

- Já chegou!

Maria Helena sentiu-se nervosa e até corou. ‘O que será que ele iria dizer da sua foto?’

Houve uns minutos de silêncio de ambas as partes.

- Beeeeem! - Ricardo escreveu.

- O que foi?

- És mesmo tu?

- Claro que sim.

- Pena, não dar para ver mais perto, mas estás linda!

- Oh! - naquele momento o coração de Maria Helena deu um salto.

- Juro! És linda Maria Helena!

Maria Helena tinha o coração a bater cada vez mais forte.

- Não gozes!

- Não estou a gozar, não tens mais?

- Mais quê?

- Mais fotos!

- Oh! Queres mais?

- Sim, esta soube a pouco! Mas pelo pouco que dá para ver, nota-se que és uma mulher muito bonita... Quando é que nos encontramos? Ehehhe

- Desculpa?

- Sim, agora temos que passar ao segundo passo.

- Segundo passo?

- Sim, claro! Agora temos que nos conhecer pessoalmente.

-És doido! Ganha juízo!

- Ganho juízo? Porquê?

- Porque moramos a quilómetros de distância um do outro e além do mais, tens namorada, ok?

- E... ??

- E...?! Achas pouco?

- Em 3 horas estás aqui!

- Eu?!... e tenho de ser eu a ir aí? Olha que tu....

- Ehehheh ... bom... falamos disso depois, agora tenho de ir almoçar.

- Está bem. Até logo e bom almoço.

- Bom almoço e uma beijoca grande mana linda!

Maria Helena sorriu e escreveu:

- Beijo, mano lindo!

Ricardo sorriu e antes de sair para almoçar imprimiu a foto dela, estava a admirar a foto quando um colega entrou:

- Então, pá? Não vens almoçar?

- Sim, já vou.

- Então, vá! - O colega saiu e Ricardo dobrou a foto e colocou-a dentro da gaveta.

Já no restaurante Maria Helena estava sentada numa mesa com a irmã.

- Então? O que se passa, para me teres ligado logo de manhã cedo?

- Nem vais acreditar no que me aconteceu... ainda estou meia aparvalhada!

- O que foi? Conta... estás a deixar-me curiosa.

- O meu chefe chegou hoje de viagem e veio com uma conversa que ainda agora estou estupefacta.

- Conta lá deixa-te de rodeios...

- Começou por me perguntar se eu namorava.

- O quê? Ele perguntou-te isso?

- Sim, é verdade. Depois estava a ver a agenda e viu que tinha uma festa duma apresentação dum protótipo de um carro lá da empresa dele... e não é que me convidou para ir com ele?!

- O quê?!

- Sim, é verdade.

- Não acredito!

- Juro-te Isabel! Convidou-me para ir à festa com ele e até me disse que me dava a roupa!

Tudo o que eu tinha a fazer era usar o cartão de crédito.

- Estás a brincar?... A sério?

- Sim, é verdade.

- E tu? O que lhe respondeste?

- Nada! Sabia lá o que lhe havia de dizer ... ainda estou meia parva!

Isabel deu uma gargalhada.

- Estás-te a passar?

- Desculpa Maria Helena, mas a tua cara!

- Oh! Estou aqui eu a contar-te esta cena e tu ris-te!

- Desculpa, desculpa ... mas o que lhe vais dizer? Vais ou não?

- Sei lá! Já viste se eu for? Imagina a cena, eu e aquele homem charmoso, lindíssimo e atraente no meio do *jet set*!⁹

- Maria Helena tu és secretária, já sabes as regras da etiqueta!

- Teoria, minha querida irmã, apenas teoria, porque a realidade é bem diferente! E o que lhe deu para me convidar? Esteve a dizer-me que não lhe apetecia levar nenhuma das amigas porque eram todas umas taradas e interesseiras.

- Ele disse-te isso?

- Sim, disse e ainda disse que se eu não namorava era porque os homens andavam todos cegos! Ah! E mais ... não quer que lhe chame Sr. Doutor agora quer eu o chame de Sr. Pedro!

- Hmmm ... aí tem coisa! Por acaso ele não andará a arrastar-te a asa?

- Sei lá! Ele já me conhece há alguns anos, além de uns olhares mais indiscretos nunca me faltou ao respeito! Eu sou uma rapariga simples que não tem onde cair morta, para que haveria ele de estar a arrastar-me a asa? Ele pode ter bem melhor do que eu, é um homem com muitos conhecimentos, cheio do pastel! Eu sou uma simples plebeia, uma mulher do povo!

- Sim, ok, podes ser mulher do povo, mas és muito bonita e atraente, tens um corpo fantástico... mana... e com essa t-shirt justa a salientar as tuas curvas ... és o desejo de qualquer homem!

- Isabel, por favor, pára! Será que ele só me quer levar para fazer ciúmes a alguma pindérica?

- Não sei, mas também não te importes muito com isso, vais apenas a uma festa, não foste pedida em casamento!

- Cruzes credo! Isabel... pára ok?

- Ahahhah, desculpa mana... mas não stresses, vai na boa!

- Achas que deverei aceitar?

- E porque não?! Vais desperdiçar uma oportunidade destas? Ainda vais aparecer nas revistas, mulher!

- Ahahha ,não me faças rir! O meu amigo lisboeta ainda fica com ciúmes! Ehheh

- Ai sim?

O restaurante estava cheio de gente e o empregado de mesa trazia os pedidos delas.

- Com licença meninas.

- Faz favor. - disse Maria Helena.

- Então ... ele até já se quer encontrar comigo e tudo.

⁹ A alta sociedade

- Jura?
 - Sim, é verdade.
 - Enviaste-lhe alguma foto?
 - Sim, enviei esta manhã por e-mail.
 - E ele o que te disse?
 - Que eu era linda.
 - Ai meu Deus mulher! Ainda vais morar para Lisboa!
 - Isabel! Pára! Tu hoje estás demais, poça!
 - Ai, mana! Tu e os homens!
 - Podes crer! Mas fala a sério, achas que devo ir à festa?
 - Claro que sim. Vai... aproveita e se ele te oferece a roupa, ainda melhor!
 - E o pai? O que achas que devo dizer? Sabes muito bem que a festa vai acabar tarde, e o pai... sabes como ele é ... não quer ninguém a chegar tarde a casa.
 - Maria Helena, o pai tem que se habituar a essas coisas, já somos as duas adultas, diabos! Que raio de mania a dele! Trata-nos como se fôssemos duas crianças! Dizes que vais a trabalho, a um jantar de negócios, és secretária ou não és? Ele tem que aceitar isso! Vai! Aproveita! Tu nunca saís a nenhum lugar especial, é sempre a mesma coisa, vai, não te preocupes com o pai! Ele que chega a casa às tantas da matina não tem moral nenhuma para falar!
 - Eu sei Isabel, eu sei disso tudo, só não quero problemas.
 - Pois ... mas por vezes temos que nos chatear para termos a nossa liberdade. Eu estive a ver na Internet e já pensei em ir para África.
 - Ah?? - Maria Helena até se engasgou - O que estás para aí a dizer?
 - Sim... estou farta disto! Nada me atrai aqui, os problemas em casa, o hospital, é sempre a mesma coisa!
 - Mais vais para África fazer o quê?
 - Ser Missionária! Tu bem sabes que sempre tive esse desejo.
 - Sim, eu sei. E estarias disposta a abandonar tudo?
 - Eu sei que não iria ser fácil, as únicas pessoas que me custaria deixar, eram a mãe, a minha amiga Cláudia e tu mana.
- Maria Helena olhava-a e as lágrimas vieram-lhe aos olhos.
- Mas vamos com calma, estas coisas não se decidem de um dia para o outro. - disse Isabel.
- Maria Helena respirou fundo, não estava com muita vontade de ter de ficar sem a sua melhor amiga e muito menos que ela fosse para tão longe.

Após o almoço, Maria Helena encontrava-se pensativa, não sabia o que havia de responder ao seu chefe, foi aos documentos no computador e abriu uma pasta, abriu o documento e via a foto de Ricardo e imprimiu-a. Foi à impressora e trouxe-a para a sua secretária. Observava cada detalhe da cara dele, olhava o seu sorriso aberto.

- Lindo! - e sorriu , ligou o programa a ver se ele estava *on line* , e desta vez foi ela que meteu conversa com ele.

- Olá!

- Maninha linda, almoçaste bem?

- Sim e tu?

- Eu almocei a pensar em ti.

- Hem?

- Sim, pensava na tua linda foto.

- Oh... não sejas tonto! – Maria Helena sorria.

- A sério... és mesmo linda, tens que me enviar outra foto, mas desta vez de mais perto. Tens uns cabelos lindos negros...tens um ar misterioso... e exótico... ☺

- Obrigada. - ela escreveu.

- Não tens nada que agradecer... és uma dádiva da natureza...

- Ahaha! Não gozes Ricardo . - ela escreveu.

- Não estou a gozar ... tens algo em ti ... não sei explicar ... és muito sensual.

- Ai... pára com essas coisas.

- Desculpa... estou a parecer um tótó!

Maria Helena sorriu.

- Mana, eu tenho que sair, tenho de ir à Câmara Municipal, volto mais tarde.

- Ok .

- Até logo beijinhos, maninha.

- Beijos.

Maria Helena fechou o programa, olhou mais uma vez a foto de Ricardo, nisto ouviu a voz do seu chefe no corredor:

- Ooopss... ele já aqui está?! - Pegou na foto e guardou-a na gaveta da sua secretária. Pedro Vilas Boas entrou no gabinete.

- Boa tarde Maria Helena.

- Olá, boa tarde Sr Dou... Sr Pedro.

- Algum recado?

- Não, nenhum.

- Ótimo..., Pedro sentou-se na secretária e olhava Maria Helena, esta levantou-se para buscar uma pasta de arquivo no armário, mas não lhe conseguia chegar e Pedro levantou-se rapidamente para a ajudar.

- Deixe, eu ajudo-a! - Pedro pegou na pasta e entregou-lha, olharam-se nos olhos e Maria Helena sentiu-lhe o perfume.

- Obrigada! - respondeu ela.

- De nada. - Pedro olhou-a profundamente e Maria Helena sentiu-se incomodada com aquele olhar e dirigiu-se para a sua secretária, ficou calada e Pedro observava-a.

- Maria Helena?

- Sim, Sr Pedro.

- Já tem resposta ao meu convite?

Maria Helena não sabia o que lhe responder.

- Bom... é que ...

- Sim?...

- Ainda não tenho resposta para lhe dar.

- Amanhã, julga que já me pode dizer alguma coisa?

- Sim, está bem, amanhã digo-lhe alguma coisa.

- Muito bem, mas não pense muito. - ele sorriu-lhe nisto o telefone tocou e Maria Helena atendeu.

- Sim?... Só um momento... Sr Pedro tem aqui uma chamada para si ...

- Quem é?

-D. Sofia Albuquerque.

- Xiiii ... não me apetecia nada falar com essa mulher.

- O que faço?

- Passe , passe!

- Cristina? Podes passar a senhora por favor.... Estou ? Boa tarde, só um momento por favor que o Sr Doutor já a vai atender. - Maria Helena passou a chamada para Pedro.

- Olá Sofia, estás boa? ... pois desculpa, mas não deu para passar por aí... tenho estado muito ocupado, sabes como é , estive ausente uma semana, o trabalho foi-se acumulando.... Sexta? ... Pedro olhou Maria Helena, esta levantou-se e saiu do gabinete, não lhe apetecia estar a ouvir o resto da conversa.

Sofia Albuquerque era a ultima conquista de Pedro Vilas Boas, era uma mulher já madura, mais velha do que ele, era directora geral, vestia-se muito bem, era muito inteligente e pertencia a uma família rica do Porto.

Ao chegar à recepção, Cristina, a recepcionista, disse a Maria Helena:

- Que melga!
- Como?! - Maria Helena não tinha compreendido.
- Essa tal de Sofia. Já ligou para cá três vezes, estas fulanas, são mesmo umas melgas!
- Ehehhe - riu-se Maria Helena . – É o amor Cristina!
- Amor?! Pelo amor de Deus Maria Helena, não me gozes!
- Cristina, Cristina! Não sabes como são as mulheres quando querem alguma coisa?
- Sei sim... e uma ‘coisa’ como o Doutor Pedro... ai ai ... até eu ... até rastejava se ele me quisesse!
- Ahahaha ... Cristina, tu és demais! - gargalhou Maria Helena, nisto Pedro saiu do gabinete e disse:
- Então? O que se passa? Estão as duas muito divertidas ...
- Desculpe, Senhor Doutor... - Cristina respondeu meia envergonhada.
- Desculpo porquê? Do que se estavam a rir?

Maria Helena e Cristina olhavam-se sem saber o que dizer.

- Hum, já vi que não me querem contar.
- Não é isso Sr Pedro... é que estávamos a falar de homens! - disse Maria Helena.
- Homens?!
- Sim, coisas de mulheres, entende?
- Ok , ok ... Maria Helena será que podia vir ao meu gabinete por favor?
- Sim, com certeza.

Maria Helena piscou a Cristina e seguiu Pedro.

Mais tarde em casa, Maria Helena encontrava-se muito pensativa e a mãe perguntou-lhe:

- O que tens rapariga? Pareces que queres falar de alguma coisa e não tens coragem.
- Maria Helena respirou fundo e disse:
- Não é nada ...
 - Bem, quem julgas tu que enganas? Sou tua mãe! Conheço muito bem as minhas filhas, especialmente tu, Maria Helena, és muito transparente nas tuas emoções. Vá conta, o que se passa?
 - É que nesta sexta-feira tenho de ir a uma festa com o meu chefe.
 - Uma festa com o teu chefe?! - perguntou-lhe a mãe admirada.
 - Sim... são coisas da empresa. - exclamou Maria Helena ocultando o verdadeiro significado da festa.
 - Bom... se são coisas da empresa tens de ir, não é?

- Pois... se calhar é melhor.
 - Se calhar é melhor?! Tens de ir Maria Helena, senão ainda te despedem!
 - Ó mãe também não é assim ...
 - Não é assim? Claro que é assim, hoje em dia empregos bons são difíceis de arranjar.
 - Se calhar vou chegar um pouco tarde ... e o pai... sabes como ele é...
 - Não te preocupes com o teu pai, vais a trabalho, não vais? Ele vai perceber.
 - Assim o espero...
 - Podes esperar, ele não vai dizer nada ... mas também não virás a altas horas da madrugada, pois não?
 - Julgo que não...
 - E estavas com essa cara por causa do teu pai não era?
 - Ah?!... Sim claro...
 - Já te conheço bem, Maria Helena! Vá! Vai buscar a tua irmã ao hospital, ela já deve ter acabado o serviço.
 - Sim, já vou. - Maria Helena levantou-se e dirigiu-se para a porta e saiu. Já dentro do seu carro sentia-se mais aliviada, mas ao mesmo tempo sentia um aperto no coração, o que se passaria? Porque se sentia assim? Ligou a ignição e o rádio do carro, ouvia-se uma música muito suave e arrancou. Pensava na foto de Ricardo, pensava no que ele lhe tinha dito, ‘A sério... és mesmo linda.... Tens uns cabelos lindos negros...tens um ar misterioso... e exótico... és uma dádiva da natureza...’, mas ao mesmo tempo vinha a imagem do seu chefe à sua cabeça , com aqueles olhos lindíssimos azuis e aquele perfume que a deixava zozza.
- Ao passar por um café perto do hospital onde Isabel trabalhava, viu o carro do seu chefe. Era um café frequentado por pessoas de alto nível social, abrandou o carro e espreitava para dentro do café para ver se o via, mas não conseguia ver nada. Teve foi que apressar a marcha pois o carro atrás dela mandou-lhe sinais de luzes.
- Parou o carro numa rua mais acima e estacionou o carro. Ao sair do carro viu o chefe a sair do café acompanhado de uns amigos, entre eles estava a Sofia que lhe tinha ligado naquele dia, não sabia porquê mas naquela hora sentiu-se triste, que parva!
- Ela toda nervosa pois não sabia se havia de aceitar o convite dele e naquele momento via-o a sair do café às gargalhadas com a pretendente dele número um! Que vá à festa com ela! E naquele momento todos os seus sonhos de participar numa festa de pessoas ricas e famosas tinham caído por terra! Ele que fosse à festa com a Sofia Albuquerque!
- No caminho de casa ela vinha calada a conduzir o carro e com cara muito séria, Isabel olhava-a e perguntou:

- O que foi? Estás com uma cara! ... Parece que viste bicho!
 - Vi vi... vi dois bichos!
 - O quê? ... Do que estás a falar, mulher?
 - Amanhã já sei perfeitamente a resposta que vou dar ao meu chefe.
 - Ah sim? E qual é?
 - Vai ser um NÃO redondo!
 - Não vais aceitar?
 - Nop!
 - E porquê? Posso perguntar?
 - Ele que leve a Sofia Albuquerque!
 - Quem é essa?
 - A última pretendente dele! É uma cota de 40 anos, rica e que anda pelo beicinho por ele!
 - E a que propósito vem essa agora?
 - Sabes aquele café perto do hospital? Aquele do *jet set*?
 - Sim.
 - Há pouco passei por lá e estava o carro dele cá fora, espreitei lá para dentro mas não o consegui ver. Estacionei mais à frente e vi-o a sair do café às gargalhadas com uns amigos e com ela! Estavam muito animados!
 - E depois?
 - Depois Isabel? Depois?... Qual é a dele? Qual é a dele de me convidar para ir à festa tendo essa fulana como pretendente?
 - Ouve lá, não te estou a entender... estavas toda excitada com o convite, já sabes da existência dessa mulher há muito, e agora o que te deu? Se ele te convidou é porque quer que sejas a companhia dele, não achas que se ele estivesse realmente interessado em ir com ela que não a tinha convidado primeiro?
 - Sei lá... não percebo nada! Talvez lhe queira fazer ciúmes! Talvez queira que eu faça figura de parva na festa.
 - Oh! Maria Helena, por favor! Ele sempre te respeitou nestes anos todos em que trabalham juntos, pelo que conheço dele e pelo que me contas, ele seria incapaz de fazer isso! Seria incapaz de te usar para fazer ciúmes a quem quer que seja, ele é suficientemente adulto para essas ceninhas!
- Maria Helena estava calada e entretanto tinham chegado a casa, entraram em casa e Isabel exclamou:
- Vou tomar um duche, estou muito cansada!

Maria Helena entrou no quarto e deitou-se por cima da cama e disse em voz alta:

- Que faço? Porque me sinto assim? Ai... estou tão confusa ...

Quando Isabel chegou ao quarto já Maria Helena dormia por cima da cama, Isabel foi buscar um cobertor e colocou-lho por cima, passou-lhe a mão na cara e exclamou:

- Dorme mana, precisas de descansar e ordenar as ideias. - Foi para a sua cama e deitou-se também.

Naquela noite Maria Helena e Isabel foram acordadas pelos gritos que vinham do quarto dos pais.

Mais uma noite em que o pai tinha chegado a casa tarde. Discutiam e insultavam-se mutuamente, foi preciso Maria Helena e a irmã acalmar a mãe. Quando as três se foram deitar já passava das cinco da madrugada e acordar às oito foi para Maria Helena um grande sacrifício.

V CAPITULO

A primeira conversa telefónica

Quando chegou ao escritório tinha os olhos inchados e doíam-lhe imenso que mal podia olhar para o computador.

Eram dez horas quando Pedro Vilas Boas chegou ao escritório, vinha com um fato escuro e gravata azul, estava muito elegante.

- Bom dia!

- Bom dia, Sr. Pedro...- Maria Helena não teve coragem de o olhar, não queria que ele a visse com aquele aspecto.

- Tudo bem?

- Sim, tudo. - ela olhava para o teclado e nem levantou os olhos.

Pedro logo se apercebeu que algo não estava bem e aproximou-se dela.

- Está tudo bem, mesmo?

- Sim está. - ela nem levantou o rosto.

Ele bateu com as mãos dele no teclado e exclamou:

- Será que me pode responder olhando-me nos olhos?

Ela assustou-se e levantou o rosto, eles olharam-se e Pedro perguntou:

- Que cara é essa? O que se passa? Tem os olhos inchados. Esteve a chorar? Foi alguma coisa de trabalho?

- Não Sr. Pedro... Peço desculpa... são problemas pessoais. Sei que não os devo trazer para o trabalho...

- Pare com isso, Maria Helena! Além de ser minha secretária é um ser humano. Todos temos problemas na vida ... - ele olhava-a e continuou – Foi o seu pai?

Ela acenou com a cabeça afirmativamente.

- Que chatice! - Pedro olhou-a com ternura quando viu os olhos dela, cheios de água. Sem querer uma lágrima saiu dos seus olhos.

- Estou cansada Sr. Pedro, cansada.

- Eu imagino! Aos anos que a conheço e o seu pai ... é sempre a mesma coisa... não sei como a sua mãe aguenta... Será que ele nunca mais ganha juízo?

- Acho que cada vez está pior!

Ela limpava as lágrimas que lhe caíam pelo rosto com as mãos. Pedro foi ao bolso do seu casaco e tirou um lenço e disse:

- Tome... limpe as lágrimas.

- Obrigada.

Maria Helena limpou os olhos com o lenço que cheirava a perfume. Pedro sentou-se na sua secretária e disse:

- Já deve estar farta de morar naquela casa, não?

- Sim, se não fosse pela minha mãe eu já tinha saído de casa.

- Mas olhe que você tem de seguir a sua vida um dia, não vai ficar presa à sua mãe para sempre.

- Eu sei, mas o que ele merecia era que todas nós o abandonássemos, merecia ficar sozinho!

- Vá... tenha calma. Vá tomar algo, está muito nervosa.

- Isto passa, o trabalho ajuda-me a esquecer.

- Muito bem, você é que sabe, eu vou tomar um café, adormeci e nem tive tempo.

Ele levantou-se, tirou o casaco pousou-o nas costas da cadeira e saiu do gabinete.

Ela ao vê-lo sair ligou o programa para ver se Ricardo estava *on line*. Mal Ricardo a viu entrar meteu logo conversa:

- Olá maninha!

- Olá!

- Como estás?

- Mais ou menos.

- Mais ou menos porquê?

- Problemas em casa.

- Com o teu pai?

Maria Helena já lhe tinha contado dos problemas que tinha em casa e de como era a sua relação com o pai.

- Sim.

- Que seca!

- Não dormi nada.

- Oh... tadinha.

Ela ergueu as sobrancelhas e escreveu:

- É...

- Olha...

- Diz.

- Podias dar-me o teu número de telemóvel, podíamos conversar.

- Tas maluco?! O meu chefe está aqui!

- Não estou a dizer agora. Para eu te ligar quando te sentires sozinha.

Ela sorriu, Pedro entrou naquele momento no gabinete e ela desligou rapidamente o programa. Ele sentou-se na secretária, bebia o café quando o seu telemóvel começou a tocar, ele olhou o número e não atendeu. Mais uma vez o telemóvel tocou e ele não atendeu. Maria Helena estava curiosa em saber quem lhe tinha ligado, nesse momento o telefone da sua secretária tocou.

- Sim? Só um momento ... Sr. Pedro? É a D. Sofia Albuquerque.

- Oh pá... que chata!... Disseram-lhe que eu estava?

- Não sei, vou perguntar ... Cristina? Disseste que o senhor doutor estava? ... Sr. Pedro? Não..

- Então diga-lhe que ainda não cheguei e que só volto após o almoço.

- Sim senhor... Cristina? Diz que o senhor doutor só volta após o almoço, está bem?... Obrigada. - ela desligou o telefone e Pedro disse:

- Obrigado, essa mulher é uma melga!

Maria Helena olhou-o e pensou que se fosse assim tão melga, ele não teria estado com ela na noite anterior onde riam às gargalhadas.

A manhã passou depressa, ela tentou esquecer os problemas que tinham acontecido naquela noite e entregou-se ao trabalho, ao olhar para o telefone em cima da secretária reparou no lenço de Pedro. Pegou nele e sentiu o perfume, fechou os olhos e exclamou:

- Cheira tão bem! - de repente lembrou-se de que tinha de dar uma resposta acerca da próxima sexta-feira e nesse instante ele entrou parecendo adivinhar os seus pensamentos. Ela sentiu a sua cara a ficar vermelha quando se apercebeu de que estava com o lenço na mão.

- Desculpe Sr. Pedro... aqui tem o seu lenço... se quiser ... posso levá-lo para casa para lavar...

- Ah?! Que disparate! ... - ele pegou nele e guardou-o sentando-se na cadeira.

Maria Helena voltou-se para o seu computador e Pedro perguntou:

- Maria Helena?

- Sim? - ela olhou-o.

- Já tem uma resposta para mim?

Ela apercebeu-se logo ao que ele se referia, mas fez-se de despercebida.

- Resposta?

- Sim... desculpe ... mas preciso de saber se vai acompanhar-me na sexta-feira?

Ela olhava os seus olhos azuis que condiziam com a cor da gravata. Ele era realmente um homem muito bonito e atraente.

- Então? Tem alguma resposta?

Ela respirou fundo e respondeu:

- Sim...eu vou consigo.

Pedro deu um sorriso aberto e disse:

- Muito bem, ótimo, fico contente por ter aceitado! Levantou-se, foi ao casaco e tirou a carteira, abriu-a e tirou um cartão bancário.

- Tome! Aqui tem o meu cartão de crédito, não quero que use o da empresa... compre o que quiser e não se preocupe com custos ... inclui jóias, cabeleireiro, esteticista e o que mais precisar ...

- Mas...

- Não há mas nem meio mas ... eu convidei-a ... é o mínimo que posso fazer ... tome!

Pedro deu-lhe o cartão e ela pegou nele timidamente.

- Sr. Pedro?

- Sim?

- A festa é formal?

- Sim é... embora eu preferisse ir de calças de ganga ... formal ando quase todos os dias e é uma seca ! - ele vestiu o casaco . – Bom... vou almoçar... ponha-se elegante ... porque bonita você já é.

Ele saiu do gabinete e ela ficou aparvalhada com o que ele lhe tinha dito. Sentou-se na secretária e ligou o programa e Ricardo estava *on line*.

Ela escreveu:

- Desculpa de manhã cedo mas tive de desligar de repente, o meu chefe entrou naquele momento.

- Não faz mal, não vais almoçar?

- Vou daqui a pouco.

- Já te sentes melhor?

- Sim, lá terá que ser, não é?

- Claro, temos de ultrapassar os problemas ... não te dás mesmo nada com o teu pai, pois não?

- Simplesmente não gosto da maneira como ele trata a minha mãe. Sei que todos os casais têm problemas, mas desde pequena que é sempre a mesma coisa.

- E a tua irmã? Ela também se sente assim?

- Sim, só que ela tem medo do meu pai, não tem coragem para o enfrentar. Coitada da Isabel!
Nem sei como teve coragem de ir para enfermeira!

- Chama-se Isabel?

- Sim, simplesmente Isabel! E o teu irmão como se chama?

- Luís. Luís Carlos.

- E o que ele faz na vida?

- Ele não quer nada ... só pensa em surf e miúdas.

- Mas não trabalha?

- Sim. Trabalha com o meu pai numa loja de artigos desportivos.

- E a tua mãe?

- Os meus pais estão separados.

Ela sentiu um pouco de remorsos por ter feito aquela pergunta.

- Oh!...eu não sabia.

- Sim... separaram-se há três meses, o meu pai meteu-se com quem não devia, a minha mãe saiu de casa, ficamos com o meu pai.

- Mas tens notícias da tua mãe?

- Sim, tenho. Ela está a morar em Espanha.

- Posso-te fazer mais uma pergunta?

- Claro, as que quiseres.

- Não pensas em ... casar?

Ela sentia-se curiosa em saber a resposta, ele hesitou a escrever.

- Talvez... ainda não pensei muito nisso, embora a minha namorada queira morar junto primeiro ... já andamos a pensar nisso.

Naquele momento Maria Helena sentiu um desânimo total, não sabia porque se sentia assim.

A esperança de o vir a conhecer um dia caiu por terra em que ele escreveu aquilo.

- Psiu... tas aí?- ele escreveu.

- Sim... vou almoçar.

- Oh.. já vais?

- Sim, já passa da hora ... adeus!

- Espera! ... Adeus? Porquê adeus? Logo, não vai dar falarmos?

- Não. O meu chefe vai estar aqui no escritório.

- Oh! ... mas tenta pelo menos... olha.

- Diz.

- Dá-me o teu número de telemóvel?

- Não!
 - Porquê?
 - Não posso.
 - Não podes, porquê?
 - Não posso dar o meu número de telemóvel a uma pessoa prestes a viver junto com a namorada!
 - Oh... Que parvoíce, Maria Helena!
 - Não é nenhuma parvoíce! Não quero problemas com a tua futura companheira.
 - Pára com isso! És minha amiga. Tenho várias amigas que me ligam e vamos tomar café e almoçar juntos, qual é o problema?
 - Mas a mim não me conheces.
 - Conheço sim!
 - Por foto!
 - Sim por foto, mas és a minha mana nortenha... e além disso... cada dia que passa tenho mais vontade de te ver pessoalmente.
 - E porquê?
 - Porque pareces ser uma pessoa inteligente, sensível... além de seres bonita... sensual...
- Ela ficou a olhar para o que ele lhe tinha escrito e depois escreveu:
- Tenho de ir... Tchau!
 - Ok... tchau... beijo grande.
 - Beijos.

Ela desligou o programa e sentia um vazio dentro de si.

A quilómetros de distância dali, Ricardo estava a entrar no carro quando foi abordado por um homem com mau aspecto.

- Ó jeitoso! Passa a carteira!

Ricardo ficou assustado e tentou manter a calma.

- Vamos, despacha-te! - o homem tinha uma faca na mão.

Ricardo virou-se lentamente e o homem insistia.

- Vá! A carteira e o telemóvel! Vamos, despacha-te!

Ricardo olhou à sua volta para ver se via algum polícia, mas estava completamente sozinho com o assaltante.

- Vamos! Queres que te espete a faca nessa carinha linda?!

Ricardo não se fez de rogado, levantou a perna e espetou um pontapé na mão do assaltante e a faca voou para o chão longe dali. Pegou-lhe pelos colarinhos e deu-lhe um soco na cara. O

homem caiu no chão e quando Ricardo estava a tentar ligar para a polícia o homem levantou-se e fugiu a sete pés.

Ricardo acabou por desistir de chamar a polícia. Nisto o seu telemóvel começou a tocar.

- Sim? ... Já estou a sair daqui ... nem vais acreditar no que acabou de me acontecer...

Após o almoço Maria Helena chegou ao gabinete e sentou-se na sua secretária. O seu telemóvel começou a tocar, ela procurava-o dentro do seu saco.

- Que confusão de saco! São só tralhas!

Finalmente conseguiu encontrá-lo e viu no visor o nome da sua irmã.

- Sim, Isabel? ... Como estão as coisas por casa? ... está bem... olha ... respondi sem pensar ... disse-lhe que ia com ele ... não faço ideia do que vou comprar... sabes o que ele me disse?... Deu-me o cartão de crédito e disse para não me preocupar com os custos e que estava tudo inserido, desde jóias, cabeleireiro, esteticista, etc... Isabel, pára de te rir, não tem piada... ah e mais... perguntei-lhe se a festa é formal, ele respondeu-me que sim e disse-me: ‘Ponha-se elegante, porque bonita você já é’ ... sim disse ... oh Isabel pára com isso... logo à noite? onde? Está bem pode ser, vamos dar uma volta no *shopping*¹⁰ e vemos se tem alguma coisa que me agrade...Que vais fazer de tarde?.. Dormir? Boa vida! ... Sim eu sei que é a tua folga, estava só a brincar contigo. Porquê que não vais dar uma volta até à praia com a Cláudia? Ide aos gajos ... está um dia tão bonito de Verão ... está bem, tu é que sabes... és uma totó... beijinho, até logo.

Estava uma linda tarde e Verão e Maria Helena estava vestida com uma *t-shirt* branca justa ao corpo e umas calças de ganga azuis.

- Que tarde tão linda para passear e aquela rapariga vai ficar em casa a dormir. É uma tontinha... - exclamava ela enquanto arquivava documentos e os colocava nas pastas respectivas. Como não chegava às prateleiras de cima, foi buscar um escadote pequeno à sala ao lado e colocava as pastas e falava sozinha:

- Ai... se eu estivesse de folga, ia dar uma volta pela praia.

Nesse momento entrou Pedro e como Maria Helena tinha deixado a porta aberta, não deu pela sua presença. Ele observava-a e escutava o que ela dizia.

- Consolava os olhinhos com aqueles corpinhos masculinos bronzeados... ela é mesmo uma totó ... ai ... ai ... Deus dá nozes a quem não tem dentes...

¹⁰ Centro comercial

Pedro ria-se com o que ela dizia, quando Maria Helena se virou no escadote deu de cara com ele sorrindo e assustou-se quase caindo. Pedro ao ver o escadote a abanar correu para a segurar e agarrou-a pela cintura.

- Tenha cuidado!

- Assustei-me consigo.

Eles olhavam-se nos olhos, Pedro tirou as mãos da cintura e disse:

- Desculpe, não a queria assustar.

Maria Helena sentiu-se um pouco incomodada com o que tinha acontecido.

- Não o ouvi chegar. - disse ela tentando fechar o escadote.

- Deixe, eu faço isso. - Pedro fechou o escadote e saiu do gabinete levando o escadote para a outra sala. O rosto dela estava vermelho e a sua cintura parece que ainda queimava sentindo as mãos dele. Tentava arranjar a t-shirt, Pedro entrou e disse:

- Peço desculpa, mais uma vez.

- Não faz mal, obrigado por ter levado o escadote.

- De nada. Ele tirou o casaco e sentou-se na secretária. Ela arrumava as pastas de arquivo.

Pedro observava-a e disse:

- Gosto de a ver de branco.

Ela sentiu uma pancada no coração e não percebeu porquê.

- Obrigada.

- Condiz com a cor do seu cabelo ... essa cor é natural?

- Sim, saio ao meu pai, cabelos negros e olhos verdes.

- Parabéns ao pai.

- Parabéns ao pai?

- Sim... por ter feito uma filha tão bonita.

- Oh... sou uma rapariga como outra qualquer ... um pouco cheiinha!

- Oh... que parvoíce ... você é bem constituída...assim é que está bem, não se subestime

Maria Helena, você é muito bonita ... não entendo como é que ainda não tem namorado.

Lá estava ele com aquelas conversas, ela sentia que aquela viagem dele tinha tirado a formalidade que existia anteriormente entre os dois. ‘O que lhe teria acontecido? Teria batido com a cabeça ao fazer esqui?’

- Não... ainda não encontrei aquilo que quero ... se calhar eu sou muito exigente, não sei.

- E o que procura num homem Maria Helena? ... peço desculpa pela minha pergunta.

- Não faz mal... não procuro nenhum príncipe encantado, porque príncipes encantados não existem. Procuro uma pessoa simples, simpática, inteligente, generosa, trabalhadora e... que me ame acima de tudo nesta vida!

Pedro observava-a calado e levou uns minutos a falar.

- E dinheiro?

- O que tem?

- Não quer que ele tenha dinheiro?

- Não! O dinheiro não traz felicidade! Pode contribuir para uma vida melhor, mas não compra o amor!

Mais uma vez ele ficou calado com o que ela lhe tinha dito.

- Espero que um dia encontre essa pessoa.

- Também eu!

Ela deu uma risada e ele também. O telemóvel de Pedro começou a tocar e ele exclamou:

- Oh... outra vez ... sim, Sofia? Tudo bem?... Eu estou bem obrigado... na sexta? ... desculpa... já tenho companhia . – Pedro olhou Maria Helena e esta olhou-o.

- Vemo-nos depois lá... logo à noite? Não posso, tenho de acabar um relatório... a fugir? Não estou a fugir, porque estaria eu a fugir de ti? ... está bem... pronto ... um beijinho ... fica bem... adeus.

Pedro desligou o telefone e exclamou:

- Socorro!... esta mulher não desgruda... - encostou-se na cadeira com ar pensativo, Maria Helena olhava-o e sentou-se na sua secretária e começou a trabalhar.

Pedro não abriu mais a boca durante a tarde inteira e não saiu do gabinete. Maria Helena pensava no que o seu amigo da Internet lhe tinha dito e sentia-se triste, queria ligar o programa mas Pedro não parecia estar com ideias de sair do escritório.

Depressa chegaram as seis horas e ela começou a arrumar as suas coisas e desligou o computador e Pedro perguntou-lhe:

- Já vai sair?

- Sim.

- Está bem, eu vou ficar aqui a fazer o relatório até mais tarde. Amanhã não venho trabalhar, tenho uma reunião no banco e ao fim da tarde vou até ao ginásio, preciso de perder calorias, estar aqui no escritório por vezes sufoca-me.

Pedro estava com cara de desanimado, ficara assim desde o telefonema de Sofia Albuquerque, o que ela lhe terá dito?

- Eu depois ligo consigo, tome conta dos recados todos, por favor.

- Sim, senhor Pedro. Não se esqueça que tem uma reunião na empresa da D. Sofia Albuquerque na quinta-feira de manhã.

- Sim ... como poderia eu esquecer?

Maria Helena pegou nas suas coisas e levantou-se dizendo:

- Até amanhã, senhor Pedro.

- Até amanhã, Maria Helena.

Pedro observava-a a sair, ela fechou a porta, ele encostou-se novamente na cadeira exclamou:

- Ai Maria Helena, Maria Helena! O que está a fazer comigo?! Devo estar a ficar maluco! Envolveu-se novamente nos papéis e concentrou-se no trabalho.

Depois do jantar Maria Helena e Isabel andavam num *shopping* a ver se encontravam roupa para Maria Helena levar à festa na sexta-feira. Percorreram lojas e mais lojas e Maria Helena não encontrou nada que gostasse. Acabaram por se sentar na praça da alimentação, para descansar e beber água.

- Tu és uma esquisita! Nada te agrada! – Isabel exclamou.

- Já sabes como eu sou, umas coisas eram simples demais, outras chiques demais, quero algo discreto e que não seja nem muito formal nem banal.

- Está bem, está! E achas que vais conseguir alguma coisa?

- Porque não vamos a outro *shopping*? Este está visto.

- Ai ... está bem, que raio de mulher esquisita! – levantaram-se as duas.

Era quase meia-noite quando Pedro se preparava para sair do escritório, mas de repente o seu telemóvel começou a tocar.

- Sim?... olá ... estou... está bem...vou abrir a porta.

Pedro saiu do seu gabinete e foi abrir a porta da entrada e do outro lado estava Sofia Albuquerque.

- Olá!

- Entra...

Pedro virou-lhe as costas e ela seguiu-o. Entraram no gabinete.

- Coitadinho... a trabalhar até estas horas.

- Teve de ser.

Sofia chegou perto dele, colocou-lhe as mãos na gravata.

- Nem me cumprimentaste.

- Oh, desculpa.

Pedro deu-lhe um beijo na face. Sofia olhou-o nos olhos e disse:

- Estamos sozinhos Pedro, para quê tanta formalidade?

- Sofia, por favor...

- Por favor porquê? Já esqueceste os momentos que passamos?

- Sofia... já falamos sobre isso, acabou ok?

- Não Pedro, por favor ... não pode ter acabado assim... - ela acariciava-lhe o rosto. – Sabes o que sinto por ti, querido. – Ela encostou os lábios perto dos dele e beijava-lhe os cantos da boca. Pedro sentia-se incomodado e confuso, deixou-se beijar. Beijaram-se intensamente, Sofia tirou-lhe o casaco, desapertou-lhe a gravata e empurrava-o para cima da secretária de Maria Helena. Ela beijava-lhe os olhos, o nariz, as orelhas, Pedro estava encostado à secretária e sem que eles se apercebessem o computador ligou-se. Sofia virou-se e era ela quem estava encostada à secretária e puxava-o para si. Estavam os dois a ficar muito excitados quando de repente o computador ligou-se e no monitor apareceu uma foto de Maria Helena. Pedro assustou-se e recuou.

- Então? ... Deixa lá o computador...

Mas aquela fotografia incomodava-o.

- Não! É melhor parar!

-Parar?! Por causa do computador ter ligado? - ela não se apercebeu de quem estava no monitor. – Desliga-se!

Ela desligou o monitor, mas Pedro disse:

- Não, aqui não!

- Mas porque não? É mais excitante.

- Não! Pára por favor! – Pedro libertou-se dela.

- Ai Pedro! Dantes eras mais louco... - ela chegou-se perto dele novamente.

- Então... na minha casa ou na tua?

- Não, Sofia. – Pedro arranjava a gravata e vestia o casaco.

-Mas porquê?

- Sofia, pára por favor! Não insistas, já tivemos a nossa história.

- Oh Pedro!... eu adoro-te, eu amo-te!

- Sofia, eu disse-te que não queria sentimentos envolvidos, eu disse-te para teres cuidado.

- Mas quem é que te consegue resistir? Quem é que se envolve contigo sem se apaixonar?

- Pois... mas eu não posso fazer nada.

- Ai Pedro! Estás tão insensível...

- Sofia! Pára de agires como uma adolescente!

Sofia apertava a camisa e arranjava o cabelo e perguntou:

- Quem é que vais levar à festa?

- Isso não interessa.
- Diz-me, quem é? Mais uma das tuas conquistas?
- Pára Sofia!
- Vá... quem é a pindérica?
- Pára! – Pedro deu um grito.

Ela olhou-o e disse:

- Quem tu pensas que és para gritares comigo?
- E quem tu pensas que és para chamares pindérica a uma pessoa que nem sabes quem é?

Nos olhos de Sofia viu-se ódio e raiva e ela exclamou:

- Vou-me embora.
- Ótimo! Nem devias ter aparecido cá!

Sofia abriu a porta e disse:

- Não te esqueças da reunião na quinta-feira de manhã!
- Lá estarei!

Sofia bateu com a porta e Pedro sentou-se na secretária de Maria Helena, passou as mãos no cabelo e ligou o monitor, lá estava a cara de Maria Helena sorridente. Ele observou-a, fechou os olhos e desligou o monitor, deu um murro na secretária e exclamou:

- Que burro! Sou um grande burro!

No dia seguinte, Maria Helena chegou ao escritório e reparou que alguém tinha estado lá. As cadeiras não estavam no sítio e a sua secretária estava com os papéis espalhados. Ao olhar para o chão reparou que algo brilhava, apanhou e reparou que era um brinco. Pegou no telefone.

- Cristina? ... Podes chegar aqui por favor?

Passados uns segundos a recepcionista entrou no gabinete.

- Sim?
- A que horas saíste, ontem?
- Eram quase sete horas, porquê?
- O chefe ficou aqui?
- Sim.
- Sozinho?
- Sim... porquê tantas perguntas?

Maria Helena mostrou-lhe o brinco na mão e disse:

- Conheces isto de algum lado?
- Não, não é meu. É teu?

- Achas?! Isto é de ouro, achas que tenho dinheiro para andar com brincos de ouro e brilhantes?!

- Então... se não é meu nem teu ... de quem será?

- E como vou eu saber? A sala está toda desarrumada.

- Uma coisa é certa Maria Helena, isso é de uma mulher, o senhor doutor não usa brincos!

- Sim... resta saber de quem?

- Será assim tão difícil?

- Quem?... A Sofia Albuquerque?!

- Só pode!

- Que cena! A recusar chamadas dela e depois trá-la para aqui?! ... Que nojo!

- Nojo?! O escritório é dele, a empresa é dele. Pode trazer para aqui quem quiser.

- Fazes-me um favor?

- Diz.

- Vais buscar um pano e limpa-vidros?

- Para quê?

- Vou limpar esta secretária!

- Credo! ... tu és demais.

- Vá... vai buscar por favor, não quero colocar as minhas mãos, onde ...

- Ei! Maria Helena! Não estarás a exagerar?

- Não! Já viste como está a minha secretária?

- Ok , ok eu vou buscar.

Passados uns momentos a secretária já estava limpa. Ao ligar o computador reparou que já estava ligado.

- Que cena! Ainda por cima ligaram o computador... - nisto o telefone tocou. – Sim? ... Diz Cristina? ... O senhor doutor?... Passa... Tou? ... Bom dia ... deixe-me ver ... - ela pousou o telefone em cima da secretária e foi à secretária de Pedro e viu o relatório. – Tou? Sim está aqui ... Não o estafeta não está , foi ao Porto... Eles também não estão, foram para Lisboa de manhã cedo... sei onde fica, mas como vou para aí? Não temos carro disponível!... O que está na garagem?! ... sei sim... e onde estão as chaves?... vou ver ... - mais uma vez pousou o auscultador e foi à gaveta de Pedro e dentro de uma caixa tinha umas chaves de carro. – Tou? ... Sim, estão aqui ... está bem, até já.

Ela desligou a chamada, pegou nas chaves e no relatório e disse a Cristina.

- Olha... vou levar o relatório ao Senhor Pedro que está no banco, a noite foi de tal maneira que até se esqueceu disto.

- Xiii...

- Ainda por cima tenho de ir no carro dele que está na garagem.

- O quê? Tu vais naquela máquina?

- Lá terá que ser.

- E sabes conduzir aquilo?

- Sei lá! Estava com dúvidas e ele disse-me todo chateado ‘Não sabe conduzir? Quem conduz um carro conduz qualquer um!’ Passou-se mesmo, estava mesmo com voz de chateado.

- É porque a noite não lhe agradou. – Cristina começou-se a rir.

- Cristina! Pára por favor!

Maria Helena saiu do gabinete e desceu à garagem, com o comando abriu a porta e viu o carro. Carregou no comando das chaves do carro e este abriu. Ela entrou e exclamou:

- Vamos ver se não tenho nenhum acidente. – ligou a ignição. – Pronto! A trabalhar já está!

Saiu devagar da garagem e ao chegar à rua arrancou, só que largou depressa a embraiagem e carregou demais no acelerador e o carro derrapou. Ao passar perto de um cruzamento, Sofia Albuquerque viu o carro e disse:

- Mas ... aquele é o carro do Pedro! Quem é que vai lá dentro?

Arrancou com velocidade no seu carro e tentava alcançar Maria Helena. Sofia tentava descobrir quem conduzia o carro.

- Não é o Pedro! ... é uma mulher ... mas quem será?

Maria Helena ia com alguma velocidade quando se apercebeu que um carro vermelho a perseguia por onde quer que ela virasse. Sofia virou o tapa sol para baixo para não ser conhecida e tentava ultrapassá-la.

- Quem será? – dizia Maria Helena indo cada vez com mais velocidade. Sofia perseguia o carro de Pedro que Maria Helena conduzia

Maria Helena estava assustada e exclamou:

- Meu Deus! Alguém me vem a perseguir! Valha-me Deus! – Ia com mais força.

Sofia exclamou:

- Sacana! Não consigo ver quem é! Deve ser a nova conquista dele! Dever ser a tal que ele vai levar à festa!

Os dois carros iam pelas ruas a grande velocidade até que num semáforo vermelho Sofia teve de parar e Maria Helena conseguiu despistá-la.

Já à porta do banco Maria Helena olhava para todos os lados e exclamou:

- Parece que se foi embora!

Entrou num parque de estacionamento, saiu do carro e entrou no prédio do banco a correr com o relatório na mão. Ao chegar ao banco ia com a cara de assustada, chegou à recepção e disse:

- Bom dia! Desculpe, venho trazer um relatório para o senhor Pedro Vilas Boas que está em reunião com a gerência.

- É a secretária?

- Sou sim.

- Ao fundo do corredor porta à direita por favor.

- Obrigada.

Maria Helena ia pelo corredor com a respiração ofegante e bateu à porta, esta abriu-se:

- Bom dia!

- Bom dia!

- Desculpe, venho trazer o relatório do senhor doutor Pedro Vilas Boas.

- Ah.. sim, Pedro? ... Está aqui a tua secretária! Mas, entre menina, entre!

- Obrigada.

Maria Helena entrou numa sala com uma mesa comprida cheia de pessoas, a maioria eram homens que ao vê-la a olhavam. Pedro levantou-se e foi ter com ela e reparou que ela não estava bem.

- Obrigado, mas ... o que se passa? Você está branca! Aconteceu alguma coisa com o carro?

- Não, mas ... não sei se foi imaginação minha... mas ... alguém me vinha a perseguir.

- Como?

- Sim, tentaram ultrapassar-me varias vezes e encostaram o carro à traseira do seu carro.

Pedro ficou estupefacto e exclamou:

- Tem a certeza?

- Sim tenho.

Pedro ficou pensativo e disse-lhe:

- Quer um copo de água?

- Não, obrigado, mas estou com receio de voltar.

- Sim claro. Onde deixou o carro?

- No parque de estacionamento ao lado.

- Fez bem, espere um pouco por favor.

Pedro foi perto do telefone.

- Qual o numero da recepção?

- 9 . – respondeu o gerente.

- Obrigado.

Pedro marcou o número.

- Sim? Podem chamar um táxi por favor? ... Sim, é para a minha secretária, quando chegar, avisem, está bem?

O gerente do banco perguntou:

- Pedro? Passa-se alguma coisa?

- Não, não ... depois falamos.

Ele chegou perto de Maria Helena com o seu copo de água e disse-lhe:

- Vá tome...vai sentir-se melhor. Não se preocupe, já chamei um táxi. Vai de táxi, está bem?

- Obrigado... e se estiverem à minha espera lá fora?

- Não me parece, quem quer que fosse que a seguiu, era por causa do carro, tenho a certeza.

Maria Helena olhou-o, Pedro estava com cara muito séria.

Cá fora Sofia passava na rua e olhava para todos os lados a ver se via o carro.

- Diabos! Conseguiu escapar-se!... Não faz mal... na festa irei ver quem é ela e pode ter a certeza que lhe vou fazer a vida negra! Se o Pedro não for meu... também não irá ser de mais ninguém!

Sofia sorriu com um sorriso maléfico e arrancou no carro. Entretanto um táxi chegou perto do banco e parou.

Naquele dia à noite, Maria Helena contou a Isabel o que lhe tinha acontecido deixando-a estupefacta. Passeavam no *shopping* e Maria Helena dizia:

- Nem tenho vontade de comprar nada!

- Tem calma! Já passou.

-Aquilo pareciam cenas de um filme.

- Mas não reparaste se era homem ou mulher?

- Não... é assim... parecia-me uma mulher, mas a conduzir daquela maneira, devia ter sido alguém com alguma experiência a correr em carros.

- Vá... tenta esquecer isso, pelo menos já encontraste a roupa que querias comprar, vamos agora comprar o calçado e os acessórios.

Maria Helena respirou fundo e entraram numa loja de calçado.

No dia seguinte, Maria Helena ligou o computador e o programa a ver se estava lá Ricardo. Quando viu que sim, logo lhe contou o que lhe tinha acontecido.

- Este país está a ficar muito inseguro. Sabes também o que me aconteceu?

- Não.

Ricardo contou-lhe que um assaltante quase lhe tinha roubado a carteira e o telemóvel. Maria Helena ficou ainda mais assustada.

- Mas ele não te agrediu?
 - Não, ele é que levou um pontapé. Dei-lhe um pontapé na mão, que a faca que ele trazia na mão voou logo!
 - Deste-lhe um pontapé na faca?
 - Sim e peguei-lhe nos colarinhos e dei-lhe um soco na cara que o fez cair redondo no chão, quando eu estava a ligar para a policia ele fugiu a sete pés!
 - Ricardo! Foste muito corajoso!
 - Também acho ... eheheheh .
 - Lol – ela escreveu.
 - Maria Helena?
 - Sim ? - ela escreveu.
 - Dá-me o teu número de telemóvel.
 - Oh... não.
 - Mas porquê?
 - Já sabes.
 - Deixa-te disso! Eu vou dar-te o meu.
 - Podes dar, mas eu não te ligo.
 - Não sejas mazinha.
- Ricardo escreveu um número e Maria Helena pegou numa esferográfica e anotou-o. Ela queria dar-lhe o número dela, queria ouvir-lhe a voz, mas tinha receio e timidez.
- Dá-me o teu... queria tanto ouvir a tua voz.
 - A minha voz é feia.
 - Oh... deixa-te disso... anda lá...
 - És um chato!
 - Eu sei ... vá... não custa nada.
 - E a tua namorada?
 - Ela não vai saber, não é? É óbvio que quando eu te ligar ela não estará por perto.
 - E se ela te pergunta de quem é o número? Se vai ao teu telemóvel?
 - Ela raramente pega no meu telemóvel e se pegar és uma amiga do trabalho, ok?
- Maria Helena queria dar-lhe o número, mas ao mesmo tempo sentia o tal receio, ela começou a escrever os primeiros dígitos e depois parou.
- O resto? Onde está o resto?
 - É melhor não. – ela escreveu.
 - Anda lá, só faltam dois ...

Ela respirou fundo e escreveu os dois números que restavam, passados uns segundos o seu telemóvel começou a tocar. Ela olhou para o número que tinha anotado e viu que era o mesmo. Ela desligou.

- Oh... então? Não desligues.

O telemóvel começou a tocar novamente, ela estava nervosa, respirou fundo e atendeu.

- Sim?

- Olá!

Ela ouviu finalmente a voz dele.

- Olá! – ela respondeu timidamente.

-Tás a ver? Não custou nada!

Ela começou-se a rir.

- Pois não! Sou uma parvinha!

- Não és nada, és a minha maninha nortenha.

Ela riu-se e disse:

- Gosto do teu sotaque.

- Sotaque? Mas qual sotaque? Vocês é que têm sotaque.

- Olhem-me este!! Devem ter a mania, vocês!

Ele deu uma gargalhada.

- Estás a rir-te de quê?

- És engraçada.

- É ... brinca!

- Não estou a brincar, gosto da tua voz ... é meiga.

Ela sorriu e sentiu-se a corar.

- Até me fazes corar.

- Oh! Tontinha! O teu chefe?

- Não está.

- Ainda bem, estava aqui a falar contigo toda a vida, mas estou a gastar dinheiro.

- Pois é.

- Agora já te posso ligar mais vezes, já tenho teu número.

- Sim.

- Vá... adorei ouvir-te, és uma querida.

- Eu também gostei de ouvir o teu sotaque lisboeta.

Ele riu-se e disse:

- Beijinho.

- Beijinho.

Ela desligou o telemóvel e sentia que o seu corpo e as suas mãos tremiam. Sorria e foi à gaveta buscar a foto dele, observava-a e disse:

- Tão lindo! – e deu um beijo na foto que guardou novamente.

Pedro estava na empresa de Sofia Albuquerque numa sala de reuniões com várias pessoas. Sofia olhava Pedro e este nem para ela olhava. Estavam em votação para aprovar um projecto e só faltava o voto de Sofia. Todos a olhavam, Pedro olhou para ela e ela finalmente deu uma resposta.

- Preciso que me faças mais um plano de preços, pois estes não são adequados.

- Mas... já tinham sido acordados, Sofia.

- Pois! Mas para que o projecto seja aprovado, necessito que revejas todos os preços por favor.

Pedro estava com ar de chateado e logo compreendeu o porquê dela lhe fazer aquele pedido.

- Ok ... como quiseres.

- Muito bem, irá ser agendada outra reunião. A minha secretária contactará com a tua para verem o melhor dia.

- Muito bem, como quiseres.

Pedro levantou-se.

- Com licença... bom dia meus senhores.

- Bom dia! – Responderam todos.

Pedro saiu da sala e entrou na sala de espera onde metia uns papéis dentro da sua pasta, quando se apercebeu que Sofia estava perto dele. Ele olhou-a de revés e ela disse:

-Tudo poderia ter sido mais fácil... tu é que não quiseste.

Pedro olhou-a nos olhos e respondeu:

- Tu és diabólica!

Ela soltou uma gargalhada e ele saiu disparado.

- Vemo-nos amanhã... na festa! – ela exclamou com voz alta mas ele nem olhou para trás.

Sofia entrou no seu gabinete e disse:

- Julgavas que não ias pagar pelo que me fizeste?! Pois sim! Ninguém brinca com Sofia Albuquerque!

Naquele dia à tarde Pedro chegou ao escritório com cara de chateado. Entrou no gabinete e Maria Helena desligou o programa onde tinha estado a conversar com Ricardo.

- Boa tarde.

- Boa tarde.

- Algum recado?

- Estão todos na sua agenda.

- Obrigado.

Pedro sentou-se e não deu uma palavra a tarde inteira. Já passava das seis horas quando Maria Helena arrumava as suas coisas.

- Já vai sair?

- Sim.

- Precisava que passasse esta lista de preços.

- Agora?

- Sim, agora.

Maria Helena ficou um pouco chateada porque já tinha desligado o computador. Ele entregou-lhe uma lista e ela sentou-se.

Eram quase sete horas quando Pedro olhou para o relógio.

- A secretária da Sofia já ligou consigo?

- Não, senhor.

- Se ela não lhe ligar amanhã ligue você, é para agendar uma nova reunião.

- Sim, senhor.

Maria Helena escreveu com mais força no teclado.

- Amanhã pode sair às cinco.

- Desculpe?

- Amanhã pode sair às cinco horas. Desculpe tê-la prendido hoje, mas precisava disso pronto. Como deve precisar sair mais cedo para se preparar, pode sair às cinco, mas avise por favor a Cristina.

- Sim, senhor.

- Ah... outra coisa.

- Sim?

- Como vamos fazer? Vou buscá-la à sua casa? Encontramo-nos nalgum sítio? Temos de lá chegar juntos.

Ela olhou-o e nem sabia o que responder, em sua casa nem pensar, além de ter vergonha de lhe dizer onde morava, não queria que ninguém a visse sair com ele.

- Podemo-nos encontrar aqui?

- Aqui?

- Sim.

- Pode ser. Às oito e meia?

- Sim.

- Combinado... ah... acho que não tenho o seu número de telemóvel, não vá eu atrasar-me.

- Está bem, eu dou-lho.

Maria Helena deu o seu número de telemóvel a Pedro que memorizou no seu.

- Já acabou de passar a lista?

- Sim, só falta gravar e imprimir.

- Obrigado.

VI CAPITULO

A Festa

No dia seguinte de manhã, a secretária de Sofia ligou com Maria Helena e agendaram nova reunião. Quando Pedro chegou já eram quase horas do almoço e ela teve de desligar mais uma vez o programa onde conversava com Ricardo.

Estava já a ficar viciada nas conversas com ele e sempre que tinha de estar sem falar com ele sentia-se triste. Conversavam acerca de tudo e estavam cada vez mais íntimos.

- Olá Maria Helena.

- Olá senhor doutor.

- Recados?

- Já ficou agendada a sua reunião com a D. Sofia.

- Ah sim? Ainda bem. Essa mulher é terrível. – ele sentou-se . – Aquela mulher é uma cobra!

Maria Helena não entendeu porquê que ele lhe disse aquelas coisas dela se numa noite anterior tinham estado juntos ali mesmo no gabinete.

- Ontem a ginástica rejuvenesceu-me, estou pronto para enfrentar as feras e começou a rir-se, Maria Helena sorriu e continuava sem entender.

- Agora que estamos mais à vontade, diga-me Maria Helena, como era o carro que a perseguia?

- Não conheci a marca, mas era de cor vermelha.

- Homem ou mulher?

- Não consegui ver muito bem, mas parecia-me uma mulher, mas ao mesmo tempo e sem querer subestimar as mulheres, acho que nenhuma mulher conduz assim.

Pedro ficou pensativo. - Apanhei um grande susto. Com os assaltos que por aí andam.

- Sim, especialmente os que se fazem por *carjacking*.

- Car... quê?

- *Carjacking*! Assaltantes mascarados abordam pessoas, especialmente nos estacionamento e semáforos e ameaçam-nas com armas de fogo e forçam-nas a sair do carro.

- Credo!

- Sim... especialmente as grandes marcas.

- Não fazia ideia.

- Sim, este país está a ficar muito inseguro. Depois pegam nos carros ou desfazem-nos para peças ou exportam-nos para os países de Leste ou África onde são vendidos ao desbarato.

- Não sabia.

- Sim... confesso-lhe que tenho receio de sair, especialmente à noite, existem por aí umas quadrilhas organizadas que pagam a fulanos quem têm necessidades monetárias para fazerem o servicinho sujo. E não podemos oferecer resistência, pois não hesitam em atirar.

- Credo! - Maria Helena estaca com cara de assustada. – Ainda bem que tenho um carro velho.

- Não pense assim! Eles também roubam carros fracos, às vezes para participar noutros assaltos e depois tiram-lhes as peças que querem e abandonam os carros em lugares pouco povoados.

- Ai ! Sr Pedro, não me assuste...

- Desculpe, mas só quero alertá-la ... infelizmente ... já passei por isso... a minha noiva...

- Sim, eu sei... mas ... acha que tentaram roubar-lhe o carro?

- Não sei... provavelmente, mas não sei ... geralmente andam aos grupos. Bom... mudando de assunto que você já está com uma cara de apavorada, vim só assinar os cheques e vou sair novamente, vou ter de comprar a roupa para logo, a porcaria do fato ou melhor o *smoking*¹¹ que eu tinha já não me serve ... engordei, veja lá!

Ela riu-se. - E você ri-se. – ele sorriu também.

- Desculpe, mas não acho que esteja gordo, acho que está ótimo.

- Bem... obrigado pelo elogio. Mas preciso de ir mais vezes ao ginásio, estou a ficar com barriga e isso não pode ser.... Senão as mulheres não olham.

Ela riu-se e pensou ‘Que disparate! As mulheres olhavam de qualquer maneira para aqueles lindo olhos azuis.’

- Aqui estão os cheques para assinar.

- Obrigado. – ele sentou-se e sem querer as mãos dele grandes e bronzeadas tocaram nas dela pequenas e brancas. – Tem as mãos frias! – ele disse e pegou numa mão.

Ela sentiu-se estranha ao sentir a mão dele na dela.

- S...s.. sim... já é normal.

- Mão frias, coração quente, como se costuma dizer ...

Ela sorriu e tirou a mão um pouco envergonhada. Ele assinou os cheques e levantou-se.

- Vemo-nos logo à noite?

¹¹ Traje masculino de cerimónia que inclui um casaco geralmente preto e com a lapela revestida de cetim, e calças a condizer

- Sim.

- Aqui, às oito e meia?

- Sim, combinado.

- Até logo, então.

- Até logo.

Ele saiu e ela cheirou a sua mão que cheirava ao perfume dele.

- Hmm que cheirinho... este perfume – e fechou os olhos.

Após o almoço, Maria Helena ligou o programa e logo começou a falar com Ricardo.

- Logo saio às cinco.

- É costume às sextas?

- Não... tenho uma festa logo.

- Ai é? E o teu chefe deixa-te sair mais cedo para ires a uma festa?

- Eu vou com ele.

Ricardo ficou calado.

- Psiuu, tas aí? – ela escreveu.

- Sim, vais a uma festa com o teu patrão?

- Sim.

- E onde é a festa?

- Ele é sócio numa empresa de automóveis de topo de gama e hoje é a festa de apresentação de um novo modelo.

- Ah!- Ricardo não parecia estar a gostar do que ela lhe estava a dizer - E onde é a festa?

- É no Porto, num salão de eventos.

- Hm

- O que foi? Ficaste calado.

- Queres a verdade?

- Sempre a verdade.

- Não me agrada a ideia de ires a uma festa com o teu patrão... que idade tem ele?

- Não sei bem, à volta dos trinta.

- Hum

- Hum o quê?

- É giro?

Maria Helena sorriu e escreveu.

- É um pão!

- E porque vais tu com ele?

- Porque sou a sua secretária.
 - Tá bem tá... e até vais levar a agenda e tudo.
 - Ouve lá? Será que estou a notar ciúmes?
 - Ciúmes? Ahaha ... não sejas tontinha, sou teu mano, preocupo-me contigo.
 - A sério que é só isso?
 - Claro! Só acho estranho ires com ele a uma festa, é só isso.
 - Eu também achei estranho ao início... mas ... sou curiosa... quero ver até onde vai a história ...
 - Hum... afinal não és tão ingénua como pensei que fosses.
 - Finjo ser por vezes ... e além do que ... tenho curiosidade em saber como são as festas da alta sociedade.
 - Tens a certeza? Não terás um fraquinho por ele? É normal... secretarias e patrões...
- Ela ficou calada e escreveu.
- Não nego que ele me atrai. Eu quando vim para cá trabalhar, ele atraiu-me imenso mas, estava para se casar, mas por azar do destino... a futura mulher morreu num assalto. A partir daí ele tornou-se num autêntico mulherengo ... e além do mais ... porque iria ele interessar-se por uma pessoa como eu?!
 - Deixa-te de coisas! És inteligente, atraente, sensual e linda ... além de outras coisas mais. Atrais qualquer homem!
 - Pois, mas ele é riquíssimo, eu sou pobre, moro numa casa a cair aos bocados.
 - Isso já não interessa muito nos dias de hoje, o que interessa são as pessoas, não o que elas têm.
 - Mas existem certas pessoas que não pensam assim.
 - Eu sei, mas não me respondeste.
 - Ao quê?
 - Não terás um fraquinho pelo chefe?
 - Já te respondi. Ele é muito atraente, muito bonito... mas é-me inacessível... acho que tenho tendência a sentir-me atraída por pessoas inacessíveis.
 - Eu também?

Ela olhou para o monitor, respirou fundo e respondeu:

- Sim, tu também.

Ricardo manteve-se em silêncio, ela também.

Depressa chegaram as cinco horas e Maria Helena saiu do gabinete, entrou na receção e disse:

- Cristina, hoje vou sair às cinco, o Sr. Pedro já sabe.
- Hum, deves estar ansiosa para logo, não?
- Sim, confesso que estou super nervosa... eu, no meio de *jet set*.
- Tem calma, vais conseguir fazer sucesso, vais ver! Só te aconselho uma coisa.
- O quê?
- Tem cuidado com a Sofia Albuquerque! Aquela mulher é fogo! Assim que te vir com ele, vai ficar cheia de inveja.
- Pois... mas ele convidou-me! Azar o dela!
- Lá isso é verdade.
- Não tenho medo dela, não tenho nada com o Sr. Pedro. Somos patrão e funcionária, apenas!
- E será que ele não quererá mais?
- Bah! Não sejas tonta Cristina! Quem sou eu?! Bom... vou andando.
- Ok, bom fim-de-semana e boa sorte para logo.
- Obrigada, bom fim-de-semana também para ti.

Maria Helena sentia-se ansiosa e ao mesmo tempo com receio que as coisas corressem mal na festa. Não queria que o seu patrão tivesse vergonha dela.

Já passava das sete e meia quando ela chegou a casa. Ao vê-la com um novo penteado e toda maquilhada a irmã exclamou:

- Uau! Maria Helena nem pareces tu! Está lindo o teu cabelo!

Maria Helena sorriu.

- Gostas? Fica bem?
- Está óptimo... quando te vestires e calçares, acho que o teu chefe vai cair de costas.
- Ahah! Não sejas tonta! Ele já está habituado a ver pessoas chiques e bem vestidas.
- Pois, mas nunca te viu! Como eu gostaria de ser uma mosquinha para ver a reacção dele.
- Ai! Pára com isso! Ainda fico mais nervosa.
- Ok, desculpa.

Maria Helena olhou para o relógio, eram quase oito horas.

- Oopss... vou vestir-me.

Eram quase oito e meia quando Pedro chegou ao gabinete. Estava muito elegante, vestia um smoking e o seu cabelo estava cortado. Sentou-se na secretária e ligou o computador, nisto o telemóvel começou a tocar.

- Sim, Maria Helena?... está bem... eu já estou no escritório, mas não se atrapalhe, temos tempo... está bem, até já.

Ele desligou o telemóvel e via o seu correio electrónico. Passado um quarto de hora, ele ouviu a porta a abrir-se. A porta abriu e Maria Helena entrou.

- Boa noite Sr Pedro, desculpe a demora.

Ele estava com as costas viradas e respondeu:

- Não faz mal. – Ao virar-se deu de caras com Maria Helena. Ela estava maravilhosa. Trazia um vestido branco, solto, de alças finas. As alças tinham lantejoulas e o tecido do vestido era fino. Trazia uns brincos e um anel que cintilavam com as luzes do escritório. O seu cabelo estava comprido, com ondas largas que lembravam o estilo de outras épocas. As suas sandálias também eram brancas e condiziam com as alças do vestido pois tinham pequenas lantejoulas.

Pedro ficou estático a olhá-la sem nada exclamar, mas passados uns minutos por fim disse:

- Maria Helena! Você está... esplêndida!

Ela corou de imediato, mas mal se notou por baixo da maquilhagem.

- Obrigada.

Ele levantou-se sem parar de a olhar.

- Tem a certeza de que você é a minha secretária?

Ela sorriu e respondeu:

- Sim, sou eu.

- Você está lindíssima com esse vestido branco!

Ela foi à sua bolsa e tirou um cartão. O cartão de crédito que ele lhe tinha emprestado.

- Tome Sr. Pedro, o seu cartão, muito obrigado.

Ele pegou no cartão e respondeu:

- Obrigado eu... soube fazer muito bem uso dele. Posso pedir-lhe um favor? Não me leve a mal.

- Sim, diga Sr. Pedro.

- Dê por favor uma volta.

Ela sorriu e deu uma volta, ele observou-a de cima a baixo. Ela estava realmente muito elegante e linda naquele vestido branco um pouco decotado que lhe delineava os seios. Pedro estava maravilhado com a beleza dela e sentiu-se completamente atraído por ela. Já havia algum tempo que os seus sentimentos em relação a ela estavam diferentes e ao vê-la vestida daquela maneira chegou finalmente à conclusão de que estava a começar a sentir algo mais forte e que não sabia explicar o que era.

- Vamos, Sr. Pedro? – ela perguntou tentando acabar com o ambiente que se tinha criado.

- Si... sim claro. – ele abriu-lhe a porta e saíram. - Vamos para a garagem, o meu carro está lá.

Ao chegarem à garagem Pedro abriu a porta do carro. Era mais um carro topo de gama, ela entrou com cuidado para não amarrotar o vestido e ao levantá-lo viram-se as pernas. Pedro observou tudo ao pormenor. Entrou no carro e saíram. Dentro do carro estavam calados até que Pedro disse:

- Maria Helena desculpe, mas vamos dar umas voltas antes de lá chegar, não gosto de ser o primeiro. Ela sorriu.

- Está bem, como o senhor quiser.

Foram pela auto-estrada e por fim chegaram ao Porto, ao passarem perto do parque da cidade, Pedro disse-lhe:

- Vou parar, está uma noite tão agradável, vamos dar uma volta pelo parque? Eu sei que os nossos trajes não são os mais adequados e vão olhar para nós, mas deixe-os olhar é porque somos bonitos!

Pedro começou-se a rir e Maria Helena também. Ela ia a sair do carro e ele disse-lhe:

- Espere! Eu abro-lhe a porta!

Ele saiu e foi abrir-lhe a porta, ela saiu e mais uma vez ele observava-a, dirigiram-se para o parque, mas como eram horas de jantar não tinha muitas pessoas.

- Sabe bem caminhar a estas horas.

- Sim, eu também gosto, tenho pena de não o fazer mais vezes.

- Mas porquê?

- Gosto de ter companhia e a minha irmã como é enfermeira nem sempre está disponível.

- Eu também gosto de companhia... então... porque não combinamos umas caminhadas os dois? Fazemos companhia um ao outro.

Ela olhou-o e nem queria acreditar que ele lhe tinha dito aquilo.

- Porquê olha para mim?

- Porque... deve ter companhias melhores do que eu.

- Acha mesmo?

- Claro... os seus amigos e... amigas.

Ele riu-se e disse-lhe:

- Não tenho tantos amigos como pensa, amigos verdadeiros são poucos. Sabe... uma pessoa na minha posição nunca sabe se uma pessoa quando se aproxima é verdadeira ou não... a maioria são pessoas interesseiras, acredite.

- Sim... acredito.

- E se estou a convidá-la a si é porque é uma pessoa pura e verdadeira e não estou a falar apenas por ser minha secretária, estou a falar do ser humano que é.

Ela corou mais uma vez ao ouvir aquelas palavras e disse:

- Obrigada.

- Não, não agradeça, é apenas a verdade. Acho-a uma mulher corajosa, que sempre enfrentou os problemas de casa e nunca baixou os braços. Se fosse outra já tinha saído de casa, fugido do problema. Você fica em casa a dar apoio à sua mãe e à sua irmã. É uma mulher forte e apesar de tudo é divertida e simpática.

Maria Helena nunca tinha ouvido semelhantes elogios, nem mesmo da irmã ou das suas amigas. Estava calada, mas sentia-se nervosa pois não sabia o que responder. Pedro olhou o relógio e disse:

- Bom... vamos andando?

- Si... sim vamos.

Dirigiram-se para o carro e mais uma vez ele abriu-lhe a porta.

- Então? O que diz do meu convite?

- Mas... eu moro em Braga e o senhor mora no Porto, onde iríamos caminhar?

- Eu comprei há pouco uma casa em Braga, não há problema.

Ela sorriu e seguiram o resto da viagem até ao salão dos eventos, estavam muitos carros estacionados e havia luzes por todo o lado e até uma passadeira vermelha. Maria Helena começou a sentir-se muito nervosa e as suas mãos tremiam.

Ao chegarem à entrada apareceu um segurança que lhe abriu a porta, ela saiu, Pedro saiu também e o segurança levou o carro.

- Bom... cá estamos. Dá-me o prazer? – e deu-lhe o braço, ela meteu a mão e seguiram juntos pela passadeira vermelha. Entraram no salão, era um salão enorme, com muitas luzes e muito bem decorado, estava cheio de pessoas elegantes, bonitas e bem vestidas. Maria Helena queria fugir naquele momento, mas Pedro parecendo compreender os seus pensamentos disse-lhe baixinho:

- Tenha calma... eu estou aqui consigo.

Ela sorriu-lhe. A multidão ao vê-los começou a aplaudir e o sócio dele aproximou-se.

- Boa noite! Como sempre gostas de fazer uma entrada triunfal!

- Olá boa noite Miguel! Sabes como eu sou...

Cumprimentaram-se e Miguel ficou paralisado ao olhar para Maria Helena.

- Boa noite!

- Boa noite. – ela respondeu timidamente.

Todos se questionavam quem era aquela mulher lindíssima e elegantemente vestida que estava lado de Pedro Vilas Boas.

- Quem é?

- Não sei, mas é muito bonita.

Quem estava também no meio da multidão era Sofia Albuquerque que questionava quem era a mulher que estava com Pedro, ao aproximar-se logo a reconheceu.

- A secretária? Não pode ser!

- Sofia? Sofia? Tem calma! – disse-lhe um amigo.

Sofia chegou perto deles e Pedro disse-lhe:

- Boa noite, Sofia!

- Boa noite! – Sofia olhava Maria Helena, no seu olhar havia um misto de ódio, inveja e ciúmes.

- Não sabia que tinhas vindo a trabalho. – Sofia ironizou.

- Desculpa?

- Trouxeste a secretária, deves ter vindo a trabalho!

Maria Helena sentiu-se mal com aquele comentário e Pedro ficou furioso, olhou Sofia nos olhos e respondeu:

- Hoje a Maria Helena é a minha companhia, não a secretária e espero que a trates como tal! Agora com licença, tenho de ir cumprimentar umas pessoas conhecidas.

Pedro e Maria Helena foram em direcção a um grupo de pessoas e Sofia olhava-os com cara de ódio e raiva.

No centro do salão estava um carro coberto com um pano dourado e havia alguns fotografos.

No canto do salão estavam três homens que observavam tudo e todos com ar suspeito.

Finalmente Maria Helena viu pessoas conhecidas, eram fornecedores da empresa.

- Sr. Pedro? Posso ir cumprimentar o Sr. Manuel Barbosa e a esposa?

- Claro que sim.

Todos os homens a olhavam e comentavam.

- É muito linda!

- É um mulherão!

Maria Helena cumprimentou o casal e reparou nos três homens que estavam no canto, reparava que eles olhavam para o carro que estava coberto e ficou desconfiada.

A hora já ia avançada quando Pedro foi perto de um microfone que se encontrava ao lado do carro coberto e disse:

- Meus senhores e minhas senhoras, a vossa atenção por favor. - Todos pararam de conversar e fez-se silêncio no salão. – Antes de mais, boa noite e obrigado por terem vindo. É com enorme prazer que os recebo no lançamento de mais um novo desenvolvimento da nossa marca que irá de certeza ser do vosso agrado. Chamo por favor o meu sócio, o Sr. Eng.º Miguel Fontes.

Miguel aproximou-se do carro e ficou do outro lado, os fotógrafos tiravam fotografias.

- Quero que saibam que este será o primeiro carro da gama a ser comercializado no nosso país. Para mais conhecimento do seu funcionamento, extras, consumos, preço temos cá o representante oficial da marca na Alemanha, o senhor Tobias Mayer, ele fala inglês, por isso não há problema para que não souber falar alemão.

Todos sorriram e Sofia olhava para Maria Helena que desviou o olhar. O alemão juntou-se a Pedro e Miguel, as pessoas batiam palmas. Os fotógrafos tiravam mais fotos.

- Bom... chegou então o momento de vos mostrar a maravilha.

Pedro pegou numa ponta do pano, Miguel e o alemão na outra e descobriram o carro. Os flashes das máquinas fotográfica iluminavam o lindo carro de cor preta que lá estava, era um carro muito bonito, a multidão aplaudia, Pedro estava sorridente e foi para perto de Maria Helena.

- Então? O que acha do carro?

- Muito bonito, muito bonito mesmo! É uma máquina!

- Sim, uma máquina muito potente!

Os dois riram.

Logo uma multidão se aproximou do carro a admirá-lo e a fazer perguntas ao alemão. Pedro foi novamente ao microfone e disse:

- Desculpem!

As pessoas calaram-se.

- Podem aproximar-se das mesas, o jantar irá ser servido. Bom apetite!

Um grupo de pessoas dirigiram-se para as mesas, outras ficavam perto do carro. Um fotógrafo chegou perto de Pedro e Maria Helena.

- Desculpem, posso?

Maria Helena olhou Pedro e este respondeu:

- Sim, claro.

Ele colocou as mãos por cima dos ombros dela, ela segurava a sua bolsa com as duas mãos e o fotógrafo tirou a foto.

Ela pensou naquela altura ‘Mas que diabo! Onde irá aparecer esta foto? Nalguma revista do *jet-set*? E se o meu mano lisboeta me vê?’

Sofia Albuquerque observou a cena aumentando ainda mais os seus ciúmes e raiva.

Miguel, o sócio de Pedro era um jovem executivo e tinha também boa aparência. Tinha um excelente sentido de humor e todos os que estavam consigo não conseguiam estar mal dispostos. Ele e Pedro conheciam-se desde pequenos, tinham crescido juntos e entre eles havia cumplicidade e respeito mútuo.

Maria Helena conversava com o casal Barbosa e Miguel estava com Pedro.

- Eh pá! Diz-me uma coisa? Quem é o avião que trouxeste?

- O avião?

- Sim... embora ... seja mais um *Boing 747*¹²! Um mulherão!

- Não conheces?

- Não!

Pedro sorriu e disse:

- É a Maria Helena!

- Maria Helena?! Que Maria Helena?... ei... a tua secretária?

Pedro acenou afirmativamente com a cabeça.

- O quê? Tens um avião daqueles a trabalhar contigo há tantos anos e... nunca ...

- Nunca o quê homem?

- Tu sabes que eu quero dizer... só agora é que andas com ela?!

- Ei! Ouve lá! Respeitinho! Eu não ando com ninguém! Ela é apenas a minha companhia!

- Só? Companhia?! Como é que deixaste escapar um avião daqueles, pá?!

- Miguel pára com isso! A Maria Helena é especial!

- Especial?! Sim é ... especialíssima! É lindíssima! Não te escapa uma, não é?

Pedro pegou no braço de Miguel e apertou-o com força.

- Pára com isso, Miguel! Não te admito que fales assim dela!

- Ei... tem lá calma! O.k. , o.k. . Desculpa... mas conhecendo-te como eu conheço.

Pedro largou o braço.

- Sim, mas ela é diferente! A Maria Helena é como uma flor, uma flor sensível... que tem de ser tratada, não é uma mulher qualquer! Não é destas que andam por aí a oferecer-se a qualquer um... muito menos ao patrão... ela é ... angélica!

¹² O Boeing 747 é um avião *widebody* (Aeronaves de fuselagem larga) de longo alcance, projectado e produzido pela companhia norte-americana Boeing. Foi o primeiro avião *widebody* produzido e media duas vezes e meia o tamanho do Boeing 707(...). Aqui a grandeza do avião comparado à beleza de Maria Helena.

- Xiiiiii.... Tu estás completamente apanhado por ela! Ihiih O Pedro Vilas Boas finalmente apaixonou-se por uma mulher angélica!

- Vá! Miguel, pára com isso!

- Tu estás mesmo ... já não te via assim com essa carinha desde... bom... desde a morte da Luísa... desculpa falar nela, mas se estás mesmo a gostar dela, acho que sim.

- Achas que sim o quê, pá?

- Acho que sim, bolas! Acho que deves avançar! Ela é linda e pelo que contas ... especial... e deve ser mesmo ... para te conquistar não é qualquer uma, mas tem cuidado!

- Cuidado com o quê?

- Cuidado com a Sofia Albuquerque, ela é terrível e não se vai dar por vencida.

- A minha história com a Sofia já acabou há muito.

- Pois ... mas para ela não! Já viste a forma como ela te olha?

Pedro olhou-a e ela olhava-o.

- A Sofia não me assusta!

- Pois ... mas tem cuidado! Pode não fazer-te mal, mas pode fazer mal aqueles que amas, cuidado amigo!

- Ei... eu não amo ninguém!

Miguel riu-se e bateu-lhe nas costas.

- Se não amas ... então deves estar quase, quase!

- Oh! És parvo!

- Com licença... vou falar com o alemão.

- Vai, vai, já estás a dizer asneiras!

Pedro ficou sozinho e Sofia ao vê-lo sozinho aproximou-se dele.

- Nunca pensei que fosses baixar o nível.

- Desculpa?

- Foste-me trocar pela tua secretária?

- O quê?! Não sejas parva, Sofia! Eu não troquei ninguém por ninguém! Primeiro nós já não andamos, logo não te troquei por ninguém. Segundo, cuidado como falas da Maria Helena, ela tem mais nível do que muitas ricas que existem por aí! Terceiro não te admito que venhas com essas insinuações! Ela é apenas a minha secretária, que convidei para me acompanhar a esta festa, pois cansei-me das companhias falsas e interesseiras que tenho tido!

- Estás a referir-te a mim?

- Eu não me referi a ninguém em especial, tu é que estás a ficar ofendida.

- Pedro, para quê tanta agressividade? Quem ouvir vai julgar que estás apaixonado pela secretariazita!

Pedro olhou-a nos olhos e estava furioso.

- Se estiver ou não estiver o problema é meu e ninguém tem nada a haver com isso! O que queres com esta discussão, Sofia?

- Tu sabes bem o que eu quero! Quero-te a ti!

- Sofia! Pára com isso por favor! Pára! Será que não tens um pouco de amor-próprio? Olha para ti... és uma mulher inteligente, bonita, rica, podes ter os homens que quiseses! Não te sabes valorizar, diabos?!

Pedro tinha aumentado o tom de voz e algumas pessoas já se tinham apercebido que eles estavam a discutir. – Bom... é melhor acabarmos por aqui, mas só te digo uma coisa Sofia, deixa a Maria Helena em paz!

Pedro afastou-se em direcção a Maria Helena e Sofia disse a si mesma.

- Isso é o que iremos ver ... Pedro Vilas Boas!

As pessoas comiam, bebiam e sorriam, outras observavam o carro. Pedro estava perto de Maria Helena mas estava calado e ela não teve coragem de lhe perguntar o que ele tinha.

- Desculpe Sr. Pedro?

- Sim?

- Vou ao WC.

- Ah?... sim , claro.

- Com licença.

Sofia ao vê-la dirigir-se para as casas de banho das senhoras também se dirigiu para lá.

Quando Maria Helena saiu para lavar as mãos viu Sofia que estava parecendo estar à sua espera.

- Então? Está a divertir-se?

- Mais ou menos.

- Para si deve ser a sua primeira festa do género, não? Não creio que uma secretária tenha a oportunidade de ser convidada para festas da alta sociedade muitas vezes! Aproveite! Pode ser que seja a primeira e última! O Pedro não está habituado a ter ... determinadas companhias!

Maria Helena logo se apercebeu que Sofia estava a ser irónica e que a companhia a que se referia era ela. Ficou furiosa mas acabou de pintar os lábios e olhou-a.

- Aposto que o vestido foi ele que lho deu! ... Não a favorece muito! Devia optar por cores mais escuras! As pessoas assim... cheeinhas deviam usar sempre cores escuras.

Maria Helena estava prestes a explodir, dirigiu-se para a saída e respondeu muito calmamente.

- Obrigada pela dica... então aproveito as suas palavras para lhe dizer que para a próxima deveria usar uma cor mais clara... essa não favorece as magrezas esqueléticas! – e saiu rapidamente.

Sofia exclamou alto:

- Olhem-me esta! Já a formiga tem catarro!

Uma das convidadas ao entrar na casa de banho ouviu Sofia a falar sozinha e furiosa.

-Então Sofia? O que tens?

- Essazinha! ... Ai que ódio! Teve a petulância de me responder!

- Quem?

- A secretariazinha do Pedro! Já se deve julgar a senhora Vilas Boas!

- Mas porquê dizes isso?

- Porque lhe fiz um comentário e ela respondeu-me à letra!

- Sofia pára com isso! Pára de implicares com todas as mulheres que se aproximam do Pedro. Pelo que sei vocês já acabaram, porque insistes? E além do mais, pelo que ouvi dizer eles não têm nada um com o outro. Mas que perseguição a tua!

- Isso é o que eu vou ver, Ana! Essa sonsa está é morta por lhe colocar as mãos no dinheiro!

- Vá Sofia, pára com isso! A Maria Helena não é dessas, acredita! Ela é muito ingénua para isso!

- Ingénua?! Aahah – Sofia soltou uma gargalhada histérica. – Não me gozes!

- Vá... vamos para a festa, deixa a Maria Helena em paz! Vamos divertir-nos!

Elas saíram da casa de banho.

- Ouve lá ó Sofia? Tens ali um homem lindo e disponível, porque não aproveitas?

- Quem?

- O Miguel! O sócio do Pedro, não me digas que não o achas jeitoso?!

- É... sim... não é nada de se deitar fora... e pode ser-me muito útil!

- Sofia! Sofia! Pára com os teus esquemas!

Longe dali, Ricardo jantava com a namorada num restaurante. Estavam os dois calados e ela disse:

- Um cêntimo pelos teus pensamentos!

- Ah? O que disseste?

- O que tens Ricardo? Parece que estás longe daqui!

- Eu?

- Está aqui mais alguém?

- Ah! Não, desculpa Margarida! Hoje estou muito aéreo!

- Isso já reparei, mas passa-se alguma coisa? Alguma chatice no trabalho?

- Não, nada! Não se passa nada.

- Hum ...

Margarida olhava-o, mas não ficou muito convencida.

- Desculpa, vou ao WC, com licença.

Ele levantou-se, ao entrar na casa de banho tirou o telemóvel do bolso e apetecia-lhe ligar para Maria Helena, mas ao mesmo tempo achava que era melhor não, pois ela podia não o atender ou não querer atender, ou ela poderia estar ocupada... com o patrão. A sua cabeça estava a mil à hora e disse em voz alta:

- Devo estar maluco! Aquela rapariga está a deixar-me doido! Tenho de cair em mim!

Lavou a cara, voltou para a mesa e sentou-se.

- Ricardo ?

- Diz Margarida?

- O que achas de irmos morar juntos para o fim do mês?

Ricardo estava a beber e engasgou-se.

- O quê?

- Tem calma! Não te engasgues! Sim, morar juntos para o fim do mês?

- Já?

- Ricardo! O que se passa? Afinal já tínhamos falado disso, porquê o espanto?

- Não é isso! É que ... apanhaste-me de surpresa ... não seria melhor depois das férias?

- Oh... Mas o que tem a haver as férias a haver com isto?

Ricardo manteve-se calado e não sabia o que responder e por fim disse:

- Teríamos de começar já a arrumar as coisas, pois falta pouco para o fim do mês e se vamos de férias já em Agosto não valeria a pena o trabalho. Já viste? Ter de fazer as malas novamente?

Margarida ficou pensativa e disse:

- Lá nisto tens razão. Mas é que estou tão desejosa de morar contigo, ver-te todos os dias.

- Mas, já me vês todos os dias.

- Oh Ricardo! Não é a mesma coisa. Acordar contigo, ver o teu lindo sorriso ao acordar, tratar das tuas coisas.

Ele sorriu e disse:

- Nunca pensei que tivesses um lado tão... doméstico! Uma mulher tão citadina a querer tratar as coisas do mari... quer dizer do namorado.

- Bem que podias dizer marido, adorava casar contigo, tu sabes disso.

Ricardo sorriu.

- Bom... vamos andando?

- E para onde vamos hoje?

- Hum... não sei, ainda não pensei.

- Porque não vamos para o teu apartamento?

Ele sorriu e disse:

- E o que vamos fazer para lá?

- Hum... adivinha.

Eles levantaram-se e beijaram-se. Ao saírem do restaurante viram um jovem rodeado por duas raparigas.

- Aquele não é o teu irmão?

- Sim... parece que sim.

- Com duas? Bem... ainda bem que não és como ele.

Ricardo olhou-a sem nada dizer.

Já passava da meia-noite quando na festa as pessoas começaram a dançar. Maria Helena estava encostada num canto, sozinha e observava as pessoas a dançar. Quando por trás ouviu uma voz.

- Quem teve a coragem de a deixar sozinha?

Ela olhou para trás, era Miguel, ela sorriu.

- Quer dançar?

Ela não sabia o que responder e disse:

- Não sei dançar muito bem.

- Deixe lá, já somos dois, aceita?

Ele ofereceu-lhe o braço e foram os dois para o meio do salão.

Começaram os dois a dançar cada um para si, a certa altura ele puxou-a para si e começaram a dançar juntos.

Pedro estava distraído a conversar quando de repente olhou para o centro do salão e viu os dois, eles pareciam estar muito divertidos, dando gargalhadas. Sentiu muitos ciúmes e não conseguiu explicar porque tinha sentido aquilo. Ficou estático, olhando-os a divertirem-se, nisto ouviu-se uma voz por trás dele.

- Então? Perdeste o par?- era Sofia . – Que pena! Tu aqui sozinho? ... ela trocou-te pelo sócio? Ahahah – ela soltou um riso maléfico.

- Pára com isso, Sofia!

- Oh... então? Vá... vem dançar comigo, lembras-te da última vez que dançamos?

- Não me lembro, nem estou minimamente interessado em lembrar ou de dançar contigo! Esquece-me, ok?

Pedro saiu de perto dela e dirigiu-se para a casa de banho dos homens. Ela sorriu olhando Maria Helena e Miguel.

A música começou a ser mais suave e Maria Helena e Miguel dançavam juntos, ela sentiu a mão dele nas suas nádegas e tirou-lhe a mão.

- Desculpe ... - disse Miguel.

Ela olhou-o com cara séria, Pedro entretanto entrou novamente no salão e ao vê-los aproximou-se e disse:

- Desculpa Miguel, mas a companhia é minha...

Eles pararam de dançar.

- Ah! Pois é... é toda tua! Com licença... foi um prazer.

- Igualmente. – Maria Helena respondeu.

Pedro aproximou-se dela, olhou-a nos olhos e disse:

- Posso?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça. Ele pegou-lhe na mão e encostou-se a ela. O seu perfume invadia Maria Helena o que a fez sentir-se tonta. Ela sentia o corpo dele quente encostado ao seu. Pedro sentia o perfume dela e sentiu a suavidade das suas mãos. Olhou-a nos olhos, aquele verde imenso, que mais parecia as belas paisagens do norte de Portugal. Ele disse:

- Desculpe tê-la deixado sozinha.

- Não faz mal, o senhor tem de conversar com os seus conhecidos.

- Isso não é desculpa por tê-la deixado sozinha. O Miguel portou-se bem?

- Como assim?

- O Miguel é bom rapaz mas é um pouco atrevido.

Ela sorriu e não lhe contou nada daquela mão que desceu até ao seu traseiro.

- Sim, portou-se.

Pedro sorriu e continuava a olhá-la profundamente, ela sentia-se incomodada com aquele olhar e desviou o olhar.

- Porque desvia o seu olhar? Tem uns olhos lindíssimos.

- Obrigada... os seus também são bonitos.

- Não tanto quanto os seus, mas ... faltam-lhe brilho. – Ela baixou os olhos, ele sorriu. – Você é tímida.

- Sou.

- Não precisa de o ser, já nos conhecemos há muito tempo.

- Sim, é verdade.

Sofia olhava-os com ciúmes.

Após ter acabado a música que estavam a dançar, começou outra muito calma. Pedro disse:

- A minha música favorita.

- Eu também gosto muito.

Pedro olhava-a mais uma vez e sentiu uma vontade imensa de a beijar. Observava os seus lábios brilhantes que mais pareciam duas cerejas. Mas de repente ouviu-se gritar:

- Todos para o chão! Depressa!

Ouviram-se gritos e choros.

- Mas o que diabo...

Pedro não tinha acabado de dizer a frase quando se viu ameaçado por um homem encapuzado que tinha uma arma. Maria Helena ficou em estado de choque e nem uma palavra disse.

- Vamos! Todos calados! Para o chão, vamos!

Eram quatro homens encapuzados, vestidos de preto. Um trazia uma arma de guerra. O homem que ameaçava Pedro disse:

- Vamos! Dá-me as chaves do carro!

- Mas...

O encapuzado deu-lhe com a arma na cara magoando-o. Maria Helena soltou um grito.

- Vamos, depressa, a chave! Ou queres levar um tiro?

Um homem forçava Maria Helena a baixar-se.

- Não lhe faça mal! – disse Pedro.

- Vamos! A chave!

- Não sou eu que a tenho! É o meu sócio! Miguel dá-lhes a chave!

Miguel levantou-se e atirou a chave para o chão, um dos encapuzados deu-lhe um soco e ele caiu no chão. Logo se gerou um ambiente e gritos e choros e houve até quem tivesse desmaiado.

- Calem-se! – o outro homem disse.

Dois deles abriram o carro, entraram e puseram o carro a trabalhar.

- Todos no chão! Caladinhos!

Maria Helena conseguiu tirar o telemóvel da sua bolsa e tentava marcar um número, mas as suas mãos estavam trémulas e mal conseguia. Por fim falou baixinho.

- Isto é uma emergência, preciso que liguem à polícia, rápido! Há um assalto no salão de eventos perto do parque da cidade. Rápido!... sim... uma ambulância também.

Por fim, os restantes dois homens entraram dentro do carro e saíram do salão quase atropelando algumas pessoas e levando a porta do salão à frente.

Pedro ainda correu atrás do carro, mas eles partiram a grande velocidade. As pessoas do salão foram erguendo-se aos poucos do chão, umas choravam, outras soluçavam, estavam todas com cara de assustadas. Pedro dirigiu-se ao microfone e disse:

- Calma! Tenham calma! Vou chamar a polícia!

Mas Maria Helena gritou:

- Eu já chamei! Se calhar ainda passam por eles!

Pedro olhou-a, ele tinha a cara a sangrar, ela pegou num lenço de papel e chegou perto dele.

- Deixe-me limpar-lhe isso.

Ela passava o papel na cara limpando o sangue.

- Deixe estar, eu estou bem.

- Tem de ser visto, tem o lábio rebentado e a cara pisada.

- Não se preocupe, eu estou bem. E você, está bem? Não a magoaram?

- Bem, não estou. Mas não me fizeram mal, graças a Deus.

- Ainda bem, estes estúpidos!

Bateu com a mão em cima da mesa. Passados uns segundos, ouviu-se uma sirene e logo chegou a polícia e a ambulância.

Passada uma hora já a polícia tinha tomado conta da ocorrência e os feridos tinham sido tratados, incluindo Pedro e Miguel. A maioria das pessoas abandonou o salão, Pedro estava com ar desanimado e disse:

- São incríveis estes gajos, pá! Este país está demais! Fazem qualquer coisa para roubar um carro, até matar se houver necessidade. Mas por mim, vou até às últimas consequências! Por mim vão ser presos e julgados!

Sofia ainda se encontrava no salão e foi perto dele.

- Lamento Pedro, foi uma cena horrível, nunca pensei...

- Nem eu! Isto cheio de pessoas, poderia ter sido uma tragédia!

- Sim, mas já passou, o carro tinha seguro contra todos os riscos, não tinha?

- Sim, mas isso não importa! Estas pessoas poderiam ter sido mortas, entendes? Sinto-me responsável pelo que aconteceu.

- Sr. Pedro que doidice é essa? Quem iria adivinhar que uma coisa destas iria acontecer? – Maria Helena exclamou.

Pedro olhou-a e Sofia disse:

- Bom, vou saindo, até um dia destes.

- Adeus Sofia. – respondeu Pedro.

Eram quase três da manhã e o telemóvel de Maria Helena começou a tocar.

- Tou?... Sim, Isabel... A mãe?...Eu estou mais ou menos, daqui a pouco saio, não se preocupem... até logo, beijinho.

Ela desligou o telemóvel e Pedro disse:

- Fez bem em não assustar ninguém. É melhor contar pessoalmente.

- Sim, não quis afligir ninguém.

Miguel estava por perto e disse:

- Bom... vou andando. Precisas de alguma coisa?

- Preciso! Que prendam aqueles bandidos!

- Poderia ter sido pior, pensa nisso, pá!

- Sim, eu sei... apesar das nódoas negras.

- Olha... vou descansar... isto é... se conseguir. Estou estafado, foram muitas emoções numa noite só.

- Sim, tens razão. Vai lá, pá.

- Bom fim-de-semana.

Miguel e Pedro cumprimentaram-se.

- Bom fim-de-semana Maria Helena e foi um prazer.

- Bom fim-de-semana. - Ela respondeu.

Eles cumprimentaram-se, ficando no salão apenas Pedro e Maria Helena. Pedro sentou-se e pôs as mãos na cabeça, sentia-se cansado, triste e desanimado. Maria Helena observou-o, mas não sabia o que dizer numa situação daquelas, ela sentou-se também. Também ela se sentia cansada e assustada. Ele levantou os olhos e viu lágrimas nos olhos dela.

- Então, Maria Helena?

- Desculpe, Sr. Pedro ... mas ... acho que só agora é que estou a cair em mim.

Pedro levantou-se e foi ter com ela, aninhou-se perto dela.

- Desculpe, tê-la feito passar por isto. A culpa é minha!

- Não! Não é nada. Que disparate! Quem é que iria adivinhar que uma coisa destas iria acontecer?!

As lágrimas caíam pelo rosto.

- Vá... tenha calma.

- Eu... eu julguei que eles nos iam matar a todos!

As mãos dela tremiam, ele pegou-lhe nas mãos e disse:

- Não fique assim... não chore, você foi muito corajosa, até chamou a polícia e a ambulância...

- Desculpe... mas nunca... pensei em passar por isto...

Ele olhou-a nos olhos que estavam ainda mais verdes, com a mão limpou-lhe as lágrimas.

- É tão bonita... não chore.

Ela olhou para a cara dele pisada e o lábio rebentado.

- Dói-lhe, o que tem na cara?

- Não mais do que vê-la a chorar.

Ela levantou-se.

- Vamos para casa?

- Sim, mas quero levá-la a casa, não vai conduzir nesse estado.

- Não é preciso.

- Sim, é o mínimo que posso fazer. Já é tarde e ainda pode-lhe aparecer alguém. Fim-de-semana, anda tudo à solta! Faço questão de a levar a casa.

- Está bem, vamos então.

- Sim, a polícia está lá fora, vai tomar conta do que está aqui dentro.

- Vou só à casa de banho.

- Está bem, eu espero.

Maria Helena dirigiu-se para a casa de banho e nisto ela começou a chamar:

- Sr. Pedro! Sr. Pedro!

- Sim? – Ele correu na direcção das casas de banho.

- Venha cá ver isto.

- O que foi?

- Entre! Veja isto!

Pedro entrou nas casas de banho das senhoras e viu-a a apontar para o chão, estava um capuz preto de malha. Ele ia apanhá-lo, mas ela disse:

- Não! Não pegue! Pode ter impressões digitais.

- Vou chamar a polícia!

- Sim, é melhor.

Já passava das quatro da manhã quando Maria Helena chegou a casa, Pedro parou o carro perto do portão da entrada.

- Mora num lugar sossegado.

- Sim, é. Gosto de morar aqui, apesar das cusquices¹³ de certas vizinhas.

Ele sorriu.

- Isso é normal, lugares pequenos são assim. Morou sempre aqui?

- Sim, a casa era dos meus avós, está a precisar de obras, mas aqui em casa nunca há dinheiro para nada!

- Pois... eu compreendo. Um dia você ainda vai ajudar os seus pais.

Ela sorriu e expirou.

- Não sei quando...

- Então? O que é isso? Não me diga que pretende ser secretária para o resto da vida?

- Pois... enquanto for jovem, depois quando já for velha, já ninguém irá querer uma secretária feia e cheia de rugas.

- Ei! Você nunca será feia! Que disparate!

Ela baixou os olhos e mais uma vez estes encheram-se de água. Ela tentava disfarçar. Ele puxou-lhe o rosto com as mãos e perguntou.

- Então? Está a chorar?

- Não...

- Não venha com a velha história do cisco no olho.

- Desculpe ... ainda estou a tentar recompor-me do que se passou.

- Eu compreendo, não iremos esquecer facilmente, mas você é uma mulher forte, vai aguentar!

- Pois... mas às vezes desfaleço.

- Está no seu direito, ninguém é de ferro, admiro-a pela sua coragem Maria Helena... - ele olhava-a. - Você estava tão linda hoje e aqueles gajos estragaram tudo. - Ele limpou-lhe as lágrimas da cara, observava os seus lindos olhos verdes, o seu cabelo negro um pouco despenteado, o decote do vestido, os lábios. Ela também o olhava e não sabia o que se estava a passar, sentia-se estranha com aquele olhar profundo e o seu coração começou a bater forte. Estava a sentir-se nervosa e não conseguia entender porquê. Com a mão ele tirou uma franja de cabelo que lhe cobria os olhos, aos poucos ele foi aproximando a sua cara da dela e ela pensou: ‘Meu Deus, o que se vai passar? Ele quer beijar-me? O que faço?’

Com este misto de pensamentos e sentimentos, ele tocou-lhe nos lábios e com as mãos acariciou-lhe os cabelos. Ela afastou-se de repente cortando aquele ambiente. Ele caiu em si e exclamou.

¹³ Bisbilhotices; mexericos

- Desculpe! Desculpe Maria Helena! Não sei o ...

- Bom fim-de-semana Sr. Pedro! – Ela abriu a porta do carro rapidamente e saiu. Ele também saiu e chamou:

- Maria Helena!

Ela fechou o portão de casa.

- ... Desculpe... - Ele disse mais uma vez entrando no carro. Bateu com as mãos no volante e gritou. – Estúpido! Idiota! Fui estragar tudo! E logo hoje! O que se passa contigo Pedro ?! – Ligou o carro e saiu a grande velocidade.

Isabel a irmã de Maria Helena acordou com o barulho do carro a derrapar e disse meia ensonada.

- Quem é o estúpido que anda por aqui a fazer barulho a estas horas?

Nisto entrou a irmã no quarto, Isabel acendeu o candeeiro e olhou para o relógio, eram quatro e meia da madrugada.

- Então? Que cara é essa? Foste tu que andaste a fazer piões no carro?

Maria Helena atirou a bolsa para cima da cama e sentou-se.

- Nem imaginas o que se passou! Hoje foi uma noite e peras!

- Pela tua cara... logo se vê...

Eram quase seis horas da manhã quando Isabel pegou no sono. A irmã tinha-lhe contado tudo ao pormenor e também lhe contou do beijo do patrão.

Só Maria Helena é que não conseguiu pregar olho. A sua cabeça estava muito confusa. Pensava no assalto, pensava no capuz encontrado na casa de banho e no beijo do chefe. Com que cara o iria enfrentar na segunda-feira? Fazer de conta que nada tinha acontecido? Arrependeu-se de o ter deixado trazer a casa, tinha de ir buscar o seu carro. Fora uma noite para esquecer!

VII CAPÍTULO

A Despedida

Era quase meio-dia quando Ricardo acordou, em cima da almofada tinha um papel. Ele abriu-o e dizia:

‘Olá meu amor, fui até casa, no fim de almoço encontramo-nos na praia. Amo-te muito. Beijinho . Margarida’

Ele levantou-se e foi até à casa de banho, mas voltou para trás e pegou no telemóvel, marcou um número.

Em casa de Maria Helena todos tinham ficado estupefactos com os factos ocorridos na noite anterior. O pai tinha saído para fazer uns trabalhitos, a mãe fazia o almoço, Isabel tinha ido trabalhar para o hospital e ela tentava arrumar a casa para manter a sua mente ocupada. O seu telemóvel começou a tocar e ela ficou assustada. Seria o patrão? E se fosse? Atenderia? Pegou no telemóvel com as mãos trémulas, mas ao ver o nome de Ricardo a sua expressão mudou totalmente e até sorriu.

- Sim?

- Bom dia, maninha.

- Bom dia.

- Como estás?

- Mais ou menos.

- Mais ou menos? Não estás feliz com a surpresa de eu te estar a ligar?

- Sim, claro que estou feliz... mas é que ... não dormi nada e estou com umas olheiras que nem imaginas!

- Ah! Então a noite prometeu!

- Prometeu... prometeu... nem fazes ideia o quanto...

- O que foi? Conta lá.

Estiveram os dois quase um quarto de hora ao telemóvel e no fim da chamada Maria Helena sentia-se melhor. Tinha sido uma surpresa maravilhosa aquele telefonema, era mesmo do que estava a precisar para ‘alimentar’ a sua coragem.

O fim-de-semana passou com calma e ela ficou por casa, sentia-se muito cansada e já tinha combinado com o pai ser ele a levá-la ao trabalho na segunda-feira. Passou a tarde de

domingo a dormir. Foi acordada com o telemóvel e julgando ser Ricardo pegou nele com muito entusiasmo quando reparou que era Pedro.

- O Sr. Pedro! O que faço?

Ela deixou-o tocar, ele insistiu novamente e ela ficou sem saber o que fazer. Optou por não atender, não sabia o que dizer.

Na segunda-feira, Maria Helena chegou ao trabalho um pouco mais tarde do que o normal. Viu o seu carro no estacionamento e pensou: ‘Pobre carro! Foi abandonado pela dona!’

Entrou no escritório e dirigiu-se para o gabinete, ao entrar viu Pedro que já estava na secretária falando ao telefone.

- Bom dia. – ela disse.

Ele acenou com a cabeça. Ela sentou-se e começou os seus afazeres. Pedro esteve ao telefone durante quase uma hora, ligou para o advogado, para o seguro, para a polícia. Tinha estado a tratar do assunto do roubo do carro. Quando acabou a chamada, olhava-a a escrever no computador. Ele levantou-se e disse:

- Bom dia Maria Helena, como está?

- Estou mais ou menos.

- Acredita que os fulanos logo após terem roubado o carro foram roubar uma ourivesaria?

- Ah sim?!

- Sim. Limparam tudo. A polícia já anda no alcance deles.

- Deus queira que os apanhe!

- Sim, malditos delinquentes! Vou ter de ir à Polícia Judiciária mais logo prestar declarações, eles querem ouvir-me e ao Miguel. - Ela levantou-se para ir buscar uns papéis. – Ontem liguei-lhe.

O coração dela quase que parou. Será que ele lhe ia falar do beijo?

- Sim, eu vi. Desculpe não tê-lo atendido, mas estava a dormir e tinha deixado o telemóvel em silêncio.

- Tudo bem... fez bem em ter descansado.

- Sim, não tinha dormido nada de sexta-feira para sábado. Foi a noite mais longa da minha vida!

- Desculpe...

- Desculpo por quê? – ela sentiu-se nervosa.

- Desculpe por tudo! Desculpe pelo que a fiz passar, convidei-a para vir comigo e aconteceu o que aconteceu.

- Eu já lhe disse ... ninguém teve culpa...

- E como se não bastasse... - Pedro parou e olhou-a . - ... Aquele beijo ...

Ela olhou-o e disse:

- Esqueça! Façamos de conta que não aconteceu nada!

Ele olhou-a e sentiu-se triste ao ouvi-la dizer aquilo, parecia que para ela não tinha sido nada, mas ele tinha ficado ainda mais fascinado por ela.

- Desculpe... mas você é...

Foram interrompidos pelo telefone, ela atendeu.

- Sim? Podes passar Cristina... olá bom dia.

Pedro saiu do gabinete.

Naquele dia à tarde. Pedro não apareceu no escritório e ela aproveitou para falar com Ricardo na Internet. Falaram a tarde inteira, estavam cada vez mais íntimos e a vontade de se conhecerem pessoalmente era maior.

- Porque não vens cá nas férias?

- E porque tenho de ser eu? – ela escreveu.

- Porque... porque... não tens namorado, não tens de dar explicações a ninguém.

- Olha que lata! Eu se vou aí conhecer-te a tua namorada dá cabo de mim!

- Não sejas tontinha! Ela não saberá!

- És maluco! Teria se ser a meio do caminho.

- Não dizes mal... quando entras de férias?

- Na segunda semana de Agosto até à segunda semana de Setembro. E tu?

- Começo já no dia 1, até ao fim do mês.

- Vais com a namorada?

- Sim.

Ela entristeceu-se.

- Vais para algum lado?

- Para o Algarve e tu?

- Nenhum lugar em especial... não tenho dinheiro para férias.

- Também não precisas de gastar muito dinheiro.

- Eu sei, talvez dar uns passeios por aí, ir para a praia.

- E num desses passeios podias vir aqui.

- Não sejas chato! Não vou aí nada ... não quero ser vista contigo por aí.

- Ai! Que parvinha! Lisboa é uma grande cidade, não é nenhuma província, aqui ninguém se conhece.

- Ouve lá ó lisboeta! Tas a chamar à minha terra província?

- E não é? Lol
 - Não sei porque perdes tempo a falar com uma rapariga da província!
 - Ei?! Estou a brincar. Tas chateada?
 - Pode ser que um dia esta provinciana te faça ver e sentir coisas e emoções que nunca nenhuma lisboeta te fez sentir na vida!
- Ela estava chateada e batia com os dedos com força no teclado.
- Beeem... deixaste-me KO com essa resposta! Agora fiquei curioso.
 - Curioso com o quê?
 - Com o que acabaste de escrever... não me importava nada que me fizesses sentir assim.
- Ela sorriu e ficou calada sem escrever nada.
- Então? Não dizes nada?
 - És um tonto.
 - Posso ser, mas que gostava de estar contigo gostava.
 - Eu também gostava, mas moramos tão longe um do outro.
 - Quando se quer, o longe torna-se perto.
 - Sim, tens razão.
 - Tenho de sair, pensa no nosso encontro. Adorava conhecer-te pessoalmente.
 - Eu também.
 - És muito querida.
 - E tu um querido.
 - Gosto muito de ti.
 - Eu também.
 - Bom, querida, vou sair, amanhã apareces?
 - Se der, sim.
 - Faz por isso. Beijinho.
 - Beijinhos.

Mais uma semana se passou e Ricardo insistia sempre com Maria Helena para se encontrarem. Maria Helena continuava na sua vida do costume e raramente via o seu patrão. Teve conhecimento de que Sofia Albuquerque tinha acabado com o contrato que mantinha com a empresa de Pedro e este raramente atendia as suas chamadas.

Finalmente chegou o mês de Agosto e Ricardo despedia-se de Maria Helena.

- Pensava que te ias de férias sem te despedir de mim.
- Achas? Eu nunca faria isso. Tenho pena que não dê para nos encontrarmos.
- Eu também, mas outras oportunidades surgirão.

- Assim espero, queria tanto ver-te.

- Mas já me viste por foto.

- Oh, mas não é a mesma coisa. Queria ver-te, sentir o teu perfume, o teu calor, ver melhor esses teus lindos olhos verdes.

Ela sorriu e escreveu.

- Ai..! Tão lindo o que me estas a dizer.

- Vá, não sejas irónica.

Ela sorriu.

-Não estou a ser irónica.

- Pois sim... eu estou a ser sincero.

- Diz-me uma coisa.

-Sim, diz?

- Achas que um dia te podias apaixonar por mim?

- Eheheh adoro quando vocês vêm com essas conversas.

-Então? Quem é que está a ser irónico agora és tu. Responde!

- Tu és uma querida, linda, não iria ser difícil apaixonar-me por ti.

Ela sorriu.

- Achas possível uma pessoa apaixonar-se pela outra através da Internet?

- É assim... as coisas aqui acontecem de maneira diferente. Existe o mistério, a curiosidade de conhecer o outro, saber como será, existe o fascínio inicial, imaginam-se coisas. Mas na minha opinião quando as pessoas se apaixonam é porque já houve um contacto pessoal, um contacto mais físico. Não acredito em amores platónicos, tem de haver algo mais.

Ela ficou a pensar no que ele tinha escrito e era mesmo aquilo que sentia por ele. Agradavam-lhe as suas conversas, achava-o inteligente, simpático e tinha um sorriso maravilhoso que a fascinava.

- E tu? – perguntou ele.

- Eu o quê?

- Serias capaz de te apaixonar por mim?

Ela sorriu e escreveu.

- Sim. És simpático, lindo, atrais-me muito. Existe algo em ti que te faz especial.

- Será por me teres conhecido na Internet?

- Não sei, mas tens de concordar comigo, não é normal conhecermos alguém que faz anos no mesmo dia e é da mesma idade. Existiu logo uma grande empatia entre nós desde o início.

- Sim, tens razão, por isso temos que nos encontrar, para ver o que realmente acontece.

- Ricardo! Não sejas assim! Tu tens namorada! Vão morar juntos.
- Ouve, Maria Helena, o que tiver de ser será! Talvez sejamos almas gémeas!
- Almas gémeas?! Hehehehhe
- Bom, minha querida, chegou a hora de te desejar boas férias.
- Para ti também.
- Vou ter saudades tuas, mas vou ligar-te.
- És um maluco! E a tua namorada?
- Não te preocupes, não sou inconsciente.
- Está bem.
- Adoro-te maninha, cuida-te bem.
- Eu também te adoro.

Ninguém parecia estar com vontade de desligar o programa.

- Desliga. – Ele escreveu.
- Desliga tu!
- Desliga.

Ela ria-se.

- Adeus maninho.
- Adeus, adoro-te, porta-te bem.

Por fim desligaram e uma lágrima caiu na cara dela.

- Que parvinha, a chorar, mas vou sentir saudades... saudades e ciúmes, ele com a namorada juntos nas férias e eu vou passar as minhas ... como sempre sozinha, com ninguém ao meu lado. Chorava ainda mais. - Que porcaria de vida a minha! Nisto o telemóvel começou a tocar, era Ricardo, logo os seus olhos brilharam. - Tou?

Ricardo ia pela rua.

- Maninha querida, tinha que te ligar.
- Adorei.
- Tinha que ouvir-te, isto de despedidas pela Internet não serve.
- Também acho.
- É uma pena que não nos possamos encontrar.
- Pois é. Pena mesmo.
- E vais passar as férias com quem?
- Com as pessoas do costume, pais e irmã.
- Não tens amigas?

- Quase nenhũa estão disponíveis, umas já estão casadas, outras namoram, outras vão de férias para outros lados.

- Oh... mas ... pode ser que nestas férias conheças alguém interessante.

- Oh... amores de Verão? Não! Esses vêm e vão. Não me interessam.

- Mas pode ser que não sejam amores de Verão. Pode ser que conheças alguém que não seja passageiro.

- Hum não sei. – De repente veio-lhe à cabeça Pedro Vilas Boas.

- Tu és tão linda... tenho a certeza que deves ter montes de rapazes atrás de ti.

Ela deu uma gargalhada.

- Nem tantos! Nem tantos!

- Oh... esses nortenhos andam cegos! Cromos¹⁴!

Ela ria-se.

- Bom, já estou a entrar no carro, vou ter de desligar. Tira fotos para depois eu ver.

- E tu também. Boas férias.

- Boas férias também para ti... Maria Helena?

- Sim?

- Eu... gosto muito de ti.

- Eu também.

Ele desligou e mais uma vez uma lágrima caiu no rosto dela.

- Que parvinha!

Ricardo colocou o telemóvel em cima do banco e ficou pensativo. O telemóvel começou a tocar, era Margarida.

- Sim, Margarida?... Sim, já vou a sair, até já... beijo.

Ficou com o telemóvel na mão, encostou a cabeça no banco do carro e disse:

- Que raio de confusão que vai na minha cabeça! Apetece-me mandar tudo pelos ares!

Bateu com as mãos no volante, por fim ligou a ignição e partiu.

¹⁴ Cromo - pessoa que se comporta de uma forma excêntrica ou pouco comum

VIII CAPITULO

Rosas brancas

A primeira semana de Agosto chegou e era para Maria Helena um grande marasmo ter de estar sem falar com Ricardo. A única maneira de tentar esquecer, era entregar-se de corpo e alma ao trabalho. Mais uma vez Pedro encontrou-a em cima do escadote a arquivar pastas. Ele observava-a de cima a baixo.

- Olá, Maria Helena.

- Olá, Sr. Pedro.

- Tudo bem?

- Sim, tudo. – ela desceu do escadote, fechou-o e encostou-o à parede.

Ele tirou o casaco e disse:

- Será que pode ser hoje?

- Hoje? Hoje o quê?

- Que podemos dar a nossa volta a pé.

- Ah! ... já não me lembrava...

- Pode ser?

- Sim, pode.

- Onde e a que horas?

- Bom... não sei onde, talvez na zona da Sé?

- Sim, pode ser. A que horas?

- Lá para as dez e meia?

- Sim, está ótima essa hora. Encontramo-nos lá?

- Sim, pode ser.

- Combinado.

Já em casa e horas mais tarde Maria Helena preparava-se para sair.

- Onde vais? – Isabel perguntou.

- Vou dar uma volta a pé.

- Sozinha?

- Não.

- Com quem?

- Com... com o Sr. Pedro.

- O quê? Será que eu ouvi bem?
 - Sim, ouviste. Nós já tínhamos falado disso no dia da festa, mas com tudo o que aconteceu eu julgava que ele já se tinha esquecido.
 - Ai, maninha, maninha!
 - O que foi?
 - Isso ainda vai dar em romance.
 - O quê?
 - Ou muito me engano ou ele está caidinho por ti.
 - Ah?!
 - Sim e a história do beijo, como ficou?
 - Oh! Eu disse-lhe para fazer de conta que nada tinha acontecido.
 - E ele?
 - No momento em que ia a responder, tocou o telefone e nunca mais voltamos a falar do assunto.
 - Bendito telefone!
 - Pára Isabel! Não comeces com as tuas ironias!
 - Mana, desculpa, mas ele se te beijou é porque se sente atraído por ti.
 - Oh... está bem, se ele julga que eu sou mais uma, está muito enganado!
 - Tem cuidado! Esses riquinhos julgam que lá por sermos pobres submetemo-nos aos caprichos deles.
 - Julgas que sou ingénua?
 - E o teu amiguinho lisboeta?
 - O que tem?
 - Como estão as coisas?
- Maria Helena tinha acabado de atar os atacadores das sapatilhas e respondeu:
- Ai! O lisboeta! O lisboeta! Foi de férias. Que pena!
 - Com a namorada?
 - Sim...é uma pena, foi para o Algarve. Quer encontrar-se comigo... mas tem a namorada!
 - Ai! Maria Helena e os seus dois amores!
 - Que dois amores?! Estás doida?
 - Ahahah! Desculpa mana, mas ainda vais ter que acabar por escolher um dos dois.
 - Oh! Não digas parvoíces!
 - Não são parvoíces!

- Claro que são! O Sr. Pedro deve querer apenas divertir-se, mas daqui não leva nada! O Ricardo tem namorada, apenas nos queremos conhecer.

- Sim... está bem... abre o olho!

- Não... abro é os dois!

As duas riram-se.

- E tu?

- Eu o quê?

- O que sentes em relação a um e a outro?

Ela levantou-se, respirou fundo e respondeu:

- Uma pergunta complicada... eu acho o Ricardo lindo, tem um sorriso que me derrete toda, é inteligente, simpático, divertido, o grande defeito dele é aquela namorada! O Sr. Pedro é lindo de morrer, inteligente, simpático, atraente, riquíssimo, cheira muito bem, mas...

- Mas?

- É o meu patrão.

- Oh! E o que tem isso?

- Esqueci-me... é mulherengo, embora ultimamente não tenham ligado para lá mulheres... - ela olhou para o relógio. – Está quase na hora, deixemo-nos de treta, o lisboeta com a sua namoradinha no Algarve e eu ate vou ficar em casa a chorar baba e ranho! Vamos! Eu levo-te ao hospital.

Eram dez e meia quando Maria Helena chegou ao lugar onde tinha combinado com Pedro. Tinha muitas pessoas e foi complicado estacionar o carro. O telemóvel tocou, alguém lhe tinha enviado uma mensagem escrita. Ao sair do carro pegou no telemóvel e leu a mensagem escrita.

“ Estou em frente ao lago com chafariz na esplanada, na Praça da República. Até já. Pedro VB”

Ela dirigiu-se na direcção do lago com chafariz no centro da praça, estava uma noite muito agradável, com muitas pessoas sentadas nas esplanadas, apesar de ser dia de semana, estas estavam repletas. Estava a ser difícil encontrar Pedro no meio daquela multidão, este estava sentado quando a avistou, ela vinha vestida à desportiva, mas linda e sensual como sempre, ele levantou-se e foi na sua direcção. Ela ao vê-lo sorriu, nunca o tinha visto vestido daquela maneira, sempre habituada a vê-lo de fato e gravata.

- Boa noite, Sr. Pedro.

- Boa noite. Está uma bela noite.

- Sim, típica de Verão.

- Nota-se que já está muita gente de férias.

- Sim, só faltou eu... quer dizer... nós.

Eles conversavam e caminhavam.

- Vai de férias para algum lado?

- Não, vou até à praia, dar uns passeios, nada de especial, o dinheiro não estica!

- Pois ... e eu pago-lhe pouco não é?

Ela riu-se e respondeu.

- Bem... não é nenhuma fortuna.

- Tenho de falar com o departamento financeiro.

Ela sorriu. Caminhavam os dois em silêncio, ao passarem perto de outra esplanada Sofia Albuquerque viu-os passar.

-Mas olhem só... quem ali vai... os dois pombinhos!

A sua cara encheu-se de ódio e pegou no telemóvel.

- Tou? ... Sim, sou eu ... tenho um trabalhinho para ti.

Era quase meia-noite quando Pedro e Maria Helena se sentaram para beber.

- Está na hora de ir para casa. – ela disse.

- Sim, está.

- Amanhã é dia de trabalho.

- Não se preocupe... o chefe está aqui.

Ela riu-se.

- Sim... mas nada de abusar do chefe!

Ele deu uma gargalhada.

- Você é demais! – ele olhava-a fixamente nos olhos.

Sofia Albuquerque observava-os ao longe e ao lado dela estava um homem.

- Está a ver aqueles dois ali no canto?

- Sim.

- Vê para onde vão.

- Mas... e se eles vão juntos?

- Vê para onde ela vai. Já sabes o que fazer... mas nada de exageros, ouviste? Só um sustinho!

- Sim, D. Sofia.

-Vá... desapareça! Não quero que o vejam comigo!

Pedro e Maria Helena levantaram-se e saíram da esplanada.

- Onde deixou o carro?

- Até tive sorte, andei às voltas e acabei por encontrar um lugar mesmo aqui perto.
- Eu acompanho-a até ao carro.
- Não há necessidade.
- Oh! Deixe-se disso!
- Está bem.

Ele sorriu e acompanhou-a, atrás deles ia o homem mandado por Sofia para os seguir.

Ao chegarem perto do carro, Maria Helena disse:

- Cá está a minha latinha.
- É latinha mas vai andando.
- Sim, coitadinho.

Ela abriu a porta, ele segurou-lhe na porta para ela entrar. O homem que os seguia passou ao lado e ela olhou-o.

- Até amanhã. - disse Pedro dando-lhe a mão para ela cumprimentar, ela deu-lhe a mão , ele pegou-lhe na mão e deu um beijo nas costas da mão. Ela corou imediatamente e sorriu.
- Desculpe... não pude resistir...
- Até amanhã. – ela respondeu fechando a porta.

Ela arrancou e Pedro olhou-a e disse com voz baixa:

- Até amanhã... minha linda...

O homem contratado por Sofia estava dentro de um carro e viu Maria Helena passar num cruzamento na estrada e seguiu-a.

Ela ia pela estrada quando se apercebeu que um carro encostava muito na traseira do seu. Aumentou a velocidade e o carro também. A estrada estava deserta e o carro que a perseguia começou a dar sinais de luzes e pôs-se ao seu lado. Ela reparou que o condutor tinha um capuz enfiado na cabeça.

- Ai! Meu Deus!

Ele encostava o carro dele ao dela e ao ver um cruzamento ela virou rapidamente e meteu-se numa mata tentando despistá-lo. O homem virou também, mas como não a tinha visto entrar na mata seguiu sempre em frente. Ao entrar na mata, Maria Helena passou por cima de uns arames e furou um pneu.

- Ai! Meu Deus! Será que ele já foi embora? Que hei-de fazer?

Ela tremia de medo, saiu do carro e ao tirar o saco, reparou no pneu.

- Oh! Era só o que me faltava! – ela estava muito assustada , tremia e chorava. Saiu da mata em direcção ao cruzamento com o telemóvel na mão, Pedro passou naquela altura e viu-a.
- Mas... - olhou pelo retrovisor – É a Maria Helena!

Fez pião¹⁵ no carro e voltou para trás, Maria Helena ao reparar que o carro vinha na sua direcção, voltou para trás a correr.

- Ai! Ele voltou!

Ela chorava a correr pela mata. Pedro ao ver o carro dela, metido na mata parou o seu carro, saiu e correu , a ver se a encontrava.

- Maria Helena! Maria Helena!

Ela chorava e corria pelo monte, tropeçou num tronco de árvore e caiu.

- Maria Helena! Sou eu! O Pedro Vila Boas! Maria Helena!

Ela ao ouvir a voz dele gritou:

- Sr. Pedro! Estou aqui!

- Onde está?

- Aqui!

Ele parou para ver a direcção de onde vinha a voz dela e por fim encontrou-a no chão a chorar.

- Maria Helena!

- Sr. Pedro! Ajude-me!

Ele ajoelhou-se ao pé dela.

- O que aconteceu?

- Sr. Pedro! Estou tão assustada! Ainda bem que apareceu!

- Tenha calma! O que foi? O que aconteceu?

- Estou tão assustada! - Ela abraçou-se a ele a chorar . – O senhor foi o meu anjo da guarda!

- Vá... tenha calma, tenha calma. - ele acariciava-lhe a cabeça.

- Quiseram fazer-me mal.

- O quê? Como?

Ela contou-lhe o que tinha acontecido.

- Você consegue levantar-se?

- Não sei... acho que torci um pé.

- Eu ajudo-a a levantar-se.

Ela tentou levantar-se e caminhar mas quase que caiu.

- Ai! Dói-me muito...

Ele amparou-a e tentava ajudá-la a andar.

- Tem de ir ao hospital.

¹⁵ Movimento brusco de inversão do sentido de marcha de um automóvel

- Sim... dói-me muito...

- Eu levo-a.

- E o meu carro? Vai ficar aqui?

- Depois vemos isso, tem o pneu furado. Aqui não se vê nada para o mudar, não se preocupe, ninguém iria longe nele. Vai tratar agora desse pé... está mais calma?

- Mais ou menos. - ela tentava andar com apenas um pé com a ajuda dele.

Chegaram perto do carro dele e ele abriu a porta e ajudou-a a entrar.

- Tenho de ligar para casa.

- Sim... mas diga apenas que torceu o pé... mais nada.

- Sim, claro, não intencionava contar nada do que aconteceu.

- É melhor não afligir ninguém.

Seguiram os dois no carro dele a grande velocidade. Quando chegaram ao hospital já passava da uma da manhã, ela abriu a porta do carro e Pedro disse-lhe.

- Espere! Eu ajudo-a.

Ela saiu do carro.

- Ai! Dói-me muito.

- Está a arrefecer... espere... eu ajudo-a de outra maneira.

- O que vai fazer? Ele pôs-lhe as mãos por baixo das pernas e pegou nela ao colo. - Eu sou pesada!

- Oh! Não diga disparates!

Mais tarde e devido a ela não poder andar, Pedro decidiu que seria melhor era ficar já de férias.

Em casa, Maria Helena conversava com a irmã.

- Já viste a porcaria da minha sorte? Em férias e sem poder ir a lado nenhum! Alguém me quer mesmo mal!

- Ouve, mana... essa história do homem com capuz... acho que deverias ter ido à polícia.

- Schh! Fala baixo! Não quero que a mãe oiça.

- Está bem, mas não achas?

- O Sr. Pedro disse que era melhor ficar assim.

- Isto está a ficar perigoso mana, primeiro o carro que te perseguiu, depois o assalto na festa, agora isto...

- Achas que está tudo ligado?

- Não sei...

- Pois... também já pensei nisto tudo...

Ela estava pensativa e foi interrompida pelo telemóvel.

- Tou? ... Olá, Sr. Pedro... estou mais ou menos... dói um pouco... sim estou em casa... quer falar comigo? Vem aqui?... Está bem... até já.

Ela desligou o telemóvel.

- Era o teu chefe?

- Sim, quer falar comigo, estava com voz de poucos amigos.

- Ele vem cá?

- Sim, vem buscar-me, quer falar comigo acerca do que aconteceu, deve estar a chegar.

- Ele se calhar também anda a suspeitar de qualquer coisa.

- Sim, talvez, não sei.

Ouviu-se um carro a chegar e um toque no telemóvel dela.

- É ele.

Ela pegou nas muletas e levantou-se, ao vê-la sair pela porta, Pedro saiu do carro e correu a abrir-lhe a outra porta.

- Olá.

- Olá... obrigada.

Ela sentou-se, ele colocou as muletas no banco detrás.

- Desculpe, vir buscá-la assim, mas eu preciso de falar consigo acerca do que aconteceu.

- Há algum problema?

- Importa-se que eu a leve até à minha casa para falarmos? Não quero que estes assuntos sejam discutidos à porta de casa ou numa mesa de café.

- Sim... tudo bem.

Ela olhava-o com cara de desconfiada e pensou:

‘Para quê que ele me quer levar para a casa dele? Bem... não estou a gostar nada disto!’

Ela não abriu a boca durante o trajecto até à casa dele. Pararam perto de um portão cheio de árvores e arbustos a toda a volta. Ele carregou num comando e o portão abriu. Eles entraram.

Era uma casa grande de construção moderna e muito bonita, tinha um jardim a toda a volta. Entraram numa garagem onde estavam mais três carros. O carro parou e ela abriu a porta e tentava sair.

- Espere!

Ele saiu e abriu-lhe a porta, tirou as muletas e ajudou-a a sair.

- Vamos por aqui.

Entraram por uma porta que deu acesso a um salão de jogos, ela observava tudo ao pormenor, entraram por outra porta que deu acesso à cozinha onde estava a cozinheira.

- Olá Virgínia, esta é a Maria Helena, a minha secretária.

- Olá menina.

- Olá.

- Venha por aqui por favor, vamos para a sala.

Ela seguiu-o e entraram numa sala grande com sofás, uma lareira no canto e na parede um retrato de uma mulher. Ao centro tinha uma mesa pequena com uma jarra de rosas brancas, as flores favoritas de Maria Helena e um armário encostado à parede com loiças que pareciam ser de cristal. Tinha também um piano com retratos de várias pessoas em cima. Ela encostou as muletas ao sofá, sentou-se no sofá mais pequeno e observava o retrato da parede.

- É a minha mãe.

- É um bonito retrato. Mas... já faleceu a sua mãe?

- Não! É um retrato que foi pintado há muitos anos.

- Muito bonita. Olhos azuis como os seus, é parecido com ela.

- Sim, sou. Quer tomar alguma coisa?

- Sim, água por favor. Estou cheia de sede.

- Está bem. Virgínia? Virgínia? – Pedro chamou e do lado da cozinha apareceu a empregada.

- Sim senhor Dr.?

- Traga água por favor.

- Sim senhor Dr.

- A sua casa é muito bonita.

- Sim.

- É uma casa de sonho, eu adorava ter uma casa assim.

Ele sorriu e disse:

- Quem sabe um dia?

-Ui! Só se acertar na chave do totoloto!

Ele deu uma gargalhada.

- Você é demais!

Ela sorriu, a empregada entrou com uma bandeja com uma caneca de água e dois copos.

- Com licença. – ela pousou a caneca e os copos em cima da mesa pequena e Pedro disse:

- Obrigado, Virgínia, pode ir que eu sirvo.

- Obrigada, Sr. Dr. , com licença.

Ele encheu um copo e deu-lhe.

- Obrigada.

Ele observava-a.

- Maria Helena, peço desculpa por tê-la trazido à minha casa assim, mas o que eu quero falar consigo não é assunto para ser falado à porta de casa ou numa mesa de café.

Ela olhava-o com cara de assustada. - Tenha calma! Não olhe para mim com essa cara!

- Desculpe, mas o senhor está tão sério, que me está a assustar.

- Peço desculpa. - ele sentou-se mais perto dela e olhava-a nos olhos, ela sentia-se incomodada e desviou o olhar. - Quero falar consigo acerca do que aconteceu. Acho muito estranhas estas coisas que aconteceram. Primeiro o carro que a perseguiu, depois houve o assalto na festa, agora você voltou a ser perseguida por alguém de carro.

Cheguei a falar à Polícia Judiciária e após termos conversado, chegamos à conclusão que deve haver algum tipo de ligação entre tudo isto. Sabe... eu sou uma pessoa que tem algum dinheiro e sou alvo de cobiça para muitos, sou muito conhecido na alta sociedade. Existem muitas pessoas que têm inveja do meu sucesso e uma maneira que arranjam para me atingir é fazer mal aqueles que me rodeiam.

Ela observava-o com atenção e disse:

- Quer com isto dizer que ... tudo isto que aconteceu... mas eu não entendo... só a mim?

- Não é só a si Maria Helena, acredite, existem pessoas que querem prejudicar os meus negócios, a empresa e todos aqueles que me rodeiam. Não sei se você se lembra... da minha noiva ...

- Sim, lembro.

- ... pois... a Luísa foi uma vítima ...- Maria Helena ficou espantada com aquela revelação. - ... nunca se chegou a saber quem foram os autores, mas sei que foram pessoas que me queriam mal.

- Não sabia disso...

- Quase ninguém sabe... eu não quero que nada de grave aconteça a ninguém e digo-lhe, não descansarei enquanto não descobrir quem foram os autores de tudo o que aconteceu.

- E acha que são os mesmos?

- A PJ diz que se não são os mesmos, poderá ser alguém do mesmo grupo... peço desculpa... eu sei que está assustada, mas precisava de ser objectivo e directo.

Ela olhava-o sem nada dizer, o seu coração batia forte, sentia-se nervosa. Pegou no copo de água e bebeu. Pedro olhava-a e continuou.

- Bom... trouxe-a aqui porque queria sugerir-lhe algo.

- Sugerir-me algo?

- Sim... como sei que não vai a lado nenhum nas férias... estive a pensar ... - ela estava a ficar curiosa com o que ele lhe queria dizer. - é uma maneira de se afastar dos olhos desses

fulanos... bom... o que lhe quero dizer é... eu tenho uma Quinta em Caldas de Vizela... não quer passar lá as suas férias?

- Como?

- Sim... não quer passar as suas férias na minha Quinta? É o mínimo que posso fazer por esse pé torcido pelo qual me sinto responsável.

- Mas o senhor não é o responsável!

- Sou sim! Aqueles fulanos querem fazer-me mal e estão a usar as pessoas que me rodeiam ... o que me diz?

- Mas... não sei...

- A minha mãe está lá, ela adora juventude, tenho a certeza de que vai gostar de a ter por lá.

- Mas... tenho os meus pais...

- Você não tem uma irmã?

- Sim.

- Traga-a consigo. Venham as duas passar uns tempos na Quinta. Não é longe, fica perto das Caldas de Vizela, tenho a certeza de que vão adorar.

- O pior é o meu pai... não sei se me vai deixar...

- Oh! Maria Helena! Você não é nenhuma criança!

- Pois é... mas nunca passei muito tempo fora de casa.

- Uma vez terá de ser a primeira! Traga a sua irmã, diga que vão passar férias à casa de uma amiga.

Ela olhava-o e sentia-se tentada a responder que sim, mas ao mesmo tempo sentia-se intrigada com aquele convite. Passar férias numa Quinta, deveria ser fantástico! E ele? Estaria por lá? Ou iria passar férias a outro lado? E se ele estivesse lá? Conseguiria resistir aos seus encantos? Aquele beijo no carro ainda martelava na sua cabeça.

Eles olhavam-se nos olhos, ele era realmente um homem muito bonito e muito atraente.

- Não sei... preciso de falar com a minha irmã e ver o que vou inventar.

- É assim tão complicado ficar fora de casa?

- Sim é.

- Nunca imaginei.

- Pois... mas é.

- Bom... então pense e diga-me alguma coisa, mas, não vai demorar muito, pois não? Acha que em dois dias me dá uma resposta?

- Sim.

- Ótimo, quer ver o resto da casa?

- Eu gostava, mas com este pé assim...

- Não se preocupe, vamos devagar, eu ajudo-a. Venha por aqui, vamos ver o jardim.

Ele levantou-se e deu-lhe a muleta.

- Obrigada.

Ela também se levantou e seguiu-o. Saíram por uma porta que deu acesso directo ao jardim. O telemóvel de Maria Helena começou a tocar dentro do saco que ela tinha deixado em cima do sofá.

Ricardo estava numa praia e tentava ligar para a Maria Helena, após a terceira tentativa acabou por desligar um pouco desiludido. Deitou-se em cima da toalha e passados uns minutos, chegou Margarida.

-Olá querido.

- Olá.

- O que tens? Estás com uma cara!

- Nada... demoraste a chegar.

- Desculpa, estive com a minha mãe ao telemóvel.

- Sim, claro e quando estão as duas ao telemóvel duram pelo menos uma hora na conversa.

- Oh! Ricardo! Não sejas assim. Os meus pais foram passar férias ao Brasil, já estava com saudades.

- Imagino!

- Vá... deixa-te de cinismos, estás mal disposto é?

- Eu não! Eu estou óptimo. Deixa-me é dormir uma soneca.

- És um dorminhoco! – dizia ela tirando a roupa ficando em biquini.

- Sabes ... temos adormecido muito tarde.

- Pois temos... tu és o culpado.

- Eu?

- Sim...tens andado com uns apetites insaciáveis!

Ele riu-se.

- São as férias!... mas do que te queixas? Não tens gostado?

- Eu não disse nada.

- Ah! Já estava a ver!

Ela sorriu-lhe e ele também.

- Adoro esse sorriso, sabias?

Ele olhou-a e pensou que Maria Helena já lhe tinha dito o mesmo.

Pedro e Maria Helena estavam no jardim.

- Que lindo jardim!

- Sim, dá um pouco de trabalho, mas adoro casas com flores, especialmente rosas brancas.

Ela riu-se.

- Do que se ri?

- Também são as minhas flores favoritas.

- A sério?

- Sim.

- Venha por aqui...

Ela tentava segui-lo com a muleta. Chegaram perto de um roseiral com rosas brancas. Ela ficou fascinada.

- Que lindas! São lindas!

Ele chegou perto de uma rosa e tentava cortá-la.

- Tenha cuidado, ainda se pica.

- As rosas são muito bonitas mas têm este inconveniente, os espinhos.

Finalmente ele conseguiu cortá-la e disse:

- Tome... Para si... Uma rosa para uma rosa!

Ela sorriu e corou.

- Obrigada.

- Você fica muito bonita corada.

- Oh! Assim ainda fico mais.

Ele olhou-a e sorriu.

- Vamos ver o resto da casa?

- Sim...

Ela cheirava a rosa e agradou-lhe aquele gesto simples dele.

Nunca lhe tinham oferecido flores antes e logo rosas brancas, as suas flores favoritas e por coincidência as do seu patrão também.

Algum tempo depois, regressaram à sala.

- Estou cansada. – ela sentou-se no sofá e esticou o pé.

- Quanto tempo vai ter que andar com o pé ligado?

- Segundo o médico, para semana já posso tirar a liga, embora ainda seja aconselhável andar com a muleta. Se seguir o tratamento à risca em três semanas ficarei boa.

- Que grande chatice ter de lhe acontecer isto logo agora nas férias.

- Sim... não sei se será boa ideia ir para a sua Quinta nas férias.

- Porquê?

- Porque tenho de fazer o tratamento no hospital, tenho de ir ao médico.
- E depois?
- Então...
- Então, nada! Eu levo-a ao hospital, ora bolas!
- Mas... o senhor Pedro não vai estragar as suas férias comigo.
- O quê? O que está para aí a dizer?
- Não costuma ir para algum lado nas férias? Para o estrangeiro?
- Este ano se calhar não vou. Vou ficar por cá.
- É mesmo? Mas o senhor tem tanto dinheiro. Pode dar a volta ao mundo se quiser!

Ele deu uma gargalhada.

- Você é demais! Não exageremos! Uma volta ao mundo? Quem me dera!

Ela também se riu e mais uma vez ele olhou-a de uma maneira que a incomodava. Ela levantou-se e pegou no saco.

- Bom... tenho de ir.
- Já quer ir?
- Sim claro, tenho de pensar no que vou dizer à minha mãe por ter saído consigo de repente.
- Diga-lhe que tivemos que ir à empresa, tínhamos uns mapas para enviar.
- Sim, era no que eu estava a pensar.
- E o que vai dizer da rosa?
- Digo que foi um admirador secreto que ma ofereceu.
- Admirador secreto?

Ele riu-se, ela caminhou na direcção da porta e ele seguiu-a.

Mais tarde em casa, Maria Helena colocou a rosa numa jarra, abriu o saco, tirou o telemóvel e reparou que tinha três chamadas não atendidas e viu de quem eram.

- Ricardo! Oh! Que pena! Que merda! – atirou com o telemóvel para cima da mesa. – Que porcaria!

Ficou chateada e deitou-se na cama.

IX CAPITULO

As férias

Após várias tentativas, Maria Helena acabou por convencer a irmã a irem de férias para a Quinta de Pedro Vilas Boas. Tiveram de dizer à mãe que iam várias amigas e que as despesas seriam pagas em conjunto. Como iam as duas era mais fácil convencê-los, embora não tivesse agradado à mãe, o facto de ter de ficar sozinha com o pai e de ter de fazer as lides domésticas sem a ajuda delas. Combinaram de lhe ligar todos os dias, visto o pai ter um feitiço difícil.

Passaram os dois dias pedidos por Pedro e este ligou com Maria Helena para saber a resposta.

- Olá Maria Helena, tudo bem?

- Tudo bem e o senhor?

- Sim, estou bem, obrigado, já pensou na resposta?

- Sim, já.

- E?

- Está bem, nós aceitamos, vou eu e a minha irmã.

- Ótimo! ... quer dizer... ainda bem que aceitou.

- Mas só vamos poder ficar duas semanas.

- Duas semanas? Só?

- Sim, não podemos deixar a nossa mãe sozinha... sabe como é... ela e o meu pai...

- Sim, compreendo... e quando vêm?

- Na última semana de Agosto e primeira de Setembro. Já estarei melhor do pé e poderei andar muito melhor, poderei assim gozar melhor as férias e assim... não terei de ir ao hospital.

- Muito bem... vemo-nos daqui a duas semanas?

- Sim.

- Vou aproveitar para ir até ao sul de Espanha. Fica combinado, na semana antes, eu ligo consigo para combinarmos tudo, pode ser?

- Sim, está bem.

- Bom... fique bem... as melhoras para o seu pé.

- Obrigada, até breve.

- Até um dia destes.

- Adeus.

- Maria Helena?

- Sim?

- ... vou ter saudades suas.

- ... desculpe... não ouvi bem o que disse ... a ligação não está boa... adeus.

Pedro desligou o telemóvel e disse:

- Adeus... minha querida Maria Helena! – ao dizer isto colocou o telemóvel na boca e pensativo. Marcou novamente o número de telemóvel de Maria Helena.

- Sim, Sr. Pedro ? Esqueceu-se de alguma coisa?

- Sim... ia pedir-lhe para ter cuidado e tentar evitar sair de casa sozinha.

- Sim, está bem, não se preocupe. Com este pé assim não vou longe.

Ele riu-se.

- Tenha cuidado.

- Sim, divirta-se no sul de Espanha.

- Vou tentar. Beijinho.

- Adeus.

Ela ao desligar o telemóvel exclamou:

- Beijinho?? Vou ter saudades suas? Este homem está maluco e está a pôr-me maluca!

Nisto a irmã entrou no quarto:

- O que foi? Estás a falar sozinha?

- Este homem anda doido, já nem sei se foi boa ideia aceitar as férias na Quinta.

- Bem! Tu vê lá o que andas a fazer! Logo agora que foi uma luta terrível para convencer a mãe. Mas porquê que dizes que o homem é doido? Qual homem?

- O meu chefe.

- O que foi desta vez?

- Ligou-me duas vezes... na primeira vez ao despedir-se disse ‘vou ter saudades suas’, na segunda vez disse ‘beijinhos’.

- O quê?!

Isabel deu uma gargalhada.

- Pára com essas risadas, Isabel!

- Desculpa mana, mas não pude conter-me. O que lhe respondeste?

- Nada! Fiz de conta que não ouvi. Disse que a ligação estava má.

- Ai! Tu és terrível! O homem está apaixonado!

- Oh! Não digas disparates!

- Não são disparates.

- Claro que são disparates!

- Mana! Primeiro ele convida-te para a festa, paga-te o vestido, o cabeleireiro, tudo! Depois espeta-te um beijo, depois aquela voltinha a pé... agora diz-te estas coisas... o pior cego é aquele que não ver.

Maria Helena ficou nervosa, ela própria já se tinha perguntado os motivos dele agir daquela maneira consigo.

- Não sei Isabel, não entendo!

- Ele se quisesse aproveitar-se de ti já o tinha feito, vocês trabalham juntos há muitos anos, ele nunca te faltou ao respeito.

- Lá isso é verdade.

- Eu posso estar a fazer filmes, mas pelo que me contas, ele anda com um tratamento diferente em relação a ti, muito diferente mesmo.

- Tens razão, já não sei olhar para ele direito, pareço uma parvinha! Estou sempre a evitá-lo!

- Hum! Isso é porque ele te perturba, certo?

Ela ficou pensativa e respondeu:

- Sim, ele perturba-me. Ele é lindo, atraente e aquele perfume... Hum... deixa-me zonza!

- Ui! Como isso anda!... É verdade! E o lisboeta?

- Mais um que me deixa zonza! Se soubesses o quanto o quero conhecer pessoalmente. Ver, sentir...

- Ver? Sentir? Mana! Mana! Tu estás a ficar atrofiada com esses dois.

- Sim... essa é a palavra mais adequada... atrofiada! Ele ligou-me quando fui à casa do Sr. Pedro e eu não ouvi, fiquei tão chateada. Acreditas que as lágrimas me vieram aos olhos?

- Isso é bem mais grave do que eu pensava.

- Se não fosse aquela namorada dele.

- O que tem?

- O que tem?! Tem namorada! Tem uma parva de uma namorada que passa férias com ele, que vai morar com ele. Que porcaria! Porque será que só me interesse pelos homens errados?

- Não sei, mana...mas talvez não sejas tu quem tenhas a culpa. Quem os mandou serem parvos? Não sabem, o que estão a perder! Não sabem o mulherão que estão a perder!

- Oh! Lá estás tu com as tuas coisas!

- Não são coisas! É a verdade! Quem dera a muitos ter uma mulher como tu, tens que saber valorizar-te!

Maria Helena riu-se e disse:

- Tu és uma mana muito fixe.

- Eu sei, eu sei.

As duas riram-se.

As semanas passaram num ápice e Maria Helena sentia-se nervosa ao preparar as suas coisas para ir para a Quinta de Pedro Vilas Boas. Para não se esquecer de nada, fez uma lista e com a ajuda da irmã tentavam verificar tudo.

Finalmente chegou a segunda-feira de manhã, tinham combinado encontrar-se à entrada das garagens do edifício dos escritórios onde trabalhavam. Pedro saiu do carro, estava com um bronzado fantástico onde os seus lindos olhos azuis ficavam realçados.

Ao vê-lo com aquele aspecto, Maria Helena sentiu-se muito atraída por ele e Isabel observava-o de alto a baixo.

- Olá Maria Helena, tudo bem consigo? Vejo que está ótima do pé.

- Olá Sr. Pedro, sim, estou bem melhor obrigada, mas não estou pronta para outra.

Eles riram-se. – Esta é a minha irmã Isabel.

- Olá Isabel, muito prazer. – Ele estendeu a mão para a cumprimentar.

- Olá... prazer. - Isabel estava muito atrapalhada e tímida e nem sabia o que dizer.

- Deixem, eu ajudo-as com as mochilas. – ele abriu a mala do carro e colocou as mochilas dentro. – Leve o seu carro para a garagem, tome o comando.

Maria Helena entrou com o seu carro na garagem.

Passados uns minutos saiu da garagem e Pedro abriu-lhe a porta da frente e disse:

- Faça favor.

- Obrigada. - ele entrou.

Ele abriu a porta detrás e disse a Isabel:

- Por favor!

- Obrigada. – Respondeu Isabel que ficou vermelha.

Estavam dentro do carro e Pedro ligou a ignição.

- Está tudo bem? Não se passou nada de relevante nestas semanas?

- Sim, está tudo bem. Só saí para ir ao hospital.

- E quem a levava?

- O meu pai.

- Ainda bem.

Seguiram viagem em silêncio, de vez em quando Pedro olhava para Maria Helena, mas esta mantinha o seu olhar em frente. No banco detrás, Isabel observou tudo.

Finalmente e após alguns quilómetros chegaram a uma estrada com curvas e Pedro disse:

- Bom... a estrada é sempre às curvas, espero que ninguém enjoe.

- Não se preocupe, a minha irmã é enfermeira, ela trouxe a maleta dela!

Começou-se a rir e Isabel disse:

- Sim, trouxe, mas nós não costumamos enjoar.

- Ainda bem... Finalmente ouvi a voz da sua irmã. – disse Pedro para Maria Helena.

- Ela é um pouco mais tímida do que eu, mas depois de ter confiança é uma tagarela.

Isabel acenou com a cabeça e Pedro riu-se.

Após várias curvas viram um portão alto de ferro e um muro alto a toda a volta.

- Chegamos! – Pedro disse.

Elas estavam muito curiosas e observavam tudo ao pormenor. O portão abriu automaticamente e o carro entrou. A casa estava em frente, tinha uma cor rosa clara e era muito grande. Tinha um jardim grande com árvores de grande porte e um lago em frente à casa com patos.

Seguiram pelo passeio que as levou às traseiras da casa. Tinha uma piscina grande, uma garagem com muitos carros antigos, modernos e desportivos. Ao fundo de um grande terreno viam-se árvores de fruto. Ao lado da garagem tinha uma casa mais pequena que parecia ser a casa dos empregados.

- É enorme a Quinta! – exclamou Maria Helena.

- Sim, depois mostro-lhes tudo.

O carro parou dentro da garagem e ele saiu do carro, elas também saíram e logo apareceu um homem perto deles.

- Bom dia Sr. Dr.

- Olá, Joaquim. Leve por favor as malas para o quarto das meninas. A sua mulher já os tem prontos?

- Sim, Sr. Dr.

- Venham por aqui por favor. – Pedro disse.

Elas seguiram-no, subiram umas escadas e entraram na casa. Estavam num salão com sofás e cadeiras e um grande candeeiro no tecto cheio de brilho.

- Joaquim! Leve as malas por favor. Onde está a minha mãe?

Uma voz ouviu-se por trás deles.

- Estou aqui, meu filho!

- Olá mãe!

- Olá meu querido, como estás?

Os dois abraçaram-se e deram dois beijos na cara.

- Está boa mãe?

- Estou querido e tu? Ai! Esse bronzeado! Tens de ter cuidado Pedro, ainda apanhas uma doença de pele!

- Não se preocupe mãe, isto é muito bronzeador.

- São estas as meninas?

- Sim... esta é a Maria Helena.

- Bom dia!

- Olá menina, bom dia!

Deram dois beijos na face.

- Esta é a irmã, a Isabel.

- Olá!

- Olá bom dia, menina!

Cumprimentaram-se também as duas com dois beijos na face.

- Esta é a minha mãe, a D. Júlia.

- Sejam bem-vindas meninas! Vocês são irmãs, mas não são muito parecidas. São as duas muito bonitas, mas cada uma à sua maneira.

- Obrigada! – elas disseram ao mesmo tempo.

Começaram-se todos a rir.

- Olha... até falam ao mesmo tempo e tudo. – disse a mãe de Pedro.

Júlia parecia ser uma senhora muito simpática, já tinha quase setenta anos.

Engravidar de Pedro tinha sido para ela uma bênção dos deuses, após vinte anos de tentativas e tratamentos. Morava naquela Quinta há alguns anos desde que Pedro saiu de casa para morar sozinho. Ficou viúva há dez anos e desde então dedicou-se ao filho e à Quinta. Era oriunda de uma família abastada e com posses. Casou com o pai de Pedro por quem se apaixonou ainda adolescente.

O pai de Pedro chamava-se Simão, não era rico, trabalhava numa fábrica têxtil do pai de Júlia. Tiveram que enfrentar uma batalha para conseguirem que o seu amor fosse reconhecido como verdadeiro. Casaram-se com a condição de Simão abdicar do seu apelido quando nascesse o primeiro filho. Quer fosse homem ou mulher teria de levar o apelido Vilas Boas. Como Simão amava demais Júlia não se importou com esse facto.

- Venham, vou mostrar-vos os vossos quartos.

Júlia subiu as escadas e elas seguiram-na, Pedro ia atrás. Chegaram a um corredor comprido com muitas portas de ambos os lados. Duas portas estavam abertas ao fundo e uma mulher vestida com uniforme de empregada saiu de um deles.

- Os quartos já estão prontos, Madalena?

- Sim, minha senhora.
- Como não temos quartos com duas camas, espero que não se importem de dormir em quartos separados.
- Não, de modo nenhum. – Maria Helena respondeu.
- Podem escolher os quartos, eles são iguais.
- Qualquer um serve. – disse Maria Helena. – Posso ficar já neste.
- Muito bem, fica mesmo em frente ao quarto de Pedro. – respondeu D. Júlia.

Maria Helena sorriu e olhou para Pedro que estava com olhar sério.

- Para tomar banho, existem duas casas de banho aqui em cima, uma é aquela porta em frente, a outra fica no lado oposto ou seja atrás de nós. Lá em baixo também tem duas, mas não tem banheira. Ah! Esqueci-me! Aquela ao fundo tem uma banheira de hidromassagem ... modernices do Pedro!

Pedro sorriu para Maria Helena e Isabel.

- Podem entrar e acomodarem-se, qualquer coisa de que precisem é só pegar no telefone em cima da mesinha de cabeceira e marcar o número 9, vai directo ao quarto de Madalena que é a responsável das empregadas.
- Sim, obrigada D. Júlia, não se preocupe, não viemos dar trabalho. – disse Maria Helena.
- Oh! Disparate! Ter-vos aqui irá ser um prazer, estou sempre sozinha.
- Oh! Mãe! Que exagero! Venho cá quase sempre. – disse Pedro.

Ela sorriu e aproximou-se dele dando-lhe um beijo na face

- Sim querido, eu sei... bom, vamos deixar as meninas à vontade? Querem tomar alguma coisa?
- Não. Obrigada. – disse Maria Helena.
- E você?
- Eu também não, obrigada. – respondeu Isabel.
- Se quiserem ir para a piscina estejam à vontade, são jovens e querem ficar bronzeadas. Perto da piscina tem uma casa de banho com chuveiro se quiserem tomar banho ou mudar de roupa.
- Sim, senhora. Por acaso um mergulho vinha mesmo a calhar, estou cheia de calor. – disse Maria Helena.
- Então aproveite! Vamos Pedro, deixemos as meninas à vontade. Até já!
- Até já, D. Júlia e obrigada. – disse Maria Helena.
- Obrigada. – disse também Isabel.
- Ora essa! – Júlia virou as costas e Pedro disse:
- Depois vou ter convosco à piscina.

- Está bem. – respondeu Maria Helena.

Pedro retirou-se e Isabel olhou a irmã e disse:

- Mana! Tenho de te dizer uma coisa.

- O que foi?

- Este homem é um Deus grego! Maria Helena deu uma gargalhada sonora. - Ele é lindíssimo! Cheio de sensualidade com aquele bronzado e olhos azuis. É de deixar qualquer mulher maluca. Não é de admirar ele ser um mulherengo...

Maria Helena olhou a irmã, não gostou daquilo que a irmã disse.

- Bom... vamos para a piscina?

- Hum... Não me apetece.

- Lá estás tu com as tuas coisas. Porquê?

- Não me apetece.

- Ai! Que chata! Anda lá!

- Oh! O teu chefe até se vai assustar com a minha magreza! Tenho vergonha!

- Pára com essas parvoíces, Isabel! Às vezes questiono-me se realmente estudaste e conseguiste ser enfermeira! Nem pareces deste século! Tão moderna numas coisas e retrógrada noutras! Deixa-te disso! Daqui a um quarto de hora espero por ti, vai para o teu quarto e arranja-te!

- Oh! Não vou nada!

- Vens sim! Fim da conversa!

Passado um quarto de hora, Maria Helena esperava pela irmã à porta do seu quarto.

- Demoras muito?

Isabel foi à porta e disse:

- Estou aqui.

- Vamos? – ela olhou a irmã. – O que trazes por baixo da toalha? ... Mostra lá! – ela tirou-lhe a toalha. – Não acredito! Não acredito que vais com esse fato de banho!

- Vou sim!

- Isabel! Apetece-me espancar-te! Tens um corpo fantástico para andar de biquini! Porquê que trouxeste esse fato de banho? Qualquer dia queimo-o!

- Não queimas nada! Não tenho corpo nenhum fantástico, pareço uma tábua lisa! Olha para o meu peito? Saio ao pai! Tu é que tens um peito gracioso, deixas os homens todos malucos, agora eu?

- Deixa-te disso, Isabel! Não tens barriga nenhuma, és elegante, tens que saber valorizar o corpo que tens. Deixa de andar com roupas largas e queima essa porcaria desse fato de banho!

- Não! – Isabel passou à frente da irmã, voltou a colocar a toalha. – Então? Não vens?

Maria Helena foi atrás dele e abanava a cabeça, saíram da casa em direcção à piscina.

Maria Helena trazia um biquini branco com um *páreo*¹⁶ da mesma cor, levava a toalha, chinelos e protector solar na mão. Chegaram perto da piscina e sentaram-se nas cadeiras.

- Será que a água está boa?

- Deve estar, está muito calor.

Maria Helena baixou-se e colocou a mão na água.

- Hum... Está quentinha, acho que vou à água.

- Sim vai, eu vou ficar aqui a ler o meu livro.

- És uma seca! Não me acompanhas?

- Não!

- Seca!

Isabel riu-se e a irmã meteu-se na água devagar e acabou por mergulhar. Momentos mais tarde, Isabel viu que Pedro dirigia-se para a piscina e levantou-se:

- Maria Helena?

- Sim?

- Vou ao WC.

- Está bem.

Isabel levantou-se e Maria Helena começou a nadar. Pedro aproximou-se da piscina e observou Maria Helena debaixo de água e atirou-se à água. Como ela estava de costas, não reparou quem se tinha atirado.

- Isabel! Não ias à casa de banho? – Ela olhou para trás, mas não viu ninguém. Ao olhar novamente para a frente viu Pedro.

- Ai! Sr. Pedro!

- Desculpe se a assustei.

- Julguei que fosse a minha irmã.

À porta da casa de banho Isabel observou-os e sorriu.

- A água está ótima. – disse ele observando os seus lindos olhos verdes. Ela estava muito sensual com a pele molhada, ela também o observava com o corpo bronzeado e molhado. Os seus olhos azuis condiziam com a cor da piscina. Os seus corações batiam forte e olhavam-se nos olhos.

¹⁶ O termo *pareo* é originário da Polinésia e significa pano enrolado nas ancas. Mas a ideia conquistou mulheres de todo o mundo e, com a exportação, o *pareo* começou a ter outros formatos de utilização. Entre nós é um acessório conhecido por saída de praia.(...)

- Você é linda Maria Helena! - Ela baixou os olhos, ele levantou-lhe o rosto com as mãos. – Não desvie o olhar por favor, você é extraordinariamente linda!

- Oh! Sr. Pedro... vou ficar vermelha assim...

- Fica linda na mesma ... Maria Helena eu... eu tenho de lhe dizer algo... - Pedro gaguejava. Ela olhava-o com ar sério.

- O que foi, Sr. Pedro? – Ela desviou mais uma vez o olhar. Ele puxou-lhe o rosto e disse:

- Não desvie, por favor...

- O que quer dizer?

- Maria Helena... já há muito tempo que tenho tentado perceber o que se passa comigo... mas estas ultimas semanas fora daqui levaram-me a chegar a uma conclusão.

- Que conclusão?

- Que tive saudades suas.

- Oh!

- Sim... deixe-me continuar por favor.

- Sim...- Ela estava muito nervosa. Ele olhava-a intensamente.

- Eu só me sinto bem quando estou consigo, você dá-me um brilho que eu já não sentia há muito tempo. Você não é como as mulheres que já andei, você é diferente, você é fascinante...

- Sr. Pedro...

- Schhh... não diga nada... não imagina como me senti quando a vi caída no chão naquela mata, apetecia-me... Maria Helena... eu amo-a! Será que é assim tão difícil de compreender?! Eu amo-a! Amo-a!

Ela ficou estática a olhar para ele, as palavras não lhe saíam da boca. Ele também a olhava e tinha um desejo imenso de lhe tocar nos lábios. Foram interrompidos por uma empregada que se aproximou para colocar uma caneca de sumo em cima de uma mesa. Isabel que observava tudo exclamou baixinho:

- Raio de empregada!

Maria Helena ao ver a empregada, nadou até às escadas da piscina e saiu. Pedro olhava-a vestida naquele biquini branco molhado colado ao corpo.

Ela pegou na toalha, sentou-se numa das cadeiras e limpou o rosto, pegou na caneca e ao deitar o sumo no copo derramou um pouco em cima da mesa, as suas mãos estavam trémulas com tudo o que tinha ouvido.

Isabel aproximou-se e sentou-se, reparou que as mãos da irmã tremiam.

- O que aconteceu? Tens as mãos a tremer!

- Isabel minha irmã! Estou em estado de choque!

- O que foi?

- Nem sei o que dizer, não sei o que pensar, não sei o que fazer!

- O que foi? Vocês estavam a conversar... ele disse-te alguma coisa?

Maria Helena observou Pedro na piscina a nadar e a mergulhar.

- Disse!

- Disse o quê?

- Ainda estou incrédula!

- O que foi? Vá... estás a deixar-me nervosa!

- Disse que ...

- Disse que... o quê?

- Disse que me amava! Acreditas nisso?! Disse que me amava!

Isabel sorriu. – E tu? O que lhe respondeste?

- Nada! Fiquei feita parvinha a olhar para ele, entretanto chegou a empregada com o sumo e eu sai da piscina.

- Raio da empregada!

- Raio da empregada, porquê?! Ainda bem que ela apareceu, eu não sabia o que fazer!

- Não lhe disseste mesmo nada?

- Não!

- O que vais fazer agora?

- Sei lá! Apetece-me ir para casa!

- O quê?! Estás doida?! Para todos os efeitos estamos com amigas a passar férias.

Mana...tu não vais passar a vida inteira a fugir do que sentes.

- O que sinto?! Sei lá o que sinto! Estou completamente aparvalhada!

- Já estavas à espera disto, não?

- Em sonhos!

- Vais continuar a fugir dele? Não é a solução! Nem faz o teu género fugir dos problemas.

- Isabel! Já reparaste bem? Ele é meu patrão!

- E?

- E? Ai! Isabel!... olha... ele vem aí... mudemos de assunto. Pedro aproximou-se delas.

- Então, Isabel?! Não vai dar um mergulho?

- Não, prefiro ficar a apanhar sol.

- Após o almoço eu mostro-vos o resto da Quinta. Gostam de cavalos?

- Adoramos cavalos! – exclamou Isabel.

Pedro olhava Maria Helena que permanecia calada. A mãe de Pedro aproximava-se deles.

- Olá!

- Olá mãe!

- Olá D. Júlia! – elas disseram.

- Bom... só quero avisar-vos que o almoço estará pronto daqui a meia hora.

- Sim, mãe.

- Querem mais sumo?

- Não, mãe.

- E as meninas? Não querem mais?

- Não, obrigada. – Responderam elas.

- Está bem. Vou tratar do almoço. Até já.

- Até já. - Responderam eles.

- Bom... eu vou andando, o sol está a ficar muito forte.

Isabel levantou-se e pegou na toalha.

- Eu vou contigo! – disse Maria Helena.

- Não! Fica aí a secar-te, encontramo-nos no almoço.

Maria Helena logo se apercebeu que a irmã tinha feito de propósito para os dois ficarem sozinhos. Encostou-se para trás na cadeira e fechou os olhos, Pedro observava cada pormenor do seu corpo; as pernas, a barriga, os braços cheios de gotas de água. A pele era clara. O peito era volumoso e bem feito.

Passados uns minutos ela abriu os olhos e olhou-o, ele continuava a observá-la. O coração dela começou a bater mais forte.

- Tem de ter cuidado com o sol, a sua pele é muito clara.

- Sim... não vale a pena colocar agora protector solar, vou já sair.

Levantou-se e dirigiu-se para o chuveiro, ele seguiu-a e colocou-se também debaixo do chuveiro.

- Não vamos caber! Eu sou gorda! – Ela sorriu.

- Cabemos sim, não se preocupe... e você não é gorda!

Eles estavam muito próximos debaixo do chuveiro, a água corria-lhes pelo corpo. Nisto ela sentiu a mão dele num dos seus braços, a mão deslizava em direcção aos ombros.

- Desculpe... não consigo resistir... não fuja... você parece um bichinho assustado. Não quero brincar com os seus sentimentos, acredite... eu sei que a minha reputação é terrível... mas acredite... não sei o que você me fez... eu estou completamente apaixonado por si.

- Sr. Pedro ... eu não sei o que dizer...

- Não diga nada... não diga nada... deixe-se levar pelos seus sentimentos... não lute por favor... se soubesse como eu a amo.

A mão deslizava no rosto dela e ele aproximou o seu rosto.

- Eu amo-a tanto!

Por fim os seus lábios tocaram-se e ele lambia os lábios dela. Ela estava paralisada, mas finalmente deixou-se levar. Ele dava-lhe mordidas leves e por fim a sua língua invadiu a boca dela e beijaram-se intensamente. A água corria pelos seus corpos, ela deixou-se levar por aquele momento, sentia a língua quente de Pedro que invadia a sua boca sofregamente, as mãos dele acariciavam as suas costas, os corações de ambos batiam forte.

O beijo foi longo e intenso, ela tinha as suas mãos na cintura dele e sentia o seu corpo quente apesar da água fria. Depois do beijo longo, ele beijava-lhe a cara e as orelhas dizendo:

- És tão linda, Maria Helena!

Ela sentia-se tonta com todos aqueles sentimentos que a invadiam, de repente lembrou-se das palavras da irmã “ não é de admirar ele ser um mulherengo”.

- Pare Sr. Pedro! Pare por favor!

Ele parou de a beijar e disse:

- O que foi?

- Nós não podemos, não podemos!

Ela virou costas e começou a correr.

- Maria Helena! Maria Helena!

Pedro chamou, mas ela não o ouviu. Ele estava com cara de surpreso com aquela atitude dela, desligou o chuveiro e mergulhou novamente na piscina, parecendo tentar apagar todo o fogo que o invadia ao ter tido Maria Helena nos seus braços.

Na hora do almoço estavam todos sentados à mesa na sala de jantar, era uma sala grande com uma mesa comprida e com armários cheios de loiças antigas. Tinha um grande candeeiro no tecto, do outro lado ficava a sala de estar, também tinha um piano como na casa de Pedro com várias fotos em cima.

D. Júlia estava no centro da mesa, Maria Helena do seu lado direito, Pedro do seu lado esquerdo e Isabel ao lado a irmã.

Maria Helena estava cabisbaixa e não olhava em frente, ele olhava-a parecendo querer dizer-lhe algo com os olhos. Isabel olhava a irmã e logo se apercebeu que se tinha passado algo entre eles, pois tinha ouvido passos de corrida da irmã a entrar no quarto.

- Filho, depois do almoço vai mostrar o resto da Quinta às meninas.

-Sim, mãe.

- Ouvi dizer que elas gostam de animais. – D. Júlia olhou para Maria Helena, mas esta tinha o pensamento longe dali. Foi Isabel quem respondeu:

- Sim, nós adoramos animais.

- Se quiserem dar uma volta de bicicleta pela Quinta também temos bicicletas.

- Mãe... as bicicletas já devem estar todas enferrujadas.

- Não estão, não! Mandeí comprar umas novas assim que me disseste que as meninas vinham para cá.

- Muito bem D. Júlia! Pensa em tudo!

- Claro meu filho... Ah! Outra coisa, no próximo sábado é o meu aniversário, faço setenta anos, já convidei algumas pessoas, espero que não te importes.

- Claro que não mãe. A festa é sua!

- Depois dás-me lista de pessoas que queres convidar.

- Sim... - Pedro olhava Maria Helena que fazia de conta que não o via.

- Desde já as meninas ficam convidadas para a minha festa.

- Oh! ... não queremos incomodar. – disse Isabel.

- Qual incomodo qual quê?! Vocês são minhas visitas, estão a passar férias.

Ela olhou para Maria Helena e perguntou:

- Querida? O que se passa? Você está tão calada! O que se passa? Sente-se bem?

Maria Helena olhou-a e respondeu:

- Dói-me um pouco a cabeça.

- Deve ter sido do sol que apanhou na piscina.

- Sim, talvez. Se não se importam, vou para o meu quarto.

- Sim, claro, minha querida. Quer um analgésico?

- Obrigada, eu tenho.

- Então vá para o seu quarto querida, vá descansar, quando melhorar vão ver o resto da Quinta, afinal... têm muito tempo.

- Desculpem... com licença.

Ela levantou-se, Pedro observava-a.

- Desculpem... sou enfermeira, vou ver se ela precisa de alguma coisa. – Disse Isabel levantando-se também de mesa.

- Vá querida, vá!

Pedro ficou sentado com a mãe à mesa. D. Júlia olhou para o prato de Maria Helena e disse:

- Coitadinha! Não comeu nada.

Pedro estava com ar sério e a mãe olhou-o.

- Pedro?

- Sim, mãe?

- Será que... será que não tens nada a haver com as dores de cabeça da Maria Helena?

Ele olhou-a e disse:

- Eu?

- Sim... e não me faças essa cara, sou tua mãe, já te conheço há muitos anos. Eu não sou maluca!

- Mãe por favor... quem é que disse que era maluca?

- Sei bem da forma como olhas para ela.

- Desculpe?

Ela pegou na mão do filho e disse:

- Pedro! O que se passa contigo, filho? Ela é muito bonita, é uma flor, mas não é do tipo de mulher que estás habituado a andar.

- Ó mãe, por favor...

- Ouve-me! Ela é muito querida. Não a magoes, nem a enganes.

- Mãe! – ele levantou-se da mesa e dirigiu-se para a sala de estar

- Filho! – ela também se levantou.

- Mãe, por favor!

- Pedro! Será que não podes ver que ela é diferente das outras? É uma pessoa simples, não é como as pindéricas interesseiras com quem costumavas andar!

- Eu sei, mãe! Eu sei! E por saber disso é que me apaixonei por ela, entende? Eu amo a Maria Helena, mãe! - Ela ficou calada. - Eu sei que ela não é como as outras, ela é especial! É por isso que me apaixonei por ela. Eu quero-a mãe, entende? Eu quero-a para mim!

D. Júlia chegou perto do filho pôs-lhe a mão na cara e disse:

- Meu querido! Tu estás mesmo apaixonado!

- Sim, estou. Eu amo aquela rapariga com todas as minhas forças!

- E ela sabe disso? Ela sabe que a amas?

- Sim.

- E então? Porquê que ela estava com aquela cara?

- Nós beijámo-nos, mas ela está confusa, assustada, ela fugiu de mim. Eu senti que ela também sente algo por mim, mas está confusa.

- Pobre criatura! Mas ela tem alguém? Algum namorado?

- Ela disse-me que não... mas... eu sinto que existe algo... não sei...

- Pedro, tu és o patrão dela! A cabeça dela deve estar a mil! Eu já passei por isso, meu filho...

- Eu sei mãe. Mas acredite em mim! Eu não a quero magoar. Eu não queria admitir o que sinto, mas já há algum tempo que me sinto atraído por ela. Desde que a Luísa faleceu, eu nunca mais me apaixonei e prometi a mim mesmo que nunca mais o faria ... mas ... não posso lutar contra um sentimento que apareceu tão forte dentro de mim ... ó mãe! Diga-me ... o que faço? Não sei o que fazer. Pela primeira vez na minha vida não sei o que fazer em relação a uma mulher!

- Oh! Querido, anda cá. - Ela abraçou-o. – Tens de ir com calma, isto está a ser muito confuso para ela. Não a forces.

- Mãe! Eu não a forço... mas quando estou com ela só me apetece apertá-la nos meus braços e beijá-la.

- Sim, querido, tu estás carente, também precisas de um amor. Tu és tão querido... eu sentia-me tão triste quando passavas a vida a sair com mulheres diferentes. Rezei tanto para que encontrasses o teu caminho novamente. Será que vai ser a Maria Helena que te vai trazer de volta aos bons caminhos?!

- Sim, mãe, é ela, tenho a certeza. Desde que voltei de viagem da Suíça que cheguei à conclusão de que a vida que eu levava não fazia mais sentido, nunca mais estive com nenhuma mulher desde aí.

Júlia observava-o e reparou que uma lágrima queria sair de um dos olhos dele.

- Tenta ver quais são os sentimentos dela em relação a ti. Quais os seus medos e fantasmas. Tu sabes como fazê-lo, tenho a certeza. Se precisares de ajuda, estarei aqui.

- Obrigado, mãe.

No quarto Maria Helena contou à irmã o que se tinha passado.

- Apetece-me ir para casa!

- Mana... não podes fugir dele toda a vida! Ele é teu patrão, vais ter de levar com ele nem que não queiras.

-Então... diz-me por favor o que é que eu faço?

- Pois... é uma situação complicada... mas mana... o que sentes por ele? Gostas dele?

- Sim... mas ao mesmo tempo... tenho medo. Tu conheces a reputação dele, não conheces?

- Sim, conheço. Mas as pessoas mudam, dá-lhe o benefício da dúvida.

- Nós não temos nada a haver um com o outro. Vinho e água! Ele é o meu patrão, ora bolas!

- Não sejas tão preconceituosa... isso hoje em dia já não pesa muito. O que importa são os sentimentos, se gostas dele, vê no que dá. Não és burra nenhuma, logo verás se ele se quer aproveitar de ti ou não.

- Ai! Em que situação me fui meter!

- Tu não te meteste em nada, as coisas foram acontecendo naturalmente.
 - Não sei...
 - Ouve uma coisa.
 - Sim?
 - É impressão minha ou... ou esperas alguma coisa do lisboeta?
 - O quê?
 - Sim... a mim pareceu-me que estás confusa e hesitante por causa dele. Que podes tu esperar de um amigo virtual que ainda por cima mora longe, tem namorada e está prestes a ir morar junto com ela?
 - Não sei Isabel, não sei, ele mexe comigo, não sei o que é.
 - Mas vocês nunca estiveram juntos, se calhar é por isso. A curiosidade de se quererem ver pessoalmente.
 - Não sei... não sei o que é. Ele é lindo, tem um sorriso que me derrete é inteligente, simpático... às vezes apetece-me largar tudo e ir a Lisboa conhecê-lo!
 - Tu és doida! Não vale a pena! Vocês conhecem-se há tão pouco tempo.
 - Eu sei que sim. Mas existiu desde o início uma grande empatia, algo especial.
 - Mana, não te iludas, são apenas amizades virtuais.
 - Não... com este é diferente.
- Ela tinha as lágrimas a correr pela cara.
- Estás a chorar...
 - Sim... quando falo nele, penso nele ou vejo a sua foto, fico assim. Devo estar parva!
 - Realmente... isso não é normal. Mana.. eu acho que deves viver a tua vida. Esse lisboeta não é o teu futuro, eu sei que querias tentar algo mais com ele, mas ele é comprometido, não há nada que tu possas fazer!
- Maria Helena deitou-se na cama e exclamou:
- Ai! Que vida a minha!
 - Vá... não sejas tonta. Aproveita! Tens um homem lindíssimo, rico que te ama e estás a pensar num parvo lisboeta?
 - Mana... ele não é parvo...
 - Está bem, desculpa, tenta ver no que dá Maria Helena! Experimenta! Tenta ver o que o teu patrão quer contigo. Vai devagar. Esquece o lisboeta! Ouve... quando ficares melhor, vamos ver o resto da Quinta.
 - Está bem.

Isabel saiu do quarto e entrou no seu. Pedro viu-a sair e foi até à porta do quarto de Maria Helena, esteve quase a bater à porta, mas hesitou e entrou no seu quarto.

Longe dali, Ricardo estava com a namorada que lia umas revistas.

- Amor? Vou ao banho, queres vir?

- Não, estou meio constipado e com febre é melhor não ir.

- Sim, ainda pioras. Até já.

- Até já.

Ela levantou-se e Ricardo pegou numa das revistas. Ao folhear reparou na foto de um casal e pareceu-lhe ver algo familiar e virou a folha atrás.

- Mas ... esta parece... - Leu a legenda da foto em voz alta:

‘Pedro Vilas Boas, um dos grandes empresários portugueses acompanhado pela sua secretária Maria Helena Silveira, apanharam um grande susto no lançamento do novo modelo...’

- É ela! É a minha maninha! Tão linda! É ela! – Ricardo sorria e pegou no telemóvel.

Maria Helena estava quase a dormir quando o seu telemóvel começou a tocar. Olhou e viu quem era e logo um sorriso iluminou a sua cara.

- Estou?

- Olá, maninha!

- Ricardo! Olá!

- Como estás?

- Estou... estou bem e tu?

- Tou meio constipadito.

- Oh.... Tadinho... nota-se na tua voz... tás mais sexy...

Ele sorriu .- Estou a ver-te.

- Ah?! Estás a ver-me?

- Sim... e estás linda...

- Tou linda?

- Sim, muito elegante.

- Elegante?! Não acho...

- Fiquei muito contente por ver-te.

- Mas onde me estás a ver? Terei aqui alguma câmara oculta?

- Estou a ver-te, vestida de branco.

- Vestida de branco?

- Sim... o teu patrão chama-se Pedro Vilas Boas?

- Sim, como sabes?

- Linda!
- Ah?! – Maria Helena sentia-se confusa e ainda não tinha percebido que ele estava a vê-la de uma revista.
- És mais linda do que eu imaginava, mais bonita do que aquela foto que me enviaste.
- Não estou a perceber... onde me estás a ver?
- Numa revista.
- Numa revista?
- Sim... estás aqui ao lado do teu chefe, numa daquelas revistas cor-de-rosa.
- Ah! Já me lembro dessa foto! Nunca pensei que fosse aparecer numa revista.
- Pois é... a revista é deste mês, estás famosa maninha. A minha maninha é famosa e linda!
- Não sou nada.
- És sim... agora... quero ver-te pessoalmente cada vez mais... temos que nos ver... abriste-me o apetite...
- Oh!... Que tonto!
- Sim, sou tonto e tenho uma mana linda. Sabes o que é uma *Webcam*?
- *Webcam*? Tem alguma coisa a haver com câmara?
- Sim, coloca-se no computador, instala-se um programa específico, podemos ver-nos no computador.
- Isso parece-me interessante.
- Sim, vou comprar uma e tu também podias comprar.
- É cara?
- Existem a vários preços. Enquanto não nos podemos encontrar podíamos ver-nos através da *Webcam*.
- Ideia interessante.
- Vou comprar uma agora nas férias.
- Boa!
- A namorada dele aproximava-se.
- Desculpa... vou ter de desligar, fica bem... adorei ver-te, és mesmo muito bonita... fiquei fascinado com a tua beleza....
- Obrigada... Ricardo?
- Sim?
- Adorei falar contigo.
- Eu também, beijo grande.
- Beijo.

Desligaram o telemóvel e Margarida perguntou a Ricardo:

- Estavas a falar com quem?
- Era do laboratório.
- Nem nas férias te deixam em paz?
- Não faz mal... é porque sou importante.
- Claro que és importante, tu és a coisa mais importante da minha vida! – disse ela dando-lhe um beijo no pescoço.
- Coisa? Eu não sou uma coisa!
- Eu sei querido, é uma maneira de falar.

Ricardo ia dar-lhe um beijo na boca mas ela afastou-se.

- Desculpa Ricardo, mas não quero que me pegues a gripe.

Ele olhou-a com cara séria e não respondeu nada.

No meio da tarde Isabel bateu à porta do quarto da irmã.

- Maria Helena?

- Sim?

- Posso entrar?

- Sim, entra.

Isabel abriu a porta e viu a irmã bem vestida e com outra aparência.

- Muito bem! Estou a gostar de ver... tens outra cara!

- Sim , sinto-me muito melhor.

- E a cabeça?

- Já não me dói.

- Comprimidos abençoados!

Maria Helena sorriu.

- Vamos descer?

- Sim.

Desceram as escadas e Maria Helena entrou na sala de estar, foi perto de um cesto com revistas e tirou um monte delas. Sentou-se no sofá e começou a ver uma a uma.

- O que fazes com essas revistas todas?
- Estou aqui a ver se encontro umas coisas.
- Vou até lá fora.
- Tá bem.

Ao passar perto da piscina Pedro viu Isabel a sair de casa e foi ao encontro dela.

- Olá Isabel.

-Olá.

- A sua irmã como está?

- Está melhor.

- Não veio consigo?

- Ficou na sala a ver umas revistas.

- Ah!... está bem... querem ver o resto da Quinta?

- Sim... vou chamá-la.

- Deixe estar... eu vou.

- Está bem.

Pedro dirigiu-se para a casa e Isabel sorriu.

Na sala, Maria Helena folheava as revistas quando de repente exclamou:

- Encontrei! Está aqui!

Observava a foto dela com Pedro.

- Realmente... até que fazemos um belo par... mas o meu amigo lisboeta... nem demonstrou ciúmes...- olhava a foto - ... este homem é mesmo muito bonito... como é que pode estar apaixonado por mim? Ele deve estar a gozar comigo, só pode.

Pedro entretanto entrou na sala. - Como é que um homem tão elegante, tão chique, de tão boas famílias, cheio de dinheiro, iria apaixonar-se por uma paupérrima como eu?! Não tenho onde cair morta! Sou uma 'Zé ninguém'! Não sou chique, não tenho um tostão furado. Nunca andei de avião vejam só!! Não chego aos pés dele... - Pedro ouvia tudo em silêncio. - Não tenho eira nem beira!

- Mas é uma mulher lindíssima tanto no exterior como no interior, maravilhosa, generosa, glamorosa¹⁷, simpática, inteligente, sensual...

Ela levantou os olhos e exclamou:

- Sr. Pedro!

- Desculpe se a assustei, mas já é meu costume fazer isto não é?

Ela sorriu e olhou para a revista e disse:

- Está a ver a nossa foto? Estamos bem, não estamos? Pena ter acontecido o que aconteceu, nunca mais apanharam os fulanos.

- O carro nunca mais apareceu?

- Não. A esta hora está desfeito em peças ou está na África.

- Que cena...

¹⁷ Que tem glamour. Glamour : charme e encanto que possui alguém ou algo (local, desporto, etc.) atraente, sofisticado, interessante e que está na moda

- Sim, isto agora é assim. Este país cada vez está pior.

Ela guardou as revistas no cesto.

- Não vem visitar o resto da Quinta? A sua irmã está lá fora.

- Sim.

- Já está melhor?

- Sim, estou obrigada.

Ela levantou-se e nem para ele olhou, ele pegou-lhe no braço.

- Maria Helena?

Ela olhou-o.

- Sim?

- Porque foge de mim?

- Eu não fujo de si.

- Foge sim! Olhe para mim, olhe-me nos olhos! Precisamos de falar.

Eles estavam próximos um do outro, olhando-se nos olhos.

- Falar o quê?

- Pare com isso, Maria Helena! – ele falou mais alto. – Desculpe falar-lhe assim, mas eu não entendo porquê que você me trata assim... Eu amo-a, diabos!!

Ela fechou os olhos e disse:

- Mas... nós não podemos...

- Não podemos?! Porquê?! Você tem alguém, é isso?

- Não é isso...

- Então, o que é? Explique-me por favor...

- Nós... nós não temos nada a haver um com o outro.

- Mas o que está a dizer?

- Sim... o senhor é rico, da alta sociedade.

- Maria Helena, pare com isso, por favor!

– Sim, é verdade eu não sou ninguém, sou apenas a sua secretária.

Ela sentou-se novamente no sofá. Ele ajoelhou-se em frente dela e disse:

- Você é uma mulher fantástica! Sim, é a minha secretária e depois? Existem regras para o amor? Os ricos só podem amar os ricos e os pobres amar os pobres?! Diga-me? Existem?

Ele olhava-a.

- Não... - disse ela timidamente.

- Então, bolas!! Não a percebo!

- Você é o meu patrão!

Ele pegou-lhe nas mãos.

- Esqueça isso, esqueça! Eu sou um homem que se apaixonou por uma mulher. Eu sei que tenho uma má reputação, você conhece-me melhor do que ninguém, mas isso acabou, acredite! Acredite em mim...por favor, acredite...

Ela tinha lágrimas nos olhos.

- Deixe-me amá-la...

- Sr. Pedro ... não diga essas coisas...

- Digo sim, deixe-me amá-la... Por favor...

- Estou tão confusa...

- Não esteja minha querida, eu nunca a iria magoar, nem tão pouco brincar consigo. O que sinto por si é verdadeiro, desde que a Luísa morreu... nunca mais senti nada assim. Você renasceu-me Maria Helena...

Eles olhavam-se, ela acabou por não resistir mais e deixou-se ser abraçada, as lágrimas correram-lhe do rosto. Ele olhou os seus olhos verdes.

- Querida... está a chorar...

- Desculpe... pareço uma tontinha...

- Não é nada tontinha... você é linda...

A mãe de Pedro ia a entrar na sala, mas ao vê-los abraçados, sorriu e escondeu-se atrás de um móvel.

Ele limpou-lhe as lágrimas do rosto e disse:

- Não chore... tenha calma... você está confusa, não a quero forçar a nada. Vamos deixar as coisas acontecer, está bem? Prometo que não a beijo mais se não quiser... mas digo-lhe desde já que para mim será um grande sacrifício...- Ela sorriu. - Isso, sorria, tem um sorriso muito bonito.

- Oh... Sr. Pedro...

- Ah! Outra coisa... pode chamar-me Pedro. E tu serás a minha Maria Helena!

Ela sorriu e disse:

- Está bem... Pedro...

- Isso... soa muito melhor na su... tua boca. Vamos ver a Quinta?

- Sim, vamos.

A mãe de Pedro afastou-se para não ser vista e sorriu ao vê-los sair juntos.

O resto da tarde foi passado a ver a Quinta, os animais, as propriedades, um lindo roseiral com rosas brancas que encantou Maria Helena. Por fim viram uma linda queda de água e um lindo rio de águas límpidas.

- Podemos vir cá dar uns mergulhos, temos é de ter cuidado com as pedras no fundo, já rachei a cabeça duas vezes. - As irmãs riram-se. - Se quiserem podemos também andar a cavalo.

- Não sabemos. – Disse Maria Helena.

- E depois? Têm aqui um professor de equitação à vossa disposição. Já dei aulas, não percebo só de esquis, nem de carros de corrida.

- Se os cavalos forem mansos, podemos experimentar. – disse Maria Helena.

- Claro que são mansos. Os meus bichos são muito dóceis... tais como o dono deles... -

Isabel deu uma gargalhada e a irmã deu um sorriso disfarçado. - Bom... é melhor irmos, a D. Júlia já deve ter o jantar pronto. – O telemóvel dele começou a tocar. - É ela! Eu não disse? ... Sim, mãe? Está bem, nós já vamos, até já...

Mais tarde, na sala de jantar, D. Júlia voltou-se para Maria Helena e disse:

- Vejo que já tem uma cara muito melhor do que no almoço.

- Sim, estou muito melhor, obrigada.

- Ótimo... Pedro? Já fizeste a lista de convidados que queres que venham à minha festa de anos?

- Não mãe, não tenho lista nenhuma, a única pessoa que irei convidar é o Miguel, não quero que saibam que estou aqui de férias.

- Ah! Está bem. E a Sofia Albuquerque? - Maria Helena arregalou os olhos e Pedro quase se engasgou ao ouvirem aquele nome. - Então, filho? O que foi?

- Essa mulher, não!

- Mas ela não era tua sócia, num negócio qualquer?

- Era mãe! Era! Agora quero distância dessa mulher!

- Está bem meu filho, desculpa. Pensei...

- Essa mulher não! É uma cobra!

- Uma cobra?! Credo, Pedro! Nunca te vi a falar assim de uma mulher!

- Pois não... essa mulher não é digna de ser chamada de mulher... é mesmo uma cobra... Apenas quero o Miguel, mais ninguém! Ah! Não convide fotografos, como já lhe disse, não quero que saibam que estou aqui... Você já sabe....

Maria Helena e a irmã não estavam a perceber muito bem o que ele quis dizer com aquilo.

- Sim filho, não te preocupes. Apenas virão os meus amigos mais chegados e alguns familiares próximos.

- Veja lá mãe, não quero alaridos.

- Sim, sim.

A empregada que os servia olhava muito para Pedro.

No fim do jantar passaram todos para a sala de estar.

- Querem café?

- Pingado por favor. - Disse Isabel.

- Eu não quero, obrigada. - Respondeu Maria Helena.

No fim do café, Pedro levantou-se e sentou-se ao piano.

- Filho! Há quanto tempo que esse piano não toca, será que está afinado?

- Existe apenas uma maneira de descobrir.

Ele começou a tocar nas teclas e num instante uma música conhecida começou a ouvir-se.

Maria Helena sorria e pensava ‘Mas este homem é ‘multifacetado’!

- Bom... quero vozes! Vozes! Vamos mãe, mostre às meninas os seus dotes vocais!

Passaram os quatro um serão muito divertido, até M. Helena e Isabel cantaram. Pedro ficou surpreendido com a voz de Maria Helena, ela cantava muito bem, principalmente músicas estrangeiras.

Quando se deitaram, já era tarde. A quilómetros de distância dali Ricardo e Margarida também estavam na cama.

- Ricardo, vem deitar-te!

- Já vou... atchim! – Ricardo espirrou várias vezes.

- Vem-te deitar, já é tarde.

- Já vou...

Ele sentou-se na cama e mais uma vez espirrou.

- Santinho! - disse Margarida.

- Obrigado. – Ricardo voltou-se para ela e começou a beijar-lhe as mãos, foi subindo até aos ombros e depois ao pescoço.

- Pára, Ricardo...

- E porquê? ... Há já alguns dias que nós não... tu sabes... - ele continuava a beijá-la.

- Pára, por favor!

- Estou com saudades... vá... não sejas mazinha...

- Pára Ricardo! Estás a queimar!

- Estou sim... de desejo...

- Vá... deves estar é cheio de febre.

- Não, não tenho. Já vi a temperatura. – ele dava-lhe beijos no pescoço.

- Pára Ricardo! Não quero ficar doente!

Ela afastou-o com as mãos, ele parou, olhou-a nos olhos com cara séria, saiu da cama de repente e começou a vestir-se.

- O que vais fazer?
- Vou sair.
- Vais sair? Vais sair para onde?
- Vou sair daqui!
- Estás parvo?
- Chama-me o que quiseses...

Já vestido dirigiu-se para a porta.

- Ricardo? Onde vais?
- Tentar apagar a temperatura!
- Ricardo?! Ricardo?!

Ele saiu batendo com a porta.

Já na rua Ricardo caminhava na direcção da praia com cara de chateado, sentou-se na areia observando o mar. O seu olhar estava distante e de repente a imagem de Maria Helena na revista ao lado do seu chefe veio-lhe à cabeça. De repente todos os diálogos que manteve com ela na Internet e as conversas ao telemóvel passaram na sua cabeça como um diapositivo de imagens. Deitou-se na areia e observava o céu estrelado.

Enquanto isso na Quinta, o silêncio fazia-se sentir, ao entrar no seu quarto Pedro estranhou o facto da porta estar entreaberta, chegou perto da cama e deitou-se, de repente sentiu algo mexer-se na cama.

- Olá querido, julguei que nunca mais vinhas...

Ele deu um salto para fora da cama.

- O que diabos... - ele acendeu a luz e viu a empregada que lhes tinha servido o jantar. - Marisa! O que fazes aqui?

Ela estava vestida com uma *lingerie* preta muito sensual. Ajoelhou-se em cima da cama e disse:

- Ó querido... não estás com saudades minhas? Já te esqueceste da última vez que estivemos nesta cama? Uma louca noite de sexo!
- Schhh! Fala baixo... tu és doida? Sai daí imediatamente!
- Oh! Mas porquê? Da última vez disseste que querias repetir.
- Isso foi há muito tempo atrás... esquece Marisa! Sai daí!

Ela saiu da cama e foi perto dele e abraçou-o.

- Hm! Cheiras tão bem... Então? Não tens saudades deste corpinho?

Ele afastou-a dizendo:

- Pára com isso Marisa! Foram só duas noites. Foram! Passado!

- É assim que me tratas?

Ele segurou-a com os braços e disse:

- Ouve! Olha-me bem nos olhos! A história já tinha acabado, ouviste? Não te prometi nada, apenas passamos bons momentos, mas acabaram!

- É assim que me tratas? Usa, abusas e agora deitas fora? É por ser uma empregada, é isso?!

- Não é nada disso, Marisa! Foi bom enquanto durou, mas acabou, ouviste?

- Ah! Já sei... deve ser uma destas meninas que trouxeste. É a dos peitos grandes, não é? A tua secretária! Só pode ser ela! Já foste para a cama com ela, foi?

Ele levantou a mão quase lhe dando uma bofetada, mas agarrou-a forte nos braços e disse com os dentes cerrados:

- Tu lava a boca quando falares da Maria Helena, ouviste?! Ela não é como tu, que vai para a cama com qualquer um! Não te admito que fales assim dela! Ouviste bem? - Ela ficou assustada porque pensava que ele lhe ia dar uma bofetada. - Tu és uma vulgar! Ao mesmo tempo que ias para a cama comigo, ias com o Miguel! Tu não prestas! Agora desaparece daqui! Vá! Desaparece da minha vista!

Ela vestiu a roupa e saiu do quarto batendo com a porta. Maria Helena, cujo quarto era em frente acordou com o barulho e acendeu a luz. A empregada desceu as escadas e Maria Helena levantou-se, abriu a porta e espreitou no corredor, mas não viu ninguém. Reparou por baixo da porta que a luz do quarto de Pedro estava acesa. 'Deve ter sido ele' – pensou ela voltando para o quarto.

No dia seguinte de manhã cedo, Ricardo acordou e reparou que estava na praia, depressa deduziu que tinha dormido lá. Sentou-se na areia, esfregou os olhos, tirou a roupa e deu um mergulho no mar. Mais tarde quando chegou a casa, Margarida já estava a pé.

- Ricardo! Por onde andaste? Não preguei olho a noite inteira! O que se passou? Estás todo molhado! - Ele nem abriu a boca, entrou na casa de banho e ela foi atrás dele, ele tirou a roupa e meteu-se debaixo do chuveiro. - Ricardo! – Margarida exclamou, mas ele continuava sem responder.

Na Quinta, Maria Helena acordou tarde, foi preciso a irmã chamá-la.

- Estás muito preguiçosa hoje. – dizia Isabel abrindo a janela.

- Sim... deitamo-nos tão tarde ontem ... - Maria Helena espreguiçava-se.

- Pois foi, mas foi engraçado, não foi? A D. Júlia é muito divertida.

- Sim é. – Maria Helena saía da cama.

- E o teu patrão, também.

- Sim. – Maria Helena sorriu.

- Vamos ligar à mãe?

- Sim, é melhor ver como andam as coisas.

No Algarve, Ricardo fazia as malas.

- Ricardo ... - Margarida tinha acabado de sair do banho e ao vê-lo a fazer as malas exclamou : - Para que são essas malas?

- Vou para Lisboa, para mim as férias acabam aqui!

- O quê? Mas, o que estás para aí a dizer?

- O que acabaste de ouvir, vou para Lisboa!

- Ricardo tu estás doido! Vais sozinho? ... mas as férias ainda não acabaram.

- Para mim sim! Tanto faz ir na sexta-feira como hoje.

- Mas tínhamos combinado ficar até sábado. Eu vou contigo!

- Margarida, tu não queres vir comigo, podes ficar doente.

- Então é isso?! Estás chateado comigo por ontem, mas ... não foi por mal.

- Ouve Margarida, trataste-me como se eu fosse um cão com peste!

- Não foi nada disso...

- Foi sim! Foi como me senti, vou para Lisboa sozinho, os teus pais já estão cá também, podes ir com eles.

- Ricardo, o que vão eles pensar? Nunca pensei que fosses levar as coisas tão a peito, estás muito sensível, o que se passa?

- Não se passa nada e quanto aos teus pais não estou minimamente interessado no que eles possam pensar. Entende-te com eles!

- Ricardo! – ela abraçou-o. – Desculpa por favor, não vás sem mim!

- É inútil Margarida, vou agora! – ele tentava libertar-se dela.

- Ricardo! O que tens? O que se passa contigo?

- Nada, já disse!

- Estás esquisito... tudo porque ontem à noite eu não quis fazer amor contigo?

- Margarida, é melhor ficarmos por aqui, está bem?

- Mas eu não entendo...

- Deixa-me Margarida, dá-me um tempo, sim?

- Mas que tempo?!

- Adeus!

Ele saiu com as malas e bateu com a porta. Margarida começou a chorar.

Mais uns dias passaram na Quinta de Pedro Vilas Boas e na sexta-feira Maria Helena decidiu ir dar um banho no rio com a queda de água. Isabel preferiu ficar na piscina a ler o seu livro. Pedro aproximou-se dela.

- Olá Isabel.

- Olá.

- A sua irmã?

- Foi até ao rio.

- Sozinha?

- Sim.

- Você não quis ir?

- Não, preferi estar aqui a ler o meu livro.

Ele sentou-se ao lado dela.

- Diga-me uma coisa, Isabel.

- Sim?

- A sua irmã tem namorado ou alguém?

- Namorado? Não!

- Mas sabe se tem alguém com quem ela costume sair regularmente, sei lá... uma amizade especial...

Isabel olhou-o e era óbvio que lhe iria falar do amigo virtual da irmã. Apesar de tudo eram irmãs leais e não lhe ia dizer que na ausência dele a irmã falava na Internet com um rapaz de Lisboa.

- Não, que eu saiba, não.

- Mas vocês são íntimas, não são?

- Sim, somos, embora ela tenha os seus mistérios.

Pedro ficou pensativo e levantou-se.

- Bom... vou andar a cavalo. Até logo.

- Até logo.

No rio, Maria Helena mergulhava nas águas límpidas, quando ouviu o telemóvel a tocar. Saiu da água e limpou as mãos à toalha, tirou o telemóvel de dentro do seu saco, ao ver o nome, deu um sorriso aberto.

- Sim?

- Olá maninha! – ela ouviu do outro lado.

- Olá maninho que surpresa!

- Como estás?

- Eu estou bem e tu?
 - Vou andando. Conta-me coisas tuas? O que fazes agora?
 - Queres mesmo saber?
 - Claro!
 - Estou a tomar banho num lindo rio de águas límpidas com uma bela queda de água.
 - Hmm... Que inveja... que pena não estar aí contigo.
 - Oh! Estás muito melhor aí no Algarve.
 - Não estou no Algarve.
 - Não estás?
 - Não. Estou em Lisboa.
 - Já acabaram as férias?
 - Hoje.
 - E já estás em Lisboa?
 - Estou cá desde terça-feira.
 - E porquê?
 - Não quero falar disso, se não te importas.
 - Está bem... mas o que se passa? Noto na tua voz que estás triste.
 - Não estou nada.
 - Estás sim. O que se passa maninho? Conta-me, abre o teu coração.
 - Olha... eu abria outra coisa ...
 - Ricardo! – ela exclamou alto.
 - Desculpa, desculpa. Sim... tens razão... ando carente.
 - Carente?! Oh! Mas porquê? Não estiveste de férias? Não era suposto...
 - Era... mas é a vida...
 - Maninho, maninho, o que andaste a fazer? Meteste o pé na argola?
 - Nada disso! As coisas nem sempre são como queremos.
- Maria Helena ficou pensativa e respondeu:
- Tens toda a razão.
 - Sabes o que me apetecia agora?
 - Não.
 - Estar aí contigo.
 - Oh! Disparate!
 - Não é disparate, não! Adorava estar aí contigo. Tomar uma bela banhoca de rio.

Ela riu-se. Pedro aproximava-se do rio e atou o cavalo a uma árvore. Ao caminhar viu Maria Helena sentada numa rocha a falar ao telemóvel e tentava escutar a conversa.

- És um doido!

- Sou sim. E quando voltas das férias?

- Estou mais a próxima semana, depois vou passar a outra em casa e depois de volta ao trabalho.

- Ou seja, daqui a duas semanas voltas ao trabalho.

- Sim.

- Que sortuda! E estás onde agora?

- Estou numa Quinta.

- Sozinha?

- Não, com a minha irmã.

- Muito bem... sabes? Já comprei a *webcam*.

- Ah! Sim? E que tal?

- Não sei, ainda não a experimentei com ninguém. Vê lá se metes Internet em casa e compras uma, assim já nos podíamos ver, já imaginaste? Nós a vermo-nos? Iria ser o máximo!

Ela ficou pensativa, a ideia era muito tentadora.

- Sim, iria ser porreiro.

- Pensa nisso.

- Sim, vou pensar.

- Juras?

- Juro.

Pedro conseguiu ouvir esta parte da conversa.

- Então vá... continua a gozar o teu banho de rio. Vou ficar cheio de saudades tuas.

- Vai telefonando. – ela riu-se.

- Ah! Eu? Tu nunca me ligaste, já reparaste?

- Tu sabes bem porquê.

- Se eu não poder eu não atendo, não sou doido.

- Está bem, eu ligo-te um dia destes.

- Juras?

- Sim, sim, juro.

- Boa! ... Vá... vai lá...

- Beijinhos, fica bem.

- Beijo grande... adoro-te!

- Eu também.

Ela desligou o telefone e sorriu. Guardou o telemóvel no saco e este começou a tocar novamente.

- Sim, Isabel?

- Ainda demoras muito? – ouviu-se do outro lado.

- Ainda mal aqui cheguei.

- É que a D. Júlia quer ir ao centro fazer compras para a festa e assim aproveitávamos para ir com ela comprar roupa para nós.

- Sim, sim, mas é só de tarde, não te preocupes.

- Já tinhas falado com ela?

- Sim, já.

- Está bem... olha?

- Diz, Isabel.

- Estás aí sozinha?

- Claro, com quem haveria de estar?

- Não sei...

- Isabel?... até logo, sim?

- Ok, até logo.

Maria Helena voltou a guardar o telemóvel no saco e voltou para a água e pensou:

‘Sabia bem era um banho nua, debaixo desta queda de água’.

Se bem o pensou melhor o fez. Ao ver Maria Helena tirar o biquíni Pedro ficou sem respiração, não teve coragem de se aproximar, apenas a observava. Era uma imagem de sonho, ver o seu corpo nu debaixo da queda de água, apenas a via de costas, mas era o suficiente para o deixar ainda mais louco de desejo por ela. Apetecia-lhe ir ter com ela e sentir a pele molhada do seu corpo nu nas suas mãos. Desejava tocar-lhe nos lábios e beijá-la intensamente, desejava tocar-lhe nos seios que não conseguia ver, desejava fazer amor com ela e ouvi-la gemer de prazer. Porém, teve de se conter, a sua imaginação estava a levá-lo longe demais. O cavalo relinchou e Maria Helena ao ouvir, vestiu o biquíni novamente.

- Raio de cavalo! – sussurrou Pedro.

Maria Helena ficou um pouco desconfiada e olhava para todas as direcções, nisto viu Pedro aproximar-se. Ela olhava-o sem nada dizer, começou a sentir-se nervosa. Os dois sozinhos num lugar daqueles, deveria ser perigoso.

- Olá, Maria Helena!

- Olá Sr.

- Ah!... nada de senhor!

- Olá, Pedro.

- Muito melhor assim. – Ele disse sorrindo, trazia roupa de cavaleiro que o fazia muito elegante e atraente. – A água está boa?

- Está um pouco fria, mas depois de estarmos na água, habituamo-nos.

- Posso fazer-te companhia?

- Pode...podes... mas ...não sei... parece-me que não está... não estás com a roupa adequada.

- Quem te disse? Eu ando sempre preparado. – Ele começou a despir-se e ela sentia-se cada vez mais nervosa. Ele tinha um corpo atlético fantástico e ela começou a sentir-se excitada ao vê-lo despir-se. Tentava disfarçar o olhar, mas era quase irresistível não olhar para aquele corpo bronzeado e bem tratado. Ele meteu o dedo do pé na água.

- Ui! Está gelada!

Ela riu-se, ele entrou na água e passados uns minutos deu um mergulho. Ela sentou-se numa rocha, pouco depois ele sentou-se ao seu lado.

- Está-se bem aqui. – ele disse.

- Sim. – ela respondeu.

Ele deitou-se na rocha.

- Que silêncio! Que maravilha! Longe da azáfama do dia-a-dia, do telefone, e-mail, reuniões, problemas... isto é o céu! - Ela sorriu, ele sentou-se. - E ter-te aqui ao meu lado, o que mais posso eu querer?

Eles olhavam-se.

- Mas o bom acaba depressa. Daqui a nada estamos de volta ao trabalho.

- Não! Não digas isso! Não cortes o meu sonho!

Ela deu uma risada dizendo:

- Só estou a ser realista.

- Eu sei. Amanhã é a festa da minha mãe, ouvi dizer que vocês as três vão ao centro da cidade fazer compras.

- Sim é verdade, vamos comprar umas roupinhas, afinal... temos que gastar o subsídio de férias.

Ele soltou uma gargalhada.

- Tens razão, embora eu saiba que não é muito dinheiro, tenho que te dar um aumento.

- Acho bem. – eles riram-se.

- Vou dar um mergulho.

- Eu também.

Atiraram-se para a água e nadaram lado a lado. Ao chegarem perto da queda de água levantaram-se, olharam um para o outro e sentiram-se atraídos ao verem a água a cair nos seus corpos. Ele aproximou-se dela e colocou-lhe a mão na face, ela olhava-o.

- Amo-te Maria Helena! – ele disse-lhe.

Ela sorriu e aos poucos encostaram os lábios e beijaram-se. Ele apertou-a nos seus braços e ela timidamente também o abraçou. Com as mãos ele percorria as costas dela e desceu até às ancas dando-lhe um leve aperto, Maria Helena sentia-se tão extasiada com o beijo que se deixou levar por aquele momento. As suas línguas exploravam a boca de cada um. Desta vez ela não fugiu e decidiu dar-lhe o benefício da dúvida, sentia-se bem nos seus braços, adorava os seus beijos e o seu corpo. Nunca tinha passado momentos tão íntimos com nenhum outro homem, sentia-se desejada, ele fazia-a sentir mulher.

- Meu amor... amo-te tanto ... - ele sussurrava-lhe ao ouvido. – És tão linda, tão sensual... deixas-me louco. - Olharam-se nos olhos. - Nunca pensei voltar a sentir-me assim, julguei que o amor e a paixão já tinham acabado para mim, mas tu... tu reacendeste a minha chama... sempre te achei linda desde o primeiro dia que foste trabalhar para a empresa.

- Eu era tão tímida.

- Mas eras linda! Eu como já namorava, só tinha olhos para a Luísa. A morte dela para mim foi devastadora... fiquei seco por dentro.

- Eu sei, eu lembro-me.

- Sofri tanto... depois meti-me com tudo o que era mulher para tentar recuperar da dor, apaziguei um pouco mas não era vida para mim. Há mulheres muito interesseiras, falsas... quando vim da Suíça comecei a olhar-te com outros olhos, não sei... estavas mais solta, diferente, não sei... acabei por me sentir muito atraído por ti... não conseguia entender o que se passava comigo, aquele primeiro beijo foi... foi sem querer... só me apeteceu tocar-te nos lábios. - Ela sorriu e ele abraçou-a novamente. - Maria Helena, só me apetece ter-te assim nos meus braços! - Ao abraça-la ela viu um vulto no meio das árvores e deu um salto.

- O que foi?

- Vi um vulto ali no meio das árvores.

- Onde?

Ela indicou o sítio e ele nadou até à margem. Uns passos de corrida começaram-se a ouvir, o cavalo estava irrequieto e Pedro saiu da água para o acalmar. Chegou perto dele, acariciou-lhe a crina dizendo:

- Sch... Tem calma Bravo, tem calma.

- Viste alguém?

- Não, mas ouvi alguém a correr.

Ela sentiu um arrepio.

- Ui! Até me arrepiei.

- Tem calma. - ele chegou perto dela. – Chegaste a ver alguém?

- Apenas uma sombra, não consegui decifrar se era homem ou mulher.

- Que era alguém, era. O Bravo estava todo agitado.

- O Bravo?

- Sim, o cavalo.

- Pois, os cavalos são muito sensíveis, pressentem as coisas.

- Sim, é verdade.

Pedro ficou pensativo e com cara séria e começou a vestir-se.

- O que foi? Estás tão sério?

- Sim.

- Estás desconfiado de alguma coisa?

-Não sei, Maria Helena, não sei... vamos andando? Está quase na hora do almoço.

- Sim, vou vestir-me.

- Queres boleia no cavalo?

Ela sorriu e disse:

- É melhor não.

Ele chegou perto dela, afastou-lhe o cabelo dos olhos e disse:

- Queres namorar comigo?

Ela sorriu e ele disse:

- Esse sorriso é um sim?

- Não sei,Pedro... ainda estou meia atordoada com tudo.

- Está bem, não precisas de responder já, vamos deixar as coisas acontecerem... não queres que saibam acerca de nós?

- Não sei... depois do que me contaste da tua conversa com a PJ, se calhar é melhor não dar nas vistas.

- Hm... Não sei se vou conseguir estar perto de ti sem te poder tocar ... vai ser tortura, mas sim, acho que tens razão. - Ele olhou-a, beijou-a e abraçaram-se. - Até já, meu amor.

- Até já.

Pedro montou o cavalo e partiu a grande velocidade.

Maria Helena ao sair do rio, olhou para o chão , viu pegadas e pensou:

‘Hmm, quem quer que tenha sido, não tinha o pé grande. Talvez uma mulher’.

Ao mesmo tempo que pensava isto viu uma fita branca pendurada no ramo de uma árvore.

Parecia ser uma fita de cabelo, pegou nela e guardou-a no saco.

Após o almoço Isabel e D. Júlia preparavam-se para sair.

- Vamos meninas, o motorista está à nossa espera.

- Sim vamos. – Disse Isabel.

- A sua irmã?

- Já estava pronta, deve estar a descer.

Maria Helena e Pedro estavam aos beijos no corredor da casa.

- Vá, pára Pedro, deixa-me ir, elas estão à minha espera.

- Que esperem. Deixa-me dar-te mais uns beijos antes de ires, já quem têm de ser às escondidas.

Ele abraçava-a e ela ria-se.

- Pára! Já chega! – Ela libertou-se dele e deu uma corrida em direcção às escadas.

- Adoro-te! – Disse ele baixinho. Ela sorriu e desceu as escadas, ao vê-la Isabel exclamou:

- Vamos, mana! Estamos à tua espera!

- Desculpem!

- Vamos lá então. – Disse D. Júlia. Pedro observava-as do cimo das escadas.

- Até logo, filho.

- Até logo meninas, portem-se bem!

Maria Helena olhou para trás e ele piscou-lhe o olho.

A tarde foi passada na cidade a fazer compras e as irmãs quase que se chatearam com D. Júlia quando esta lhes pagou as compras. Lancharam numa pastelaria e quando chegaram a casa já escurecia.

Durante o jantar D. Júlia reparou que a empregada não trazia o cabelo preso.

- Marisa? Porque está a servir à mesa com os cabelos soltos?

- Desculpe D. Júlia... é que perdi a minha fita.

Maria Helena pensou na fita que tinha encontrado e pôs-se a pensar no tipo de ligação que teria com a fita perdida da empregada. Observa-a com cara séria.

- Pois então arranje outra, não gosto de ver empregadas com os cabelos soltos a fazerem as lides domésticas.

- Sim, senhora, desculpe.

- Como foram as compras, contem lá? Gastaram muito dinheiro? Compraram muitas coisas? – Perguntou Pedro.

- Sim, compramos algumas coisas sim, roupas, coisas cá para casa. – Respondeu D. Júlia.

- Amanhã de manhã vou comprar a sua prenda, querem vir comigo, meninas? – Pedro olhou para Maria Helena.

- Pois... realmente, falta a prenda. – disse ela.

- Podes ir apenas tu mana, tens mais jeito do que eu para essas coisas. - Maria Helena arregalou os olhos e apercebeu-se que a irmã tinha feito de propósito.

- A que horas combinou com os convidados amanhã, mãe? Tenho de ligar ao Miguel.

- Combinei entre as dez, dez e meia.

- Está bem.

- Bom, meus queridos, vou deitar-me, sinto-me cansada de ter andado a pé.

- Não quer tomar café, mãe?

- Não querido. Desculpem, mas preciso descansar.

- Está bem.

Ela levantou-se da mesa.

- Boa noite.

- Boa noite, mãe.

- Boa noite, D. Júlia. – Disseram as irmãs.

Isabel levantou-se também e disse:

- Eu também me vou deitar.

- Não queres café? – Perguntou a irmã.

- Não. Vou subir, até amanhã.

- Até amanhã. - Responderam Pedro e Maria Helena.

Ficaram os dois sozinhos na mesa olhando um para o outro.

- Bom... só restamos nós. – disse Pedro.

- Sim é o que parece.

- Sabes o que me apetecia neste momento?

- Não.

- Subir esta mesa, ir ter contigo e dar-te um beijo.

- Ahaha! – ela deu uma gargalhada. – Tu és doido!

- Sou... por ti sou completamente doido!

- Não sei o que viste em mim... sou uma pessoa tão simples...

- Precisamente por seres simples, és a mulher mais linda que eu já vi em toda a minha vida, linda em todos os aspectos. És humilde, sincera, transparente, não és falsa nem interesseira. És simpática, inteligente... além disso tens uns olhos cativantes e profundos que sobressaem desses teus longos e lindíssimos cabelos negros. Tens um corpo fantástico.... É melhor parar por aqui, ainda digo o que não devo.

Ela riu-se.

- Tontinho!

- Sim, estou completamente tontinho por ti! Sinto-me um adolescente que descobriu o seu primeiro amor.

-Mas eu não sou o teu primeiro amor...

Ele parou de falar e olhou-a.

- Não, não foste o meu primeiro amor, mas acredita que és o meu verdadeiro amor após a era 'Pedro mulherengo'. Não tive a oportunidade de te conhecer antes da Luísa, mas a vida é assim e tu? Já tiveste algum primeiro amor?

Ela olhou-o surpresa com aquela pergunta e respondeu:

- Não... já tive alguns namorados, mas nunca chegou a amor.

- Nunca te apaixonaste por ninguém?

- Paixão, não. Não passaram de namoricos.

- Porquê?

- Porquê? Como assim?

- Sim, nunca encontrei ninguém em especial?

- Especial? – ela lembrou-se imediatamente de Ricardo. – Talvez... mas pessoas especiais têm sempre algo especial.

- Não entendo.

Ela não lhe apetecia continuar a conversa e levantou-se.

- Com licença... - ela dirigiu-se para a outra sala. Ele seguiu-a.

- Não queres falar do assunto?

- Não é isso...

Ele chegou por trás dela e disse-lhe ao ouvido.

- És misteriosa... gosto disso.

- Não sou nada misteriosa. – ela sorriu e virou-se para ele que a olhava.

- Um dia ainda vou descobrir esses teus mistérios...

Com os dedos ele começou a tocar-lhe nos braços e foi subindo até aos ombros.

- Tens a pele macia...

Ela afastou-se e sentou-se no sofá, ele seguiu-a e sentou-se ao seu lado.

- Porque foges de mim?

- É melhor mantermos as aparências, já tínhamos falado nisso.

- Estamos sozinhos.

- Não sei...

- Achas que aqui dentro está alguém que nos possa fazer mal? Só estão a minha mãe e a tua irmã. Os empregados dormem na outra casa lá fora. Ele pegou nas mãos dela.

- Podemos namorar um pouco aqui.

- Já é tarde.

- Tem calma... parece que tens medo de mim.

- Medo?! Não tenho medo de ti.

- Tens sim, sinto nas tuas mãos ... eu nunca te faria mal, meu amor... nunca. Podes confiar em mim. – Ela olhava-o, ele acariciou-lhe a cara e chegou-se mais perto. – Nunca faria nada que não quisesses, ouviste? - Ela respirou fundo. - Não vou ser cínico, não nego que desejaria amar-te, encher-te de todo o amor que sinto por ti. Conhecer e tocar cada ponto do teu corpo, descobrir-te aos poucos, descobrir esses teus mistérios. Desejo-te, desejo-te muito, mas não quero que sintas receio de estar comigo. Ela tinha lágrimas nos olhos. - O que foi querida?

- Sou uma tonta.

- Não és nada, o que foi? Alguma coisa que eu disse?

- Sabes? Nunca ninguém me disse essas coisas antes. - Ele permaneceu calado e observava-a.

– Porque me olhas assim?

- Porque cada vez te amo mais, Maria Helena.

Ela baixou os olhos, ele levantou-lhe o rosto e aproximou o seu. Tocou-lhe nos lábios suavemente e beijou-lhe os cantos da boca, com a língua saboreava os lábios, naquele momento ela começou a sentir-se estranha, começou a sentir um calor que lhe vinha de dentro. Seria desejo o que sentia? Estaria a começar a gostar dele? Nunca nenhum homem a tinha feito sentir assim. Estava a começar a gostar daqueles beijos que a deixavam sem respiração. Estavam os dois abraçados e a beijar-se e aos poucos ele estava sobre ela, deitados no sofá. Com as mãos ele acariciava-lhe os braços e tocou-lhe de leve nos seios, ela levantou-se rapidamente e ele caiu no chão. Ela correu em direcção às escadas.

- Maria Helena! Desculpa! – Ele deu um murro na mesa da sala. – Que parvo!

Maria Helena entrou no quarto da irmã rapidamente, esta já estava na cama.

- O que foi? Até me assustas.

Maria Helena sentou-se na cama.

- Desculpa...

- O que foi? O que se passou? Tu e o Sr. Pedro? O que aconteceu?

- As coisas estão a aquecer...

- Aquecer? Aquecer, como? Conta lá o que se passou?

Enquanto Maria Helena contava à irmã o que se tinha passado entre ela e o seu patrão, este estava no corredor e ao ver a porta do quarto dela entreaberta, bateu à porta.

- Maria Helena? Maria Helena?

Como não ouviu resposta decidiu entrar.

- Posso entrar?

O quarto estava vazio e em cima da cama tinha os sacos das compras daquela tarde. Em cima de uma das mesinhas de cabeceira viu o telemóvel, um bloco de papel e uma caneta. Pegou no bloco e escreveu.

‘Desculpa o que fiz, mas foi mais forte do que eu. Amo-te muito e desejo-te, não te chateies comigo. Desculpa o abuso de entrar no teu quarto, mas quis conversar contigo. Perdoa-me por favor. Fazes-me sentir um adolescente a escrever bilhetinhos. ☺

Espero por ti amanhã às 10 horas na garagem para irmos comprar a prenda para a minha mãe. Dorme bem. Sonha comigo pois eu com certeza irei sonhar contigo. ☺

Amo-te !

Pedro Vilas Boas “

Quando Maria Helena regressou ao quarto já era tarde e viu o bilhete em cima da almofada, quando o acabou de ler sorriu, mudou de roupa, arrumou os sacos das compras e sentou-se na cama. Estava pensativa e levantou-se, foi ao armário e tirou uma caixa pequena, colocou-a em cima da cama e abriu-a, tinha várias cartas e papéis e entre eles tirou a foto de Ricardo. Pegou nela e observava-a.

- Ricardo, maninho... porque me deixas assim triste? Porque tinhas de ser de tão longe? ... não compreendo porque me sinto assim, não sei o que sinto por ti... é um sentimento estranho... nunca te vi mas parece que ... parece que posso sentir-te... é estranho...

Pegou na foto, deu-lhe um beijo e encostou-a ao peito, fechou os olhos e tentava perceber o que era aquele sentimento que a fazia ficar triste e com vontade de chorar. Pegou na foto e voltou a colocá-la dentro da caixa e guardou-a no armário novamente.

- Ficas aí maninho. Não posso estar à espera de não sei o quê... tenho de viver a minha vida...

X CAPITULO

O aniversário

Eram quase 10 horas quando Maria Helena acordou no dia seguinte.

- Bolas! Adormeci! – Levantou-se rapidamente da cama e vestiu-as às pressas, eram quase 10 e meia quando chegou à garagem, mas não estava lá ninguém. Observava os carros, mas estavam todos vazios. Ao sair da garagem quase que se esbarrou com Pedro que ia a entrar.

- Olá bom dia! Que belo encontro.

- Bom dia! – Ela sorriu.

- Também adormeceste?

- Sim, pensei que já estavas à minha espera.

- Cheguei agora como vês... vamos?

- Sim.

Ele entrou dentro do melhor carro que estava na garagem e ela hesitou para entrar, dentro do carro ele disse:

- Então? Não me digas que queres ir no banco detrás como os miúdos?

Ela sorriu e sentou-se ao lado dele, saíram da garagem e Marisa, a empregada, viu-os a sair.

A manhã foi passada no centro da cidade a escolher a prenda para oferecer a D. Júlia, falaram, riram e até acabaram por almoçar juntos. No caminho de casa ele disse-lhe:

- Viste o bilhete que te deixei ontem à noite?

- Claro, de outro modo, não estaria aqui.

- Espero que...

- Sim Pedro, eu aceito namorar contigo! – Disse ela interrompendo-o. Ele ficou perplexo e perguntou:

- Desculpa? Não percebi bem.

Ela olhou-o nos olhos como nunca tinha olhado e repetiu.

- Eu aceito namorar contigo!

Ele tentou parar o carro na berma da estrada e após várias tentativas acabou por encontrar um lugar sossegado, desligou a ignição, puxou o travão de mão e disse:

- Será que eu ouvi bem? Ou foi o ruído da estrada?

- Sim, ouviste bem, eu aceito namorar contigo.

- Nem sei o que te dizer, és surpreendente, depois do que aconteceu ontem à noite...

- Eu fui uma parvinha... parecia uma coelhinha assustada... só te peço para ires com calma, não sou dessas mulheres que avança depressa.

- Sim, claro, vamos com calma... posso fazer-te uma pergunta?... Sei que não devia fazer-te... mas as tuas atitudes levam-me a pensar ... tenho curiosidade em saber, mas não quero estragar tudo.

- Já sei o que me vais perguntar.

- Sabes?

- Sei ou pelo menos deduzo que sei... a tal pergunta... queres saber se sou virgem, certo?

- Bom... nunca pensei que fosses tão directa.

Ela sorriu. - Já não és o primeiro a fazer-me essa pergunta.

- Hmm... e não me fales desses que te fizeram essa pergunta que fico com ciúmes.

- Tonto! Passado! Fazem todos, parte do passado.

- Eu sei... peço-te desculpas por querer saber de ti, mas conheço bem as mulheres... e tu... és diferente...

- Sim, sou virgem.

Ele olhou-a e tinha uma vontade imensa de a beijar. Ela também o olhava, o seu olhar estava mais confiante. Ele tocou-lhe no rosto.

- Estou tão feliz por teres aceiteado o meu convite para namorar comigo...

- Mas estás habituado a mulheres mais experientes...

- Disparates! Mulheres fáceis queres tu dizer... não me interessam... adoro desafios... - ele piscou-lhe o olho. - Vem cá, deixa-me apertar-te contra mim. - Ele puxou-a contra o seu peito e abraçou-a apertado, depois olhou-a nos olhos e disse: - Amo-te!

Ela respondeu-lhe:

- Eu também gosto muito de ti.

Ao ouvir estas palavras Pedro beijou-a com intensidade.

Durante a tarde foi uma grande azáfama a preparar tudo para a festa de anos de D. Júlia, a cabeleireira foi à Quinta pentear os cabelos das senhoras. Perto das 22 horas começaram a chegar os primeiros convidados. Maria Helena estava no quarto a acabar de se arranjar quando o telemóvel começou a tocar, era Ricardo. Não sabia se havia de o atender ou não.

- Que se lixe! Estou com saudades de ouvir a sua voz... Sim?

- Olá maninha!

- Olá.

- Desculpa ligar-te a estas horas, mas estava com saudades de te ouvir.

- Não faz mal, adorei, também estava com saudades de te ouvir.

- Como estás?

- Bem e tu?

- Também.

- Como vão as coisas com a namorada?

- Melhorzitas.

- Melhorzitas? – Ela sorriu.

- Sim... já estamos melhor... vamos morar juntos...

Ao ouvi-lo dizer aquilo Maria Helena sentiu uma tristeza súbita e não conseguia falar.

- Mana? Estás aí?

- Sim, estou... ainda bem que se entenderam.

Não era nada daquilo que lhe apetecia ter dito, a verdade é que se sentia triste por ele ter reatado com a namorada, queria que ele lhe tivesse dito que tinham acabado tudo e que finalmente estaria livre para se poderem conhecer.

- E tu? Como andas? Onde estás? Na Quinta?

- Sim, vou a uma festa de anos ... também tenho algo para te dizer...

- Ah! Sim? Conta lá as novidades.

- Eu... comecei a namorar ontem ... - Desta vez foi Ricardo que ficou em silêncio. – Ricardo? Estás aí?

- Sim... estás a falar sério?

- Sim, claro, não ia brincar com uma coisa destas.

- Mas... quem é o felizardo? Alguém que já conhecias?... foi assim tão de repente...

- Sim, já conheço... há muitos anos.

- Espero que ele te trate bem.

- Sim trata.

- Bom... vai lá à tua festa de anos.

-Está bem.

- Fica bem e beijinho grande.

Ambos desligaram o telemóvel e ficaram com cara triste. Ricardo deitou-se sobre a cama olhando para o tecto, ela olhava-se no espelho dizendo:

- Acabou-se Maria Helena! Acabou-se a curiosidade de o querer conhecer. Acabaram os filmes de um dia ele deixar a namorada por tua causa. Volta à terra! Esta é a tua realidade! Tens um homem lindo de morrer que te ama loucamente. O teu namorado! Acabaram-se os pensamentos no teu amigo virtual... não sejas tontinha... ‘Back to reality my friend!’

Nisto bateram à porta.

- Maria Helena, posso entrar? – Era Pedro.

- Claro, Pedro, entra!

Pedro entrou, Maria Helena estava sentada em frente ao espelho e ele apareceu por trás e deu-lhe um beijo no pescoço.

- Hum! Tão cheirosa que estás.

Ela sorriu e levantou-se, ele olhou-a e disse:

- Estás linda.

- Estou nada, estou simples.

- As coisas simples são as mais bonitas. O que tens? Estás com uma carinha triste.

- Não é nada.

- Tens a certeza? – Ele chegou perto dela.

- Sim.

- E se eu te der um beijinho? Ficas melhor?

- Hum... Não sei... acho que estou a precisar de um abraço também.

Ele abraçou-a e ela apertou-o, sem querer uma lágrima caiu-lhe do rosto.

- Hum... Que abraço bom! - Ficaram abraçados uns segundos. - Temos de ir. Ele disse e ao olhá-la viu lágrimas nos seus olhos. - O que foi, meu amor? Estás a chorar?

- Não é nada.

- Claro que é. O que se passa?

- É bom sentirmos que alguém gosta de nós... mas... talvez eu não seja a mulher ideal para ti...

- Ei? Que baboseiras são essas? És sim!

- O que irão dizer os teus amigos? Que andas com a secretária.

Ele colocou-lhe a mão no rosto e exclamou com voz firme:

- Os meus amigos verdadeiros não dirão nada, quanto aos outros pouco me interessa a opinião deles! O que sei é que te amo e que te quero, não me interessa se és a minha secretária. És a minha namorada... e quem sabe um dia ... a minha mulher!

Ela olhou-o nos olhos e perguntou:

- Estás a falar sério? Queres um dia casar comigo?

- Sim! Quero um dia casar contigo, ter filhos teus! Porque não? Porque vou ocultar o que sinto? Não tens ideia do amor que sinto por ti... tu enfeitiçaste-me...

- Eu? – Ela sorriu.

- Sim e espero que o feitiço nunca acabe. - Eles olhavam-se e ele deu-lhe um beijo leve nos lábios. – Não quero estragar a tua maquilhagem. Ela sorriu e saíram de mão dada do quarto.

A festa era no jardim e já tinha alguns convidados. Os empregados estavam vestidos a rigor e Pedro apresentou Maria Helena como sua namorada. Isabel esteve sempre ao lado da anfitriã da festa e até se mostrou ser uma boa acompanhante, nem parecia a mesma rapariga tímida que todos conheciam. Quem não apreciou muito ver Maria Helena e Pedro de mão dada foi Marisa, a empregada.

Estava uma noite agradável, tinha uma banda e alguns convidados dançavam. Entretanto, Miguel, o sócio de Pedro, chegou e ao ver D. Júlia foi cumprimentá-la.

- Olá boa noite D. Júlia. Parabéns!

- Olá querido Miguel, obrigada.

Ele ofereceu-lhe um embrulho pequeno.

- Oh! Não era preciso.

- Claro que sim.

Miguel não tirava os olhos de Isabel.

- Esta é a Isabel, a irmã da Maria Helena... sabias que ela e o Pedro namoram?

- Já não é novidade para mim, o seu filho já andava pelo beicinho há muito tempo... Prazer Isabel, sou o sócio de Pedro numa empresa de automóveis

- Prazer. - Respondeu Isabel dando-lhe um cumprimento de mão.

- Se me dão licença... vou cumprimentar os namoradinhos de fresco.

- Sim, sim, vá lá, esteja à vontade, como se casa fosse sua.

- Obrigada, D. Júlia, até já. – Disse Miguel olhando para Isabel.

- Até já.- Responderam as duas.

- Isabel?

- Sim, D. Júlia?

- Sem querer ser mazinha, mas quero adverti-la para ter cuidado com o Miguel.

- Cuidado? Porquê? Acabei de o conhecer.

-Sim, eu sei, mas também vi a forma como ele olhou para si. Ele é muito bom rapaz mas tem um grande defeito, é muito mulherengo. Era ele que empurrava o meu Pedro para as garras de outras mulheres.

- Não se preocupe D. Júlia, obrigada por me avisar, mas eu sei defender-me.

- Ainda bem, não se deixe ir nas conversas dele, é um homem bonito e tem noção disso e por essa razão julga que pode ter as mulheres que quer com o seu charme. Seria tão bom que ele assentasse como o meu Pedro, desejo tudo de bom para o meu filho e para a sua irmã, ele gosta muito dela, já não o via assim com aquele brilho nos olhos desde que a Luísa morreu. Sabe quem foi a Luísa?

- Sim, sei, a noiva, estavam para se casar.

- Sim, faltava uma semana e foi morta a tiro por uns assaltantes, quis defender o meu filho e morreu.

- Que horror! Não sabia disso.

- Sim, ainda hoje o Pedro suspeita que foi tudo planeado.

- Credo! Queriam matar o seu filho?

- Não sei querida, mas espero sinceramente que ele seja muito feliz com a sua irmã.

Isabel sorriu, mas ao mesmo tempo ficou preocupada.

A festa foi decorrendo normalmente, Pedro e Maria Helena conversavam com umas pessoas amigas, até que Maria Helena viu Marisa e Miguel a conversarem perto da piscina e achou estranho.

- Pedro, vou ter com a minha irmã, já volto, com licença.

- Sim, querida, até já.

Ela retirou-se e aproximou-se discretamente de Marisa e Miguel. Entrou dentro da casa de banho e tentava escutar a conversa dos dois.

- Não me venhas com histórias, Marisa!

- Juro-te! Ele tratou-me muito mal! Será que se esqueceu do que se passou?

- Marisa, pára com isso. Sabias perfeitamente que não ia dar em nada.

- Por eu ser empregada, é isso? - Maria Helena subiu para a sanita para tentar ouvir melhor. - E a secretária? Não é também empregada dele?

Maria Helena nem quis acreditar no que os seus ouvidos tinham acabado de ouvir. Os dois continuavam a conversa.

- Não te queiras comparar com ela, Marisa! A Maria Helena pode ser pobre, mas é educada, tem glamour, uma certa classe e além do mais é lindíssima.

- Não me venhas com histórias, Miguel! Tem o que qualquer mulher tem, tem...

- Ah! Pára! Nada de bocas foleiras! Estás a ver? Esta é a diferença entre as duas, tu és brejeira!

- Sou, sou, mas gostas não gostas?

- Sch! Cala-te!

- Não me calo não... não estás com saudades minhas?

- Por acaso... estou com uma vontade de te agarrar essas pernas...

Maria Helena abanou a cabeça, que conversa mais ordinária, sentia-se furiosa e ao mesmo tempo nauseada com o que tinha ouvido. Não quis ouvir mais nada e saiu disparada em direcção à casa. Isabel viu-a passar e notou que ela tinha uma expressão estranha e foi atrás

dela. Maria Helena subiu as escadas a correr, entrou no quarto e começou a atirar com a roupa para o chão que estava em cima da cama.

- Até com a empregada?! Não é possível! Obsceno! – Ela exclamava com voz alta.

Naquele momento Isabel entrou no quarto.

- O que foi? O que se passa?

- Isabel! Estou enojada!

- O que foi?

- Acreditas que o Pedro andou metido com a empregada?!

- Ah?! – Isabel ficou boquiaberta.

- Sim! Foi ela quem nos espiou quando estávamos no rio! Agora percebo tudo!

- Espiar?! Rio?! Não entendo nada!

Enquanto Maria Helena contava a Isabel o que se tinha passado, Pedro perguntou à mãe onde elas estavam.

- Vi-as em direcção à casa.

- Está bem... não gosto que me deixem sozinho.

No quarto de Maria Helena as irmãs tentavam conversar, mas a ira de Maria Helena era em demasia e só conseguia era gritar.

- Calma, mana! Já sabias que ele era um mulherengo e as coisas aconteceram antes de ti.

- Achas? Acreditas nisso? Será que depois de estar comigo ele se mete na cama com ela?!

- Mana! Por favor...

- Desculpa ser tão directa, Isabel ... espera aí... uma noite destas acordei de noite e ouvi a porta do quarto dele a bater com força... de certeza que era ela!

- Não faças filmes, mana ... Achas que se fosse ela, tinha feito barulho com a porta?

- Estou passada com tudo isto!

- Como sabes que a fita que encontraste pendurada é da Marisa?

- Lembras-te uma vez ao jantar a D. Júlia chamar-lhe à atenção por ela trazer os cabelos soltos e ela respondeu que tinha perdido a fita?

- Ah! Sim, lembro-me...

- Então... que mais provas queres? Não vou ficar aqui nem mais um segundo!

- Maria Helena, não vamos agora deixar a festa da D. Júlia! Tens de conversar com o Pedro e perguntar-lhe o que se passa entre ele e a empregada.

- Eu não vou perguntar nada! Já me arrependi de ter vindo para cá! De ter-me rendido aos encantos dele... que burra! Imbecil!

- Pára com isso! Tens de conversar com ele, ouvir a sua versão, podes estar a condenar um inocente, dá-lhe o benefício da dúvida, conversem, bolas!

- Não! Amanhã vamos embora!

- A pé?!

- De táxi! Não preciso das boleias dele para nada! Vou começar a fazer as malas agora!

- Mana, por favor! Pensa! Estás com a cabeça quente... olha... eu vou para a festa e acho que deverias fazer o mesmo.

- Não consigo olhar para a cara dele!

- Mas olha que vais ter que olhar! E quando regressares ao trabalho? Como vai ser?

- Despeço-me!

- Maria Helena, pára com esses disparates, por favor! Olha... faz como quiseres... eu vou descer...

Isabel saiu do quarto e Maria Helena atirou com o resto da roupa para o chão, sentia-se traída, furiosa, nauseada, triste, era um misto de emoções que a invadiam.

Na festa, Pedro viu Isabel e perguntou-lhe:

- Isabel, onde está a sua irmã?

- Está no quarto.

- Mas... passa-se alguma coisa?

- ... é melhor ir falar com ela.

- Mas passa-se alguma coisa? Ela sentiu-se mal?

- Sr. Pedro... faça o que lhe digo... vá falar com ela, é melhor falarem, mas não lhe diga que foi eu que disse para ir ter com ela, senão ela ... mata-me!

Mal acabou de ouvir as palavras de Isabel Pedro correu em direcção à casa, entrou, subiu as escadas a correr, ao ver a porta do quarto de Maria Helena aberta chamou:

- Maria Helena? Estás aí?

Ao entrar, viu a roupa toda espalhada no chão.

- O que se passou aqui? - Ela voltou-se para ele com cara de furiosa. – O que foi? O que tens?

– Ela deu-lhe um estalo na cara. Ele meio atordoado perguntou: - Ei! O que foi isto?

- Tu não prestas, Pedro! Continuas o mesmo mulherengo!

- Ah?! O que dizes?

- És um imundo! Não tens emenda! Como pude ser tão ingénua e me ter deixado levar pelas tuas conversas?!

- O que tens? Porque me estás a insultar desta maneira? Podes explicar-me?

- Acabou Pedro! Acabou o namoro!

- O quê? Mas o que se passou? Tens de me dizer o que se passa!

- Tu não prestas! Qualquer uma te serve, até a empregada!

Pedro ao ouvir isto perguntou com voz mais alta:

- O quê?

- Sim! A empregada da mini-saia, a Marisa, não é? Vais negar? Vais negar que andas com ela? Durante o dia com as tuas lamechices comigo e à noite dormes com ela!

- Ei! Pára com isso! Sim, não nego que já dormi com ela, mas foram apenas duas vezes, mas FORAM! PASSADO! – Gritou ele. – E como sabes disso?

- Não interessa como sei! O que interessa é que soube e é verdade e sinto-me enojada! Vou-me embora daqui, só não vou hoje por respeito à tua mãe. Quando chegares ao trabalho irás receber a minha carta de despedimento!

- Como? – Pedro sentia-se muito mal com todas aquelas acusações, ele que a amava acima de tudo, via nos olhos dela rancor e cólera.

Ela continuava:

- Não brincas mais comigo, Pedro!

- Queres parar com isso? Queres ouvir-me, por favor?

- Não! Não quero ouvir!

Ele chegou perto dela agarrou-a nos ombros, abanou-a dizendo:

- Pára com isso?! Queres ouvir-me?! Chega! Pára!

- Larga-me!

- Não largo! Tens de te acalmar! Estás possessa, diabos! Não me podes julgar assim! Eu não tenho nada a haver com a Marisa! Nunca lhe prometi nada, ela sabia disso! E isso já foi há muito tempo, quase há um ano atrás. Nunca mais tive nada com ela!

Ele largou-a e ela sentou-se na cama, com o rosto virado para o chão.

- Por quantas situações deste tipo terei de passar? Não estou preparada para isto...

Ele ajoelhou-se em frente a ela e disse:

- Olha para mim! - Ela levantou o rosto e olhou-o. – Escuta-me por favor! Podes até chegar a conhecer mais mulheres, mas todas fazem parte do meu passado. Passado, ouviste? Todos nós já tivemos um passado, tu já tiveste o teu passado, as tuas histórias. Acredita Maria Helena, tens de acreditar em mim, eu não tenho nada a haver com a Marisa! Ela é muito venenosa, não lhes podes dar importância... mas ... como é que descobriste?

- Ouvi uma conversa dela com o teu sócio ... até me enfastiou a conversa...

- Estás a ver? Para ela qualquer um serve, o que ela quer são homens ricos, ela não presta, não vale nada!

- Tu sabias que foi ela quem nos espiou no rio?

- Como sabes?

- Lembras-te da tua mãe lhe ter perguntado acerca da fita do cabelo, quando estávamos a jantar?

- Sim, lembro-me.

Ela levantou-se e abriu a gaveta da mesinha de cabeceira tirando uma fita.

- Aqui está!

- Onde encontraste isto?

- Quando saíste a cavalo eu fui logo atrás de ti e vi pegadas no chão, notei que eram pegadas de um pé pequeno, ao olhar para cima, vi esta fita pendurada num ramo de uma árvore.

- Muito bem D. Maria Helena Sherlock Holmes!

Ela sentou-se na cama.

- Não brinques, Pedro...

- Estás mais calma?

- Mais ou menos.

- Diabos!... Tu tens um feitio... xiiii

- Pois... sou assim.

- Mas apesar do valente estalo que levei, estou contente.

- Contente? Porquê?

Ele ajoelhou-se perto dela.

- É sinal que gostas de mim.

- Tonto! – ela sorriu.

- Finalmente consegui que sorrisses. Quero que me dês muitos estalos, é sinal que te importas comigo.

- Queres? És masoquista? Gostas de levar pancada?

Ele riu-se e ela também.

- Bom... não foi bem isso que eu quis dizer ...

- Não? Olha que eu não me importo de dar estalos!

- E achas que eu mereço?

Eles olhavam-se nos olhos, ele continuava de joelhos.

- Acho sim! Mereces uns belos estalos!

- Oh! Que violenta e porquê?

Ela colocou-lhe a mão no rosto e respondeu:

- Mereces um estalo por cada mulher que tiveste antes de mim!

- Xii... estava desgraçado! Eu sei... foi uma fase na minha vida que quero esquecer, mas não me tortures mais com isso. Agora estou contigo, és apenas tu que me interessa.

Eles continuavam a olhar-se nos olhos, Maria Helena começou a sentir um carinho muito especial por ele, gostava de falar com ele, sentia-se segura. Tinha ciúmes do seu passado, ciúmes de todas as mulheres que o beijaram antes dela, que sentiram o seu perfume, o calor do seu corpo.

- O que foi? Porque me olhas assim?

Uma lágrima caiu-lhe no rosto, ela ficou silêncio, não tinha coragem de lhe exprimir o que sentia naquele momento. Desta vez foi ela que se aproximou do seu rosto, tocou-lhe nas sobrancelhas, nas pálpebras, nas orelhas, no nariz, nos lábios, ele beijou-lhe os dedos. Com as mãos ela desceu ao pescoço, desapertou-lhe dois botões da camisa e acariciou-lhe os pelos do peito.

Estavam os dois calados e Pedro estava a adorar tudo aquilo e nada fazia, deixou-a comandar, queria que ela soltasse toda a sua timidez e o fizesse sentir cada vez mais excitado. Ela chegou a boca perto do pescoço e passou a língua pelas suas orelhas, Pedro sentiu um calafrio. Ele já tinha feito amor com muitas mulheres mas nunca houve tempo para preliminares, não existia o interesse pela descoberta, era tudo apenas uma questão de sexo.

Ela continuava o seu percurso, desapertou-lhe mais um botão da camisa e ele acabou por tirá-la, ela parou e olhava-o, olhava o seu corpo bronzeado e suado, sentia-se muito atraída por aquele homem. Ele nada fazia, queria que fosse ela mais uma vez a ter a iniciativa, naquela altura queria sentir-se um escravo nas mãos dela. Queria que ela lhe fizesse o que lhe apetecesse, que lhe batesse, que o torturasse, que lhe tirasse aquele desejo intenso de a ter, de a possuir, de a amar loucamente.

- És tão lindo... tens uns olhos tão lindos...

- E eu amo-te... - Disse ele por fim.

Ela sorriu e lentamente os seus lábios fora-se unindo, ela puxou-o mais para si... ele levantou-se, continuando a beijar-se, com um leve empurrão ele fez com que ela se deitasse na cama e ele colocou-se sobre ela, por fim as suas línguas invadiram a boca de cada um com loucura. Ele nunca pensou que ela tivesse tanto fogo dentro de si, sentia o seu corpo quente colado ao seu peito. Com as mãos ela acariciava-lhe as costas e ele acariciava-lhe o rosto. Ela abriu os olhos e de repente sentiu uma sensação estranha, ao olhar para Pedro a beijá-la teve a sensação de ver Ricardo no lugar dele. Como seria beijar Ricardo? E se em vez de estar ali com Pedro estivesse com Ricardo? Como seriam os beijos de Ricardo? O seu perfume, o seu corpo, o que lhe diria ele num momento daqueles? Não entendia o porquê de apesar de estar

ali com Pedro por quem sentia uma grande carinho e tinha uma grande atracção, o seu pensamento fugia para Ricardo, numa pessoa que não conhecia e que nunca viu pessoalmente, que vivia a centenas de quilómetros de si?

Pedro parou de a beijar e olhou-a:

- O que foi? Porque me olhas assim?

Ao ouvir a voz dele, ela voltou à realidade.

- Devem estar à nossa procura na festa.

Ele sorriu.

- Pois... a festa... tens toda a razão, mas estamos aqui tão bem.

Enquanto isso na festa, D. Júlia perguntou a Isabel:

- Isabel? Onde estão o Pedro e a Maria Helena?

- Não sei... - Isabel não queria dizer o que se estava a passar.

- Está quase na hora de partir o bolo e cantar os parabéns. Por onde andarão esses dois?

- Não se preocupe, eu vou procurá-los.

Isabel sabia perfeitamente onde ir procurá-los, só não sabia o cenário que iria encontrar. Estariam ainda a discutir? Conhecendo a irmã como ela conhecia, se calhar estavam chateados, contudo encheu-se de coragem e entrou em casa. Subiu as escadas devagar e parou para ver se escutava alguma coisa, estava tudo em silêncio.

“ Pelo menos estão calados” – pensou.

Continuou a subir as escadas, ao entrar no corredor começou a chamar:

- Maria Helena! Maria Helena!

Entretanto no quarto, Pedro estava a acabar de vestir a camisa e Maria Helena ouviu a irmã a chamar.

- É a minha irmã.

Levantou-se, foi ao espelho, pintou os lábios, colocou um pouco de pó de arroz no rosto.

Isabel continuava:

- Maria Helena!

- Sim, Isabel, já vai! – Maria Helena foi abrir a porta. – Já vamos, vens Pedro?

- Sim, sim.

Pedro saiu de seguida e Isabel observou-os, não pareciam estar chateados. “ Pedro deve ter conseguido acalmar a fera” – pensou ela.

A festa decorreu na normalidade, cantaram os parabéns, partiram o bolo e ofereceram presentes a D. Júlia. Maria Helena, Pedro e Isabel ofereceram um colar de pérolas que cativou D. Júlia. No fim já todos bebiam e dançavam, Miguel aproximou-se de Isabel.

- Quer dançar?

Isabel olhou-o e depois para D. Júlia que acenou afirmativamente com a cabeça.

- Po... pode ser. Não sou grande dançarina.

- Não se preocupe... é só deixar-me conduzi-la.

Ao ver os dois Maria Helena comentou com Pedro.

- Estou admirada.

- O que foi?

- A minha irmã está a dançar com o Miguel.

- Sim?

- Sim, olha. - Pedro olhou e viu-os. – Espero que o teu sócio não ponha as unhas de fora.

- Tenho a certeza que a tua irmã se sabe defender.

- Ele que não julgue que ela é como as outras... ela ainda é pior do que eu...

- Xiii... pior do que tu??!! Não acredito! Ainda sinto o tabefe que me deste! Se é pior do que tu, valha-nos Deus!

- Pára com isso! – Maria Helena deu-lhe uma bofetada no braço.

- Au! Que violenta me saíste!

- Não te portes bem que dou-te mais!

Ele apertou-a contra ele.

- Bate-me! Adoro que me batas... - deu-lhe um beijo sonoro nos lábios.

- Doido!

- Sim... completamente por ti... temos de continuar onde ficamos... adorei o que se passou. Sabes o que me apetecia agora?

- Diz lá...

- Fugir contigo daqui para fora...

- E levavas-me para onde?

- Para o rio.

- Para o rio? A estas horas? A água deve estar um gelo.

- Pois deve, mas a noite está tão agradável! O que me dizes?

- Tu és maluco! Não podemos deixar a festa assim sem mais nem menos.

- As pessoas já estão a começar a sair, daqui a nada vai tudo embora, a minha mãe vai-se deitar, a tua irmã também. Fazemos por ficar para o fim, o que achas?

Ela olhou-o e disse:

- Acho que és louco! E o que queres fazer no rio?

Ele colocou-lhe as mãos no cabelo e disse:

- Continuar o que interrompemos, namorar contigo, beijar-te, tocar-te.

- Ah! Sim? E que mais?

Ele olhou-a e disse:

- Não faremos nada que tu não queiras, já sabes que por mim... - Pedro calou-se.

- Então? Não continuas o que ias dizer?

- É melhor não...

- Vá continua... agora quero ouvir até ao fim.

- Atenção... vou ser directo.

- Força!

- Já sabes que por mim ia até ao fim. A coisa que mais quero é fazer amor contigo.

Ao ouvir aquelas palavras ela ficou sem saber exactamente o que dizer.

- Bom... foste mesmo directo.

- Pediste-me para continuar e eu continuei...

Ambos olhavam-se nos olhos, as mãos dela começaram a tremer e ele apercebeu-se e abraçou-a.

Já eram altas horas da madrugada quando todos se foram embora. D. Júlia foi para o seu quarto e Isabel também. Ficaram apenas Maria Helena e Pedro.

- Finalmente sós! – Ele disse.

- Ainda queres ir ao rio?

- Sim... sempre quero ver se alguém nos vai espiar.

- És doido! E como vamos até lá? Não se vê nada.

- Não te preocupes, vamos à arrecadação e levamos umas lanternas, a noite não está muito escura, perto do rio vê-se bem.

- Tu és doido

- Vá... anda... vou buscar o Bravo.

- Vamos a cavalo?

- Sim.

- Mas eu não sei montar.

- E quem disse que ias montar? Eu dou-te boleia.

- Vamos os dois no cavalo?

- Sim, anda Maria Helena! Não faças tantas perguntas.

- Eu estou de vestido.

- Deixa lá isso, anda!

Pedro era um aventureiro e queria que Maria Helena participasse nas suas aventuras. Pouco tempo depois ele ajudava-a a subir para o cavalo e seguiram os dois devagar.

- Que porreiro! Nunca tinha andado a cavalo.

- Um dia destes ensino-te a montar.

Ela iluminava o caminho com a lanterna, por fim chegaram perto do rio, ele desceu do cavalo e ajudou-a a descer, amarrou o cavalo a uma árvore e deu a mão a Maria Helena.

- Vamos?

Chegaram perto das rochas e ele tirou a camisa.

- Pedro? Vamos com a roupa vestida?

- Não.

- Então?

- Vou assim... - ele começou a despir as calças e ficou em slips brancos.

- És mais maluco do que eu pensava!

- Ainda não viste nada.

Ele atirou-se à água.

- Brr... que gelo! – Exclamou ele na água.

- Imagino.

- Vá... anda!

- De roupa vestida?

- Como queiras! Não trazes *lingerie*?

- Claro... calcinhas e soutien.

- Então anda!

- E se alguém vê?

- A estas horas? E se vir não verá nada de anormal... vá lá anda!

Ela começou a levantar o vestido e ficou com uma *lingerie* preta.

- Uau! Que sexy! – Ele exclamou.

- Pára com isso! Ou ainda me arrependo... as coisas que eu faço por ti.

- Vem! Anda!

Ela colocou o dedo do pé na água.

- Ui! Que gelada! Não consigo.

- Coragem! Eu aqueço-te.

Ela sorriu e entrou na água.

- Que gelada...

Ele aproximou-se dela e abraçou-a.

- Estás melhor assim?
 - O pior são as pernas.- Ele colocou-lhe a mão nas pernas e pegou nela ao colo. - Hei? O que fazes?
 - E assim? Estás melhor?
 - Hmm... estou. – Ela riu-se.
 - Ficas linda assim de *lingerie*, sabias?
 - E tu és um doido, sabias?
 - Sim, já me disseste isso hoje pelo menos uma dezena de vezes.
- Ela sorriu.
- Não te estás a cansar comigo ao colo? Não sou particularmente leve.
 - É um prazer ter-te no colo.
- Eles olharam-se e ela disse:
- Porque me olhas assim?
 - Porque parece que estou a viver um sonho.
 - Um sonho? Porquê?
 - Foi tão complicado conquistar-te, primeiro, eu não queria ver que estava apaixonado por ti, depois tu andavas sempre a evitar-me. Nem acredito que te tenho aqui nos meus braços, no meu colo.
 - E quando voltarmos ao trabalho? Como vai ser?
 - O que tem?
 - Como vamos agir um com o outro?
 - Como duas pessoas que se amam e de seguida vou dar-te um aumento.
- Ela riu-se.
- Isso vai dar nas vistas.
 - Quero lá saber! Sou eu quem mando!
 - Bem... que mandão me saíste!
 - Sou!
- Ele começou a dirigir-se para a queda de água.
- Para onde vais?
 - Schh... não digas nada.
 - Pedro... a água está gelada...
- Mas ele não a ouviu e com ela no colo colocaram-se debaixo da água.
- Brr... que fria! – Ela exclamou ao sentir a água cair-lhe na cabeça. Ele largou-a e ficaram os dois de pé, um em frente ao outro, a água batia-lhes no corpo com força. Ele colocou-lhe as

mãos no rosto e chegou os seus lábios perto dos dela, ela não hesitou e beijaram-se. Era uma imagem típica de um quadro, dois corpos semi-vestidos, unidos, debaixo de uma queda de água.

Com as mãos ele percorria as costas dela, os braços, os ombros, subindo e descendo. Continuava a percorrer-lhe o corpo até que lhe tocou nos seios, ela estremeceu e sentiu um arrepio, mas nada fez, deixou-se levar. Ele acariciava-lhe o soutien e a respiração dela começou a acelerar, o seu coração batia com mais força, estava a gostar das sensações que estava a sentir. Ele sussurrava-lhe ao ouvido.

- Amo-te meu amor... amor da minha vida...

Ele continuava a tocar-lhe nos seios, ela gemeu o seu nome.

- Pedro...

- Tens uns seios tão lindos... um corpo tão fantástico... és maravilhosamente linda...

- Pedro... - ela continuava.

- Diz meu amor, diz...

Ele estava extasiado do prazer que sentia ao tocar-lhe nos seios.

- Estou... - mas ele não a deixou dizer nada e beijou-a com sofreguidão.

Deu um suave aperto num dos seios e percorria com a outra mão as suas costas e de repente ela sentiu o soutien a desapertar-se.

- Pedro! Que fizeste?

- Sch... tem calma... deixa-me tocar-te...

Colocou a mão por baixo do soutien que estava solto e tocou-lhe no mamilo.

- Pedro... - ela dizia baixinho.

- És tão linda...

Com os dedos ele fazia círculos à volta do mamilo.

- Pedro... estás a deixar-me...

- Sch... não digas nada...

Com a outra mão ele tirou-lhe o soutien e ela acabou por ficar semi-nua em frente a ele.

- Pedro... estou envergonhada...

- Tontinha... tu és tão linda... tens uns seios tão lindos, queria tanto beijá-los...

Ele começou-lhe a beijar o pescoço e foi descendo até que ela sentiu a língua dele tocar-lhe num mamilo.

- Pedro... não...

- Sim... deixa-me beijar-te... deixa-me sentir-te...

Com a língua circulava o mamilo e começou a sugá-lo com suavidade, Maria Helena sentia-se completamente zonga com tudo aquilo, nunca ninguém lhe tinha tocado assim no corpo, nas suas partes mais íntimas, nunca se tinha despido para nenhum homem antes. Pedro era muito carinhoso e sentia que ele a amava de verdade. Ao mesmo tempo sentia-se nervosa, ainda não estava preparada para fazer amor pela primeira vez, mas queria ao mesmo tempo experimentar sensações que nunca tinha sentido antes.

Pedro era experiente e sabia perfeitamente como agradar a uma mulher, sabia que com Maria Helena era diferente, ela era virgem e não a queria magoar, nem a forçar a nada, mas a vontade de lhe ir descobrindo o corpo era muito intensa.

- Pedro... não...

Mas ele continuava, beijou-lhe os dois seios e ao mesmo tempo tocava-os com as mãos.

- És tão linda... deixas-me louco de prazer...

- Pedro... não me digas essas coisas...

- E porque não? – Ele parou de lhe beijar os seios e olhou-a. – Eu amo-te muito e desejo-te ainda mais, tens um corpo que faz vibrar qualquer homem... já te tinha visto nua...

- O quê? – Ela afastou-se dele e colocou as mãos a cobrir os seios.

- Sim... não fujas por favor... daquela vez que estivemos aqui... eu vi-te a tomar banho nua... mas apenas te vi de costas.

- Pedro!

- Foi sem querer, juro-te! Fiquei louco ao ver-te assim.

Ela pegou no soutien e nadou até à margem, ele seguiu-a. Ela colocou o soutien e ele disse-lhe:

- Não me evites, por favor... desculpa mas foi inevitável ver-te nua debaixo da queda de água.

- Espiaste-me!

- Não digas isso, minha querida, não foi por querer e quem te mandou tomar banho nua? Afinal não sou eu o único louco aqui!

Ela olhou-o e sorriu, ele chegou perto dela e pôs-lhe os braços na cintura.

- Não me evites, se soubesses como me deixas...

- Hmm... dá para sentir ainda...- Ela olhou-lhe para os slíps.

- Ei?! Estás a olhar para onde?! Bem... és mais terrível do que eu pensava.

Ela deu uma gargalhada, chegou perto dele e deu-lhe um beijo sonoro na bochecha.

- Hmm... que beijo bom... vou dar mais um mergulho.

Ao afastar-se escorregou numa rocha e bateu com a cabeça numa rocha.

- Pedro! – Gritou ela.

Ele ficou sem sentidos e começou a ir ao fundo.

- Pedro! Pedro! Oh! Meu Deus!

Ela não sabia o que fazer, pegou na cabeça dele e reparou que esta tinha um golpe e que sangrava. Tentava puxá-lo para a margem, arrastava-o chamando:

- Pedro! Acorda!

Mas ele continuava sem sentidos.

- O que faço? Ainda por cima eu não trouxe telemóvel... vou tentar reanimá-lo.

Começou a fazer respiração boca a boca.

- Vá, Pedro, acorda!

Ele continuava inanimado, ela começou a ficar desesperada.

- Oh! Meu Deus! Pedro! Acorda por favor!

De repente lembrou-se:

- Será que ele trouxe telemóvel?

Foi ao bolso das calças dele e encontrou-o.

- Que bom!

Começou a marcar um número mas não conseguiu ligação.

- Bolas! Não tem rede! Pedro! Pedro!

Ele continuava sem reagir, ela vestiu-se, cobriu Pedro com as calças e a camisa, pegou na lanterna e saiu a correr. Passados uns minutos batia na porta de casa.

- Abram a porta! Abram!

Isabel acordou sobressaltada com o barulho.

- O que se passa? - Começou a ouvir a voz da irmã. – Mas... é a Maria Helena... - saiu disparada da cama e desceu as escadas, ao abrir a porta viu a irmã a chorar e toda molhada.

- Mana! O que aconteceu?

- Preciso telefonar para chamar uma ambulância!

- Mas ... o que aconteceu?

- Eu e o Pedro estávamos no rio e ele bateu com a cabeça numa rocha e desmaiou, já o tentei reanimar mas ele não acorda. Deixei-o sozinho, a porcaria do telemóvel não tinha rede!

- Liga para a ambulância, que eu vou buscar a minha mala e um cobertor.

Enquanto Maria Helena marcava o número, Isabel subiu as escadas a correr, passados uns minutos já estava a sair de casa. Viu uma bicicleta na arrecadação, montou na bicicleta, colocou uma lanterna no guiador, o cobertor no suporte atrás, a mala nos punhos e pedalou a grande velocidade. Depressa chegou ao local, viu o cavalo inquieto preso à árvore e logo

avistou Pedro deitado na margem, foi perto dele, tirou-lhe as calças e a camisa de cima e viu-o em slips.

- Mas o que é que estes doidos andaram a fazer?

Levantou-lhe a cabeça e viu o golpe.

- Ui! Isto está feio...

Abriu a mala tirou o estetoscópio e tentava ver a sua pulsação.

- Está a respirar.

Cobriu-o com o cobertor e com o kit de primeiros socorros que tinha fez-lhe o curativo à cabeça.

Passado um quarto de hora a ambulância chegou e Maria Helena indicou-lhes o caminho até ao rio, ao chegarem, Isabel exclamou:

- Ainda bem que chegaram! Ele está inconsciente, as batidas do coração estão a baixar, está a entrar em hipotermia.

- Oh! Meu Deus! – Maria Helena exclamou.

- Tem calma, mana...

Os bombeiros e enfermeiros colocaram-no na maca e Maria Helena chorava.

- Pedro!...

- Tem calma mana... ele vai ficar bom. Porque não mudaste de roupa? Estás toda molhada!

- Eu quero ir com ele...

- Não, mana! Vais para casa tomar um banho e mudar de roupa, ainda adoeces, eu vou com ele.

- Deixa-me ir ...

- Não, Maria Helena! Não insistas! Vê se consegues levar o cavalo para o estábulo, eu depois ligo-te.

- Está bem, mas liga mesmo. Estou com o coração nas mãos!

- Não digas nada à D. Júlia, só se ela estiver acordada.

- Está bem.

A ambulância saiu de casa e Maria Helena tentou desamarrar o cavalo.

- Schh... tem calma Bravo, vens comigo está bem? O teu dono vai ficar bom, ouviste? Vai ficar bom! - Naquele momento Maria Helena apercebeu-se do quanto gostava de Pedro Vila Boas. – Acho que estou a começar a gostar daquele homem, se lhe acontece alguma coisa, nem sei o que faço...

Eram quase oito da manhã quando Isabel ligou para a irmã.

- Sim, Isabel? Como está ele?

- Ainda continua nos cuidados intensivos.
- Já acordou?
- Não, mas a pulsação está a voltar ao normal, não te preocupes. Está num local especializado para a hipotermia, mas já está a voltar ao normal.
- Quero vê-lo!
- Não podes, quando ele melhorar já poderás vê-lo.
- Mana, por favor, deixa-me vê-lo...
- Mana, como deves compreender não é permitida a entrada de pessoas estranhas.
- Oh...
- Eu vou já para aí, temos de falar com a D. Júlia. Ela já acordou?
- Não, ela ao domingo costuma acordar mais tarde.
- Ótimo! Daqui a nada estou aí.
- Quem te traz?
- Tenho um táxi à espera.
- Está bem, até já.
- Até já.

XI CAPITULO

Amnésia

Após a hora do almoço foram as três para o hospital. Pedro tinha melhorado e ia passar para o quarto, Isabel fez questão de o acompanhar. Ao chegar ao quarto Pedro começou a acordar e abriu os olhos, observou Isabel e esta perguntou-lhe:

- Olá! Então como se sente?

Ele olhou-a e passados uns segundos disse devagar:

- O... que se ... o que se passou?

- Não se lembra?

- Dói-me a cabeça... o que aconteceu?

- Sabe quem eu sou? – Pedro olhava-a calado.-Então? Lembra-se de mim? - Ele franziu o sobrolho e respondeu:

- Não... não sei quem é... o que me aconteceu?

- Não se lembra?

- Dói-me a cabeça... o que aconteceu?

Isabel ficou com cara de preocupada e perguntou-lhe:

- Sabe como se chama?

- Eu?

- Sim, sabe o seu nome?

Ele mostrou-se pensativo e respondeu:

-... não... não me consigo lembrar... não sei quem sou! - Ele começou a sentir-se nervoso.

- Tenha calma... tenha calma... você deve estar com amnésia ... aguarde um pouco por favor, vou chamar o médico. - Isabel saiu a correr para chamar o médico.

Na sala de espera, Maria Helena e D. Júlia estavam a ficar impacientes, pois Isabel nunca mais as chamava para ir ver Pedro. Maria Helena sentava-se, levantava-se, vinha para fora da sala de espera, já não sabia mais o que fazer.

- Tenha calma, não vamos ficar ainda mais nervosas. – Disse D. Júlia.

- Meu Deus! O que terá acontecido?

Naquele instante entrou Sofia Albuquerque na sala de espera, entrou também Isabel.

- Isabel! O que aconteceu? – Exclamou Maria Helena.

- Bom...

- O que aconteceu? – Perguntou D. Júlia.

- ... ele está...

- Sim, mana?

- Está com amnésia!

- O quê?! – Exclamaram Maria Helena e D. Júlia ao mesmo tempo.

- O Pedro?! O Pedro está aqui no hospital? – Perguntou Sofia. Isabel olhou-a sem perceber quem era ela.- Vá, respondam! O Pedro sofreu algum acidente?

- E isso que lhe interessa? – Respondeu Maria Helena. Sofia chegou perto dela e respondeu:

- Menina! Não seja atrevida! Quem julga que é?

- Sou a namorada do Pedro!

Sofia deu uma gargalhada histérica.

- O quê? Não seja parva!

- Escute aqui D. Sofia Albuquerque não tenho que ficar aqui a ouvir os seus insultos! ... Isabel, queremos vê-lo.

- Eu também! – Disse Sofia.

- Não! A senhora não entra naquele quarto! – Gritou Maria Helena.

- E quem me vai impedir? – Disse Sofia.

- Eu! – Exclamou Isabel. – Não sei quem é a senhora, mas ele só pode ter duas visitas de cada vez, a Maria Helena é a namorada e a D. Júlia é a mãe. A senhora irá ter que aguardar se o quiser visitar, mas hoje já não serão permitidas mais visitas.

- E quem é a menina?

- Sou enfermeira.

- Escute aqui Sra. Enfermeira, tenho muitos conhecimentos neste hospital, Posso entrar e visitar quem quiser às horas que eu pretender!

- Faça como entender minha senhora, estou apenas a cumprir as minhas obrigações. Faça o que achar melhor.

Maria Helena ficou surpreendida com aquela atitude da irmã, nunca a tinha ouvido falar tão asperamente para uma pessoa.

- Venham, por favor.

As três retiraram-se deixando Sofia a olhá-las.

- Mana... sabias quem era aquela? – Perguntou Maria Helena.

- Não, mas deve pensar que tem o rei na barriga.

- Pois... era nem mais nem menos que a D. Sofia Albuquerque!

- O quê?! Aquela?!

- Sim... essa mesmo.

- Xii... com quem eu me fui meter!

- Estiveste muito bem, puseste-a no lugar dela.

Por fim chegaram ao quarto de Pedro, Maria Helena teve receio de entrar.

- Vá... coragem. – Disse-lhe D. Júlia.

Entraram no quarto silenciosamente e fecharam a porta., Pedro olhou-as entrar.

-Olá Pedro. – Disse Maria Helena.

- Pedro? É esse o meu nome?

- Sim, é.

- E vocês quem são?

Ela sentiu um forte impacto no seu coração, nunca pensou ouvir aquilo da boca dele.

- Não te lembras de mim?

- Não... desculpa...

Eles olhavam-se em silêncio.

- Maria Helena! Não te soa a nada?

- Não... não me lembro.

- E de mim, meu querido? Não te lembras?

Pedro olhou a mãe e respondeu:

- Não... quem é a senhora?

- Sou a tua mãe.

- Mãe?!

- Sim, sou a tua mãe.

- Desculpe... não me lembro... não me lembro...

- Tem calma, querido.

- Não me lembro... não me lembro de nada... - ele estava a ficar nervoso.

- Tem calma filho, vais ficar bom.

- O que me aconteceu?

- Bateste com a cabeça numa rocha.

Ele tentava lembrar-se mas a sua mente estava completamente vazia.

- Não me lembro... diabos! Não me lembro! Não me lembro!

E começou a bater com as mãos na cama.

- Calma querido, tem calma! – Exclamava D. Júlia.

No dia seguinte em Lisboa, Ricardo foi chamado ao gabinete do seu superior, mas estava um pouco apreensivo pois ultimamente quem era chamado ao gabinete do chefe era para ser despedido. Bateu à porta do gabinete, ouviu-se uma voz vinda lá de dentro.

- Entre!

- Com licença, Sr. Ferreira.

- Sente-se, Ricardo.

Ricardo sentou-se na cadeira em frente à secretária do chefe, olhando-o com atenção.

- Com licença.

- Que cara é esse homem? Parece que está assustado.

- Desculpe, mas estou um pouco apreensivo.

- Não esteja, não o vou despedir, tenha calma.

- Bom... assim já estou mais descansado. – Disse Ricardo respirando de alívio.

- Tenho uma proposta para lhe fazer.

- Proposta?

- Sim, como sabe abrimos outro laboratório no norte do país.

- Sim, sei.

- Então... precisamos de um responsável, de um chefe de equipa para o departamento de investigação e achamos que você é a pessoa mais indicada.

- Eu?

- Sim, já trabalha aqui há alguns anos, gostamos do seu trabalho, é responsável, competente, inteligente, achamos que será a pessoa ideal para liderar a equipa de investigação. O senão é ter de ir para o Porto.

- É no Porto?

- Sim, é. Claro que o seu salário irá ser ajustado e não terá de se preocupar com alojamento pois será tudo por conta do laboratório. Tem até ao fim deste mês para resolver a sua vida, sei perfeitamente que decisões destas não são feitas de uma hora para a outra.

- Pois... realmente...

- Eu sei que tem noiva ...

- Namorada.

- Desculpe, namorada, tem de pensar bem no que vai fazer, mas adianto-lhe que valerá a pena a mudança, será um salto na sua carreira. Pense bem, Ricardo.

Ricardo olhava-o pensativo.

- Está bem, vou pensar e depois digo-lhe alguma coisa, terei de falar também com o departamento financeiro.

- Sim, faça isso, vai ver que valerá a pena.

- Está bem. – Ele levantou-se.

- Pense bem!

- Está bem, com licença, até logo, Sr. Ferreira.

- Até logo, Ricardo.

Ricardo fechou a porta e a colega ao vê-lo foi perto dele.

- Então? Está tudo bem, Ricardo?

- Ah?!

- Bem, parece que estás no mundo da lua, o que se passou? Não me digas que foste despedido.

- Despedido?! Não, não fui...

- Ainda bem! Então que cara é essa?

Ele dirigiu-se para o laboratório.

- Fez-me uma proposta.

- Já sei... ir trabalhar para o norte.

- Sabes?

- Sim, sei, também recebi a mesma proposta, bom mesma não, mas também me propuseram ir trabalhar para o Porto.

- E vais?

- Se vou? É claro que vou! Ricardo, é uma oportunidade única na vida! Vamos ganhar mais do dobro!

- Mais do dobro?!

- Sim, homem! Acorda para a vida! É um salto na nossa carreira!

- Pois ... eu sei...

- Já sei porque estás assim... a namoradinha.

- É...

- Ricardo queres um conselho?

- Sim, já agora.

- Não abduques do teu futuro por causa de uma relação, falo isto por experiência própria, além do mais sempre podes vir cá todos os fins-de-semana. Ganharás mais do que suficiente para isso. E até pode ser que encontres um emprego para ela também lá no Porto, quem sabe?

- A Margarida ir morar para o Porto? Não me parece...

- E porque não? É uma cidade como outra qualquer.

- Não creio que ela vá querer deixar a capital para ir para o Porto.

- Ai! Ricardo desculpa lá, mas a tua namorada é uma snob!

Ricardo ficou pensativo.

- Não sei, vou ter de pensar bem.

- Faz isso, mas não te esqueças, é uma oportunidade única, podem não surgir mais.

Entretanto no hospital, Sofia entrava no quarto de Pedro, este estava a dormir e ela observava-o. Nesse momento entrou uma enfermeira.

- Desculpe, mas não são permitidas visitas pela manhã.

- Tive autorização do Dr. Melo Rodrigues, o director.

-Ah... desculpe.

- Não tem mal. Sra. Enfermeira diga-me uma coisa, o que se passou realmente com ele?

- Chegou de madrugada ontem em hipotermia, parece que bateu com a cabeça numa rocha quando andava a nadar.

- De madrugada a bater com a cabeça numa rocha? Estranho, não acha?

- Pois, mas se trabalhasse num hospital não veria nada de estranho, já estava habituada.

- Sim, tem razão. Mas como está ele? É verdade que está amnésico?

- Sim está, mas é uma amnésia temporária, só que nunca saberemos quando passará.

- Hmm... E agora o que vai fazer?

- Vou mudar-lhe o soro, ele ontem ficou muito nervoso, não se consegue lembrar das coisas, tivemos que lhe dar um calmante bem forte, talvez só acordará na parte da tarde.

- Não faz mal, eu espero que ele acorde. A que horas são as visitas?

- Às quinze.

- Ok, obrigada, vou aproveitar e tomar um café.

Na Quinta, Maria Helena e Isabel faziam as malas.

- Nunca pensei que fosse acontecer uma coisa destas. Ir embora daqui sem me despedir dele.

- Estás muito abatida, mana.

- Estou com maus pressentimentos.

- Em relação a quê?

- A tudo! Tenho impressão de que daqui para a frente as coisas não serão mais as mesmas.

- Vá... pára com isso, aquilo é uma amnésia temporária, vai passar.

- Quando? Receio que a Sofia vá fazer das dela.

- Tipo o quê?

- Não sei... envenená-lo contra mim, ele está mesmo como ela quer, frágil, indefeso, ela pode contar-lhe o que lhe apetecer e ele acreditará em tudo pois não se lembra de nada.

- Realmente... és mesmo inteligente, como te foste lembrar disso?

- É... não dormi nada a noite inteira, aquela mulher é capaz de qualquer coisa para o ter de volta.
 - Mana... estás a gostar dele, não estás?
 - Tenho muito carinho por ele, talvez esteja, não sei...mas passamos momentos tão bonitos os dois.
 - É verdade, nunca te cheguei a perguntar, o que faziam vocês aquelas horas no rio?
 - Belos momentos acredita... ele tinha que escorregar naquela maldita rocha!
 - Ele vai ficar bom vais ver e tem fé, não estejas com esses maus pressentimentos.
 - São mais fortes que eu. Bom, vamos descer? A D. Júlia já deve estar à nossa espera.
 - Vamos com ela ao hospital logo?
 - Encontramo-nos lá... agora só me apetece ir para casa, sair daqui.
 - Vamos! O motorista da D. Júlia já deve estar lá em baixo à nossa espera.
- Pegaram nas malas e desceram as escadas, cá em baixo D. Júlia esperava-as.
- Minhas lindas, tenho tanta pena que tenham de ir para casa.
 - Pois é... mas temos de ir. – Respondeu Maria Helena.
 - Minha querida que carinha é essa? Está tão abatida.
 - Dormi mal de noite.
 - Também está preocupada com o Pedro? Eu também mal preguei olho. Os filhos dão-nos sempre preocupações, sempre, sempre... desde que nascem até à hora que partimos.
 - D. Júlia foi muito bom tê-la conhecido, adorei este tempo todo que aqui passamos. – Disse Maria Helena abraçando D. Júlia.
 - Ó querida! Eu também gostei muito. Você é um anjo que caiu do céu.
 - Não diga isso.
 - Digo sim, só você mesmo para tirar o meu Pedro da vida que levava.
- Maria Helena baixou os olhos, triste, logo agora que estava tudo a querer dar certo na sua vida, Pedro tinha de ficar amnésico.
- Pois... e agora ele nem sabe quem sou eu.
 - Querida, não fique assim, ele vai ficar bom, vai ver.
 - Espero que sim.
 - É claro que vai mana. D. Júlia foi um prazer conhecê-la. - Isabel também lhe deu um abraço.
 - Querida, também gostei muito de a conhecer. As duas são umas queridas. Vou sentir muito a vossa falta.
 - Até logo então, vemo-nos no hospital? – Perguntou Maria Helena.
 - Sim, claro.

Dirigiram-se para a porta e saíram com as malas, logo o motorista veio ao encontro delas e pegou nelas metendo-as na bagageira do carro.

- Até logo, D. Júlia! – Disse Isabel.

- Até logo, queridas!

As duas entraram no carro e diziam adeus a D. Júlia, o carro dirigiu-se para o portão de saída. Uma lágrima correu pela face de Maria Helena.

- Mana, então?

Mas ela nada respondeu, ficou em silêncio, sentia o coração apertado, naquele instante lembrou-se de Ricardo, deu-lhe uma vontade imensa de lhe ligar, de falar com ele, de ouvir a sua voz. Mas porquê que as coisas na vida dela nunca eram fáceis? Queria dormir e acordar no outro dia e sentir que tinha sido tudo um pesadelo. Mas não... era aquela a realidade, ela tinha entrado naquela Quinta ao lado do homem que lhe disse uma vez que a amava mais do que tudo na vida e estava agora a sair sem ele.

XII CAPITULO

Os planos de Sofia

Naquela tarde no hospital, Pedro acordava e viu Sofia que o observava.

- Olá querido, como te sentes?

Ele ainda estava ensonado e olhava-a com admiração.

- Quem... quem és tu?

Ela sorriu e respondeu:

-Ó querido, sou a tua noiva.

- Noiva?

- Sim... não te preocupes, já sei que não te lembras, mas vais ficar bom e vais-te lembrar depressa, vais ver. - Ela acariciava-lhe o rosto, ele olhava-a com cara de estranho.

Mais tarde, chegaram Maria Helena e Isabel que se encontraram com D. Júlia, ao dirigirem-se para o quarto viram um segurança à porta.

- Desculpem, mas não podem entrar!

- Desculpe? – Perguntou Maria Helena.

-Não pode entrar ninguém!

- Mas que piada é esta? – Perguntou D. Júlia.

- Somente podem entrar a mãe e a noiva!

- A mãe sou eu! Mas... que noiva? Que treta é esta?

- Deram-me ordens apenas para deixar entrar a mãe e a noiva, como a noiva já está lá dentro...

- A Sofia!!! – Exclamou Maria Helena. - Já sabia! Já sabia que essa mulher iria fazer algo! Eu sabia!

- Tem calma, mana.

- O quê? A Sofia? A Sofia Albuquerque está lá dentro? Ela é que disse que era a noiva?? Mas que palhaçada é esta?? – Exclamou D. Júlia. – Deixe-me entrar!

Ele abriu rapidamente a porta e ela entrou no quarto:

- Sofia! Mas que palhaçada é esta lá fora? Quem julga você que é para fazer isto?

- D. Júlia!

Pedro observava-as e não estava a perceber nada.

- Estou à espera de uma explicação.
 - Tenha calma, falamos melhor lá fora, o que acha? Ainda confundimos mais o seu filho.
 - O que quer com isto, Sofia?
 - Nada... apenas quero proteger o seu filho contra possíveis ameaças.
 - Ameaças? Mais quais ameaças? Do que estás a falar?
 - Será que podem dizer-me o que se está a passar? – Perguntou por fim Pedro.
 - Nada, meu amor, a tua mãe está um pouco nervosa.
 - Sofia! Sei bem falar por mim, está bem? Pedro esta mulher está a tentar enganar-te.
 - Não percebo... ela disse que era a minha noiva ...
 - Noiva? Mas qual noiva? Tu não tens noiva!
 - Não?
 - Pedro não escutes a tua mãe.
 - Sofia! O que pretendes? Aproveitares-te da amnésia dele? É isso?
- Os gritos podiam ser ouvidos no corredor e apareceu uma enfermeira.
- O que se passa?
 - Não sei, mas algo não deve estar bem lá dentro. – Respondeu o segurança.

A enfermeira entrou no quarto.

- Podem dizer-me o que se passa aqui? Isto é um hospital! Tenham respeito pelos doentes, por favor, especialmente por este vosso familiar. Desculpem mas têm que se retirar.
- Sra. Enfermeira, eu tenho autorização do director do hospital para aqui estar sempre que queira.
- Como quiser, mas neste momento vão sair porque estão a perturbar o doente e o hospital. Peço desculpa, mas se tem a autorização do director do hospital eu sou a enfermeira chefe e tenho que zelar pelo bem-estar dos meus doentes.
- Peço desculpa Sra. Enfermeira. – Exclamou D. Júlia.
- Vamos... desculpem mas vão ter que sair.
- Até mais logo querido, virei ver-te. – Disse Sofia saindo do quarto.
- Meu filho... não acredites em nada que esta mulher te disser!
- Vamos, vamos sair. – Disse a enfermeira.

As duas saíram do quarto e D. Júlia disse a Sofia.

- Você o que pretende com isto?
- Apenas quero o seu filho! Ele prometeu que casava comigo.
- O quê? Você está doida com certeza! O meu filho ama a Maria Helena!
- Essa só quer o dinheiro dele!

- Não diga asneiras. A Maria Helena é pura! Não é diabólica como a Sofia.

De repente, D. Júlia lembrou-se do que Pedro lhe tinha dito uma vez ‘essa mulher é uma cobra, tenha cuidado com ela mãe!’

- Chame-me o que quiser... nunca terá uma mulher que o ame como eu! Com licença.

Sofia retirou-se e D. Júlia observou-a, olhou para todas as direcções, não viu Maria Helena nem Isabel, dirigiu-se à recepção.

- Menina, desculpe, sabe dizer-me onde estão as duas meninas que estavam aqui comigo?

- A enfermeira Isabel e a irmã?

- Sim.

- Estão a falar com a enfermeira chefe na sala dos enfermeiros, mesmo ao fundo do corredor.

- Obrigada, menina.

Ao chegar à sala dos enfermeiros a porta estava entreaberta e ouvia a conversa.

- Obrigada enfermeira Teresa, obrigada por ter tirado aquela mulher do quarto.

- De nada Isabel, mas olhem que não posso lutar contra o director, essa Sofia tem muitos conhecimentos aqui dentro, foi ela que doou o novo equipamento da sala de operações.

- Pois... eu não posso lutar contra ela, nem contra o dinheiro dela, não sei até quando a poderemos afastar do quarto do Pedro. – Disse Maria Helena.

D. Júlia bateu á porta e espreitou.

- Desculpem...

-D. Júlia! – Exclamou Maria Helena.

- Pode entrar . – Disse Isabel.

Ela entrou e a enfermeira chefe disse-lhe:

- Desculpe minha senhora há bocado, mas foi a única forma que encontrei para colocar aquela mulher fora do quarto.

- Não faz mal, estava a fazer o seu trabalho, embora achasse que estivesse a exagerar.

A enfermeira sorriu. - Ainda bem que começaram a discutir mais alto, a Isabel veio chamar-me e eu como tinha um favor para lhe pagar, coloquei-as fora do quarto.

Não muito longe dali, Sofia falava com dois homens num café.

- Aquela velha está a meter-se nos meus planos, logo agora que por obra do acaso o Pedro está vulnerável como eu quero, ela não me pode impedir de continuar o que tenho em mente.

- O que quer que façamos, D. Sofia?

- Que a tirem de circulação por uns tempos.

- Quer que acabemos com ela?

- Não! Quero apenas que a tirem do meu caminho, tratem dela que eu trato da secretariazinha... essa... que se meteu no meu caminho... julga que me vai tirar o Pedro? Ela não faz ideia com quem se meteu! Elimino todos aqueles que se queiram meter no meu caminho... primeiro aquela Luisinha... agora vem esta... ele tem de ser meu! Ele vai ser meu!

Nos olhos de Sofia via-se ódio, muito ódio e fúria.

- Mas... desculpe, D. Sofia... a amnésia dele não vai ser eterna... e quando ele se lembrar de tudo? O que vai acontecer?

- Tenho de ser o mais rápida possível... quando isso acontecer já ele será meu! Estará casado comigo! Ahahaha!

Sofia deu uma risada maléfica, os seus planos estavam bem definidos, tirar D. Júlia e Maria Helena do seu caminho e casar com Pedro.

No dia seguinte, quando chegaram ao hospital Maria Helena, Isabel e D. Júlia não viram nenhum segurança e entraram no quarto e viram-no vazio.

- Mas... onde está o Pedro? – Perguntou D. Júlia.

Naquele instante entrou uma enfermeira.

- Vocês estão aqui?

- Onde está o meu filho?

- Mas... não estou a perceber...

- Quem não está a perceber sou eu, Sra. Enfermeira, o que se passou?

- É que ... ele já foi para casa.

- Ah?! – Exclamaram todas em uníssono.

- Sim, a D. Sofia disse que tinha acordado consigo em levar o Sr. Pedro para casa, que lá ele seria mais bem tratado.

- O quê??!! – Exclamou Maria Helena. – Só podia! Só podia ser obra dessa mulher! Eu já sabia! Já sabia! Ela é esperta demais para nós! Mas ... para onde o levou ela?!

- Mas diga-me... como pode ela tê-lo levado? Ele tinha de ter uma autorização de um familiar. - Disse Isabel.

-Mas ela apresentou um documento assinado pela mãe.

- Eu?! Eu não assinei nada! Isso é um absurdo!

- Tenha calma D. Júlia. – Disse Isabel.

- É incrível... essa mulher é pior do que eu pensava... não é possível... ela é maquiavélica! – Maria Helena estava incrédula com todos aqueles acontecimentos.

- Ele só pode estar em casa dela! – Disse D. Júlia.

- E você sabe onde ela mora?

- Sei... mas de pouco nos adiantará ir até lá, ela nunca nos deixará chegar perto dele. – Disse D. Júlia.

- Mas então... o que se pode fazer? Vamos deixá-lo nas mãos dela? Nas garras da bruxa?! Não podemos! Temos de ir até lá, temos de fazer alguma coisa! Ele não se lembra de nada... ela vai fazer-lhe uma lavagem ao cérebro! – Gritava Maria Helena angustiada.

- Calma mana... ele não irá ficar com amnésia toda a vida, ele vai lembrar-se das coisas...

- Mas aí... poderá ser tarde demais...

- O que quer dizer com isso, Maria Helena? – perguntou D. Júlia.

- Já ela o envenenou... ela vai conseguir aquilo que pretende...

- E que é o quê? – Perguntou Isabel.

- Ficar com ele... e quem sabe... até casar...

- Que horror... não tinha pensado nisso... - exclamou D. Júlia.

Mais tarde a alguns quilómetros dali, Ricardo tinha contado a Margarida a proposta que tinha recebido.

- É claro que recusaste, não?

- ... não... não recusei ... nem aceitei...

- Mas Ricardo... estás a pensar ir?

- Eu não sei... é uma oportunidade única na vida.

- Não digas isso... outras oportunidades surgirão.

- Escuta Margarida, tu também podias ir para lá morar, já pensaste nisso?

- Eu? Morar para o Porto? Mas estás doido? Não posso largar agora a loja de roupa, vamos lançar agora a nova colecção, não posso pensar em sair daqui.

- Mas... no Porto também consegues trabalhar, até podias abrir lá uma loja, a tua marca ficaria conhecida a nível nacional, já reparaste?

- Ricardo, não me gozes... tudo o que sair aqui da capital está condenado ao insucesso.

Ele ficou calado e respondeu:

- Bom... isso significa que se eu fosse para o Porto estaria condenado ao insucesso é isso?

- Não... nada disso, não me quis referir a ti... ai Ricardo que chatice! Estamos os dois tão bem aqui.

Estavam sentados no sofá e Ricardo levantou-se pensativo, dirigiu-se à cozinha e tirou um copo do armário, abriu o frigorífico e tirou uma garrafa com água, encheu o copo e sentou-se numa cadeira. O seu telemóvel de repente começou a vibrar, estava em silêncio, ao ver quem lhe ligava, deu um sorriso aberto. Levantou-se e passou na sala onde estava Margarida.

- Onde vais?

- Ah?

- Onde vais?

- Á casa de banho... posso?

- Ai Ricardo que agressivo! Está bem...

Ricardo entrou na casa de banho e fechou a porta à chave, sentou-se na sanita e atendeu com voz baixa.

- Sim, maninha linda? Que linda surpresa!

Do outro lado Maria Helena tinha uma voz triste.

- Olá maninho...

- O que se passa minha querida, estás com uma vozinha tão triste.

- Sim... precisava de ouvir a tua voz.

- Oh, meu amor... o que se passa?

Ricardo nem se tinha apercebido do que lhe tinha chamado, os seus sentimentos para com ela eram como se já a conhecesse há vários anos e fossem os amigos mais íntimos.

- Tantas coisas que aconteceram... queria tanto que estivesses aqui comigo... para falares comigo...

- Estarei sempre aqui para o que precisares, minha querida... gosto muito de ti... és muito especial para mim... desculpa... mas não posso falar muito alto... a minha namorada está por perto...

- Então é melhor eu desligar... desculpa ... eu não sabia...

- Nada disso! Não desligas não... a primeira vez que me ligas e já vais desligar... tenho é de ter cuidado e falar baixo... por sorte o telemóvel estava em silêncio e ela nem se apercebeu que ele tocou.

- Ainda bem... mas vê lá... não quero chatices ...

- Não te preocupes... mas conta lá o que se passou?

Estiveram perto de um quarto de hora a conversar, Ricardo ficou ao corrente de tudo o que tinha acontecido.

- Tenho imensa pena de não poder estar aí contigo para te abraçar e consolar... noto na tua voz que estás tão carente...

- Sim... mas não podes... estamos longe...

- Estamos... mas um dia quem sabe... podemos-nos encontrar... quem sabe?

- Não sei...

- Vá querida maninha não fiques assim... ânimo... força... bolas! Tenho mesmo pena de não poder estar contigo...

- É melhor desligar... já gastei muito dinheiro ...
- Pois... e a Margarida daqui a pouco bate à porta a perguntar se eu estou a sentir-me bem.
- Sim... obrigada por me teres escutado.
- Oh que disparate! Adorei ... adorei mesmo.
- Bom... até um dia destes...
- Amanhã ligo-te!
- Ah?!
- Sim... amanhã ligo-te... para ver como estás.
- Está bem... és um amor.
- Tu também és... adoro-te.
- Eu também.

Desligaram o telemóvel e Ricardo saiu da casa de banho, Margarida estava ver televisão, ele sentou-se ao seu lado.

- Estás bem?
- Ah?
- Sentes-te bem?
- Sim, sim... porquê?
- Estiveste tanto tempo na casa de banho.
- Estive a ler uma revista.
- Hm... está bem. – Margarida não se mostrou muito convencida.
- Bom... - disse ele olhando para o relógio. - Já é tarde. É melhor ires, não gosto que conduzas a horas tardias.
- Oh... estás a mandar-me embora? Eu podia ficar... - disse ela encostando-se a ele, dando-lhe um beijo no rosto.
- Margarida... não... hoje não... estou cansado, fica para outro dia está bem?
- Que chato! – Ela levantou-se e pegou no saco.

Maria Helena estava em casa deitada na cama olhando para a foto de Ricardo, observava tudo ao pormenor e comentava:

- Este sorriso... o que fazes comigo Ricardo? É estranho tudo isto que sinto... nunca te vi, mas posso sentir-te...

XIII CAPITULO

Finalmente... a descoberta do amor

O mês de Setembro estava a chegar ao fim, Maria Helena não conseguia falar com Pedro, D. Júlia tinha sofrido um acidente e tinha partido as duas pernas, as coisas pareciam estar a correr de mal a pior. O atropelamento de D. Júlia parecia ter ocorrido em circunstâncias muito estranhas, um carro vindo do nada, atropelou a septuagenária à saída da Quinta, ninguém viu o carro pois desapareceu, deixando a senhora no meio da rua sem assistência.

Ricardo tinha de dar uma resposta ao chefe acerca da proposta e andava muito confuso, Margarida não aceitava a ideia de ir morar para o Porto, ele não queria perder uma oportunidade de ganhar mais dinheiro e subir na carreira. Andava perdido em pensamentos e distraído. Resolveu que ir ao Porto ver o emprego de mais perto seria uma boa ideia.

Isabel tinha visto num jornal uma proposta para ir para África como Missionária e tinha respondido, deixando a irmã e os pais muito tristes.

Para encerrar toda esta má onda, uma vez, ao chegar à empresa, Maria Helena viu em cima da sua secretária um envelope; ao abri-lo, viu tratar-se do convite para o enlace matrimonial de D. Sofia de Albuquerque e o Sr. Dr. Pedro Vilas Boas! Nem queria acreditar no que os seus olhos estavam a ver, estes encheram-se de lágrimas e saiu a correr pelo gabinete. Cristina, ao vê-la a correr, nem se apercebeu do que se tinha passado.

Maria Helena saiu do gabinete, foi até à rua, entrou no carro e partiu sem destino, a chuva caía com intensidade parecendo querer juntar-se às lágrimas que caíam no seu rosto. Percorria as ruas sem destino, entrou na auto-estrada e ultrapassava todos os carros. Sentia-se vazia, impotente, na frente do carro os relâmpagos iluminavam o caminho, o dia estava escuro.

Tinha sido tão feliz naquelas férias, esteve quase a descobrir o amor pela primeira vez e uma queda no rio tinha acabado com todos aqueles momentos extraordinários que tinha passado.

Quando se apercebeu estava no Porto, numa praia, estacionou o carro e observava as ondas altas num mar bravo.

A praia estava deserta, apenas algumas gaivotas a sobrevoavam, perto dos rochedos. O seu olhar estava distante e triste, tinha os olhos vermelhos de ter chorado, não se importou de ter deixado o trabalho sem avisar, já nada mais lhe importava, sentia-se mal, parecia que todos os seus sonhos tinham caído por terra.

O mar tranquilizava-a, nem se apercebeu do tempo que tinha estado dentro do carro, viu um carro chegar do outro lado, mas pouco se importou, a chuva tinha abrandado e resolveu sair. Desceu até ao areal, trazia um vestido branco que balançava com o vento, tirou os sapatos e deixou-os em cima de uma rocha, seguiu descalça pelo areal. Sentou-se em frente ao mar, a observá-lo.

Ricardo era o condutor do carro que tinha parado ao lado dela, também saiu do carro e desceu até ao areal, viu aquela mulher sentada virada para o mar, os seus cabelos negros, lisos e compridos, chamaram-lhe à atenção.

Ela levantou-se e virou-se para ele, os dois olharam-se, e, de repente, um sorriso saiu dos lábios de ambos.

- Não é possível! – Exclamou Ricardo.

Ela sorriu e o seu coração começou a bater velozmente.

- Maninha?! És tu?

- Ricardo?? !

- Sim... sou eu.

- Mas... não é possível... estarei a sonhar? O que fazes aqui no Porto?

- Não... não é um sonho... estou aqui ... sim, no Porto... vim a trabalho.

Uma lágrima saiu dos olhos dela.

- Não posso acreditar...

- Sim, sou eu... podes tocar-me...

Ele aproximou-se dela, olharam-se profundamente nos olhos, ela não conseguia controlar as lágrimas que insistiam em querer sair.

- És ainda mais linda do que na foto... não chores... então?

Com a mão, ele tirou-lhe as lágrimas do rosto, pela primeira vez ela pode sentir o toque dele na sua pele.

- Não consigo controlar, estou muito nervosa.

- Tem calma... vem cá... dá-me um abraço... isto merece um abraço.

Ele abraçou-a forte, ela pode sentir finalmente o perfume daquele homem que a fazia sentir estranha cada vez que via a sua foto, o homem que a fez chorar sem explicação.

Ficaram assim por uns segundos.

- Parece que foi um anjo que te trouxe. – Disse-lhe ela.

- Mas... o que fazes aqui? Não deverias estar no trabalho?

Ela baixou os olhos e olhou o mar novamente.

- Deveria...

- Queres falar?

- Sim... preciso de falar... se estiveres disposto a ouvir-me...

- Que disparate! ... Após este tempo que já falámos... e este encontro assim ... como posso eu recusar ouvir-te?

Olharam-se mais uma vez nos olhos, desta vez ela não conseguia afastar o olhar do dele como fazia com Pedro, ela gostava de o observar.

- És tal e qual a foto... mas assim... ao vivo... muito melhor...

Ele sorriu.

- E esse teu sorriso...

Olharam-se mais uma vez, ele tinha o ar sério.

- O que foi? Porque me olhas assim? – Ela perguntou.

- Tu também me olhas.

Eles sorriram os dois.

- Vamos sentar? – Ela sugeriu.

Sentaram-se os dois lado a lado na areia e ali ficaram horas sem se aperceberem do tempo que tinha passado. Ficaram a saber dos problemas um do outro e falaram abertamente de tudo, parece que já se conheciam há imensos anos.

- Era mesmo assim que eu te imaginava, linda e simpática. - Ela sorriu. - Espero que eu não esteja a ser um chato.

- Chato? Não sejas doido! És um querido.

Ele observava-a novamente com ar sério, ela também o observava.

Ele colocou-lhe as mãos nos cabelos.

- Tens uns cabelos muito bonitos.

- Obrigada e tu tens uns olhos muito bonitos.

- Os teus também são muito bonitos. E ... tens uma boca muito bonita...

Ele começou a chegar o seu rosto mais perto do dela, naquela altura ela pensou “ Será que ele me quer beijar? Se quiser, eu deixo, quero saber o gosto dos beijos dele, que se lixe a namorada!”

- E sabes? – Disse ele, chegando o rosto cada vez mais perto.

- Diz... - disse ela, aproximando também o seu rosto do dele.

- Apetece-me beijar-te...

Ela sorriu, naquela altura não pensou em nada, apenas se deixou levar e quando se apercebeu, já os seus lábios se tinham tocado. Ele tinha uns lábios muito suaves, eram diferentes dos de

Pedro. Foi um beijo suave, ele estava com medo de avançar demais, sentia-se demasiadamente atraído por ela.

- Desculpa...

- Desculpo porquê?

- Pelo beijo... não quero que penses que sou um lisboeta atrevido.

Ela deu uma gargalhada.

- Tonto! Sei que não farás nada que eu não queira. E eu quis tanto este beijo como tu e sabes que mais?

- Diz...

- Apetece-me dar-te outro.

Eles riram-se alto.

- Ora, ora quem diria? ... A nortenha tímida...

- Sinto-me bem contigo, sinto confiança, não sei o que é...

Ele chegou mais perto e disse:

- E que mais sentes?

- Sinto que és alguém muito especial para mim.

Ele sorriu e deu-lhe mais um beijo suave nos lábios.

Ela tocou-lhe no rosto, no nariz, na boca, sentia-se completamente à vontade com ele, naquele momento não pensava em mais nada, já tinha esquecido o convite, já tinha esquecido que Pedro não falava com ela, que a irmã ia para África, sentia-se diferente, solta, sem medos.

Mais uma vez eles olharam-se, e desta vez Ricardo foi mais ousado no beijo, beijava-lhe os lábios, agarrou-lhe o rosto e com a língua acabou por explorar a boca dela, sentia-se cada vez mais atraído por ela. Beijaram-se intensamente. Apesar de ter gostado dos beijos de Pedro, aqueles eram diferentes, ela já tinha sonhado com aquele momento e nunca pensou que se pudesse tornar realidade, abraçaram-se e ele beijou-lhe o pescoço e as orelhas.

A chuva começou a cair e nem se aperceberam.

- É tão bom estar aqui, contigo... parece um sonho.

Ele olhou-a e respondeu-lhe.

- Então aproveita antes que acordes!

Sorriram os dois.

- Parece que não se passou nada na minha vida, parece que já te conheço doutras vidas... não consigo explicar.

- Maria Helena?

- Sim?

Ele beijou-a novamente, desta vez tocou-lhe levemente nas pernas a ver a sua reacção, ela nada fez, deixou-se levar. Estavam os dois cada vez mais atraídos um pelo outro e excitados.

Ele parou de repente.

- O que foi? – Ela perguntou.

- Não quero que me aches atrevido, mas simplesmente não te consigo resistir...

Ela sorriu .

- Não és nada atrevido...

- Então... posso continuar ?

Ela riu-se.

- És um tontinho a perguntar-me essas coisas...

- Eu sei... mas tudo isto é tão novo para mim, nunca me senti assim, nunca me aconteceu uma coisa destas antes, nunca pensei sentir-me tão atraído por uma rapariga que nunca vi antes ...

Ela gostou de ouvir aquilo, nunca pensou que ele se mostrasse atraído da mesma forma que ela estava por ele.

- E tudo começou... porque fazemos anos no mesmo dia e somos da mesma idade. – Disse ela.

- E por falar nisso... - ele foi ao bolso das calças e tirou o bilhete de identidade e entregou-lho. Ela pegou nele e viu a data de nascimento “ 07-05-1978”.

- Incrível! – Exclamou ela. – Ainda pensei que estivesses a gozar comigo, mas aqui está a prova.

Eles sorriram e mais uma vez se olharam.

- Está a chover. – disse ela.

- Que se lixe! Estou tão bem aqui contigo que nem sinto nada.

O vestido dela começou a ficar molhado, tornando-se transparente, mostrando os seios. Continuavam ali, sentados na areia e a chuva caía, o céu foi iluminado por um trovão e ela assustou-se, ele abraçou-a dizendo:

- Calma... eu estou aqui contigo...

De repente, uma onda mais longa apanhou-os, molhando-os, começaram a rir-se, estavam completamente molhados. O vestido dela estava colado ao corpo delineando todas as suas formas. Ele observava com atenção toda a sua beleza e mais uma vez se beijaram, uma das alças do vestido caiu, deixando um dos seus ombros a descoberto, com a mão ele acariciou-lhe o ombro e começou a beijá-lo, com a outra mão tirou também a outra alça e beijou também o outro ombro, ela deixava-se levar por todos aqueles gestos dele, sentia-se extasiada

com tudo aquilo, ele era muito carinhoso e sabia como agradar-lhe. Com as mãos tocou-lhe num dos seios e murmurou-lhe ao ouvido.

- És linda... - puxou-lhe o vestido para baixo, ficando com os seios descobertos. Ele observou-os e lentamente tentava que ela se deitasse na areia, ela assim o fez, ele tirou a camisa e ela pode ver um pouco do seu corpo.

A chuva tinha parado e um raio de sol iluminou os seus corpos semi-vestidos, com as mãos ele tocou-lhe nos mamilos lentamente, ela gemeu:

- Ricardo...

Ele calou-a com um beijo ainda mais intenso, foi descendo o seu percurso até chegar aos seios novamente, beijava-lhe os mamilos deixando-a louca de desejo, ela nunca se tinha sentido assim antes, sentia um desejo imenso de ser amada por Ricardo, aquele que nunca tinha visto e podia senti-lo, sentimentos esses que nunca conseguira perceber.

Com as mãos, ela apertou-lhe os músculos dos braços e podia sentir as suas costas nuas e molhadas, beijou-lhe os ombros, pode sentir que a pele estava salgada e foi algo que a excitou ainda mais.

Ele acabou por lhe puxar o vestido, deixando-a semi nua deitada no areal, com as mãos acariciava-lhe as pernas, até que chegou às suas partes mais íntimas, ela estremeceu.

Mais uma vez ele tocou-lhe nos lábios e disse baixinho:

- Não tenhas receio... não te vou magoar... confia em mim...

Ela respondeu:

- Ricardo... eu... sou ... virgem...

Naquele instante ele parou e olhou-a:

- Eu sei...

- Tu sabes? Como? Nunca te tinha dito...

- Mas eu senti isso... confia em mim... jamais te magoaria... sei que também me desejas quanto te desejo...

- Sim... desejo-te... nos meus sonhos sempre esperei por este momento...

- Prometo que vai ser lindo...

- Mas... eu não estou preparada...

- Não te preocupes... eu estou...

Mais uma vez beijaram-se com intensidade, Ricardo era muito carinhoso e meigo, sabia que ela era inexperiente. Ela tinha inteira confiança nele, com o passar do tempo ficou mais liberta e menos nervosa, deixou-se amar.

Foram momentos únicos que passaram os dois, a noite já tinha caído e os seus corpos unidos num só, pareciam estar famintos de prazer e paixão.

O telemóvel de Maria Helena tocava sem cessar, dentro do saco no carro, era do escritório, era de casa, ninguém sabia onde ela estava. Tinha saído a correr do escritório sem dizer nada a ninguém, mas naquele momento ela não pensava em nada, sentia-se extasiada de tanto prazer que Ricardo a fazia sentir, queria ficar ali com ele para sempre.

Amaram-se tão intensamente que acabaram por adormecer nos braços um do outro.

Quando Maria Helena acordou, olhou Ricardo ao seu lado e acariciou-lhe o rosto.

- Tão lindo... - ela disse. Olhou para o relógio, viu as horas e exclamou: - Meu Deus! Tão tarde...

Ao dizer isto Ricardo acordou e olhou-a:

- Linda... disseste alguma coisa?

- Estou feita...

- Porquê?

- Já viste as horas que são? Devem andar doidos atrás de mim.

Ele olhou para o seu relógio.

- Xiii....

Ela tentava levantar-se, ele puxou-lhe pelo braço:

- Onde vais?

- Vou buscar o meu vestido...

- Não... deixa-te estar... ficas tão linda assim...

- Ricardo...

- Ouve... fica mais um pouco...

- Mas... já viste as horas?

- Esquece isso... fica comigo... quero amar-te mais uma vez...

- O quê?

- Sim... deixa-me amar-te mais uma vez... só mais uma...

- Ricardo...

Ele calou-a com mais um beijo e reiniciaram tudo novamente. Foram momentos ainda melhores que os anteriores, ela estava mais liberta e tomava iniciativas desta vez, não era apenas ele. Ricardo estava a adorar vê-la daquela forma, ela comandava desta vez e ele deixava-se levar.

Eram altas horas da noite quando Maria Helena chegou a casa, estavam todos preocupadíssimos com ela. Já sabiam que ela se tinha vindo embora do escritório e sabiam

qual a razão, mas ela apenas disse aos pais que tinha ido dar uma volta para espairecer. Mas ao deitar-se, a irmã reparou que ela tinha um ar diferente.

- Mana... o que tens? O que se passou?

- Nem imaginas... - ela sentou-se na cama, suspirando. - Nem imaginas...

- O que foi? O que te aconteceu? O teu vestido ainda está molhado, andaste à chuva? Conta... estou preocupada contigo.

Ela levantou-se e foi ter com a irmã, sentou-se na cama ao seu lado e respondeu:

- Isabel... foi lindo ... parece que foi um sonho...

- Um sonho?! Não estou a perceber nada! A Cristina disse que saíste disparada do escritório depois de teres visto o convite de casamento do teu chefe com a Sofia e agora dizes-me que parece que foi um sonho? Juro que não entendo nada!

Maria Helena sorriu e respondeu:

- Sim... fiquei desesperada ao ver aquilo, ficou uma confusão na minha cabeça e só me apeteceu desaparecer dali para fora. Saí disparada, entrei no carro e saí sem destino, quando me apercebi estava no Porto.

- No Porto?!

- Sim, na praia. Estive algum tempo dentro do carro e de seguida saí e fui até ao areal, fiquei sentada a observar o mar, quando me levantei reparei que tinha um homem a olhar-me.

- Um homem?

- Nem vais acreditar... era o Ricardo!

- Ricardo?! Quem? O lisboeta?

- Esse mesmo!

- A sério?

- Sim!

- Beem... isso é que foi um encontro casual, só acontece uma vez na vida!

- Sim... tens razão.

- E... o que se passou?... estás com uma cara de felicidade... o que aconteceu?

- Ai ! Isabel! Aconteceu tudo...

- Tudo? ... Tudo o quê?

- Ficamos horas e horas na conversa e...

- E?

- E... quando me apercebi ele estava a beijar-me.

- O quê? A beijar-te? ... não me digas que...

- Digo... aconteceu Isabel... aconteceu...

- Estás a dizer-me que... fizeram amor? Foi isso?

- Sim...

- Maria Helena!

- O que foi? Será que matei alguém? Vais recriminar-me? Vais vir com moralismos?

- Não, nada disso, mana. Realmente... esse rapaz deu-te a volta à cabeça... não sei... desculpa, mana, mas tu amas esse rapaz...

Maria Helena ficou pensativa e respondeu:

- Sim... amo!

- E o Pedro?

- Ai... o Pedro, o Pedro... sinto um enorme carinho por ele, adorei o que nos aconteceu mas...

- Eu sei... eu conheço-te... estavas sempre a suspirar pelo lisboeta.

- Não o trates assim... é Ricardo... Ricardo.

- Está bem, desculpa. Mana...mana... e o que podes esperar tu dele? Ele mora em Lisboa... além do mais... o que diabos faz ele cá no norte?

- Recebeu uma proposta para ir trabalhar para o Porto.

- Ah sim? E ele? Já aceitou?

- Não... ainda não sabe o que fazer.

- E agora? O que vais fazer em relação ao Pedro? Vais deixá-lo casar com aquela cobra?

- E diz-me o que posso eu fazer? Quem sou eu? A D. Júlia é a única que pode fazer algo e olha o estado em que ela se encontra, não sei... estou muito confusa...

- Imagino... a tua vida está virada de pernas para o ar...

- Sim... e tu também não ajudaste em nada... a tua ideia de querer ir para África...

- Está decidido... só estou à espera que me chamem.

- Mana... vais deixar-me aqui sozinha? Com estes problemas todos? És a única pessoa a quem conto estas coisas...

- Ei... calma! Não vou já... talvez daqui a uns meses.

- Meses... passam depressa... - deitou-se na cama.

- O que foi?

- Foi tão bom Isabel, tão bom... ele é tão querido, tão carinhoso.

- Ainda bem... pelos relatos que se ouvem das primeiras vezes ...

Maria Helena sentou-se :

- Mas foi muito bom, ele foi muito carinhoso, não senti a dor que dizem que se sente. Senti um pouco mas... passou rápido... eu estava tão feliz...

- Mana... tu estás mesmo apaixonada por ele. Nunca pensei que isto fosse possível.
- O quê?
- Que alguém se pudesse apaixonar por alguém sem nunca ter visto...
- Sim... são coisas que não se conseguem explicar.
- Diz-me outra coisa.
- Sim...
- Protegeram-se?
- Sim, claro.
- Ainda bem... mas está na altura de ires ao médico e tratares de ti.
- Eu sei... mas a mãe...
- Deixa lá a mãe, ela tem de entender, não somos mais nenhuma criança, bolas! Para a semana marco-te uma consulta com a Dra. Joana Mesquita, ela é ótima, fazes uns exames a ver se está tudo ok e depois receita-te o que é mais adequado.
- Está bem, depois vemos isso. Agora quero dormir... estou de rastos... isto é... se conseguir... tantas emoções num dia só...

XIV CAPITULO

Toda a verdade

Algumas semanas mais tarde, na casa de Sofia Albuquerque faziam-se os preparativos para o casamento com Pedro, este continuava sem se lembrar de nada, até que uma vez escutou uma conversa dela ao telefone.

- Não te preocupes, está tudo conforme planeei, a velha longe do meu caminho, a secretariazinha desapareceu e ele vai ser meu dentro em breve... sim, sim... ninguém descobrirá nada, dentro em breve serei a D. Sofia Vilas Boas e ficarei com toda a fortuna dele! Ahahahha ... iremos juntar o útil ao agradável ... eu disse-te que afastaria tudo e todos que se aproximassem dele, primeiro aquela noivinha, a Luísa, irritava-me profundamente... tirei-a do meu caminho... ahahaha... está bem, ninguém descobrirá... beijinhos, fica bem.

Ela desligou o telefone e Pedro escondeu-se atrás da porta, viu-a passar e sentou-se no sofá, aquela conversa ficara-lhe na cabeça, não se conseguia lembrar de nada e estava a começar a sentir que não estava a fazer as coisas certas. Subiu as escadas e foi em direcção ao quarto, abriu todas as gavetas e procurava algo, pegou no telefone.

- Sim? Podia chamar a empregada, por favor? Obrigada.

Passados uns minutos a empregada entrou no quarto.

- Sim, senhor Dr. chamou?

- Sim, chamei, diga-me uma coisa, onde estão as minhas coisas? As coisas que trouxe do hospital?

- A D. Sofia pediu para as guardar.

- Onde?

- Estão no sótão... mas ela não queria que o senhor soubesse...

- Hm... não queria que eu soubesse... está bem... descanse... ninguém saberá que foi você que me disse, está bem?

- Está bem Sr. Dr. , não quero problemas com a D. Sofia.

- Esqueça que tivemos esta conversa, está bem assim?

- Sim, obrigada.

- Obrigado, pode ir.

- Com licença.

A empregada saiu e ele ficou pensativo.

Naquela noite deixou que Sofia adormecesse primeiro e levantou-se, saiu do quarto em silêncio, dirigiu-se ao sótão e abriu a porta, procurava em todas as direcções até que reparou num caixote num canto. Abriu-o e viu um telemóvel e alguns objectos pessoais, um relógio e uma carteira. Abriu a carteira e viu o seu Bilhete de Identidade e leu em voz alta.

- Pedro Miguel Vilas Boas, filiação: Maria Júlia Vilas Boas e Simão Pedro Vasconcelos da Costa.

Ficou pensativo e repetia: « Maria Júlia», «Maria Júlia»,« Júlia»! Naquele momento teve um *flash* na sua memória, lembrou-se do que se tinha passado no hospital e de algo que não sabia o que era, parecia um rio e uma mulher. Pegou no telemóvel e via os números e os nomes memorizados. “ Ana, Anabela... até que chegou a “ casa “ , “mãe” e por fim “ Maria Helena”.

- Maria Helena... este nome... - sentou-se numa cadeira, e ,de repente, lembrou-se da mulher que estava com ele no rio e tudo lhe veio à memória como uma chuva de imagens. – Lembrei-me! Lembrei-me! Maria Helena... meu amor! – Ia marcar um número no telemóvel mas hesitou, dizendo:

- Não... vou ter de pensar bem no que vou fazer... esta Sofia não sabe o que a espera!

No dia do casamento, ninguém sabia onde estava Pedro, Sofia andava histérica a perguntar a todos os empregados se o tinham visto. Faltava apenas uma hora e ninguém sabia onde ele tinha ido. A casa estava cheia de convidados e o padre também já tinha chegado, o casamento iria ser em casa de Sofia, no jardim.

Pedro, entretanto, chegou pelas traseiras e entrou em casa, Sofia, ao vê-lo, exclamou em voz alta:

- Pedro! Onde foste? Por onde andaste? Já viste as horas que são? Ainda tens que te arranjar! -

Pedro olhava-a friamente. - O que foi? Que cara é essa? O que se passa?

- Sofia... preciso de falar contigo no quarto, pode ser?

- Agora?

- Sim, Sofia, agora!

Subiram as escadas e entraram no quarto.

- O que se passa, querido? O que tens?

- Lembrei-me de tudo, Sofia! De tudo! Não passas de uma oportunista!

- Ah? Lembraste-te? Lembraste-te do quê?

- Lembrei-me de quem sou, de quem tu és, este casamento não passa de um golpe sujo teu!

Ela olhava-o séria e uma cara de ódio e raiva começou a ser notada.

- E o que vais fazer?

- O que achas? Acabou-se a palhaçada! Não há mais casamento! Julgavas que eu ia ficar com amnésia a vida inteira? Isso nem parece teu! Foste muito ingénua!

- Não... tu não podes acabar com tudo!

- Não? E porquê? És uma golpista! Só queres casar comigo para ficar com o meu dinheiro.

- Isso não é verdade! Eu amo-te!

- Deixa-te de tretas, Sofia! Estás na falência! Julgas que não descobri? Quem vai pagar esta palhaçada? Olha que não sou eu, com certeza! Estás falida! Na bancarrota!

- Não! Cala-te! – Ela ia dar-lhe um estalo na cara, mas ele pegou-lhe no braço.

- Se fosse a ti, estava quieta... acabou-se, Sofia! Tira esse vestido e avisa os convidados que acabou a festa!

Sofia sentou-se na cama e começou a chorar.

- Não me podes fazer isto, não podes!

- Vá lá... acaba com o choro fingido, julgas que me vais enternecer com as tuas lágrimas de crocodilo?

- Pára, Pedro, não sejas insensível, já me basta a desgraça de ter perdido a minha fortuna!

- E sabes porquê? Porque em vez de poupares o dinheiro, gastaste-o com viagens, roupas, festas e só sabes esbanjar.

- Basta de moralismos, ok? – Ela levantou-se e saiu do quarto.

No dia seguinte, em casa de Maria Helena alguém tocava à campainha, ela estava sozinha em casa, foi à janela e viu o carro de Pedro.

- Pedro?! Será possível?

Desceu as escadas e correr e dirigiu-se ao portão, ele tinha acabado de sair do carro, olharam-se e ele exclamou:

- Maria Helena!

- Pedro! O que fazes aqui?

Ele correu a abraçá-la, ela ficou sem saber o que fazer.

- Meu amor... eu lembrei-me, lembrei-me!

- Já não tens amnésia? – Ela sorriu.

- Não! Já acabou, lembrei-me de tudo! – Ele ia dar-lhe um beijo na boca, mas ela afastou-se.

- Mas... não te casaste ontem?

- Não!

- Não?

- Não, é não! Não me casei, desmascarei a Sofia!

- Ontem?

- Sim, não houve casamento nenhum! Já voltei para minha casa, estou aqui, meu amor, de volta para ti! – Ele voltou mais uma vez a abraçá-la e ela ficou mais uma vez sem saber o que fazer.

Tinham sido umas semanas cheias de emoção, Pedro ia casar-se com Sofia, Maria Helena conheceu Ricardo e fizeram amor, a memória tinha voltado a Pedro.

Maria Helena tinha regressado ao trabalho mas ainda não tinha conseguido falar com Ricardo na Internet e andava triste. Será que ele não tinha gostado do que tinha acontecido entre os dois? Para aumentar ainda mais a sua tristeza, Isabel ligou-lhe a dizer que iria para África dali a duas semanas. Ao vê-la triste no gabinete, Pedro perguntou-lhe:

- O que se passa, querida? O que tens?

- É a minha irmã...

- O que tem a Isabel?

- Vai para África!

- África? A trabalho?

- Missionária!

- A sério?

- Sim...

- Mas ... isso é que é ser corajoso... nem parece dela.

- Sim... mas ando muito triste... - uma lágrima caiu-lhe no rosto.

- Oh! Meu amor... não fiques assim. – Ele abraçou-a.

- Mas como queres que eu fique? Ela é a minha única amiga, o que será de mim sem ela?!

- Então? – Ele olhou-a e disse: - Eu estou aqui, bem aqui ao teu lado! Tens-me a mim!

- É diferente... ela é minha irmã.

- Eu sei, querida, mas tens de entender que as pessoas têm de seguir com as suas vidas e se essa foi uma opção dela, só tens que a respeitar e apoiar. É como se se tivesse casado e fosse morar para outra terra.

- Mas ela vai para tão longe...

- Vá... não fiques assim, se calhar é uma coisa que ela sempre quis, tens de ficar feliz por ela, também não deverá ser fácil para ela ter de deixar-vos.

- Sim... tens razão.

- Vá... quero essa carinha linda sem lágrimas, está bem? – Ele deu-lhe um beijo nos lábios, ela sorriu.

- Vou ter de sair, mas volto mais logo, queres vir jantar comigo, logo?

- Jantar?

- Sim, vamos a um restaurante sossegado, quero estar contigo.

Ela ficou pensativa.

- Então? O que me dizes?

- Sim... está bem.

- Depois combinamos melhor. – Chegou perto dela e deu-lhe mais um beijo. – Amo-te.

Ele saiu do gabinete e ela sentou-se à secretária, de repente viu que Ricardo tinha aparecido na Internet, deixou que ele metesse conversa primeiro.

- Psiiuu... maninha linda.

Ela sorriu e respondeu.

- Olá.

- Como estás?

- Triste.

- Triste? Oh! E porquê?

- A minha irmã vai para África daqui a duas semanas.

- Já?

- Sim.

- E estás tristonha?

- Sim.

- Tens de ter calma e entender, foi uma opção dela, tens de a apoiar.

- Sim, eu sei.

- E como te sentes? Recuperada do nosso encontro?

Ela sorriu e escreveu:

- Mais ou menos ☺.

- Adorei o nosso encontro.

Ela sentiu-se muito feliz ao vê-lo escrever aquilo.

- Eu também.

-Adorei o que se passou entre nós. - Ela sentiu-se muito feliz, a sua cara de tristeza tinha desaparecido. - Tenho de te contar uma coisa.

- Diz. – Ela escreveu.

- Já não vou trabalhar para o Porto.

- Não?

- Não... a proposta foi mantida por mais algum tempo, mas eu não vou para já.

- Está bem. – Ela mostrou-se um pouco desanimada, ainda tinha esperanças que ele fosse morar para o Porto, para perto dela e viesse a esquecer a namorada. Que parvinha tinha sido! Aquela tarde de amor tinha sido apenas um momento, nada mais.

- Eu e a minha namorada, vamos morar juntos.

Bem, aquilo que ele tinha escrito fora a gota de água! Depois de tudo o que viveram, chegou à conclusão que para ele não tinha tido o mesmo significado do que para ela. Apenas mais uma, afinal a fama dos lisboetas era verdadeira! Ele amava a namorada e iria morar com ela! Desistiu da ideia de vir morar para o Porto, porque não conseguia viver sem ela! Que parva tinha sido! Entregou-se a ele e aquilo para ele tinha sido apenas mais um momento de sexo!

Ficou em silêncio, as lágrimas correram-lhe pelo rosto sem cessar, de repente começou a sentir-se mal disposta, sentiu-se tonta, um aperto no coração, e caiu desmaiada no chão.

- Maria Helena?! Maria Helena?! Estás aí? – Ele escreveu do outro lado, mas não obteve resposta.

Minutos mais tarde Pedro voltou ao escritório, ao entrar, viu-a deitada no chão, sem sentidos e correu na sua direcção.

- Maria Helena! - Exclamou ele em voz alta.

Chegou perto dela, bateu-lhe na cara, mas ela continuava inconsciente.

- Cristina?! Cristina?! – Chamou ele em voz alta.

Cristina, a recepcionista, largou tudo o que estava a fazer e entrou no gabinete dele.

- Oh... a Maria Helena, o que se passou?

- Quando entrei, já estava caída, vá buscar água e álcool, por favor!

Cristina olhava para o computador e reparou que o programa através do qual Maria Helena conversava com Ricardo estava ligado, queria desligá-lo, mas os gritos do patrão foram mais altos.

- VAMOS, CRISTINA! ESTÁ À ESPERA DO QUÊ????

- Desculpe, Sr. Dr. Pedro, já volto!

Ela saiu, apressada e Pedro pegou em Maria Helena ao colo e deitou-a no sofá, dava-lhe bofetadas na cara, mas ela não acordava. Passados uns minutos, Cristina chegou com um copo de água e uma caixa de primeiros socorros.

- Tem aqui o álcool...

- Dê-me o algodão também, por favor.

Pedro embebeu o algodão com álcool e chegou-o ao nariz de Maria Helena, esta começou a tossir.

- Graças a Deus, acordou! - Cristina exclamou.

- Querida, então? Como estás?

Ela abriu os olhos lentamente e começou a gemer.

- O que foi querida? O que tens? Dói-te alguma coisa?

- As costas... o que se passou?

- Deves ter-te magoado ao desmaiar. – Cristina respondeu.

- Eu... eu ... desmaiei?

- Sim, querida, o que se passa contigo?

- Não sei... comecei a sentir-me mal e tonta e depois não me lembro de mais nada.

- Toma... bebe um pouco de água. – Ela inclinou-se um pouco, mas ainda estava fraca e logo se deitou novamente.

- Então, querida...

- Ainda me sinto fraca...

- Queres ir ao hospital? Que chame a tua irmã?

- Não, não é necessário, só preciso de descansar um pouco.

- Deixa-te estar, descansa.

- Já não precisam de mais nada? – Cristina perguntou.

- Não, obrigada, Cristina, pode ir trabalhar.

- Com licença.

Cristina saiu e Pedro acariciava Maria Helena.

- Como te sentes?

- Mais ou menos, tenho muito sono.

- Descansa, se te apetecer, dorme.

- Oh... não vou dormir aqui ...

- Deixa-te disso, descansa. – Ele deu-lhe um beijo na testa e levantou-se.

Ela fechou os olhos, Pedro dirigiu-se ao computador dela e viu o programa ligado, ele sabia bem o que era aquilo, mas nunca imaginou que Maria Helena conhecia aquele tipo de programas. Teve curiosidade em ver a conversa e se assim o pensou, melhor o fez. Leu toda a conversa e ficou intrigado, olhou para Maria Helena e viu que tinha adormecido, desligou o computador e mostrou-se pensativo. Saiu do gabinete e dirigiu-se para a sala de reuniões, sentou-se numa cadeira e pensava no que tinha lido « Adorei o nosso encontro» «Adorei o que se passou entre nós».

XV CAPITULO

Prova de amor

Duas semanas mais tarde, Maria Helena, Isabel e os pais despediam-se no aeroporto, estavam todos muito emocionados com a partida de Isabel para Moçambique. Maria Helena foi a última a despedir-se, abraçou-a com o rosto cheio de lágrimas e disse:

- Mana... tem cuidado, cuida de ti, quando chegares, liga ou envia *sms*¹⁸.

Isabel também chorava e disse-lhe em voz baixa:

- Está bem, cuida de ti, segue a tua vida, tenta amar o Pedro já que os pais aceitaram tão bem o vosso namoro.

- Sim...

- E vai falar com a Dra. Joana Mesquita, não te esqueças.

- Sim, não te preocupes, amanhã vou marcar uma consulta.

- Ótimo... então... até um dia destes.

- Oh! Mana... vou sentir tanto a tua falta... - abraçaram-se mais uma vez e Isabel acabou por se afastar deles, dizendo-lhes adeus.

Mais umas semanas se passaram e Maria Helena nunca mais voltou ao programa para falar com Ricardo e deixou de lhe responder aos *sms*. Queria tirá-lo da cabeça para sempre, agora namorava com Pedro e não queria ficar mais perturbada com as suas conversas, afinal ele tinha escolhido ir morar com a namorada, o que se tinha passado entres os dois não tinha tido nenhum significado para ele.

Naquele dia, tinha consulta com a Dra. Joana, a médica indicada pela sua irmã, e levou-lhe os resultados das análises ao sangue que tinha feito. Ao ver o resultado das análises a médica ficou pensativa.

- Então, Dra., o que se passa? Está tudo bem?

A médica respondeu:

- Maria Helena, diga-me uma coisa?

- Sim?

- Você veio cá fazer estas análises porque queria ver se estava tudo bem consigo para começar a tomar a pílula, certo?

- Sim... mas porquê? Passa-se alguma coisa? Tenho alguma coisa grave?

- Bom... passar, passa, mas não sei até que ponto será grave.

¹⁸ Short Message Service (Serviço de Mensagem Curta).

- Diga lá Sra. Dra., já estou a ficar aflita, diga-me o que se passa?

- Maria Helena... eu não lhe posso prescrever a pílula.

- Não? Mas porque não?

A médica respirou fundo e respondeu:

- Não lhe posso prescrever a pílula porque você está grávida!

Maria Helena, arregalou os olhos e exclamou boquiaberta:

- O quê???

- Sim... a Maria Helena está à espera de bebé.

- Mas... não pode ser... não pode ser! – Exclamou Maria Helena, incrédula.

- Mas é verdade e já está de sete semanas, não tem tido atraso no período?

- Sim... mas não liguei, nunca fui regular.

- Pois... e enjoos e má disposição, sono?

- Sim... agora pensando melhor... desmaiei uma vez e tenho-me sentido com muito sono... mas ... não é possível... eu não posso estar grávida, não posso!

Maria Helena nem queria acreditar que aquilo lhe estava a acontecer.

- Tenha calma, então? Já não é nenhuma adolescente.

- Ai meu Deus... os meus pais! Vão matar-me!

- Tenha calma, estas coisas acontecem, é normal nos dias de hoje.

- Dra.... não entendo... nós usamos preservativo!

- Pois... mas não é 100% eficaz... aliás, nenhum anticoncetivo é 100% eficaz.

- Não é possível, não é possível! Estou desgraçada! Desgraçada!

- Calma, Maria Helena, não convém enervar-se assim, os seus pais têm de compreender.

- Mas o que terá acontecido ao preservativo?

- Bom ... podia estar furado, alguns vêm defeituosos de fabrico, ou podia não ter sido bem colocado ou ter apanhado calor ou água, às vezes os jovens fazem amor na praia e não têm o devido cuidado, pois a areia estraga o preservativo.

“Areia e água”, Maria Helena pensou.

- Mas, diga-me uma coisa, Maria Helena.

- Sim?

- Você não namora?

Uma lágrima caiu-lhe no rosto.

- Sim...

-Não namora com o seu patrão?

- Sim...

- Não tenha receio... você não é nenhuma mãe adolescente... não chore, tenha calma, você tem uma vida dentro de si que está a crescer e olhe que está já bem desenvolvido. Tenha calma! Fale com o seu namorado primeiro, e depois com os seus pais, é sempre um choque no início, mas depois passa-lhes.

Maria Helena nada respondeu, levantou-se da cadeira com as lágrimas a correrem-lhe pela cara.

- Dra., vou sair, obrigada.

- Tenha calma, não precisa de pagar à saída. Estarei aqui para o que precisar, está bem? Ligue-me se achar necessário... e .. boa sorte.

- Obrigada...

Ela saiu, fechando a porta, desnorteada com tudo o que tinha ouvido.

Será que tinha tido um pesadelo? Não! Era verdade! Ela tinha ouvido bem, estava grávida! Grávida de Ricardo! Ficou grávida numa tarde de grande paixão onde tinha perdido a sua virgindade. Namorava com Pedro e agora estava grávida de outro homem, um homem por quem se tinha apaixonado através da Internet e que morava a quilómetros de distância de si e que ainda por cima tinha compromisso com outra pessoa.

Como iria ter coragem de contar a Pedro e aos pais?! Isabel não estava em Portugal mas em Moçambique. Sentiu-se a criatura mais só na face da terra. Só lhe apetecia fugir, desaparecer! A sua vida tinha acabado ali!

Horas mais tarde estava na mesma praia onde ela e Ricardo se viram pela primeira vez e se amaram. Tinha uma expressão abatida, os olhos inchados de ter chorado, o telemóvel começou a tocar, era Pedro, não sabia o que fazer, sentia-se perdida, não atendeu. Passados uns minutos, o telemóvel voltou a tocar, desta vez era Isabel e decidiu atender.

- Sim? ... Olá mana... estou péssima... sim, fui... nem imaginas ... sim, estou a chorar... - ela começou a soluçar. - Isabel... eu estou grávida! ... sim, estou grávida, estou desgraçada! ... achas que é do Pedro? Nunca tive nada com ele!

... sim... é dele... sim, sim protegemo-nos, mas a médica disse que talvez estivesse com defeito, Isabel... estou perdida! ... Não posso ter calma... e os pais? E o Pedro? O que faço? Diz-me, o que faço? Apetece-me desaparecer do mapa! ... Não, não vou fazer nenhuma loucura, tem calma, apesar de tudo, tenho uma vida dentro de mim, nem que o vá ter sozinha! ... não sei ... olha, ele está a ligar-me novamente... está bem... está bem, não te preocupes... está bem, eu prometo. Beijinhos, até logo.

Maria Helena atendeu outra chamada, era Pedro.

- Sim? ... Olá... fui... preciso de falar contigo... estou no Porto... ao teu apartamento aqui? ... está bem, até já.

Maria Helena levantou-se, e sentiu uma tontura.

- Ai... era só o que faltava, desmaiar agora.

Colocou as mãos sobre a barriga e disse:

- Tem calma, filho...

Meia hora mais tarde estava com Pedro no seu apartamento, ele tinha ar de preocupado, ela tinha-lhe dito que foi à médica e que precisava de falar com ele.

- Então, querida, o que se passa? Estás com um ar tão abatido, estiveste a chorar? O que se passa?

- Pedro... estive a pensar e ... acho que é melhor acabarmos o namoro.

- O quê?! O quê?! Será que eu ouvi bem?

- Sim.

- Mas o que foi? O que se passa? Tens alguma doença grave? Algum cancro? Queres afastar-te de mim por isso?

- Não, não é nada disso! Graças a Deus não tenho nenhuma doença grave.

- Então, o que é?

- Pedro... nem sei por onde começar...

Ele pegou-lhe nas mãos, estavam frias.

- Seja o que for, confia em mim, mas pelo amor de Deus, não digas que acabas o namoro, por favor, eu amo-te demais, não me faças isso, por favor.

Ela levantou-se respondendo:

- Pedro! Por favor! Assim que ouvires o que tenho para te dizer... não sei se irás pensar assim.

- Mas diz o que é, bolas! Já não aguento mais tanto mistério!

Ela colocou as mãos no rosto e sentou-se novamente.

- Pedro... eu... eu estou grávida!

Pedro olhou-a com cara de espanto, ficou a olhá-la por vários segundos e levantou-se em silêncio. Não disse nada por momentos até que ela exclamou:

- Não dizes nada? Estás a agoniar-me com esse teu silêncio. Perdoa-me, Pedro! Mas aconteceu... tens todo o direito de pensar mal de mim, sou uma desgraçada! Deixei que isto me acontecesse... parva! - Ela começou a chorar. - Estou desgraçada, os meus pais vão expulsar-me de casa! ...

Por fim ele disse:

- Pára com isso! – Ele sentou-se e perguntou-lhe: - Foi o rapaz da Internet, não foi? É ele o pai do teu filho, não é?

Ela ficou estupefacta, não fazia ideia que ele sabia da sua história, teria sido a irmã a contar-lhe? Não... ela não lhe teria dito isso... não lhe teria traído a confiança.

- Mas... como sabes?

- Eu sempre desconfiei que havia alguém entre nós, Maria Helena, desde o início do nosso envolvimento, mas ... nunca pensei que ... no dia em que desmaiaste, deixaste o programa ligado e a curiosidade foi mais forte do que eu e li a conversa. Vocês encontraram-se não foi? Ele não é de cá, pois não?

Maria Helena ficou surpreendida com tudo aquilo que tinha escutado.

- Leste a conversa e durante este tempo, nunca me disseste nada?

Ele chegou perto dela, colocou-lhe a mão no rosto, dizendo:

- Parvinha... não vês que te amo demais? Se estavas comigo, era porque tinhas decidido ficar comigo, bem te vi imensas vezes a recusar chamadas e apagar *sms*.

- Pedro... nem sei o que dizer...

- Onde mora ele?

- Em Lisboa...

- E o que pensas fazer quanto a esse filho que esperas dele? Vais contar-lhe?

- NÃO! – Ela exclamou bem alto. – Ele tem a vida dele lá! Para ele, eu não passei apenas de mais de uma aventura, só mais uma rapariga da província que foi na lábia dele! Este filho será meu! Só meu!

- Então... vais ficar com o teu filho? Já decidiste.

- Claro! Nunca me passaria pela cabeça abortar... só tenho a questão dos meus pais... sei que eles vão expulsar-me de casa, mas estou disposta a tudo! Irei sustentar o meu filho sozinha!

- Não digas disparates... sustentar um filho sozinha não é fácil nos dias de hoje...

- Eu sei... mas ele jamais saberá que tem um filho... e... não poderei contar com mais ninguém.

Ele chegou perto dela com as lágrimas nos olhos dizendo:

- Podes sim... podes contar comigo!

Ela ficou em silêncio e por fim disse:

- Mas... tu ...

- Não te quero perder por nada deste mundo, amo-te muito! Se esse parvo desse lisboeta não te quis, não sabe o que perdeu! Eu assumo esse filho e caso contigo! Jamais te deixaria assumir o filho, sozinha, jamais! Sei que foste na conversa dele...

- Pedro... não foi bem assim... mas ... nem sei o que te dizer... - ela chorava. - És bom demais... eu não te mereço.

- Vá... pára com isso... - ele abraçou-a, e ela chorou intensamente nos seus braços.

Contar aos pais de Maria Helena não tinha sido fácil, a mãe pegou num choro infindável e o pai mostrou-se sempre firme. Pedro assumiu totalmente a paternidade daquele filho que a sua amada esperava, e resolveram casar para que este nascesse num lar. Com o passar dos dias, os pais dela foram habituando-se à ideia de que iam ter um neto e que a filha se iria casar com um dos homens mais ricos do país.

O dia do casamento aproximava-se e tinham tudo organizado em segredo para que não chegasse aos ouvidos de Sofia Albuquerque, só que alguém bateu com a língua nos dentes e ela descobriu. Dias antes do casamento, Pedro ficou a saber disso e foi à Polícia Judiciária pedir proteção para Maria Helena.

Sofia andava sob escuta desde o dia em que ele tinha escutado a conversa dela ao telefone com alguém que não se sabia quem era, e desde então, todas as suas conversas tinham sido gravadas e todos os seus movimentos eram seguidos, as suspeitas eram muitas, só queriam era apanhá-la em flagrante delito.

Sofia tentou várias vezes seguir Maria Helena, mas esta, como andava escoltada por um segurança, nunca teve oportunidade.

Finalmente tinha chegado o dia do casamento, realizava-se na Quinta e todos os convidados estavam no jardim. Isabel tinha chegado de Moçambique há dois dias, estava mais bronzeada e tinha cortado o cabelo, estava mais gorda e tinha uma boa aparência.

Maria Helena sentia-se nervosa e ao mesmo tempo feliz, estava a casar-se com um homem espetacular e estava decidida a passar com ele o resto dos seus dias.

Entrou no jardim onde todos os convidados a esperavam, de braço dado com o seu pai, D. Júlia estava emocionada.

Os padrinhos do casamento eram Isabel e Miguel, o sócio de Pedro.

Foi um casamento religioso, prometeram amor eterno um ao outro, mas de repente começou a ouvir-se uma confusão vinda da entrada da casa, todos olharam a ver o que se estava a passar, Sofia tinha entrado na casa, armada, sem que os seguranças se tivessem apercebido, eles corriam atrás dela, mas ela conseguira escapar-lhes.

Ao vê-los juntos no altar, gritou:

- NÃO! TENS DE SER MEU!

- Sofia! – Exclamou Pedro. Gerou-se o pânico entre todos os presentes perante aquela louca de revólver na mão apontado aos noivos.

- NÃO, PEDRO! TENS DE CASAR COMIGO! NÃO COM A SECRETARIAZINHA!!

- Sofia! Tem calma! - gritava Pedro.

- NÃO! NÃO PODES! FIZ TUDO PARA QUE FOSSES MEU! TIREI TODAS AS MULHERES DO MEU CAMINHO! FUI EU QUE MANDEI MATAR A LUÍSA! FUI EU! MELHOR... A BALA ERA PARA TI , MAS ELA COLOCOU-SE À FRENTE! MELHOR! AHAHAHA!

Ficaram todos boquiabertos com aquelas revelações, Sofia estava histérica, completamente louca.

- FUI EU QUE MANDEI ROUBAREM-TE O CARRO NA EXPOSIÇÃO, FUI EU QUE MANDEI PERSEGUIR ESSA MULHERZINHA POBRE, FUI EU QUE A PERSEGUI UMA VEZ QUANDO ELA IA NO TEU CARRO, AHAHAHAH, FUI EU QUE MANDEI ATROPELAR A TUA MÃE PARA QUE NINGUÉM SE METESSE NO MEU CAMINHO E AGORA VAIS CASAR COM ELA ??? NÃO PODES!

D. Júlia estava perplexa com tudo aquilo, Sofia era uma assassina. Um dos seguranças tentou aproximar-se dela, mas logo ela virou o revólver gritando:

- AFASTE-SE! QUE NINGUÉM SE APROXIME!

Sofia estava fora de si e virou o revólver para Maria Helena.

Esta ficou com as pernas a tremer e sentia-se fraca, tinha a sensação que ia desmaiar com tudo aquilo que estava a acontecer.

-VOU ACABAR CONTIGO TAMBÉM! SE ELE NÃO É MEU, NÃO SERÁ DE MAIS NINGUÉM!

Nisto, ouviu-se um tiro, Sofia tinha disparado... todos ficaram estáticos... Pedro caiu nos braços de Maria Helena, tinha-se colocado à sua frente e levou com o tiro, esta ficou com ele sangrando e sujando todo o seu vestido.

Logo se ouviram gritos e choros, ao ver o que tinha feito Sofia, virou a arma à sua cabeça e disparou, caiu redonda no chão.

Maria Helena e D. Júlia choravam com o corpo de Pedro nas mãos, Sofia estava morta no chão, alguns convidados desmaiaram, tinham sido momentos de terror, aqueles, vividos por todos.

XVI CAPITULO

O milagre da vida

Aproximava-se o Natal e Maria Helena estava na Quinta, decorando a árvore de Natal, ao lado dela estava a sogra D. Júlia.

Estavam as duas vestidas de escuro, Pedro tinha falecido há três semanas e ainda choravam a sua morte, este iria ser um Natal muito triste.

Maria Helena tinha assumido a direção da empresa e Cristina passou a ser a sua secretária, todas as propriedades de Pedro ficaram para ela e agora ela administrava tudo aquilo que tinha sido dele. Estava grávida de treze semanas e a barriga começava a notar-se.

- Sabe uma coisa, querida?

- Diga, D. Júlia.

- Sabia que a Sofia estava na miséria e que só queria casar com o meu filho por causa do dinheiro? E que a Marisa, a minha empregada, era cúmplice dela? Eram primas!

- Sim, soube disso há dias, aquela mulher era maquiavélica! E essa Marisa... Deus me livre! Sabe? Nem gosto de falar disso. Faz-me mal, sempre que falo, arrepio-me e o meu bebé parece que dá saltos.

- Por falar nisso, já sabe qual é o sexo?

- Não, vou em Janeiro à consulta e irei saber.

- O que prefere? Menino ou menina?

- Para mim tanto faz, desde que seja saudável.

- Sim, nisso tem razão, eu preferia que fosse um menino.

- Ah sim?

- Sim... eu sei que ele não vai ser meu neto de sangue, mas irá ser tratado como tal e talvez ele me ajude a recuperar da morte do meu único filho... é um vazio tão grande que eu sinto, Maria Helena... era o meu único filho e aquela mulher tirou-mo de mim... não é justo...

Maria Helena chegou perto dela e respondeu:

- Sim... se não era ele, era eu... ele salvou-me a vida ... - começou a chorar.

- O seu filho era a pessoa mais extraordinária deste planeta! Este bebé que eu carrego merecia ser dele... já que o pai biológico... bom... não quero falar disso...

- Sim... o que vale é que você está aqui comigo, senão... não sei o que já teria feito da minha vida...

Maria Helena abraçou-a, respondendo:

- Estarei aqui sempre consigo e o meu bebé chamar-lhe-á avó!

Após as festas, Maria Helena ficou a saber finalmente o sexo do seu bebé, iria ser um rapaz. Todos ficaram felizes, o pai que sempre desejou ter um filho, iria agora ter um neto e D. Júlia que desejava preencher o vazio da partida do seu único filho.

Mais uns meses se passaram, no dia a seguir ao seu aniversário, Maria Helena chegou ao trabalho já a meio da manhã, tornava-se cada vez mais difícil carregar o seu filho, sentia-se pesada e cansada e apesar de a médica lhe ter recomendado ficar em casa, decidiu que lhe fazia bem ir trabalhar.

Ao entrar no seu gabinete viu um ramo de flores em cima da sua secretária.

- Bom dia . – Disse ela para Cristina.

- Bom dia, Maria Helena.

Pegou nas flores e perguntou:

- Quem enviou isto?

- Não sei, a recepcionista disse que foi um transportador que a trouxe... acho que tem um cartão.

Maria Helena estava curiosa, era um lindo ramo de rosas brancas, as suas favoritas, viu o cartão, abriu-o e leu-o:

'Para que saibas que nunca me esqueci de ti no dia do nosso aniversário. Parabéns!

Porque não respondes aos meus sms e aos meus telefonemas?

Aparece na Internet, estou com muitas saudades tuas.

Beijo grande do teu mano lisboeta,

Ricardo.'

Naquele momento sentiu que o seu filho se mexeu e colocou a mão na barriga.

- Está tudo bem? Estás com dores? – Cristina perguntou.

- Não... estou bem...ele deu-me um pontapé.

- Deve estar ansioso por sair. – Cristina disse, sorrindo.

- E eu ansiosa que ele saia.

- Imagino. Estás com um barrigão!

- Sinto-me cansada e pesada.

- Algum admirador secreto?

- Desculpa?

- As flores...

- Ah... as flores... são de um velho amigo.

- Muito lindas.

- Sim... são.

Maria Helena não esperava um gesto daqueles vindo do pai do seu filho, ficou pensativa, aquele cartão perturbou-a, pensou em mandar as flores e o cartão para o lixo, mas as rosas eram tão lindas, que não foi capaz.

Naquele dia à noite decidiu ir à Internet, afinal ele não deveria estar *on line* àquelas horas, pois não sabia que ela agora já tinha Internet, mas por ironia do destino ele lá estava e assim que a viu entrar meteu conversa com ela.

- Mana? Por aqui?

Ela permaneceu calada, estava com vontade de falar com ele, mas ao mesmo tempo, queria desligar.

- Maria Helena? És tu?

Ela finalmente respondeu:

- Olá.

- Que surpresa agradável! Já tens Internet em casa?

- Sim.

- Que bom, como estás? O que tens feito? Conta, estou cheio de saudades tuas.

- Estou bem, obrigada, e tu?

- Estou bem. Porque não me respondias aos *sms* e aos telefonemas? Recebeste as minhas flores hoje?

- Sim, recebi, obrigada.

- O que se passa? Estás muito vaga... o que tens?

- Nada.

- Tens *webcam*, estou a ver, podes ligar para poder ver-te?

- Não.

- Mas ... porque não? O que se passa?

- Como vai a tua vida? Já casaste? – Ela perguntou.

- Não... e tu?

- Sim.

- Sim, o quê? Já te casaste?

- Sim.

Ricardo não respondeu nada por minutos, tinha sido apanhado de surpresa.

- Com... o teu patrão?
- Sim.
- Muito bem, parabéns.
- Obrigada.
- Maria Helena, sinto que estás tão fria, o que se passa?
- Nada.

Ele enviou-lhe um convite para ela ligar a câmara.

- Va lá... aceita... quero ver-te, quero ver como estás.
- Para quê?
- Vá lá... por favor. Aceita o convite.

Ela finalmente e após muita insistência dele, aceitou o convite e a câmara ligou-se. Começaram a ver-se um ao outro e ela pode vê-lo após vários meses de ausência, desde que concebeu o filho que estava a carregar.

- Estás tão linda! Mas... estás com um ar triste.
 - Tu estás muito bem. – Ela escreveu, ao vê-lo os seus sentimentos por ele estavam a voltar, ele mexia com ela.
 - Podes levantar-te para eu te ver melhor?
- Ela lembrou-se que ele a iria ver grávida e não queria.
- Para que me queres ver? Estou na mesma.
 - Não sejas assim, já há tanto tempo que não falamos, estou com tantas saudades tuas.
 - Ah sim? Não me parece que uma simplória nortenha te faça despertar esses sentimentos.
 - Para que estás a atacar-me? Já te esqueceste do que passamos juntos? Eu não, e adoraria estar contigo novamente.
 - A sério? E para quê? Para passares mais um bocadinho de tempo?
 - Não sejas assim...

- Não? Tudo não passou de um momento de sexo.
- Não! Não passou de um momento de sexo! Foi muito mais.
- Ah sim? Imagino.

- Não sejas assim, para quê tanto cinismo? Adorei o que se passou connosco, foi muito especial, acredita que não foi apenas um momento de sexo, achas que faço sexo só por fazer? Nunca faria isso com mais ninguém, contigo estava solto, liberto, acredita que é verdade. Parece que já te conhecia há anos.

- Pois... mas passou.
- Queria estar contigo novamente.

- Para quê? Tens a tua namorada, deves-lhe respeito.

- Maria Helena... não sejas assim... o que eu sinto por ti é mesmo especial... jamais seria capaz de ter feito o que fiz contigo com outra mulher... acredita em mim...

- Não sentiste remorsos depois ao estares com a tua namorada?

- Não... não senti.

Ela permaneceu calada e sem escrever, ele olhava-a na câmara.

- Estás tão linda... estava com tantas saudades tuas... o teu marido está por aí?

- Não.

- Mas está em casa?

- Não.

- Está em viagem?

Ela ficou com as lágrimas nos olhos e ele reparou.

- O que se passa? É impressão minha ou estás a chorar? O que se passa?

- Sim... ele partiu numa viagem que não tem mais retorno.

- Como?... Não me digas que ...

Ela limpava as lágrimas dos olhos.

- Querida, estás a chorar... o teu marido morreu?

- Sim...

Ele ficou estupefacto com aquela revelação, nem soube o que responder, ficaram calados por momentos.

- Diz-me... morreu de acidente?

- Não... foi assassinado.

- O quê? Que horror!

Naquele momento D. Júlia chamou por ela.

- Maria Helena?

Ela levantou-se respondendo:

- Sim? Só um momento.

Ricardo ficou espantado ao vê-la de pé grávida, ela nem se apercebeu do que tinha feito, passados uns momentos regressou e ele escreveu:

- Tu estás grávida??

Ela ficou sem saber o que dizer.

- Sim.

- Não sabia...

- É normal, nunca te disse.

Naquele momento ele sentiu-se muito triste.

- Para quando esperas? A tua barriga está enorme.

- Para fins de Junho, inícios de Julho.

- Está quase.

- Sim.

- Já sabes o que é?

- Um menino.

- Já tens nome para ele?

- Pedro.

- O nome do pai...

Naquele instante apeteceu-lhe escrever 'Não, o pai és tu!'

- Estás nervosa?

- Um pouco, mas vai tudo correr bem.

- Claro que sim...

A expressão dele ficou triste, ela reparou.

- O que foi? Que cara é essa?

- Esse filho... podia ser meu...

Ao ver aquelas palavras ela ficou sem reação, as lágrimas caíram-lhe, sem querer, pela cara, ele observou tudo.

- Vou ter que desligar.

- Espera... não vás já...

- Tenho que ir... - as lágrimas insistiam em sair dos olhos.

- Estás a chorar... não chores...

- Desculpa... vou desligar...

- Espera! Promete que vais aparecer mais vezes... promete que me respondes aos *sms*.

- Adeus.

Ela desligou a webcam de repente, ele escreveu.

- Mana... não fiques triste... eu adoro-te!

Maria Helena desligou o programa e colocou a cabeça sobre o computador onde chorou silenciosamente por muito tempo, apeteceu-lhe ter dito 'Sim, ele é mesmo teu filho!'. Mas ao mesmo tempo pensava na vida dos dois, estavam distantes por quilómetros e ele morava junto com a namorada, tinham vidas separadas e muito diferentes.

Mais uma vez ela estava sozinha, teve um homem que a amou e que morreu por ela, que tinha aceite ser pai daquele filho que sabia que não era seu. Aquele filho seria a sua companhia, até que um dia ele decidisse seguir com a sua vida.

Não queria saber mais de nenhum homem, mas por mais que quisesse esconder e mentir a si própria, amava Ricardo e por mais que cada um seguisse a sua vida, teriam sempre um elo de ligação.

No último mês de gravidez de Maria Helena, Isabel fez questão de estar sempre ao seu lado, regressou de Moçambique e acompanhou-a à maternidade no dia em que lhe deram as primeiras dores.

No dia sete de Julho estavam as duas muito nervosas e Isabel entrou com ela na sala de partos, o bebé estava com algumas dificuldades para nascer e Maria Helena passou algumas horas de sofrimento. Tinha decidido ter um parto normal e após algumas horas, um choro rouco e sôfrego fez-se ouvir naquela sala de partos, ambas choraram de emoção, era um bebé forte, mas logo se aperceberam que as coisas não estavam a correr como previsto. Levaram o bebé e trataram de Maria Helena, que estava apreensiva.

Mais tarde, e de regresso ao quarto, Maria Helena aguardava ansiosa a chegada do seu bebé, Isabel chegou mais tarde na companhia do médico.

- Onde está o meu bebé? – Perguntou Maria Helena.

- D. Maria Helena, o seu bebé teve alguns problemas e precisa de levar uma transfusão de sangue.

- O quê?

- Calma, mana, tem calma.

- Mas ... é grave?

- O grave da questão é mesmo o sangue...

- Como assim, doutor? Não entendo.

- O tipo de sangue do seu bebé é muito raro, B negativo, e não temos aqui na maternidade, já entramos em contacto com outros hospitais, mas estão a ter algumas dificuldades.

- Mas... não é possível! Tem de haver sangue noutros lados... e eu? Não posso dar sangue ao meu filho?

- Maria Helena você acabou de dar à luz e perdeu muito sangue, além do mais, o seu tipo de sangue não é o mesmo do seu filho. Já conversei com a sua irmã Isabel e parece que ninguém da família tem o mesmo grupo sanguíneo.

- Doutor? Posso falar a sós com a minha irmã? – Isabel perguntou.

- Claro, estejam à vontade.

O médico virou as costas e Maria Helena olhou a irmã.

- Mana... será possível? Será que tinha que acontecer mais esta?

- Maria Helena, o tipo de sangue do bebé é muito raro e não existem muitas pessoas com esse tipo. A maternidade já tentou outro tipo de sangue que podia ser compatível, mas ele não está a reagir bem! Os hospitais geralmente têm uma lista de doadores, andam à procura de algum. O problema é que ele precisa da transfusão de sangue em menos de 48 horas, de outra forma...

- NÃO! Não digas mais nada, por favor!

- Mana... só existe uma solução...

- Qual?

- O pai biológico...

- NÃO!!!! NUNCA!

- Maria Helena não são horas de teres orgulho! Ele só pode ter o mesmo grupo sanguíneo do filho, precisamos dele.

- Isabel! Não!

- Maria Helena, é urgente! Ele pode salvar-lhe a vida, em três ou quatro horas ele estava aqui e ficaria tudo resolvido. Ouve, ele nem precisa saber que o filho é dele! Fala com ele, pergunta-lhe se ele te pode ajudar, tenho a certeza que sim. Vá, mana, é a vida do teu filho que está em jogo.

Após pensar por uns minutos, ela pegou no telemóvel, passados uns segundos ele atendeu.

- Olá, Ricardo... estou mais ou menos... estou na maternidade... sim, já nasceu... obrigada... precisava de saber uma coisa... - ela ficou estática e contente ao mesmo tempo. - O meu filho precisa de uma transfusão de sangue urgente e não conseguimos arranjar ainda esse tipo de sangue pois é muito raro e aí... lembrei-me de ti... estarias na disposição de doar sangue ao meu filho? Ricardo, até te pago a viagem e o dia de trabalho, mas por favor salva a vida do meu filho... - ela começou a chorar. - Sim, diz ... está bem... Ricardo?... Obrigada!

Ela desligou o telemóvel e pôs-se a chorar.

- Então, mana? Conseguiste alguma coisa? - Isabel perguntou.

- Sim... ele vem cá cima e doa-lhe o sangue...

- Que bom! Vou avisar o doutor.

Algumas horas mais tarde, Maria Helena estava a dormir no quarto quando Ricardo entrou para a ver, chegou perto dela acariciou-lhe o rosto e beijou-a na testa, ela abriu os olhos e ao vê-lo, um sorriso aberto iluminou-lhe o rosto.

- Ricardo! Já chegaste!

- E já doe sangue ao teu lindo filho, é um grande rapagão.

- Obrigada...

- Como sabias que esse era o meu grupo sanguíneo? Já to tinha dito?

- Sim... - disse ela pouco convencida.

- Não me lembro... mas que coincidência... o teu filho também tem o mesmo sangue que eu.

- Sim... o Pedro também tinha... mas não está entre nós. – ela disse, mentindo.

- Pois... eu entendo.

Olhavam-se os dois com intensidade, Isabel ia entrar no quarto mas ao vê-los parou e voltou a sair, D. Júlia ia entrar naquela altura e ao ver Isabel perguntou:

- O que se passa?

- Deixe-os estar.

- É aquele? É aquele o pai do Pedrinho?

- Sim, é, deixemo-los sós.

- Mas... ele não vem tirá-lo de nós?

- D. Júlia, por favor! Ele não sabe que o filho é dele, veio cá apenas doar-lhe o sangue e vai voltar à vida dele. Vamos sair...

As duas saíram do corredor, Ricardo e Maria Helena continuavam a olhar-se.

- Estás uma linda mãe...

- Estou feia, com olheiras.

- Não... estás linda... - ele pegou na mão dela e beijou-a. - Tive tantas saudades tuas, nunca pensei ver-te novamente, ainda para mais nesta situação. Por mim ficava aqui e não voltava mais.

- Ricardo, não digas essas coisas... tens a tua vida lá em baixo.

Ele permaneceu calado e respondeu:

- Estive para deixar tudo por tua causa.

- Como? - Ela nem quis acreditar no que tinha ouvido.

- Sim, estive para largar tudo e vir morar cá para cima e ficar contigo, lutar por ti.

Uma lágrima caiu no rosto dela.

- E porque não o fizeste?

- Fui covarde... e não sabia se me querias... a tua história com o teu patrão nunca foi muito clara para mim... decidi deixar as coisas como estavam.

Maria Helena olhava-o com os olhos cheios de lágrimas, não sabia de nada daquilo, mas porque é que ele não lhe tinha dito nada antes?

- Quando vais para Lisboa?

- Mais logo.

Mais uma vez olharam-se em silêncio, os seus olhares pareciam dizer algo um ao outro e Ricardo aproximou o rosto do dela e beijou-a nos lábios, ela ficou sem saber o que fazer ou o que dizer.

- Adeus... até um dia destes...

Ela olhava-o sem nada dizer e quando ele se ia afastar ela abraçou-o forte.

- Ricardo!

Ficaram os dois abraçados e ela chorou tudo o que tinha para chorar, ele não entendia aquele choro, mas também estava emocionado e triste, não a queria deixar, mas por outro lado tinha toda a sua vida organizada em Lisboa.

XVII CAPITULO

Manos para sempre

Dois anos passaram-se.

D. Júlia morreu no início da Primavera. O desgosto pela morte do filho tinha-a deixado muito frágil, uma noite Maria Helena foi ter com ela e encontrou-a sem vida na cama.

D. Júlia deixou um testamento, metade dos seus bens seriam para Maria Helena e a outra metade para o neto por afinidade e Maria Helena seria a gestora dos seus bens até ele alcançar a maioridade.

Naquele ano, Isabel veio passar férias a Portugal, adorava encontrar-se com o seu afilhado Pedro Filipe, Maria Helena tinha decidido chamar-lhe assim. A cada dia que passava, o menino ficava cada vez mais parecido com o pai e a mãe delas uma vez questionou a quem saia aquele menino de olhos castanhos rasgados.

Maria Helena e Ricardo falavam esporadicamente através da Internet e viram-se mais umas vezes através da *webcam* até ao dia em que Ricardo lhe disse que se iria casar. Mais uma desilusão para Maria Helena que continuava a ter os mesmos sentimentos por ele de há anos atrás.

Um dia, Isabel encontrou-a triste no escritório, em casa de Pedro, que agora era a sua.

- O que se passa contigo? Que cara é essa?

- Nada... estava aqui perdida nos meus pensamentos.

- E deixa-me adivinhar... Ricardo!

- Sou assim tão previsível?

- És transparente, expressiva, não consegues esconder os teus sentimentos e eu já te conheço há muito tempo, mana querida. O que foi? O que se passa?

- Ele vai casar.

Isabel permaneceu calada e passados uns segundos respondeu:

- A sério?

- Sim... falei com ele há pouco...

- Maria Helena, por mais que tentes, não o consegues tirar da tua cabeça, pois não?

Ela levantou-se e foi perto da janela e olhou para o jardim.

- Não... amo-o, Isabel! Amo-o como nunca ameí ninguém na vida... e a cada dia que passa, ver o Pedrinho a crescer e a parecer-se cada vez mais com ele, é tortura para mim.

- Então faz alguma coisa, diabos! – Isabel exclamou.
- Mas fazer o quê?
- Luta por ele!
- Mas o que queres tu que eu faça? Ele tem outra pessoa, vai casar com ela.
- Quando é o casamento?
- Dia 6 Setembro.

Isabel ficou pensativa e respondeu:

- Porque não lhe contas do Pedrinho?
- Não! Não tenho o direito de lhe estragar a vida.
- Pára com isso, Maria Helena! Deixa de pensar nos outros e pensa em ti! Pensa nos teus sentimentos, bolas! Vai à luta! Só tens duas hipóteses ou ganhas ou perdes, diabos! Mas pelo menos tenta ser feliz, mulher! – Isabel agarrou-lhe nos ombros.

Maria Helena olhava a irmã e respondeu:

- Estou admirada contigo, não gostavas dele no início.
- Isso já passou. Já viste o que passaste por causa dele? E depois das coisas que ele te disse no hospital segundo me contaste, ele também deve sentir algo por ti, só que se calhar também tem medo de arriscar, mas tu, neste momento, não tens nada a perder. Tenta! Tenta a tua felicidade! Não desistas nunca daquilo que queres, nem parece teu, sempre foste uma mulher decidida. Luta! Vai à luta! Eu ajudo-te, se quiseres.
- Mas... o que posso eu fazer? Diz-me.
- Fala com ele, conta-lhe a verdade, vai a Lisboa!
- Estás doida! Completamente doida! Estás irreconhecível, mana, o que te andam a fazer os ares de África?
- Os ares de África ensinaram-me a lutar por aquilo que quero e nunca desistir na primeira batalha!

Por mais que Isabel tentasse fazer ver à irmã que a felicidade poderia estar a três ou quatro horas de si, esta não se convencia, para ela as coisas permaneciam como estavam.

Isabel é que não se dava por vencida e à medida que os dias passavam, reparava que a irmã andava sempre triste.

Será que nunca iria ver no seu rosto a felicidade que uma vez pôde ver? No dia em que lhe contou que fizera amor com o seu amigo virtual.

Um dia, e sem ninguém saber, levantou-se bem cedo de manhã, foi ao saco da irmã e pegou no telemóvel, viu um contacto e copiou-o para o seu próprio telemóvel. Foi à gaveta do seu armário, pegou numa foto de Pedrinho, deixou um bilhete para a mãe dizendo que tinha ido

tratar de uns assuntos urgentes e que só voltaria ao fim do dia, pegou nas suas coisas e saiu de casa no seu carro. Tinha finalmente conseguido tirar carta de condução em Moçambique e comprar um carro que ficava na casa dos pais em Portugal.

A meio da viagem ligou para o número que tinha copiado do telemóvel da irmã, do outro lado ouviu-se:

- Estou?

- Ricardo?

- Sim.

- Daqui fala Isabel, a irmã da Maria Helena.

- ... sim, Isabel... aconteceu alguma coisa?

- Não... não aconteceu nada, eu preciso de falar contigo.

- Está bem, o que é?

- Não por telefone. Pessoalmente.

- Mas... - Ricardo não estava a entender.

- Estou a chegar a Lisboa, onde nos encontramos?

- Estás a chegar a Lisboa?! – Ele ficou surpreso, curioso e ao mesmo tempo preocupado, o que queria a irmã de Maria Helena com ele? Teria acontecido alguma coisa de grave que ela não quisesse falar com ele por telemóvel?

- Sim, estou, onde nos encontramos e a que horas?

Combinaram o sítio para se encontrarem e passadas umas horas, estavam os dois numa esplanada de um café. Cumprimentaram-se e Ricardo olhava Isabel, curioso.

- O que se passa, Isabel?

- Tem calma, por acaso não tens um lugar mais sossegado onde possamos conversar mais à vontade?

Ricardo mostrou-se pensativo e respondeu:

- Se não te importares de vires comigo a um apartamento que eu tenho...

- Não, claro que não.

Demoraram apenas alguns minutos a chegar ao apartamento de Ricardo, subiram no elevador juntos em silêncio e passados alguns segundos entraram dentro de casa.

- Não lighes à desarrumação, já há algum tempo que não venho cá.

- Não te preocupes.

- Senta-te.

Ela sentou-se num dos sofás e ele sentou-se noutra em frente, ela pôde notar que ele estava nervoso.

- Ricardo... eu sei que te vais casar brevemente.

- Sim... neste sábado.

- Desculpa eu vir assim e quase obrigar-te a falar comigo, mas ninguém sabe que estou aqui.

- Mas... passa-se alguma coisa com a Maria Helena?

- Passa.

- Passa? Mas o que é? Aconteceu-lhe alguma coisa? Fala, por favor.

- Aconteceu, sim, Ricardo. Conheceu-te há uns anos atrás e desde aí nunca mais foi a mesma. Ele não estava a perceber o que ela estava a querer dizer.

- Deves imaginar que sei de tudo o que aconteceu entre vós...

- Pois... não sei...

- Sei... sei de tudo desde o início, não sei o que lhe fizeste desde a primeira vez que falaram na Internet, mas ela ficou fascinada por ti.

Ele permanecia em silêncio. Isabel continuava.

- Eu nunca imaginei que as coisas chegassem a este ponto. Ela apaixonou-se por um rapaz que conheceu na Internet.

Ele ficou incrédulo com o que tinha ouvido.

- Por mais que ela tenha tentado fazer coisas na sua vida, tu estavas sempre lá, ocupavas sempre aquele lugar muito especial no coração dela, quando ela falava de ti, os seus olhos brilhavam, mas nunca teve esperança que acontecesse mais nada entre vós porque moravam longe um do outro e tinham vidas completamente diferentes.

Mas houve um dia em que se conheceram casualmente, um daqueles encontros que só acontecem nos filmes. E a partir daí, tudo mudou.

Ela foi ao saco e tirou a foto de Pedrinho e deu-lha perguntando:

- Sabes quem é?

Ele pegou na foto e observou-a com atenção e aquela foto pareceu-lhe ser muito familiar, até sentiu um arrepio, sentiu algo de estranho ao ver aquela foto.

- O... o filho da Maria Helena? – Ele respondeu hesitante.

- Não... não é o filho da Maria Helena...

- Não?

- Não... é o VOSSO filho!

- Desculpa?! – Ele levantou-se rapidamente dando uma gargalhada nervosa. – Isabel? Que brincadeira é esta?

Ela também se levantou e respondeu:

- Não é brincadeira nenhuma! Esse é o vosso filho! O fruto daquela tarde de amor que tiveram.

- Mas... isso não é possível... nós ... nós usamos preservativo!

- Sim, usaram, mas como deves saber nada é 100% eficaz e vocês fizeram amor na praia, talvez se tenha furado com as areias ou já estivesse furado. Escuta Ricardo, a minha irmã era virgem!

- Eu sei disso... eu sabia disso! Mas, não é possível! Não é possível! O que pretendes com esta brincadeira e diga-se, de muito mau gosto?!

- Não é brincadeira nenhuma de mau gosto! Achas que me iria dar ao trabalho de vir aqui a Lisboa falar contigo sozinha, sem ninguém saber, se isto fosse alguma brincadeira ???!

A minha irmã nunca teve nada de mais íntimo com mais ninguém, nem com o Pedro, aliás, ele no dia em que ficou a saber que ela estava grávida assumiu de imediato a sua paternidade e casaram em poucas semanas. Ele assumiu um filho que era teu! Mas infelizmente no dia do casamento uma lunática acabou com tudo e matou-o! Uma bala destinada à minha irmã!

Faz as contas, vê o dia em que fizeram amor e o dia em que foste doar sangue... vocês são do mesmo grupo sanguíneo ... que mais provas queres ter ?? Teste de ADN? Se quiseses, estou disposta, estou disposta a tudo para que saibas que não estou a mentir! Já reparaste bem na carinha dele? É a tua cara, os teus olhos! O pior cego é aquele que não quer ver.

Ricardo mostrava-se incrédulo com todas aquelas revelações.

- Isabel... o que pretendes com tudo isto?

- Eu? , ela deu um riso cínico.

- Apenas que sejam felizes! Os dois! Se te vais casar, pensa bem no ato que vais fazer... faz uma introspeção e vê o que realmente diz o teu coração. Não faças as coisas por fazer...

Ela começou a dirigir-se para a porta.

- Bom... vou embora, já fiz o meu dever, podia morrer neste dia que morria sem um grande peso na alma, sinto-me mais vazia.

- Isabel... nem sei o que te dizer... estou... sem palavras...

- Não digas nada... pensa na tua vida... eu vou sair... desejo-te tudo de bom. Ah! Não penses que isto é um golpe... a Maria Helena deve estar entre as pessoas mais ricas deste país... o filho já tem um pai, mesmo que esteja morto. Até qualquer dia.

Isabel abriu a porta e saiu, deixando Ricardo com a foto de Pedrinho na mão, ele ainda correu atrás dela, para o elevador.

- Isabel! Espera!

Mas já não a conseguiu encontrar. Deitou-se no sofá, pensando em tudo o que tinha ouvido, observava a foto do filho e disse:

- Será? Será que és meu filho? Isabel! Isabel não tinhas o direito de me fazer ficar neste estado... que irei fazer da minha vida? Mas olhando bem a foto... parece-se mesmo comigo quando era da idade dele... que diabos!!!

Atirou com a foto para o chão.

O dia do casamento de Ricardo chegou, e nesse dia de manhã, Maria Helena acordou Isabel.

- Isabel? Isabel?

- Sim... o que foi mana? O que queres a estas horas da manhã?

- É hoje...

- É hoje o quê? – Perguntou Isabel ainda meia ensonada.

- O casamento dele!

- Sim?

- Anda comigo!

- Onde?

- Ao casamento dele.

- Quê? Estás doida?

- Estou! Quero ver... quero vê-lo casar-se.

- Mas... és masoquista? Não vou nada, nem sabes em que igreja ele se casa.

- Sei sim... liguei para as igrejas todas de Lisboa e consegui saber.

- Mas... tu estás completamente maluca! O que queres lá ir fazer?

- Quero vê-lo... pela última vez...

- Ai a minha vida!

- Vamos... o Pedrinho já está pronto.

- E vamos levar o Pedrinho?

- Sim, vamos com o meu motorista, vá... despacha-te, o casamento é ao meio - dia, temos 5 horas, vá!

Isabel sentou-se na cama exclamando:

- Era só o que me faltava... ai, ai meu Deus...

Passadas umas horas, já estavam a chegar a Lisboa e com a ajuda do GPS do carro depressa chegaram à igreja.

Ricardo estava em casa naquele momento olhando-se ao espelho de fato escuro e gravata. Sentia-se muito nervoso e confuso, as suas mãos tremiam e estavam suadas. Pensava em tudo

o que Isabel lhe tinha contado naquela semana, o irmão entrou no quarto naquele momento e perguntou-lhe:

- Ricardo! Que cara é essa, homem? Parece que vais para a forca!

- Luís Carlos, não estás a ajudar em nada! Estou nervoso como o caraças!

- Pronto, desculpa, mas que cara é essa? Não era suposto estares feliz e contente? Afinal vais casar com uma mulher lindíssima! Um pouco *snob* mas, ninguém é perfeito.

- Luís Carlos, se não te calas, juro que te mando um sopapo!

- Ei! Bazei! Já não está mais aqui quem falou... mas não te demores muito, noivinho... já estás a ficar atrasado!

Ricardo pegou no maço de cigarros que tinha em cima da cómoda e atirou-o ao irmão.

- Cuidado, maninho! Deu-te agora para fumar, foi?

O irmão gritou da sala, fugindo e rindo.

-Parvinho! – Ricardo exclamou, sorrindo.

O pai dele entrou naquele momento e perguntou:

- Ricardo? Está tudo bem?

Ricardo e o pai eram grandes amigos, o Sr. Mendes conhecia muito bem o filho e notava que ele estava nervoso e um pouco estranho.

- Não sei, pai... não sei se vou fazer a coisa certa.

- Que dúvidas são essas agora, nesta altura do campeonato? Vocês já moram juntos há algum tempo, não era isto o que querias, meu filho?

- Quer a verdade? Não! ... eu não me queria casar... deixei-me arrastar pela Margarida, pelos amigos, sei lá...

O pai olhou-o nos olhos e disse-lhe:

- Filho... tu é que tens de saber o que realmente queres fazer da tua vida. Não te podes deixar levar por ninguém, nem porque a namorada quer, nem pelo que os amigos querem, nem pelo que a sociedade te diz que é norma.

- Pois... mas agora já é um pouco tarde para pensar, não é?

- Nunca é tarde para nada, Ricardo... mas ... tu amas a Margarida ou estás confuso?

Ricardo sentou-se na cama, colocou as mãos na cabeça e respondeu:

- Sim, estou confuso, muito confuso, pai... eu preciso contar-lhe.

- Contar o quê?

- Eu tenho um filho!

- O quê?

- Sim... eu tenho um filho. – Levantou-se, foi à gaveta buscar uma foto e deu-lhe. – Esse é o seu neto!

O Sr. Mendes observou a foto e exclamou:

- É a tua cara... mas ... porque nunca disseste nada? Não entendo.

- Fiquei a saber esta semana.

- Mas... quem é a mãe?

Ricardo voltou a sentar-se.

- Uma rapariga que conheci na Internet há uns anos atrás. Uma vez, por acaso encontramos e ... apesar de termos usado o preservativo, ela ficou grávida...

- Mas... tens a certeza que ele é teu filho?

- Pai, por favor! Olhe bem para ele...se eu lhe disser que a mãe tem cabelos negros e olhos verdes, você acredita?

- Sim... não há que negar... é mesmo parecido contigo. É a tua cara quando tinhas a idade dele.

- Ainda para mais, quando ele nasceu teve que levar uma transfusão de sangue e a mãe dele pediu-me ajuda. Eu fui ao norte e doe-lhe sangue... sem saber doe sangue ao meu filho...

- Ela é do norte?

- Sim.

- Ricardo, meu filho... que grande embrulhada...

- A quem o diz, pai... e agora? Diga-me, o que faço?

- E o que sentes pela mãe desta criança?

Ricardo ficou perturbado com aquela pergunta e levantou-se respondendo:

- Ela é muito especial...muito querida, linda...

- Ama-la?

- Não sei, pai... não sei... estou muito confuso... ela mora no norte... que futuro podemos ter?

- Ricardo, por favor... isso nem parece teu, estamos no século vinte e um, rapaz!

Olha...eu vou para a igreja, pensa no que vais fazer, seja qual for a tua decisão, estarei sempre aqui para te apoiar, mas peço-te... ouve o teu coração, ele é que comanda a vida!

Não faças como eu, traí a tua mãe e fiquei sem ela para sempre... pensa nisso!

O pai saiu e Ricardo sentou-se mais uma vez, pensativo.

Margarida já tinha chegado à igreja mas logo foi avisada que Ricardo ainda não tinha chegado e deixou-se ficar no carro. Pediu ao pai para ligar para ele, o pai assim fez, mas ninguém lhe

respondeu. Margarida ficou de imediato nervosa, mas a mãe tranquilizou-a dizendo que provavelmente o telemóvel estaria em silêncio.

Já era quase uma da tarde quando viram Ricardo a chegar, o que tranquilizou Margarida. Logo entraram todos na igreja com toda a pompa e circunstância. Margarida estava muito bonita com um lindo vestido branco e com um véu muito comprido, Ricardo observava-a com emoção.

A cerimónia decorria na normalidade quando entraram Maria Helena, Isabel e Pedrinho. Ao ver Ricardo no altar, Maria Helena ficou sem respiração, o homem que amava e pai do seu filho estava a casar-se com outra mulher.

Na altura dos votos de fidelidade e amor eterno, Pedrinho começou a chorar o que fez com que todos olhassem para trás. Maria Helena pegou nele ao colo.

- Shhh... está caladinho, querido...

Ricardo logo os reconheceu e exclamou com um sorriso:

- Maria Helena!

Todos olhavam quer para aqueles três, quer para Ricardo que não ouvia o padre que lhe repetia as coisas. Margarida estava a ficar nervosa e dizia em voz baixa:

- Ricardo? Ricardo? Olha para a frente...

Mas ele parecia estar noutra planeta, tinha os olhos fixos em Maria Helena e na criança, os seus olhos encheram-se de lágrimas e olhou o pai, pensando no que ele lhe tinha dito "...ouve o teu coração, ele comanda a vida..."

- Ricardo? – O padre chamava por ele, Margarida chamava por ele.

De repente ele olhou o padre e Margarida e exclamou:

- Desculpem... mas não posso fazer isto... não posso! Desculpa, Margarida! Desculpa!

E saiu a correr pela igreja abaixo, deixando todos de boca aberta. Margarida desmaiou sendo logo amparada pelo irmão de Ricardo que exclamou:

- Passou-se, o mano!

Ao ver que Ricardo corria na sua direcção, o rosto de Maria Helena logo se iluminou, ele parou perto dela e exclamou:

- Não posso fazer isto, não posso! Ainda bem que apareceste! Eu amo-te, Maria Helena! Amo-te! Vamos ficar juntos! Que se lixe tudo! Amo-te! Vamos ser uma família, os três! Eu vou contigo para o Porto, para Braga, eu vou para a Cochinchina! Só não quero estar mais longe de ti! Vamos ser manos para sempre, minha querida, para sempre!

Abraçaram-se e beijaram-se perante o sorriso do pai dele e de Isabel. ***FIM***



A história fala de Maria Helena, uma jovem secretária extrovertida, que mora no norte do país e que tem pouca experiência no amor. Tem uma relação muito chegada com a irmã Isabel, enfermeira, mais nova do que ela três anos, a quem lhe conta todas as suas confidências.

Um dia no trabalho na ausência do chefe, Maria Helena conhece um lisboeta, Ricardo, num *chat* da Internet e a partir daí toda a sua vida se altera. São sentimentos estranhos os que sente e para os quais não consegue encontrar respostas.

Como se não bastasse, o comportamento do seu chefe, um trintão muito rico, atraente, de corpo atlético e com a reputação de mulherengo, altera-se e vê-se de repente envolvida numa espécie de triângulo amoroso.

Pela primeira vez começa a sentir-se uma mulher desejada, mas ao mesmo tempo os seus sentimentos estão confundidos entre o desconhecido, o fascínio do bem-estar e as diferenças sociais.

Mas a vida prega partidas e um dia por coincidência ela conhece os prazeres de amar e ser amada.

Terá ela algum dia a coragem de contar a verdade? Terá ela algum dia a coragem de se soltar do seu mundo e ir em busca do desconhecido? Ou a própria vida encarregar-se-á de escolher por si?

Ainda não editado